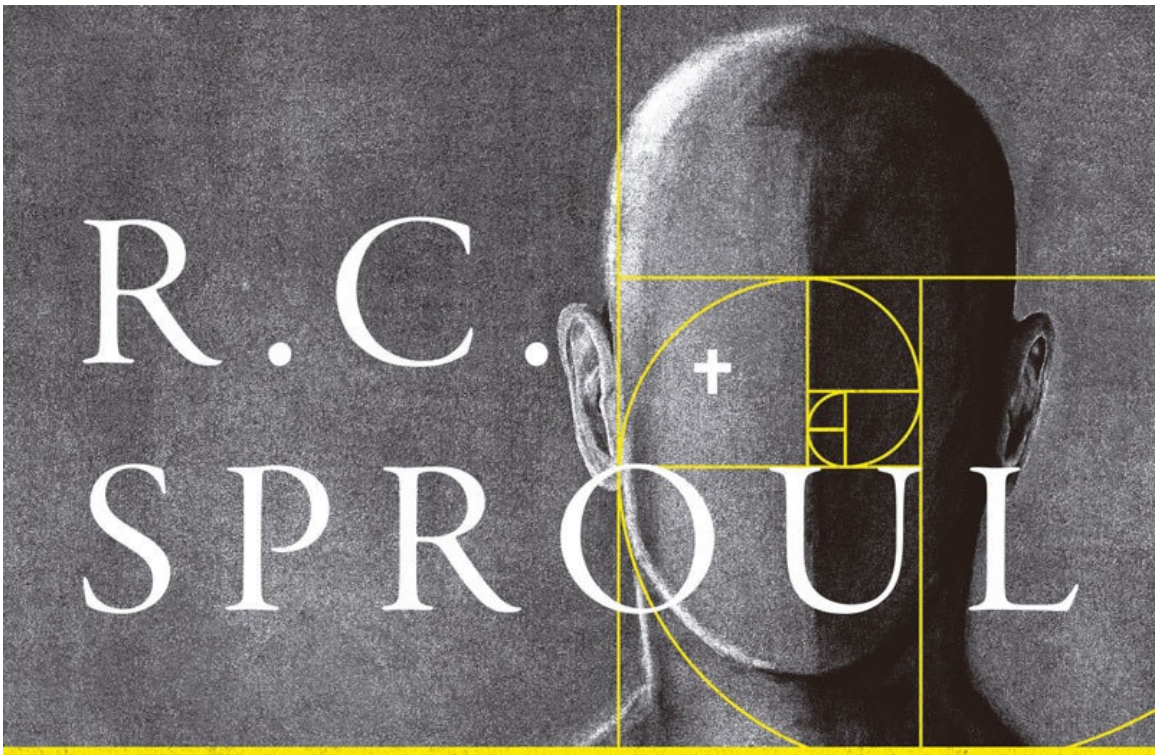
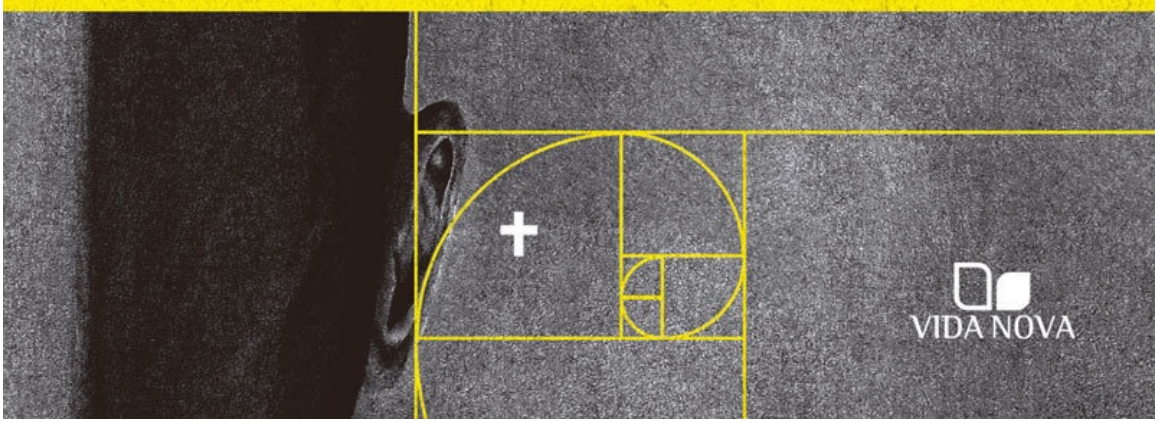


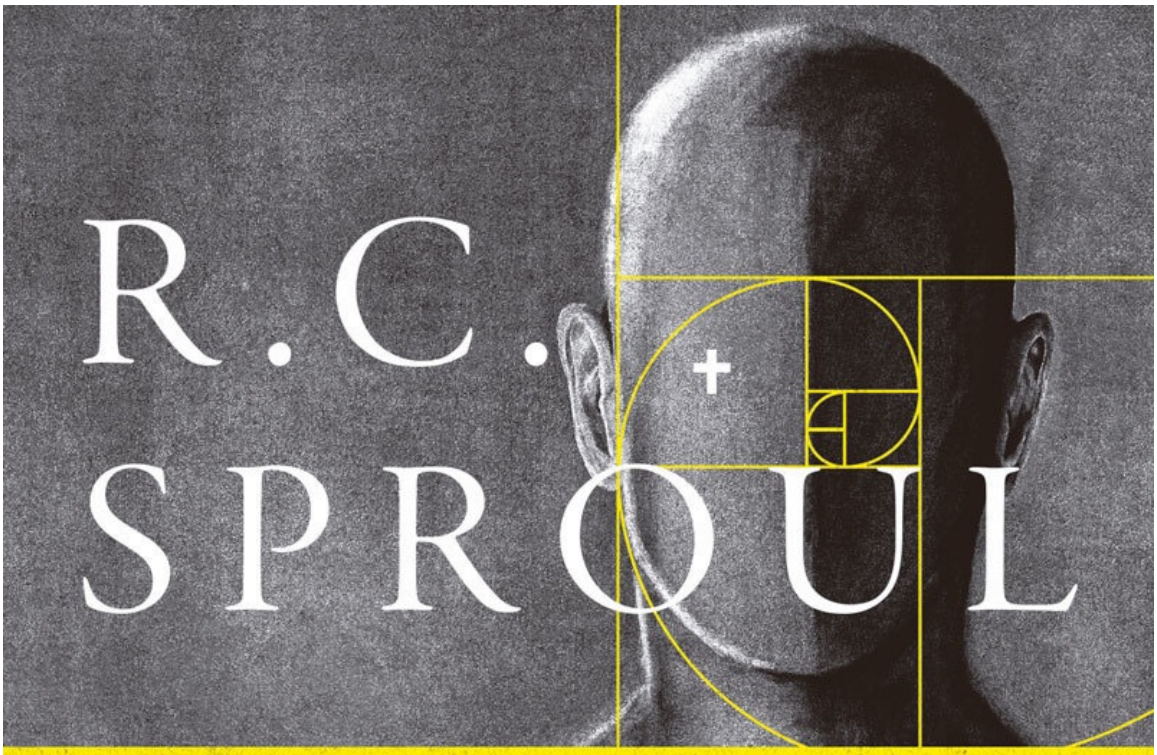
R.C. SPROUL

EM BUSCA DE SIGNIFICADO

VENDO A IMAGEM DE DEUS NO HOMEM



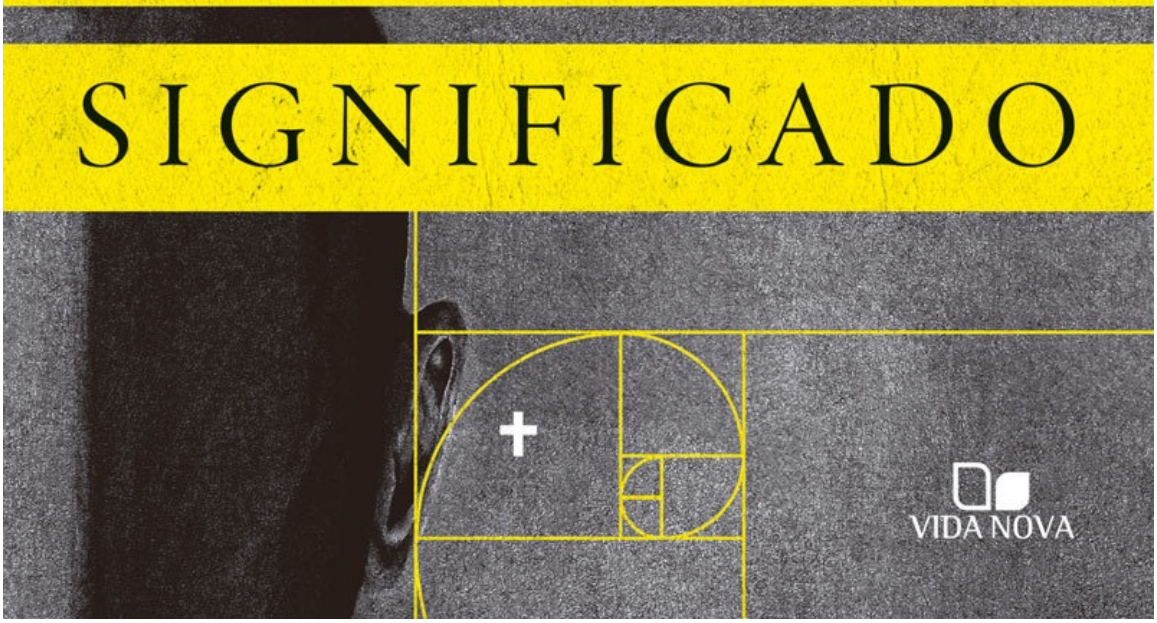
VIDA NOVA



R.C. SPROUL

EM BUSCA DE SIGNIFICADO

VENDO A IMAGEM DE DEUS NO HOMEM



VIDA NOVA

Vivemos em uma época de grande confusão sobre muitas coisas. Estamos até mesmo seriamente confusos a respeito de quem somos. Pensar com clareza acerca do que significa ser um ser humano criado à imagem de Deus é uma necessidade urgente de nosso tempo. Essa nova edição da obra de R. C. Sproul, Em busca de significado, é oportuna e muito útil para nos incentivar a pensar biblicamente sobre nós mesmos. Esse livro é acessível e envolvente, vívido e abrangente. Algumas vezes também é extremamente pessoal. Em muitos aspectos, esse livro mostra o melhor de R. C. Sproul.

C. Robert Godfrey, presidente emérito e professor emérito de História da Igreja do Westminster Seminary, na Califórnia, Estados Unidos

É preciso alguém que lutou tão profundamente com a questão sobre Quem é Deus? para nos ajudar de forma tão clara e convincente com a pergunta Quem sou eu? Em nosso momento atual de confusão, caos e crise acerca da identidade, essa nova edição é algo urgentemente necessário. Com sabedoria bíblica, maturidade teológica e anedotas generosas, o dr. Sproul cobre todos os aspectos de nossa vida, e pinta o retrato da verdadeira dignidade humana.

Stephen J. Nichols, presidente do Reformation Bible College

Esse livro é um clássico de R. C. Sproul. É precisamente o livro de que a igreja precisa para nos ajudar a compreender corretamente a dignidade e o propósito de cada ser humano, pois todos somos portadores da imagem do nosso Deus santo, amoroso e misericordioso.

Burk Parsons, pastor sênior da igreja Saint Andrew’s Chapel, Sanford, Flórida, Estados Unidos

Por que todos têm um desejo de significado inato, inegável e que nos motiva (em vários graus)? A obra Em busca de significado, de R. C. Sproul, nos conduz, com clareza de conteúdo e também com um estilo envolvente, à resposta bíblica para essa busca insaciável por nosso significado. Alerta de spoiler! Desfrute da

experiência de folhear algumas páginas para descobrir por que nossa “busca de significado” revela a realidade de um Criador que não apenas nos cria propositadamente, mas também com um propósito, e então, por sua graça, propicia uma salvação que nos permite abraçar esse propósito e dele desfrutar.

Harry Reeder, pastor sênior da igreja Briarwood Presbyterian Church, Birmingham, Alabama, Estados Unidos

O mundo pode pensar que possui a prerrogativa de rebaixar alguns e venerar outros, mas a Palavra de Deus pensa de outro modo. Cada indivíduo, não importa quais sejam suas limitações, deve ser tratado com dignidade e respeito, porque cada um reflete Deus — algo que aprendi nos anos em que servi entre pessoas com deficiências significativas. É por isso que estou emocionada pelo fato de uma nova edição da obra Em busca de significado, de R. C. Sproul, ser lançada para uma nova geração de leitores. À medida que o dr. Sproul desdobra o poderoso axioma bíblico da dignidade humana, ele mostra ao leitor como efetivamente atribuir valor de vida a pessoas que encontramos todos os dias. Em uma era de políticas de identidade nas quais os fracos e vulneráveis são esquecidos, essa obra é leitura obrigatória!

Joni Eareckson Tada, fundadora da Joni and Friends International Disability Center

EM BUSCA

DE

SIGNIFICADO


CÓPIA NÃO AUTORIZADA
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sproul, R. C. (Robert Charles), 1939-2017

Em busca de significado : vendo a imagem de Deus no homem / R. C. Sproul ; tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. — São Paulo : Vida Nova, 2022.

ePub

ISBN 978-65-5967-082-6

Título original: The hunger for significance: seeing the image of God in man

1. Dignidade - Aspectos religiosos - Cristianismo I. Título II. Lopes, Marisa K. A. de Siqueira

Índice para catálogo sistemático:

1. Dignidade - Aspectos religiosos - Cristianismo

R.C.

SPROUL

EM BUSCA DE SIGNIFICADO

vendo a imagem de deus no homem

Tradução

MARISA K. A. DE SIQUEIRA LOPES


VIDA NOVA

Edições anteriores ©1983, 1991, R. C. Sproul

Terceira edição ©2020, R. C. Sproul Trust

Publicado anteriormente sob o título In search of dignity (Regal Books, 1983)

Reimpresso por P&R Publishing em 2001

Terceira edição lançada por P&R Publishing em 2020

Título do original: The hunger for significance: seeing the image of God in man, edição publicada pela P&R Publishing Company (Phillipsburg, New Jersey, EUA.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

Sociedade Religiosa Edições Vida Nova

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2022

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente

da English Standard Version (ESV). As citações bíblicas com indicação da versão in loco foram traduzidas diretamente da King James Version (KJV) e da New King James Version (NKJV). Todo o grifo nas citações bíblicas é de responsabilidade do autor.

Direção executiva

Kenneth Lee Davis

Coordenação editorial

Jonas Madureira

Edição de texto

Ubevaldo G. Sampaio

Preparação de texto

Pedro Guimarães Marchi

Revisão de provas

Virgínia Neumann

Coordenação de produção

Sérgio Siqueira Moura

Diagramação

Sandra Reis Oliveira

Capa

Rafael Brum

Livro digital

Lucas Camargo

Para James McIntyre, que me concedeu

o dom inestimável da dignidade,

e

aos meus colegas da equipe

do Ligonier Ministries.

SUMÁRIO

Prefácio

1. Nossa busca por valorização pessoal

2. Nossa busca por amor

3. Nossa busca por dignidade

4. Dignidade no lar

5. Dignidade na escola

6. Dignidade no hospital

7. Dignidade na prisão

8. Dignidade na igreja

9. A opção marxista

10. Dignidade no local de trabalho

PREFÁCIO

Buscas podem ser divertidas — desde brincar de esconde-esconde até participar de uma caça aos ovos de Páscoa no gramado da Casa Branca; desde procurar o local em que os peixes estão mordendo a isca até brincar de caça ao tesouro em uma festa de Halloween.

Buscas podem ser inúteis — desde a busca do velho Diógenes revirando as esquinas mais sombrias de Atenas com sua lanterna, em sua procura vã por um homem honesto, até o cavaleiro medieval que sai em busca do Santo Graal; ou da busca pela mina Lost Dutchman até o fascínio de encontrar Shangri-Lá.

Buscas podem ser entediantes, sendo recompensadas somente após incontáveis horas e prolongados anos de fracasso — como aconteceu com Thomas Edison, que fez experiências com milhares de substâncias antes de encontrar uma que fosse adequada para ser usada no filamento das lâmpadas; ou com Jonas Salk, que examinou milhares de lentes de microscópio antes de descobrir uma vacina para a poliomielite.

Buscas podem ser quixotescas — como a do alquimista à procura de uma fórmula para transformar chumbo em ouro; ou a de Ponce De León atrás da Fonte da Juventude. É como estar à procura de ouro no fim do arco-íris, ou como ir atrás de fogo-fátuo com uma rede de caçar borboletas.

Buscas podem ser obsessivas — como a do capitão Ahab, navegando com a alma perturbada por águas desconhecidas, arriscando sua tripulação e sua missão para se vingar de seu inimigo repugnante, a grande baleia branca Moby Dick. Ou a do gigante, em João e o Pé de Feijão, gritando “Fee fi fo fum” enquanto perseguia freneticamente o menino, atrás de sua harpa de ouro.

O homem é caçador por natureza. Anseia por descobrir novas fronteiras, o horizonte perdido, a fórmula mágica e o supremo troféu. Das perseguições de Ninrode ao leão primordial à perseguição implacável do caçador de nazistas, Simon Wiesenthal, a Adolf Eichmann e dr. Josef Mengele, a caça é algo feroz. É como a busca de Colombo pelo novo mundo, de Galileu por uma lua nova ao redor de Júpiter e de Christian Dior por um novo estilo de moda.

Nós somos aqueles que vivem em busca. Saímos à caça de animais e pedras preciosas; da cura para o câncer e de uma forma de solver a dívida nacional. Saímos à procura de empregos, encontros amorosos, pechinchas e emoções. A busca pela felicidade é nosso direito inalienável. Somos como Dorothy, que se aventura para encontrar o Mágico, o maravilhoso Mágico de Oz.

O nosso é um novo mundo, assolado pelo perigo da aniquilação nuclear, dilacerado pela violência do terrorismo internacional, amargurado por nosso fracasso em construir uma sociedade grandiosa. A busca incansável de nossos dias é por dignidade e valorização pessoais. É uma busca poderosa, alimentada pelas chamas de uma paixão que ardem na alma de pessoas que se recusam a se render às vozes que declaram que nada somos.

A busca por dignidade é uma luta titânica, uma aventura épica, movida por uma dor que nunca desaparece. O homem moderno traz em si um vazio repleto de dor. Esse vazio que sentimos não pode ser aliviado por mais uma refeição gourmet ou por outra carreira de cocaína. Carregamos água em uma peneira quando tentamos preencher esse espaço vazio com um emprego melhor ou uma casa maior.

Dignidade não se encontra à venda em embalagens. Precisamos procurar mais e sondar mais fundo se quisermos silenciar os brados de indignidade que tanto nos assombram. Nossa busca deve ser transcendente — deve ir além do trivial e alcançar as questões últimas de nosso valor como seres humanos.

Santo Agostinho dizia que, dentro de cada um de nós, há um vazio que deve ser preenchido se quisermos escapar do feroz ataque do flagelo da insignificância. Devemos buscar nossas raízes, nossa origem e nosso destino se quisermos conhecer nosso valor no presente.

Este livro foi escrito por um cristão para cristãos e para qualquer um que esteja envolvido nessa mesma busca. Ele explora o clamor humano por dignidade, o profundo desejo por significado, o sagrado anseio por amor e respeito. Toca na questão desse vazio repleto de dor nas casas, nas escolas, nos hospitais, nas prisões, nas igrejas e no local de trabalho. Onde houver pessoas reunidas, haverá caçadores em busca de uma causa comum: descobrir nosso valor e garantir nossa dignidade [como seres humanos].

Às vezes, este livro é autobiográfico — não como se eu tivesse sido o único a

sentir esse vazio de dor, mas por eu poder falar do mais íntimo dessa minha busca, do que está no meu próprio coração. Alguns se identificarão e outros não. Minha dor nem sempre é a sua. E meu deleite pode deixá-lo entediado.

Minha sincera esperança, porém, é que em algum momento nossos espíritos irmanados se encontrem e, apesar de nossas diferenças, sejamos unidos por um compromisso renovado de preservar e proteger a dignidade de homens, mulheres e crianças com quem convivemos todos os dias.

Preciso expressar minha gratidão a Bob e Lillian Love, por me fornecerem um lugar para trabalhar longe das interrupções de telefones tocando e de urgências administrativas; e também a Leo e Todge Collins, por me ajudarem com o material de apoio. Agradecimentos especiais vão para a sra. Lillian Rowe, por permitir que os momentos de ternura vividos por ocasião da morte de seu marido fossem incluídos neste livro.

Agradeço também a Karen Snellback, por digitar o manuscrito; a Tim Couch e Dave Fox, por assumirem o controle do barco do Ligonier Ministries durante minha ausência; a meu filho R. C. Sproul Jr., pela assistência editorial; e a meus amigos da Regal Books, William Greig, David Malme e a meu paciente editor Donald Pugh, por me incentivarem a escrever este livro e por todo o encorajamento e ajuda que me deram.

Por fim, meus mais sinceros agradecimentos a minha esposa, Vesta. Sem sua ajuda este livro seria muito mais abstrato e menos legível.

R. C. Sproul

Altamonte Springs, Flórida

Julho de 1991

1

NOSSA BUSCA POR VALORIZAÇÃO PESSOAL

O som estridente do apito ecoou nas paredes frias do ginásio. Toda a ação cessou instantaneamente quando os meninos congelaram na posição em que estavam, parando no meio do movimento como se estivessem brincando de estátua. Todos os olhos se voltaram para Mac, parado em frente ao banco, com o rosto vermelho de raiva e o acesso de fúria materializado no som do apito. Ele assumiu uma postura ameaçadora como a de um policial que acaba de pegar jovens infratores em um ato de vandalismo: mãos nos quadris, pernas afastadas, queixo se projetando agressivamente para frente, como que desafiando qualquer um que ousasse dar um passo em falso.

Mac não era um simples técnico de basquete — ele era o técnico, alguém que inspirava todo aquele misto de medo e respeito que o sargento de um pelotão inspira nos recrutas inexperientes. Seu rosto era anguloso, com maçãs salientes e pétreas, queixo pontudo e olhos profundamente mergulhados nas órbitas. Seu cabelo era vermelho, salpicado de tons arenosos. Naquele momento, captando a tonalidade que irradiava de seu rosto, as mechas pareciam escarlate, como se chamas estivessem explodindo do topo de sua cabeça.

O apito caiu de seus lábios, balançando a corrente pendurada no pescoço. Um sorriso sardônico lentamente se espalhou por seu rosto, enquanto ele falava em tom suave, mas poderoso: “Ora, ora, o que temos aqui? Um prima-dona?”.

O sorriso desapareceu no ar e, com os dentes cerrados, ele gritou meu nome: “Sproul! Vá dar um passeio. Já para o chuveiro. Chega por hoje”.

Eu estava a seis metros do vestiário, mas a distância parecia não ter fim, como se meus pés tivessem que me fazer atravessar um abismo intransponível até chegar a um lugar seguro. Enterrei o queixo no peito, tentando desesperadamente erguer os ombros bem alto para esconder meu rosto corado, quando comecei a me esgueirar em direção ao refúgio do vestiário. Os olhos de todos estavam cravados em mim, enquanto eu saia, sentindo a humilhação e a vergonha do cadete forçado a desfilar a marcha da desonra diante de seus pares.

A caminhada, que parecia não ter fim, enfim terminou quando a porta do vestiário se fechou atrás de mim e as batidas rítmicas das bolas de basquete no chão de madeira recomeçaram. Eu dei um suspiro profundo ao me sentar no banco em frente ao armário, então comecei a tirar o uniforme de basquete e a desenrolar a proteção dos tornozelos. O vestiário parecia estranho, comigo sentado lá, sozinho, sem as habituais brincadeiras e empurrões que faziam parte do ritual diário durante a troca de roupas. O silêncio era terrível; eu podia ouvir meu respirar ecoando nos armários de aço e nas paredes de azulejos.

A sensação de isolamento ficou ainda mais intensa quando entrei no espaçoso boxe do chuveiro, construído para acomodar doze meninos juntos, cada um com chuveiro e saboneteira individuais. Com o jato forte de água quente batendo nos ombros, eu estava sentindo a dor provocada pelas palavras do técnico.

O que fiz para merecer a expulsão? Eu não tinha culpa pelos acessos de raiva ou pela grosseria do técnico. Eu só tinha feito uma brincadeirinha inofensiva.

A prática diária começava com um exercício de passes rotineiro que envolvia grupos de meninos jogando [a bola] de um lado para o outro da quadra apenas com passes. Nenhum drible era permitido, nem passos podiam ser dados, já que o exercício fora projetado para aprimorar a capacidade de manusear habilmente a bola. Para alguns dos jogadores, o exercício era excruciante, revelando tendências para a falta de jeito.

Mas meu herói era Marquis Haynes, o mago dos dribles dos Harlem Globetrotters, e eu passava horas no quintal de casa praticando movimentos muito mais avançados do que esse exercício elementar. Que mal poderia haver em me exibir? Além disso, eu era o capitão e a estrela do time, o que deveria me dar direito aos privilégios desse status.

Então, naquele dia, em vez de seguir os passes rotineiros, eu resolvi floreá-los um pouco com fintas de passos curtos para deixar o ritmo mais complexo e com passes por trás das costas para meus companheiros, subindo do chão e culminando no prato principal, o golpe de misericórdia, um arremesso que eu havia aperfeiçoado no meu quintal, e que era uma nova invenção. Eu segurava a bola totalmente atrás das costas e, com um movimento forte do pulso e o pescoço inclinado para a frente, eu lançava a bola por cima da cabeça, em direção à cesta.

A jogada era uma coisa linda de se ver e eu a executava habilmente, movendo-me com uma fluidez graciosa, sem perder o ritmo, executando meu arremesso mágico com uma cesta perfeita, sem que a bola tocasse a tabela ou o aro. Foi quando o apito acabou com a minha glória.

Saí do banho, me vesti rapidamente e saí pela porta dos fundos da escola, na esperança de que ninguém me visse sair. Estava nevando e, em vez de aproveitar a carona pelos oito quilômetros até minha casa, no carro de Mac, tive de caminhar. A estrada cortava a zona rural antes de entrar no bairro em que eu morava. Eu me arrastava com dificuldade pela neve, indiferente ao que me cercava, enquanto uma palavra ficava martelando meu cérebro: “Prima-dona, prima-dona, prima-dona…”.

Vinte anos depois, um amigo me chamou de prima-dona, brincando, e ficou pasmo com minha reação à palavra. Eu odeio essa expressão com todas as minhas forças, pois ela ficou gravada em minha frágil psiquê com um poder especialmente tóxico. Para mim ela está carregada de tal forma que se tornou repugnante.

Palavras podem ter essa capacidade. Certa vez, participei de um diálogo do qual também participou Charles Colson, o cristão que fundou a Prison Fellowship International. Antes da conversão, Colson serviu como conselheiro do presidente Nixon e foi para a prisão por seu papel no escândalo Watergate.

Durante o diálogo, alguém comentou: “Você está chovendo no molhado”. O semblante de Colson mudou instantaneamente; seus olhos ficaram vidrados e seu rosto congelou de dor. Embora fosse um comentário aparentemente inocente, para ele era uma expressão carregada demais para suportar.

Quando Colson foi para a prisão, durante o julgamento do caso Watergate, seu advogado de defesa foi abruptamente interrompido, no meio da apresentação de seus argumentos perante o tribunal, pelas palavras severas do juiz: “Pode parar, conselheiro, você está chovendo no molhado”. Com essas palavras, condenou Colson à prisão, e a expressão inócua ficou gravada para sempre em sua mente.

O mesmo aconteceu com a palavra prima-dona, com a qual fui humilhado, destituído de meu orgulho. Eu era culpado e sabia disso, o que tornou a palavra ainda mais dolorosa para mim.

Eu queria ser um bom jogador de basquete. Queria ser um grande jogador. Mas

não consegui ser.

O pior é que naquele dia quebrei o código de humildade do atleta e fiz o papel de alguém que quer ser aclamado, que quer aparecer, de um exibicionista. Esse tipo de comportamento grotesco é facilmente aceitável hoje em dia, com as enterradas patenteadas dos jogadores de basquete e os rituais de touchdown cuidadosamente coreografados da Liga Nacional de Futebol; mas, na década de 1950, essas exibições eram uma abominação, comunicavam uma intolerável falta de espírito esportivo.

NOSSA ASPIRAÇÃO POR SIGNIFICADO

Por que fazemos essas coisas?

Profundamente entranhada até a medula de nossos ossos está a aspiração por significado. A expressão é abstrata, mas define o bater clamoroso de todo coração humano por autoestima.

Por que queremos que nossa vida faça diferença

Queremos que nossa vida faça diferença. Ansiamos acreditar que, de alguma forma, somos importantes. Esse ímpeto interior é tão intenso quanto nossa necessidade de água e oxigênio.

Discutimos sobre religião e política, aborto e homossexualidade, armas nucleares e programas de bem-estar social. Discutimos sobre uma série de coisas, mas estamos todos de acordo em relação a um ponto: toda pessoa deseja ser tratada com dignidade e ser valorizada.

Essa fome de estima é a força propulsora por trás do brilhante empreendimento de um empresário, do espírito competitivo de um atleta, da ânsia por vitória de

um guerreiro. Essa pulsão elementar foi dissecada e analisada por estudiosos, despida camada por camada e submetida ao escrutínio mais minucioso, apenas para ser elogiada por uns e condenada por outros. Nenhuma pessoa senciente, entretanto, nega o fato puro e simples da existência desse ímpeto em todos nós.

Essa aspiração por significado pode ser conhecida por outros nomes e chamada por outros termos. Um empresário pode chamá-la de “motivação para o sucesso” ou “meta de realização”. Nossos pais fundadores chamam-na de “busca da felicidade”.

Essa busca de significado nos consome e, quando é frustrada, deixa um vazio que clama por ser preenchido. Esse vácuo em nós suplica por satisfação. Esse lugar ao sol povoa nossos sonhos, nossas esperanças e fantasias, e entesouramos fragmentos de sucesso na sala de troféus de nossa alma.

Mais frequentemente, falhamos. Perdemos. Chegamos em segundo lugar.

Marcamos o amanhã como a data do nosso sucesso, mas o amanhã se torna o hoje e o momento mágico é adiado. Alguns ajustam seus objetivos, outros se rendem ao desespero, outros enlouquecem. Alguns são levados a se esforçar mais, a buscar uma reserva oculta de força, a encontrar novas fontes de energia para calar as vozes interiores que os acusam. Não podemos suportar perder. Choramos por nós mesmos, às vezes com uma dignidade silenciosa, outras vezes com gemidos inarticulados e às vezes aos berros. Inventamos desculpas, acusamos os outros de nos enganarem e marchamos em protesto com cartazes em punho.

Por que as mulheres entrariam em minas de carvão e arriscariam suas vidas em cavernas subterrâneas ou dirigiriam viaturas policiais para caçar criminosos armados? Por quê? Pela mesma razão que os homens fazem isso, ou seja, porque estão atrás de significado. A busca por significado cruza as linhas que separam os sexos. É uma busca humana que envolve todo homem e toda mulher.

Considere Max Anderson e Ben Abruzzo, que se aventuraram a fim de ser os primeiros seres humanos a cruzar o Oceano Atlântico em um balão de gás hélio, mesmo depois que todas as tentativas anteriores falharam, com a perda de cinco vidas. A primeira tentativa deles no Double Eagle terminou nas águas geladas da Islândia, deixando Ben Abruzzo permanentemente incapacitado em virtude do congelamento severo, e seu corpo enfraquecido em razão da hipotermia. Por que

em 1978 esses dois homens, ambos milionários por seus próprios méritos, tentariam de novo e teriam sucesso com o Double Eagle II?

Charles McCarry responde a essa pergunta em sua crônica sobre o evento.

Era possível morrer. Mas, se isso acontecesse, antes o indivíduo teria vivido as piores coisas que um homem pode enfrentar: tempestades a grandes altitudes, ventos, chuva, neve, gelo, raios — forças incontroláveis e inimagináveis. Entraria por um dos lados do desconhecido em uma gôndola aberta, suspensa por um saco cheio de gás tão escorregadio, tão fino, que poderia vazar por um simples furo de alfinete no tecido, sangrando todo o hélio como um coração perfurado jorra sangue. Se o aventureiro tivesse a habilidade, a coragem e a disciplina espartana para sair do outro lado com vida, seria um homem diferente de qualquer outro.[1]

Nossa busca por valorização pessoal tem sido descrita de várias maneiras. A metáfora do “princípio da pirâmide” é usada para descrever a estrutura da sociedade. Como uma pirâmide, a sociedade tem uma base ampla e com muito espaço.

Partindo da base, a sociedade move-se para cima, não em linhas paralelas de modo a formar um quadrado, mas em linhas que convergem para o topo da pirâmide. Cada nível da pirâmide representa uma classificação, uma escala social que é marcada de forma ascendente e se move em direção ao topo. Existe apenas o menor dos espaços no topo e poucos conseguem alcançá-lo. Ainda assim, as pessoas lutam para se afastar das massas soterradas na base, em busca da estima maior que é associada aos níveis superiores da pirâmide.

Queremos manter o dedo indicador levantado e gritar: “Sou o número um!”. Queremos vencer a corrida dos ratos e subir na hierarquia organizacional.

O princípio da mobilidade com vistas à ascensão define a louca corrida do alpinista social e a importância do “registro” para o elitista. As escolas certas, o traje adequado, a etiqueta refinada — tudo atesta o nicho a que uma pessoa pertence na pirâmide.

O mundo está saturado do sangue de homens insanos em luta para chegar no topo. A ambição de progredir, de subir na vida pode incitar dentro de nós os piores graus de egoísmo e as formas mais rudes de crueldade. O mal que flui dessa busca pode transformar nosso desejo de significado em nada mais do que um desejo animalesco de domínio.

Devemos fazer uma pausa para um momento de cautela, a fim de não jogarmos o bebê fora com a água do banho. Nossa busca por estima pode assumir um caráter de dupla personalidade; nossas virtudes podem se tornar vícios se não forem temperadas com moderação. A busca por valorização pode se tornar uma ânsia de poder; o desejo de significado pode nos transformar em egomaníacos, cegos para tudo, exceto para o próprio sucesso.

Quando nossos objetivos se chocam

O problema são as pessoas. Sou uma pessoa e procuro ser respeitada por outras pessoas que, por sua vez, também querem ser respeitadas e, às vezes, os objetivos delas e os meus se chocam.

O que acontece quando nossos objetivos se chocam determina como valorizamos as pessoas. Podemos tratar nossas diferenças com um espírito de respeito mútuo ou tentar esmagar uns aos outros com brutalidade.

A busca de significado não é perversa em si mesma; não há mal nenhum no desejo de realização pessoal. Melhorar nosso desempenho aumenta a autoestima e nos torna mais produtivos ao longo desse processo. Contudo, se a nossa escalada for sobre os corpos sem vida e mutilados de outras pessoas, então a aspiração por significado perdeu o controle, tornou-se uma selvageria.

Uma linha tênue separa a nobreza da maldade. Os sete pecados capitais são apenas sete aspirações criadas que se desvirtuaram. São sete virtudes abençoadas que se tornaram sete distorções fatais.

A autoestima se corrompe em soberba; a busca por bem-estar material ultrapassa a fronteira e vira cobiça; a fome de intimidade pessoal se degenera em luxúria. A

dor se transforma em ira e a fome, em gula. A admiração e a honra são maculadas pela inveja, e nossa necessidade de descanso se rende à preguiça.

O que faz de nós seres humanos e não meros animais? Falamos da corrida de ratos, como se fôssemos roedores embrutecidos correndo por um labirinto, buscando a passagem que levará a mais um pedaço de queijo. Às vezes nos comportamos como bestas, mas cada fibra de nosso corpo protesta, lembrando-nos que não somos bestas estúpidas, e nos ressentimos quando os outros nos tratam como se fôssemos.

Quando somos tratados aquém da nossa dignidade

Dói quando somos tratados aquém da nossa dignidade. Temos regras não escritas que definem nosso status social. Mesmo no ensino médio, uma hierarquia clara era estabelecida. O currículo educacional era dividido em três partes: preparatório para a faculdade, geral e profissional, cuja classificação social seguia essa ordem.

A graduação trouxe à tona outras diferenças sutis. No topo da lista social estavam as pessoas matriculadas na faculdade, seguidas, nesta ordem, pelas que cursavam enfermagem, escola de administração ou secretariado, escola profissionalizante, forças armadas e, finalmente, por aqueles que concluíram a educação formal e optaram por empregos.

Eu me orgulhava de minha falta de esnobismo em ir para a faculdade, onde encontrei, por sinal, outra estrutura de prestígio social dividida entre os diversos cursos acadêmicos. Eu endossava a crença de que todos são criados iguais e desprezava o vício em símbolos de status típico da classe média. Então, aconteceu algo e fui surpreendido pela embaraçosa descoberta de que estava mentindo para mim mesmo.

Eu me formei em filosofia e me orgulhava disso, pois via a disciplina como domínio da elite intelectual. Mas as férias de verão propuseram um problema. Os anúncios de emprego traziam poucas vagas de meio período para filósofos neófitos.

Enquanto meus amigos do Departamento de Ciências conseguiam empregos lucrativos de verão, como assistentes de laboratório, eu procurava locais para cavar valas, onde pudesse meditar entre uma carga de pá e outra. Passei um verão cavando sepulturas e o seguinte como operário em um hospital da cidade.

Certa manhã de verão, enquanto estava varrendo bitucas de cigarro e outros detritos dos degraus da frente do hospital, notei um grupo de estudantes de enfermagem aproximando-se da entrada. Apoiei-me na vassoura, abri meu sorriso mais encantador e disse: “Bom dia”.

Ninguém respondeu. Eles passaram por mim como se eu fosse um mendigo miserável, humilde demais para ser notado.

Tive de reprimir o impulso de correr atrás deles, gritando: “Ei, esperem aí. Vocês não entenderam. Eu não sou de fato um trabalhador braçal. Sou um universitário — formado em filosofia e tudo o mais!”.

Eu me identifiquei por um momento com John H. Griffin, repórter investigativo que escreveu uma série de artigos e, em seguida, um livro sobre as indignidades que sofreu ao se passar por um homem negro em um mundo de homens brancos.

O desprezo dos estudantes de enfermagem não passou despercebido. Outro trabalhador, o zelador encarregado da escola de enfermeiras do outro lado da rua, observou meu desconforto evidente. Ele atravessou a rua e se apresentou calorosamente, falando com um forte sotaque estrangeiro.

Quando lhe expliquei que era um estudante universitário de filosofia, ele começou a me fazer perguntas incisivas sobre questões filosóficas de peso. Eu me senti meio tolo falando de filosofia com um zelador que mal falava inglês. Contudo, logo fiquei surpreso com seu óbvio domínio do assunto e comecei a lhe fazer perguntas.

Sua história me surpreendeu quando ele explicou que era um sobrevivente de Dachau, um dos abomináveis campos de extermínio de Hitler. Ele havia sido preso e enviado para o campo de concentração apenas algumas semanas antes de concluir seu doutorado em filosofia em uma universidade alemã. Suas opiniões atraíram o interesse da Gestapo, a temida organização da polícia secreta nazista.

Sua esposa e três de seus filhos morreram nas câmaras de gás de Dachau. Ele e uma filha sobreviveram. Desde que viera para os Estados Unidos, ele havia

trabalhado sem parar, consumido por uma única paixão: fazer com que a filha conseguisse se formar. E encheu o peito de orgulho quando me disse que ela tinha acabado de se formar na Universidade de Pittsburgh algumas semanas antes.

Voltei para minha vassoura e minhas bitucas de cigarro profundamente envergonhado de minha própria experiência com as desgraças da indignidade, e me perguntando se eu tinha acabado de encontrar um anjo sem saber.

Como medir nossa autoestima

Temos a tendência de medir nosso valor pela forma que nosso trabalho é valorizado. Níveis e escalas salariais significam mais para nós do que os bens materiais que o dinheiro pode comprar. Quer seja apropriado, quer não, milhares de pessoas encaram seu nível salarial como um barômetro que marca seu valor como pessoa.

Em uma sociedade que se pauta por tais termos de valorização do ser humano, o ônus da dúvida é lançado sobre aquela pessoa que se encontra na extremidade inferior do mecanismo da escala de pagamento. Uma sombra recai sobre o brilho de sua própria imagem, fazendo-a sentir a dor da questão de saber se sua vida tem ou não valor.

Sócrates declarou: “Uma vida não examinada não vale a pena ser vivida”. É bem verdade que poucos integrantes da classe trabalhadora alcançam o nível socrático de autoexame, embora a mensagem da sociedade chegue também aos analfabetos e incultos. Não é necessário ter educação formal para compreender o julgamento: “Você realmente não tem muito valor”.

Ainda assim, o ser humano continua a trabalhar, a esperar contra a esperança que o julgamento da sociedade esteja ao menos parcialmente errado. “Algum dia”, pensa consigo mesmo, “as pessoas vão reconhecer que tenho valor”.

Enquanto isso não acontece, ele busca afirmação em sua esposa e filhos e, se isso também falhar, em seu cachorro. Os cães tendem a ignorar totalmente o

protocolo de status.

Além do lar, existe a camaradagem do bar, a emoção vicária das vitórias de seu time favorito, e a esperança secreta de que ele encontrará o sucesso financeiro ou ganhará na loteria. Então — pensa ele —, serei alguém. Outros tentam silenciar as vozes acusadoras com muito álcool ou buscam consolo encarnando uma imagem de durão.

Quando usamos de intimidação e dominação para realizar nossas aspirações

A imagem do valentão, a síndrome do "machão", é um terreno fértil para o intimidador. "Há sempre um na multidão". Todo grande grupo tem alguém que adota o estilo intimidador na tentativa de conquistar uma posição de liderança e poder.

As técnicas de intimidação podem incluir coerção física, intimidação intelectual ou extorsão política. As táticas variam, mas a disposição é sempre a mesma. O agressor pode ter sucesso por um período, mas alcança seu status à custa do amor e da amizade, incorrendo no desprezo das vítimas que fere.

A mensagem do intimidador é simples: se você não me amar, pelo menos me respeitará. Se não me respeitar, pelo menos terá medo de mim.

Um livro deprimente que se tornou um best-seller foi Winning through intimidation [Vencendo por meio de intimidação]. O autor, Robert J. Ringer, adota uma visão de mundo cínica e apresenta um manual sobre táticas de poder para ter sucesso nos negócios. Ele adota uma versão distorcida da Regra de Ouro como lema: "Faça aos outros antes que eles façam a você".

O mundo é uma arena altamente competitiva, na qual fraqueza raramente é vantagem. Onde a competição é abundante, a intimidação é superabundante, pois se obtém uma vantagem quando um oponente é pego nas garras do medo. Um inimigo amedrontado já está a meio caminho da derrota, como prova todo atleta. Podemos notar as táticas de intimidação no rosnado de um linebacker no futebol americano, nos olhares trocados entre os boxeadores na hora da pesagem, na

mensagem de intimidação implícita no brushback pitch do jogo de beisebol, ou na jogada do enforcer, jogador de hóquei que usa o taco para agredir um atleta do time adversário na região dos ombros para cima.

Sam Snead, tricampeão do Masters, relata que, na era de ouro do match play no circuito de golfe, ele ficava mais agressivo no momento em que percebia um brilho de medo nos olhos de seu adversário ou uma diminuição do tempo entre um cigarro e outro de seu oponente. Esses detalhes eram sinais reveladores de um aperto no peito que costuma ser descrito como “sufoco”. Uma vez que o medo é uma força tremendamente paralisante, não causa estranheza o fato de competidores mais apaixonados buscarem instigá-lo em seus adversários.

Se for verdadeiro o lombardismo “Vencer não é tudo; é a única coisa”, então a ética não tem lugar no reino da competição. Mas Vince Lombardi não acreditava nesse ditado astucioso que tantas vezes lhe foi atribuído.[2] Seu histórico impecável como treinador não teria lhe rendido os elogios que recebeu se suas vitórias tivessem sido maculadas por uma conduta antidesportiva.

O modo que se joga importa, sim, e o público logo se cansa das tolices do atleta intimidador ou dos pirralhos mimados dos esportes profissionais, cujas birras ferem o espírito esportivo. Os vilões dos velhos tempos da luta livre eram minuciosamente ensaiados para perder, pois os promotores das lutas logo entenderam que o público se delicia em ver o valentão ser derrotado. Torcemos pelo azarão, juntando-nos ao apelo da personagem Adrian no filme Rocky, um lutador: “Ganhe, Rocky”.

A linha que separa um competidor apaixonado de um tirano é tênue. É a mesma que separa a beleza da feiura. É a linha que separa Jack Nicklaus de Jack, o Estripador, ou a rainha Elizabeth de [Elizabeth] Lizzie Borden.[3]

O negócio do tirano é o medo. Sem medo, ele não pode dominar. Para permanecer no poder, um governo totalitário depende de manter a população com medo. A violência cometida contra comunidades étnicas e religiosas, a polícia secreta, expurgos sangrentos e a arte da extorsão são as armas do tirano. Elas são políticas de intimidação, e encontram seus equivalentes menos sofisticados nos chãos de fábrica, nos vestiários de cada empresa e no assédio sexual cometido nos escritórios comerciais.

A competição dá entusiasmo a nossas aspirações, mas esse entusiasmo é

oprimido pela facilidade com que nossa nobreza padece de uma falha fatal: o desejo implacável de dominar. O impulso por significado, quando demasiado pequeno, gera uma inércia pessoal; quando demasiado grande, gera tirania.

Assim como o mal revela a glória esplendorosa da virtude, a tirania e a competição implacável destacam a realidade de nossa necessidade inata de significado. Deixe esse instinto definhar e a vida se tornará insignificante; deixe-o correr desenfreado, sem limites, e a vida se tornará cruel.

A BUSCA POR RESPEITO

Somente nos Estados Unidos um homem consegue ganhar um milhão de dólares contando uma piada. A piada é colocada em uma ampla variedade de cenários e situações de vida, mas o fim dela continua sempre o mesmo. O comediante Rodney Dangerfield ganhava a vida com uma mesma frase, que repetia sem parar: “Ninguém me respeita”.

Por que rimos do desrespeito?

O que nos torna possível rir da situação sombria de um homem que não é respeitado? Somos uma nação de masoquistas que desfrutam do prazer vicário de sofrer a dor da indignidade? Ou somos uma nação de sádicos que sentem prazer em reduzir outra pessoa à humilhação abjeta?

Talvez nosso riso brote de uma fonte diferente e seja semelhante a emoções que fazem parecer apropriado assobiar no escuro. Talvez o que motive nosso riso seja o fato de não podermos nos dar ao luxo chorar.

Lembro-me de um pé de bordo-açucareiro que delimitava a linha de um pomar de maçãs que sobreviveu às escavadeiras de um novo empreendimento em um bairro residencial de classe média. O pomar era uma verdadeira anomalia

geográfica, e funcionava como uma espécie de zona-tampão entre nossa rua arborizada e o shopping center local.

Quando menino, adorava passar pelo pomar a caminho do comércio — exceto à noite, e especialmente no inverno, pois os ramos daquele grande bordo ficavam sem folhas e estendiam seus tentáculos grotescos nas sombras da noite. Quando a lua estava clara, eu podia olhar para cima, lá do meio do pomar, e ver os galhos assustadores da árvore surgirem na minha frente como um bicho-papão gigante, prestes a me agarrar. Eu costumava sentir o mais absoluto terror quando passava por aquela árvore.

Eu costumava assobiar baixinho quando cruzava o pomar, as mãos enfiadas nos bolsos e assumindo um andar casual, enquanto passava por minha Nêmesis. Meu assobio era suave, pois o medo me havia tirado qualquer sobra de fôlego. Que coisa mais estranha de se fazer, como se a árvore pudesse ser enganada por minha demonstração externa de coragem cavalheiresca.

Assim, rimos do desrespeito como se, ao fazê-lo, pudéssemos enganar seu poder, e esperando que ele não estenda a mão nem faça de nós sua próxima vítima.

Ninguém gosta de ser insultado ou ridicularizado. Quem é objeto de diversão de outras pessoas é deixado de fora do campo do humor. Perder o respeito é ser esmagado no espírito, no seu interior; é ser humilhado.

Como os elogios aumentam nossa dignidade

Em contrapartida, é encorajador ser elogiado e homenageado por outras pessoas. Essas honrarias podem ser embaraçosas às vezes, especialmente quando uma pessoa tímida é lançada muito depressa no centro das atenções, mas em geral preferimos elogios a insultos, pois o elogio aumenta nossa dignidade, enquanto o insulto a diminui.

A organização para a qual eu trabalho certa vez contratou os serviços de um consultor na área de gestão. Eu estava ansioso para passar um tempo com ele e captar suas percepções sobre estruturas e modelos de gestão, além de outras

coisas do gênero. Nosso primeiro encontro acabou me surpreendendo, pois ele dedicou sua atenção a investigar minha personalidade e minha constituição emocional, antes que pudéssemos começar a trabalhar.

Sua jogada inicial foi levantar a seguinte questão: “Quais foram os cinco elogios mais significativos que você já recebeu?”.

O consultor me entregou um lápis e uma folha de papel, e pediu que eu anotasse resumidamente os cinco elogios que me viessem à mente, dizendo de quem eu os recebera e em que momento da minha vida tinham sido feitos. Preenchi a folha conforme as instruções dele e fiquei surpreso com as coisas que descobri sobre mim e minha vida.

Um dos cinco elogios memoráveis que anotei naquela folha foi feito por minha professora de inglês da oitava série, após eu ter terminado uma tarefa de casa. Havíamos sido instruídos a escrever um parágrafo descritivo, deixando nossa imaginação correr solta enquanto fazíamos nossa primeira tentativa de escrita criativa. Quando as redações foram avaliadas, a professora anunciou: “Antes de devolver essas redações, há uma que quero ler em voz alta”.

Para meu mais absoluto choque, ela expôs o conteúdo do meu parágrafo descritivo para que todos na classe ouvissem, e fixou meu artigo no quadro de avisos, onde todos pudessem vê-lo. Poucos compreenderam o significado desse ato para minha dignidade. O quadro de avisos era normalmente reservado para a exibição dos trabalhos artísticos dos alunos. Eu era o pior aluno de arte de toda classe e tinha a vergonhosa distinção de ser o único aluno a nunca ter tido um trabalho artístico exposto no quadro de avisos.

De uma tacada, fui presenteado com um grande momento, pois minha redação foi considerada uma obra de arte. Depois da aula, fui até a frente da sala para mirar o impossível, olhar para aquele troféu que me alçou aos píncaros da glória. Lá, escritas na margem, abaixo da nota, estavam as palavras da minha professora; “R. C., nunca deixe ninguém lhe dizer que você não sabe escrever”.

Você tem ideia de quantas pessoas, desde então, já tentaram me dizer que não consigo escrever?

Quem, em sã consciência, seria suficientemente imprudente para riscar as anotações em vermelho dos críticos a fim de publicar suas obras? Você percebe que existem pessoas por aí que ganham dinheiro sendo críticos profissionais?

Eles são as pessoas que dão sentido à palavra ansiedade para cineastas, dramaturgos e autores.

O tormento dos autores é escrever um manuscrito, submetê-lo ao escrutínio crítico de uma editora, apenas para receber a temida resposta de rejeição. Se alguém é bem-sucedido o bastante para ter um manuscrito aceito de forma provisória, isso é apenas o começo da síndrome das anotações em vermelho.

Um dos meus livros passou por sete revisões antes de eu enviar a versão final mais trabalhada. Àquela altura, meu editor fez um alerta justo, dizendo: “Você nunca passou por nossos processos de edição de texto. Não desanime se eles fizerem inúmeras sugestões críticas”.

Assegurei ao meu gentil editor que não ficaria ofendido com um rigoroso processo de emendas, pois seria para mim como um curso gratuito e muito necessário em edição de texto. Quando recebi meu manuscrito de volta do editor, no entanto, ele estava coberto de tinta vermelha.

Não sei exatamente quantas anotações havia no manuscrito, mas fiz uma estimativa razoável. Contei o número de anotações nas primeiras dez páginas e calculei uma média para todo o manuscrito. A estimativa totalizava cerca de dez mil notas críticas.

Chegar a essa estimativa deveria ser suficiente para convencer o egomaníaco mais recalcitrante de que ele deveria desistir. Mas lá estavam de novo as palavras da minha professora: “R. C., nunca deixe ninguém lhe dizer que você não sabe escrever”. E cá estou eu outra vez, gastando meus dedos tolos de tanto escrever.

O estimado elogio. Depois de listar meus “cinco elogios mais significativos”, o consultor em gestão passou a me dar um curso intensivo sobre a psicologia do elogio bem colocado e na hora certa. Ele afirmou que temos a tendência de valorizar os elogios que recebemos de pessoas que estimamos. Se respeitarmos a pessoa que nos elogia, é mais provável que acalentemos o elogio e o guardemos no coração. Esse elogio vai acrescentar aço ao nosso frágil amor-próprio.

Os elogios que aparecem na lista dos “mais significativos” são aqueles feitos por pessoas em posições de autoridade ou liderança sobre nós. Os comentários do pai, da professora, do treinador ou do chefe são os que têm um peso extra.

O fator credibilidade. Outro elemento crucial que pesa muito no valor do elogio é o fator credibilidade. Para que um elogio seja aceito de forma permanente, ele deve ser verossímil. As pessoas revelam uma habilidade incrível de distinguir um elogio de seu equivalente fraudulento, a bajulação.

Na verdade, a bajulação é um insulto disfarçado de elogio. Superficialmente parece ser algo afirmativo, mas sua motivação desonesta sabota seu valor de estima. A bajulação é concebida como ferramenta de manipulação e é tratada com desdém pelo destinatário.

Temos uma expressão que se tornou clichê por sua evidente verdade: “Bajulação não levará você a lugar nenhum”. A expressão expõe a intenção hipócrita da observação.

Resistimos à bajulação por não acreditarmos nela. Um elogio genuíno, em contrapartida, é crível e sem demora o aceitamos.

As pessoas às vezes nos bajulam elogiando virtudes genuínas nossas, mas o fazem com segundas intenções que desfiguram a mensagem, e qualquer valor complementar nela contido se perde no lamaçal da manipulação. É o elogio autêntico, oferecido com sinceridade, que valoriza a dignidade humana e edifica uma reserva de encorajamento da qual nos valemos quando nossa alma se sente árida.

Como os insultos degradam nossa autoimagem

A folha de papel do meu consultor tinha um verso. Depois de terminar a lista dos cinco elogios mais significativos, ele me orientou a virar a folha e listar os cinco insultos mais dolorosos que já recebi. Esse foi um exercício de dor, sem nenhum prazer.

O simples fato de escrever no papel observações feitas há tanto tempo despertou velhas feridas dentro de mim. E me perguntei no processo: “Será que as pessoas

que me disseram essas coisas têm alguma ideia de como foram dolorosas?”.

Meu pensamento seguinte foi aterrorizante: “Eu me pergunto quantas pessoas enumerariam as coisas que eu disse a elas em suas listas de insultos dolorosos?”.

O poder da língua humana de repente mostrou-se incrível para mim.

Assim como o elogio genuíno pode ser um catalisador para encorajar o ser humano e desenvolver positivamente seu caráter, o insulto ou a crítica impensada podem ter um efeito deformador e paralisante. Eu me recordo de uma mulher incrivelmente bonita que certa vez me procurou para aconselhamento. Aos trinta e poucos anos, seu casamento havia chegado a um ponto crítico que a estava levando ao desespero. Ela confidenciou que estava sofrendo de uma espécie de frigidez sexual que estava arruinando o relacionamento com seu marido.

À medida que conversamos sobre seu histórico conjugal, ela revelou que sofria por ter uma autoimagem deteriorada, a qual se concentrava em sua aparência. Torcendo o lenço angustiada, ela deixou escapar que não conseguia ter naturalidade para fazer sexo com o marido porque era muito feia. Eu fiquei desconfiado a esta altura, já que a mulher sentada na minha frente, se avaliada por padrões numéricos modernos, certamente ganharia uma nota “10”.

Sua história me fez voltar à minha juventude, quando tinha de suportar as “pescarias” de minha mãe que, depois de aparecer em um vestido novo deslumbrante e com o cabelo penteado com sofisticação, dizia com fingido desespero: “Eu estou horrível”.

E eu era o “peixe”, que tinha de morder a isca jogada por aquela deixa, respondendo com um elogio apropriado: “Ó, não, mãe, você está linda".

Eu tinha certeza de que estava tendo um déjà vu que exigia de mim o mesmo tipo de garantia laudatória. Mas logo descobri que sua dor não era uma farsa encenada por uma mulher coquete, pois ela realmente acreditava que era feia. Superficialmente, essa autoimagem parecia totalmente infundada. Quando investiguei seu passado, entretanto, os motivos de ela se sentir feia surgiram com clareza.

O sentimento nasceu de um incidente que a feriu na adolescência. Quando adolescente, seu corpo se desenvolveu cedo, atraindo olhares de desejo e

palavras de elogio dos rapazes que admiravam sua figura. Do pescoço para baixo, ela era uma vencedora.

O problema estava em seu rosto. Ela era atormentada por um problema de acne recorrente e tinha a aparência ainda mais prejudicada por um par de óculos cujas lentes eram excessivamente grossas. A esses obstáculos à beleza somavam-se os incômodos fios do aparelho, presos aos dentes com o propósito de endireitar o que era torto por natureza.

Dolorosamente ciente desses impedimentos físicos, ela estava passando pelo parquinho, um belo dia, quando ouviu um dos rapazes de classe alta da escola comentar baixinho com os amigos: “Ela não seria ruim se a gente colocasse um saco na cabeça dela”.

As palavras atravessaram seu peito como uma adaga, e tiveram um peso extra, uma vez que foram ditas pelo rapaz que era considerado o mais popular da escola. O “modelo” de boa aparência acabara de proferir seu julgamento lá do Olimpo, e o veredicto foi devastador.

Durante seus anos de ensino médio, ela carregou um poema na carteira:

Se o amor é cego

E os apaixonados não conseguem ver,

Por que razão neste mundo

Alguém não me ama?

Vinte anos depois, os homens olhariam para ela e não veriam nenhum sinal das acnes da adolescência, nenhuma evidência de óculos — já que os óculos há muito tinham dado lugar às lentes de contato, e a magia da ortodontia havia realizado seu trabalho com o aparelho ortodônico. O patinho feio transformara-se maravilhosamente em um lindo cisne aos olhos de todos, exceto aos dela mesma. Ela ainda estava à procura de um saco no qual pudesse esconder a cabeça.

Mães costumam dar bons conselhos, embora nem sempre. Meu primeiro encontro com a brutalidade do discurso social aconteceu quando um menino mais velho do meu bairro me agrediu com nomes insultuosos. Procurei consolo em casa, na barra da saia da minha mãe.

Enxugando minhas lágrimas com ternura, ela aproveitou a oportunidade para incutir em mim um pouco de sabedoria caseira que servisse de escudo contra tais tormentos. Minha mãe disse: “Filho, quando as pessoas xingarem você, não se deixe abater. Basta dizer a elas: ‘Pau e pedra vão me quebrar os ossos, mas xingamentos jamais vão me machucar’”.

Armado com esse clichê, um verdadeiro exterminador de dardos, voltei mais uma vez à arena da interação social. O valentão me viu chegando e me recebeu com um turbilhão de insultos verbais. Soltei minha arma psicológica e comecei a cantar: “Pau e pedra…”.

Não consegui terminar a cantilena, pois minhas palavras deram lugar a soluços sufocados. Meu escudo desabou sob ataque.

O motivo do fracasso da panaceia sugerida por minha mãe é elementar: aquelas palavras simplesmente não eram verdade. Xingamentos podem doer e os danos que infligem podem ser mais graves do que aqueles causados por paus e pedras.

Bata em mim com um pedaço de pau, quebre meu braço e, em seis semanas, estarei recuperado da lesão. Acerte minha cabeça com uma pedra, abrindo um corte sangrento, e alguns pontos podem reparar o ferimento. Mas destrua minha alma com um insulto brutal ou uma crítica insensível e você me deixará com uma cicatriz para o resto da vida.

Quando nossas fraquezas são criticadas

Existe um tipo de crítica que é devidamente denominado “crítica construtiva”. Essa é uma crítica capaz de arrancar de nossos olhos a película opaca e remover a catarata que nos causa a cegueira. A crítica construtiva é benéfica, mas existem poucos exemplos dela. A maior parte do que pretende se passar por crítica

construtiva é, na verdade, crítica destrutiva. A proporção real não pode ser traçada, mas uma estimativa bem fundamentada a situaria em torno de 95%.

Crítica destrutiva. Muitas das críticas que recebemos são sobre fraquezas das quais já estamos dolorosamente cientes, e a maioria delas tende a ser destrutiva, em vez de edificante. Quando a crítica é precedida pelas palavras "Estou lhe dizendo isso apenas para seu próprio bem", fique atento. O que é dito a seguir em geral não é concebido com uma visão voltada para seu bem-estar.

Fomos ensinados a aceitar essas críticas com graça, quando às vezes seria melhor fugir delas para salvar nossa vida. Quando qualquer um de nós tenta aplacar um ataque verbal com palavras de autodefesa, essa explicação provoca uma nova repreensão por parte do adversário: "Ora, não fique na defensiva".

O perpetrador do abuso verbal não só deseja ter o direito de nos agredir como também exige um direito a mais, o de fazê-lo sem ser impedido por nossos mecanismos naturais de defesa. Para nossos críticos, presumir tais direitos de agressão seria como Joe Montana alinhar o time do San Francisco 49ers para uma jogada ofensiva, apenas para pedir tempo e protestar ao árbitro que o time adversário estava sendo injusto ao colocar em campo uma unidade defensiva.

Cristãos são particularmente vulneráveis a ataques desenfreados da língua. Somos ensinados que a santificação requer a prática da humildade e de um espírito de longanimidade e paciência. Essas são virtudes realmente sagradas, mas há uma diferença imensa entre ser manso e ser voluntariamente um capacho.

Pessoas religiosas também podem ser culpadas de abusar do mandato bíblico para exortar e admoestar como um subterfúgio para impor críticas nocivas. Desconfie do "irmão" ou da "irmã" espiritual, que inicia seus comentários com "Quero lhe dizer algo em amor…". Frequentemente, o que é dito em nome do amor é uma deturpação do amor.

A crítica construtiva autêntica pode ser genuinamente oferecida em amor. E seu valor é inestimável. A questão é que devemos ter o cuidado de discernir entre os dois tipos de crítica, a construtiva e a destrutiva.

Quando alguém nos enfia uma faca no peito, não é nosso dever cristão dizer:

“Obrigado, querido irmão, eu precisava disso. Por favor, enfie a lâmina mais fundo e torça um pouco mais. Isso está fazendo maravilhas espirituais em mim”.

Infligir críticas impensadas ou insultos humilhantes não apenas é destrutivo, mas também tolo. Pouca coisa de natureza positiva poderemos ganhar com isso. Mesmo um treinador de cães inexperiente sabe que não se pode melhorar a capacidade de obediência de um cão chamando-o de “estúpido”. No entanto, chamamos de idiotas não só animais, mas usamos o mesmo tipo de linguagem desrespeitosa com seres humanos.

Conheço um empresário muito bem-sucedido que confessa que sua vontade de vencer na vida foi provocada por um comentário irado da mãe: “Você não vai dar em nada”. Esse pobre homem, então, foi levado a provar que a mãe estava errada e sente pouca satisfação com suas realizações, pois convive com um medo mortal de que, se relaxar por um instante que seja, o veredicto negativo da mãe provará ser correto.

Crítica construtiva. Durante um seminário para enfermeiras recém-formadas, discutimos a questão das críticas. Ao longo da conversa, o nome de uma supervisora sênior foi mencionado com frequência. As enfermeiras foram implacáveis em elogiar o estilo daquela mulher de fazer críticas construtivas.

Quando perguntamos sobre esse estilo, as enfermeiras revelaram seu segredo. Ao fim de cada dia de trabalho, essa supervisora se reunia em particular com cada enfermeira sob sua responsabilidade e fazia sempre as mesmas três perguntas.

Ela primeiro perguntava: “Qual foi a coisa mais gratificante que você realizou hoje?”. A estudante de enfermagem era incentivada a iniciar seu período de avaliação discorrendo sobre seus êxitos naquele dia, levando-os à atenção da supervisora.

A segunda pergunta era: “O que fez hoje que faria de forma diferente se tivesse outra oportunidade?”. Isso permitia que a estudante praticasse a autocrítica, o que é mais fácil para o ego do que ouvir uma avaliação crítica feita por outra pessoa.

A pergunta final era: “Em que áreas do trabalho posso ajudar você?”.

A discussão dessas três questões era tudo o que normalmente era necessário para manter as estudantes focadas e com uma postura de crescimento. Algumas tentavam inventar sucessos e negar fracassos, mas a supervisora era perspicaz o bastante para detectar esse comportamento e acabar com isso. O sistema funcionava de forma admirável, gerando resultados estrondosos. As estudantes sentiam que a supervisora jogava no mesmo time e se sentiam encorajadas a se esforçar mais rumo à excelência.

A preocupação bíblica com a questão do respeito é construída sobre o conceito de "honra". O mandato bíblico reiteradamente dado é para que honremos uns aos outros (veja Rm 12.10). Somos chamados a "honrar o rei" (1Pe 2.17, NKJV), a "honrar os que estão em posição de autoridade" (veja Rm 13.1-6) e a "amar os irmãos em Cristo" (veja 1Pe 2.17, NKJV) O próprio Decálogo (os Dez Mandamentos) contém um preceito para "honrar pai e mãe" (Êx 20.12).

A honra ordenada não é do tipo superficial, facilmente alcançada quando se oferece uma placa ou um prêmio em um jantar de homenagem. O que está em vista é o respeito rotineiro e diário concedido à dignidade de outras pessoas. Requer sensibilidade para com a autoestima alheia.

Honrar e respeitar os outros leva à compreensão de que o mecanismo mais frágil neste planeta é o ego humano; também leva à respectiva consciência de que a arma mais potente contra o ego é a língua humana. Embora os insultos possam ser engraçados quando ditos por um comediante experiente em uma cerimônia de Hollywood, é impossível homenagear pessoas com um insulto maldoso.

NOSSA BUSCA POR RECONHECIMENTO

Em Como fazer amigos e influenciar pessoas,[4] Dale Carnegie afirma que a maneira mais fácil de penetrar no solo sagrado do escritório de um executivo importante ou de conseguir marcar um horário com ele é dizendo que o motivo de sua ligação é reunir informações para um artigo elogioso sobre ele ou é lhe entregar um convite para ser o convidado de honra em um jantar de homenagem. Carnegie compreendeu que as pessoas gostam de ser reconhecidas por suas realizações.

Lembro-me de estar sentado em uma reunião anual em uma faculdade onde eu acabara de completar meu primeiro ano como docente. Parte da cerimônia acadêmica era dedicada a anúncios das promoções de grau dos professores. Os graus iam de instrutor a professor titular, e eu estava, na época, passando por meu aprendizado na base da pirâmide como instrutor.

Eu escutava, ansioso para ouvir meu nome enquanto as promoções eram anunciadas, mas fiquei desanimado quando percebi que ele não estava na lista. Fiquei particularmente desconcertado, pois, quando o presidente da instituição me contratou, disse-me que, se eu tivesse um bom desempenho, seria promovido ao posto de professor-assistente após o primeiro ano.

Em várias ocasiões, ao longo do ano letivo, o presidente me chamara à parte para elogiar meu trabalho. Então, quando fui preterido na promoção, fiquei magoado, confuso e procurei o presidente para pedir uma explicação. Ele ficou constrangido com a omissão e confessou que se lembrava do compromisso que fizera.

Mas o problema era difícil, pois ele havia descoberto, mais tarde, que existia na faculdade uma política segundo a qual um membro do corpo docente deveria fazer parte da equipe por no mínimo dois anos antes de ser elegível para promoção. O presidente ficou em uma posição incômoda quando o reitor o informou sobre essa política. O reitor sentia o drama da situação do presidente, mas estava preso à restrição dessa política.

Para retificar a questão, o reitor me convidou para uma conversa em particular em seu escritório. Tateando na busca de uma saída elegante para o dilema, ele me disse: “Ficamos muito impressionados com seu desempenho aqui e, para aumentar seu prestígio junto ao corpo discente, decidimos promovê-lo ao posto de professor-assistente”.

Ele passou a explicar a questão da política, o equívoco cometido pelo presidente e concluiu suas observações dizendo: “Como isso vai contra a política do corpo docente, teremos de manter em segredo, entre nós, pois não pode haver um anúncio formal sobre a sua promoção”.

O compromisso era claro; eu deveria ser promovido, mas em segredo. Tendo esquecido de sua estratégia original, o reitor ficou vermelho, quando o questionei com a pergunta óbvia: “Se o motivo da promoção é me dar prestígio,

aos olhos de quem terei prestígio se ninguém souber da promoção?”.

Então, nós dois rimos incontrolavelmente, às gargalhadas, com o humor da situação toda.

O reconhecimento secreto não tinha o mesmo efeito. É o reconhecimento perante os colegas que aumenta a autoestima. A entrega de troféus e medalhas pode ser algo muito mais valioso para quem os recebe do que seu próprio valor monetário. Insígnias tornam-se tesouros quando carregam a força simbólica do reconhecimento.

O relógio de ouro pelo serviço leal, a placa comemorativa pela participação em um projeto cívico, o anel de diamante sinalizando um compromisso visível com uma mulher — todos são símbolos que captam emoções de forma tangível. Eles garantem um nicho em um grupo especial de pessoas; esculpem nossos nomes em uma árvore atemporal; pintam um retrato na multidão sem rosto; testemunham que “Eu sou alguém”.

Pat Conroy, em seu romance épico The lords of discipline, descreve o momento em que o veterano do colégio militar recebe seu cobiçado anel:

Minha mão parecia diferente quando olhei para o anel pela primeira vez. Estudei suas imagens engenhosas e inexoráveis e traduzi a eloquência silenciosa de sua mitologia e linguagem expressas em ouro de forma tão singela e duradoura. Até aquele momento, uma parte essencial de mim, algum núcleo vital e inominável, nunca havia sentido que realmente fazia parte da escola. Mas agora o brilho frio do anel me envolvia, me amarrava e me ligava à Linhagem enquanto eu vivesse. Minha mão saltava aos olhos de repente, como se até então eu não tivesse notado sua existência. O anel em meu dedo proferia uma declaração articulada; transmitia uma informação extraordinariamente importante para mim. Ele dizia — ou melhor, gritava — que Will McLean acrescentara seu peso, sua história e seu próprio testemunho ferido à história do anel, ao seu significado e simbolismo. Eu codificava minhas próprias mensagens, scripts e testemunhos no brasão do anel. Observei minha nova identidade, minha validação e me senti mudado, completamente transfigurado na grandeza surpreendente de seu ouro. Eu era parte daquilo. Eu tinha realizado aquilo.[5]

Pode ser proveitoso voltar e ler o trecho novamente, uma vez que Conroy capta o poder do símbolo do reconhecimento humano. É como a jaqueta verde do campeão do Masters de golfe, a medalha de ouro olímpica, o Oscar, a chave Phi Beta Kappa, o anel do Super Bowl e o Prêmio Nobel, todos reunidos em um só. Essas coisas têm valor inestimável.

Alguns têm tantos dons e talentos que recebem uma porção extra de honra. A maioria das pessoas, porém, passa a vida sob o manto do anonimato, ansiando por migalhas de honra que possam cair em seu caminho. O que lhes cabe é um excesso de crítica que palmo a palmo esmaga seu espírito.

Certo psicólogo formulou um cálculo para críticas e elogios, por meio do qual ele levantou a tese de que são necessários nove elogios para desfazer a dor de uma crítica. Nossas mentes tendem a se fixar no aspecto negativo quando ele é dirigido a nós. Um pastor que ouça cinquenta elogios por seu sermão pode ter sua refeição da tarde azedada por uma crítica inflamada.

Todo ser humano tem algo digno de elogio. O elogio genuíno é aquele que cristaliza a força de uma pessoa em palavras assim como troféus as inscrevem em prata. Ser reconhecido como alguém estimado, que tem valor, é sentir a exultação inebriante da descoberta. Clamamos com Arquimedes: “Eureca! Eu encontrei!”.[6]

PARA REFLEXÃO ADICIONAL

Como seu trabalho afeta sua dignidade pessoal?

Onde estão investidas suas aspirações de significado?

Quais são os símbolos de status em sua comunidade e em seu trabalho?

Que tipo de pessoas intimidadoras você encontra em sua comunidade e no local de trabalho?

Quais foram os elogios mais significativos que você já recebeu? Quem os fez?

Quais foram os insultos ou as críticas mais impactantes que você já recebeu? Quem os fez?

Como você lida com críticas construtivas?

Como você avalia o nível de reconhecimento que recebe pelo seu trabalho?

Quais são para você os sinais ou símbolos de estima mais importantes? Por quê?

Quais foram suas maiores conquistas? E seus piores fracassos?

[1] Charles McCarry, Double eagle (Boston: Little, Brown, 1979).

[2] O ditado anônimo “Vencer não é tudo. É a única coisa” é frequentemente atribuído ao falecido técnico Vince Lombardi. Mas o que ele realmente disse em uma entrevista, em 1962, foi: “Vencer não é tudo, mas querer vencer é”.

[3] Jack Nicklaus (nascido em 1940) é um jogador de golfe profissional americano aposentado, considerado por muitos observadores o maior jogador de golfe de todos os tempos. Ele ganhou um recorde de dezoito grandes campeonatos. Jack, o Estripador, é o nome dado ao autor de uma série de assassinatos, que geralmente envolviam prostitutas, no distrito de Whitechapel, em Londres, em 1888. A rainha Elizabeth II (nascida em 1926) é a rainha do Reino Unido e de outros reinos da Commonwealth. Ela ascendeu ao trono em 1952, tornando-se a monarca britânica com o reinado mais longo. Elizabeth [Lizzie] Borden (1860—1927) foi a principal suspeita dos assassinatos de seu pai e sua madrasta em 4 de agosto de 1892, em Fall River, Massachusetts. Ela foi julgada e absolvida dos assassinatos.

[4] Publicado em português por Sextante.

[5] Pat Conroy, The lords of discipline (New York: Bantam, 1982), p. 266.

[6] Arquimedes, antigo matemático grego, exclamou “Eureca!” (Eu encontrei!) quando descobriu, ao entrar em um banho, que o volume de água deslocada é igual ao volume daquilo que é submerso. Ele vinha tentando descobrir uma maneira de verificar a pureza de uma coroa de ouro feita para Hiero de Siracusa, que suspeitava que o ourives havia usado em parte metais de menor valor para

fazer a coroa. Medir o volume de um objeto irregular permitia que Arquimedes verificasse sua densidade e, portanto, sua pureza.

2

NOSSA BUSCA POR AMOR

Ainda me lembro da primeira vez que disse a uma garota: “Eu te amo”. Era uma tarde de sábado, em 1951. Eu tinha 12 anos. Aqueles foram “dias memoráveis” em que todas as tardes de sábado eram passadas no cinema local, curtindo a matinê de dois filmes pelo preço de trinta e cinco centavos a entrada. Sentávamos no escurinho da última fileira, de mãos dadas com nossas namoradas, enquanto assistíamos aos gracejos de Humphrey Bogart, Alan Ladd, Tyrone Power, Errol Flynn e Francis the Talking Mule [E… O mulo falou].

Este dia específico marcou um grande avanço rumo à masculinidade, à medida que dei um passo além do amor infantil de segurar as mãos. Disfarçadamente, movi meu braço direito para o encosto da cadeira da minha garota. O movimento me deixou para lá de empolgado, mas me forçou a ficar em uma posição difícil para comer pipoca. Eu congelei nessa posição, olhando fixamente para a frente, em direção à tela, sequer ousando olhar para o lado e ver se minha namorada havia notado meu movimento amoroso.

Conforme avançava o filme, provavelmente uma daquelas histórias de amor de Jennifer Jones e Joseph Cotten, comecei a planejar uma estratégia para declarar meu afeto com as palavrinhas mágicas. “Assim que eu terminar minha pipoca, direi a ela”, jurei a mim mesmo.

Mas quando a pipoca acabou (com a destreza da minha mão esquerda, enquanto segurava o saco de pipoca espremido entre a lateral do meu corpo e o braço do assento) me faltou coragem. Em vez de dizer o que pretendia, disse palavras educadas do tipo: “Você gostou do filme?”.

A essa altura, meu braço direito estava mais perto da nuca da minha namorada, enquanto minha mão esquerda se ocupava dos Jujyfruits. Impus a mim mesmo mais três prazos para falar, que vieram e se foram, enquanto o doce pesava em meu estômago. Em algum momento, no meio do segundo filme, as palavras surgiram: “Eu amo você”.

Agora era a vez dela de brincar com seus pompons, sem dizer uma só palavra. Ela sequer apertou minha mão, apenas manteve os olhos fixos na tela, como um zumbi.

Será que sou a única pessoa que já ficou engasgada com essas palavras? Duvido muito. São palavras que podem ser terrivelmente difíceis de dizer e ainda mais difíceis de entender.

Eu me recordo de outro filme em que Burt Lancaster, com seu radiante sorriso de dentes brancos, interpretou o papel de Elmer Gantry, um excêntrico evangelista itinerante. A jogada de Gantry era abrir encontros de avivamento com a pergunta: “O que é amor?”. Sem demora, ele mesmo dava uma resposta astuta, em estilo bem demagogo: “O amor é a estrela da manhã e a da noite; a inspiração dos poetas; a substância dos filósofos”.

Se usado como ferramenta para manipular uma audiência, o amor torna-se apenas mais uma palavra banal de quatro letras. Pode ser uma palavra da moda, que agoniza na morte das mil qualificações. Vítima de uso excessivo e abusos, o amor tornou-se quase uma palavra vazia de significado. No entanto, o som da palavra ainda é capaz de lançar seu feitiço sobre o coração humano.

Quando falava sobre amor, Jesus de Nazaré não estava se referindo a romance nem a mãos dadas no cinema. Ele usava a palavra segundo padrões que são estranhamente diferentes dos usados pela linguagem corriqueira da nossa cultura.

AMOR PASSIVO E ATIVO

Qual é a diferença entre o amor ativo e o passivo?

Quando nosso amor é passivo

Em nossa sociedade, amor é uma palavra sentimental cujo poder geralmente é descrito em termos passivos. Ou seja, o amor é algo que nos acontece, sobre o qual não temos controle. É como ser picado por um mosquito ou tomado pelo vírus da gripe. Somos vítimas de sua força irresistível e não podemos optar por fazê-lo ir e vir ao nosso bel-prazer.

O estudante universitário volta à casa da fraternidade depois de um encontro com uma encantadora estudante. Tomado por suas emoções, ele cumprimenta os colegas com um olhar transparente. E deixa escapar: “Aconteceu! Ela mexeu com meu coração”.

Com o coração transpassado por uma flecha do Cupido, ele fala que “se apaixonou”. Certo compositor captou a ideia, quando escreveu: “Não escorreguei nem fui empurrado, eu caí de amores, eu me apaixonei”.

As letras de amor colocam a tônica no aspecto passivo. Pensando nesses termos, o amor é algo espontâneo; não se trata de tomar uma decisão voluntária, nem de ligar um interruptor, nem de apertar um botão. Ele simplesmente acontece.

O caráter do amor passivo é ilustrado por uma anedota contada pelo dr. Jay Adams. Adams conta a história de um homem profundamente atormentado por seu casamento fracassado, que procurou o pastor em busca de aconselhamento pastoral. Ele explicou sua situação dizendo ao clérigo que o amor em seu casamento havia acabado e que ele estava considerando o divórcio.

Ele, então, olhou para o pastor em busca de qualquer pequeno traço de esperança de que o casamento ainda pudesse ser salvo. O pastor deu seu conselho em termos simples.

— Senhor, a Bíblia diz que os maridos devem amar suas esposas. Portanto, é seu dever cristão voltar para casa e começar a amar sua esposa.

O homem mal podia acreditar.

— Como posso fazer isso? Esse é precisamente o problema. É o primeiro motivo pelo qual vim até você. O fato é que não amo mais minha esposa. É por isso que quero sair desse relacionamento. Você não pode me dar um conselho melhor do que esse?

O pastor não se intimidou com o fato de o homem ter rejeitado seu conselho,

mas adotou uma postura diferente. Ele sugeriu um plano alternativo:

— Por que você não tenta se separar por um período de experiência? Experimente mudar para a casa ao lado por algumas semanas e veja se isso ajuda.

O homem estava ficando impaciente e respondeu:

— De que adianta isso? Como morar ao lado pode ajudar?

O pastor respondeu:

— Deus não nos ordena que amemos nosso próximo? Talvez se vivessem como vizinhos por um tempo, você aprenderia a amá-la novamente.

O homem gemeu.

— Pastor, você não entende o que estou dizendo. Não é que a chama do romance tenha se apagado, e eu precise de um pouco de espaço para acendê-la novamente. O fato é que não suporto aquela mulher. Não consigo suportar a ideia de morar sequer no mesmo bairro que ela.

— Ah, sim, suspirou o ministro. Agora estou entendendo. O que está me dizendo é que o distanciamento entre vocês é tão profundo que você sente hostilidade em relação a ela.

— Isso! Pastor, agora você está me entendendo.

O pastor continuou, destemido, seguindo seu curso original.

— Posso interpretar suas observações no sentido de que você sente uma inimizade profundamente arraigada por sua esposa?

O homem concordou com a inferência.

— Então, disse o pastor, deixe-me lembrá-lo de que Deus nos ordena que amemos também nossos inimigos!

Exasperado, o homem foi embora entristecido, balançando a cabeça. Como alguém pode discutir com um pastor desses?

O ponto levantado pela anedota é simples. Seria absurdo tentar obedecer ao mandato divino de amar, se o amor fosse concebido em termos estritamente passivos. Isso faria de Deus um tirano diabólico que ordena algo impossível e reduz seus preceitos à zombaria.

Quando nosso amor é ativo

Em categorias bíblicas, o amor funciona mais como verbo do que como substantivo. Está mais preocupado com o que se faz do que com o que se sente; o amor bíblico é definido por ações. Ele pode ou não incluir calorosos sentimentos de afeto. Quando o afeto está presente, isso é um bônus, mas o amor pode funcionar mesmo sem esses sentimentos.

O mandamento “Maridos, amem suas esposas” (Ef 5.25) pode ser interpretado como “Maridos, sejam amorosos com suas esposas”. O mesmo pode ser dito sobre amar o próximo (veja Mc 12.31) ou seus inimigos (veja Mt 5.44).

O amor que Deus requer que o marido demonstre à esposa segue o exemplo supremo do amor de Cristo por sua igreja (veja Ef 5.25). Esse amor se concretizou no sacrifício de se doar. Consequentemente, os maridos são chamados a “se doarem” às esposas. O inglês elisabetano traduziu a palavra amor por caridade. Aqui fica clara a ligação entre amor e doação sacrificial.

O amor de Deus é amor em ação, um amor que atua em ações concretas. Seu amor não é estático, a exemplo do deus de Aristóteles, que é descrito como “divino pensamento que pensa de si mesmo”. Um amor puramente passivo é tão mortal quanto um artefato elétrico para matar insetos, que à noite atrai mariposas com sua luz brilhante com o intuito apenas de fritar suas asas ao menor toque.

O amor de Deus não é indiferente, não é um amor que se retira para o isolamento de um Olimpo distante. Ele desce das nuvens, cortejando, indo atrás de seu povo, aparecendo no vale da sombra da morte, visitando a casa de dores, acrescentando uma nota de alegria em tempos de celebração. O amor que é apenas passivo é um amor morto; na verdade, não é absolutamente amor nenhum, mas mera indulgência em sentimentos afetuosos. O amor não nasce até

que se transforma de passivo em ativo; o sentimento leva à ação à medida que o coração conduz nossos pés em direção à casa da pessoa amada.

AMOR LEAL

O amor de Deus, pelo qual se mede todo amor humano, está intimamente relacionado ao conceito hebraico de lealdade. Para os judeus do Antigo Testamento, a lealdade tinha um significado prolífico. Era o cerne de sua compreensão da religião.

Seria um erro reduzir toda religião a uma única essência como a lealdade, embora seja difícil exagerarmos sua importância. Quando reduzimos a somatória da fé religiosa a um só elemento, flertamos com o erro da simplificação excessiva. É como a troca que ocorreu entre um teólogo erudito e um ilustre professor de astronomia.

O astrônomo desdenhava da religião, zombando do teólogo por transformar coisas simples em algo tão complicado. Ele dizia:

— Vocês, teólogos, meramente confundem as pessoas com suas teorias complexas sobre supralapsarianismo, escatologia, onipresença e justificação forense. Para mim, a religião é algo simples; é a Regra de Ouro: ‘Faça aos outros o que gostaria que fizessem a você’.

— Acho que entendo o que você quer dizer, respondeu o teólogo. Tenho uma frustração semelhante com os astrônomos. Vocês me confundem com suas teorias sobre universos em expansão, perturbações galácticas e supernovas explosivas. Para mim, a astronomia é algo muito simples; é ‘Brilha, brilha, estrelinha…’.

O cerne do amor leal

Há momentos na Bíblia em que são feitas sínteses importantes. Jesus sintetizou toda a Lei ao usar o Grande Mandamento. Tiago resumiu a religião verdadeira ao apontar para o cuidado de viúvas e órfãos.

A síntese que coloca uma forte ênfase sobre a lealdade encontra-se nos escritos do profeta Miqueias. A esta pergunta básica — "O que o Senhor exige de vós?" —, Miqueias dá a resposta de Deus, ao escrever esta síntese: "pratique a justiça, ame a bondade e ande humildemente com seu Deus" (6.8, ESV).

A síntese revela o cerne do amor bíblico. Gostamos de ter as coisas condensadas, quando buscamos aprender as coisas rapidamente em três lições fáceis. Miqueias faz o trabalho por nós, explicando a questão em termos simples.

O que Deus requer de nós?

O primeiro requisito é "pratique a justiça". Deus requer de nós paixão pela justiça e pela retidão — não apenas um interesse teórico pela justiça, mas que façamos justiça.

Jesus repetiu essa prioridade quando sintetizou as bem-aventuranças dizendo: "Mas buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.33, ESV).

O segundo requisito é "ame a bondade". Aqui encontramos o fator lealdade. Em outras versões bíblicas "ame a bondade" é traduzido pelas frases "ame a misericórdia" ou "aja com amor fiel" ou "ame com lealdade". No hebraico, a mesma palavra é usada para conceitos como misericórdia, amor fiel e amor leal, pois todos esses elementos se combinam em uma única palavra poderosa.

A lealdade é construída sobre o amor fiel, um amor que não se desintegra diante do primeiro insulto ou fracasso. O amor leal é um amor com o qual podemos contar.

O terceiro requisito é "ande humildemente com seu Deus". As palavras são

simples, mas ecoam das profundezas das águas teológicas. Andar humildemente com Deus pressupõe que a pessoa entenda quem Deus é.

Isso implica o reconhecimento de sua autoridade soberana. Curva-se diante de sua onisciência, submete-se com a devida humildade ao seu direito divino de impor obrigações sobre nós e estabelecer mandamentos perante nós. Pressupõe que entendamos que nós somos criaturas e ele é o Criador. Implica devoção, comunhão, companheirismo — todas elas coisas sobre as quais se estabelece um relacionamento pessoal com Deus.

O amor leal abraça a "qualidade da compaixão que não é forçada". É a matéria-prima da qual os relacionamentos duradouros são feitos.[1]

A importância do amor leal

O quanto é importante a lealdade para um casamento? E para uma família? Para um soldado? Para uma relação de negócios? Fazer essas perguntas simples é respondê-las.

Devido a uma aleatória seleção de assentos, certa vez fui colocado em companhia de Edward DeBartolo Jr. em um voo transcontinental para São Francisco. DeBartolo é o bilionário ex-proprietário do time San Francisco 49ers, cinco vezes campeão do Super Bowl. O futebol americano profissional, no entanto, tem sido apenas um dos muitos empreendimentos que DeBartolo toca.

Ao longo de nossa conversa durante o voo, perguntei a ele:

— Qual você considera a qualidade mais importante que procura em um funcionário?

Ele respondeu sem sequer hesitar:

— Lealdade.

A resposta de DeBartolo me surpreendeu, pois eu tinha ouvido críticas frequentes sobre patrões que se cercam de homens leais que só dizem sim para tudo. Mas DeBartolo insistiu que um amigo ou um funcionário leal é tudo, menos alguém que só diz sim para tudo. Há momentos em que a lealdade exige que a pessoa diga não.

Quando confundimos amor com indulgência, pensamos na lealdade como uma aquiescência covarde aos caprichos do líder. Eu mesmo já fui culpado por fazer essa associação incorreta quando fiquei chocado com a resposta de DeBartolo.

Temos fome de amigos que sejam leais, mas às vezes somos reduzidos a implorar por migalhas para evitar a fome. Um líder de uma grande organização cristã de alcance nacional certa vez me disse com franqueza: “Espero que, quando eu morrer, pelo menos cinco de meus amigos possam assistir ao meu funeral sem ficar olhando para o relógio”. O comentário foi feito com certa melancolia, e não com cinismo.

É difícil saber com antecedência quem permanecerá leal em tempos de crise. Quando a crise chega, geralmente traz surpresas em seu rastro. Pessoas com quem contamos nos abandonam, enquanto outras que pensávamos que fugiriam de nós correm para ficar ao nosso lado.

Falei com uma mulher que foi atingida pelos efeitos adversos da lealdade presumida. Seu filho foi preso sob acusação de porte de drogas na escola secundária local. Enquanto lamentava em razão do ocorrido, pensou em uma grande amiga que ela presumia que ficaria preocupada sobre como a família estaria lidando com a crise. E foi até essa amiga para se assegurar de que estava lidando bem com a tensão.

Sua amiga disse: “Você não deveria estar tão calma. Isso aconteceu por culpa sua”. Em seguida, ela desencadeou um ataque cruel contra a mulher, acusando-a de não ser uma boa mãe, cuja péssima orientação causou a má conduta de seu filho, trazendo um escândalo para toda a comunidade.

A longanimidade do amor leal

O conceito bíblico de amor leal é ampliado pela declaração: “Há um amor que cobre uma multidão de pecados” (veja 1Pe 4.8). Superficialmente, esse versículo parece sugerir uma espécie de Watergate celestial, uma operação santificada e secreta para encobrir a questão.

Mas não é disso que o amor leal trata. Biblicamente, esse amor assume o contexto de pessoas perdoadas que lutam no dia a dia para melhorar sua obediência a Deus, ainda que sejam frustradas por fracassos frequentes. Fala de um amor tolerante e paciente, do tipo que está disposto a absorver pecados menores. Um amor que evita ficar apontando falhas, erros mínimos ou mesquinharias.

Esse cobrir de que fala de 1Pedro 4.8 não é uma forma de indulgência para com pecados graves ou atos criminosos. O amor bíblico é algo sobre o qual Bill Milliken escreveu certa vez em seu livro Tough love.[2] O amor exige excelência e reafirma as pessoas ao esperar delas um comportamento responsável.

O AMOR PACIENTE

Talvez o capítulo mais famoso e popular de todo o Novo Testamento seja o “capítulo do amor”, 1Coríntios 13. Ele amplia nossa compreensão do amor bíblico de maneira mais poderosa do que qualquer outra peça literária:

Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos, mas não tiver amor, sou como o bronze que soa ou o címbalo que retine. E se eu tiver poderes proféticos e compreender todos os mistérios e todo o conhecimento, e se eu tiver tamanha fé a ponto de mover montanhas, mas não tiver amor, eu não sou nada. Se entregar tudo o que tenho e se entregar meu corpo para ser queimado, mas não tiver amor, nenhum proveito terei. […] Portanto, agora permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior deles é o amor (1Co 13.1-13, ESV).

O lirismo e o fluxo rítmico dessa passagem sugerem o tom da poesia. Já a

ouvimos ser recitada em leituras dramáticas por pessoas como Charles Laughton, Rex Harrison e Orson Welles. Paulo, no entanto, não é conhecido como poeta eloquente.

O amor paciente é genuíno

Essa passagem é uma parte integral da porção de ensino da epístola. Seu objetivo é nos ensinar o que é o amor genuíno, e não estimular nosso senso estético. É a grandiosidade do assunto e a beleza de seu conteúdo que tornam fácil confundi-la com poesia.

O amor é comparado e contrastado com outros dons e atividades espirituais. O ensino é claro: línguas sem amor são apenas barulho — na verdade, uma cacofonia irritante. Visão profética ou obtenção de conhecimento e brilho acadêmico, se combinados com uma fé que move montanhas, redundam em zero se o amor estiver ausente. Filantropia e martírio mostram-se uma perda líquida no balanço sem a presença do amor.

Em poucas palavras, a vida cristã sem amor é um exercício de futilidade.

O amor paciente é duradouro

O amor está ligado a bondade, paciência, proteção, confiança, esperança e perseverança. Essas coisas tocam um fator do amor, o tempo. A ênfase está em seu caráter duradouro.

Não se trata de um amor à primeira vista que rapidamente evapora ao primeiro sinal de problema. O amor paciente não é possível sem o teste do tempo. O amor genuíno é uma realidade a longo prazo.

Quando me apaixonei de verdade pela primeira vez, tinha atingido a idade

madura de treze anos. Nat King Cole estava chegando ao topo das paradas com seu hit Too young. A letra da música descrevia minha frustração com a geração mais velha aos olhos de um adolescente. Pois ela falava do amor adolescente, que é rudemente descartado por todos os adultos sabichões como uma palavra vazia, e falava da paixão que os jovens têm em provar que os mais velhos estavam errados: provar que o amor do adolescente ultrapassa o do bichinho de estimação.

Eu estava frustrado com meus professores me dizendo que eu era muito jovem para saber do que se tratava o amor. E reverenciei a única exceção entre os adultos que ao menos fingia acreditar em mim. Até meus colegas de escola ridicularizaram minha paixão.

Ainda assim, meu zelo era tão intenso e minha convicção de que aquilo era real era tão profunda, que fiz uma aposta com um amigo. Apostei 10 dólares com ele (o que, na época, era uma grande aposta para um garoto de treze anos) que eu me casaria com a garota. Oito anos depois, incluí no meu convite de casamento para aquele amigo, que foi tolo o bastante para perder tão facilmente seu dinheiro, a cobrança dos 10 dólares.

Tudo que eu tinha para me fiar era a minha emoção, um professor amigável e a compreensão gentil de Nat King Cole. Minha esposa às vezes se pergunta se o que sustentou nosso longo namoro foi meu forte desejo de ganhar a aposta. Mas agora posso dizer, com sinceras desculpas ao compositor da música, que o amor que senti aos treze anos era trivial em comparação com o tipo de amor que surgiu com o tempo.

O amor paciente é confiável

O amor duradouro, aquele que é temperado no cadinho da dor e das adversidades, é construído sobre a base sólida da confiança. A confiança é uma coisa vacilante, frágil, na melhor das hipóteses. Pode levar anos para se desenvolver com força e segundos para ser destruída.

Portanto, o amor paciente deve ser capaz de suportar dissabores e ser

decepcionado em certos pontos por pessoas nas quais confiamos. Mas não se trata de credulidade cega, nascida da ingenuidade. Sabemos que as pessoas são pecadoras, e essa consciência torna tolice olhar para o mundo e seus habitantes com lentes cor-de-rosa.

O julgamento caridoso. O julgamento caridoso é fazer uma avaliação de outras pessoas temperada pelo amor. Ele espontaneamente concede às pessoas o benefício da dúvida, ao mesmo tempo que foge da tentação de acusações cruéis e sem coração. É um amor sem inveja e sem maldade. Jonathan Edwards, teólogo americano do século 17, disse: "Se o amor é a essência do cristianismo, certamente as coisas que destroem o amor são extremamente impróprias para os cristãos. Um cristão invejoso, um cristão malicioso, um cristão frio e de coração duro é o maior dos absurdos e das contradições. É como se alguém falasse de um brilho sombrio ou de uma falsa verdade".[3]

Para que o amor confiável sobreviva aos conflitos e confrontos que tomam de assalto todas as relações humanas, precisamos adquirir o benefício da dúvida, uma habilidade de fazer julgamentos caridosos. Aceitar essa verdade significa, portanto, que o único ingrediente essencial para o amor paciente é a prática do julgamento caridoso.

Mas como esse tipo de caridade funciona em termos práticos? A maneira que reagimos quando somos maltratados por outros oferece algumas pistas.

Certa vez, durante o almoço em um restaurante, deixei a mesa apressado e corri para o estacionamento, pois estava atrasado para um compromisso. Quando cheguei ao meu carro, fiquei chateado ao ver que havia um caminhão bloqueando minha saída. Sentei-me ao volante, furioso com a falta de consideração do motorista do caminhão. No auge da minha crescente irritação, eu já estava começando a levar o incidente para o lado pessoal, como se o motorista tivesse ficado acordado a noite toda conspirando para me atormentar e me atrasar.

Quando me acalmei, percebi que o estacionamento estava lotado, que chovia torrencialmente e que não havia outro lugar próximo para o motorista parar a fim de fazer a entrega. Tenho certeza de que o motorista esperava poder voltar para o caminhão antes que o infeliz dono do carro que ele estava bloqueando saísse do

restaurante. Ele estava sofrendo tanta pressão quanto eu. Mas, no intervalo de cinco minutos, minha mente percorreu toda a escala, indo desde acusá-lo dos piores motivos possíveis até desculpá-lo pelo melhor dos motivos possível.

Quando pressupomos os piores motivos para a dor que nos é infligida, estamos recorrendo à análise da pior hipótese. Reagimos de forma exagerada, achando que as pessoas pretendiam nos machucar tanto quanto o fizeram. Mas, como muitas vezes não é isso que as pessoas pretendem, um ingrediente comum de um pedido de desculpas encontra-se nas palavras: “Desculpe, eu não tive a intenção de…”.

Às vezes é difícil aceitar essas palavras, pois preferimos pensar que a ofensa veio de uma maldade premeditada. Isso raramente acontece. Nesse toma lá dá cá típico das relações humanas, muita dor é infligida sem que houvesse intenção de fazê-lo. Uma palavra impensada e um ato irresponsável podem ser infligidos sem maldade, embora a falta de intenção não os torne menos dolorosos.

No extremo oposto do espectro está a análise da melhor hipótese. Nesse caso, atribuímos os melhores motivos possíveis para uma ação prejudicial. Infelizmente, em geral reservamos esse raciocínio da melhor hipótese para a defesa de nossos próprios erros.

Assistimos a um presidente assumindo esse tipo de posição durante o trauma nacional de Watergate, o olho roxo do século no campo da política. Esse escândalo veio à tona depois de uma invasão fracassada à sede do Comitê Nacional do partido Democrata. Mas não foi a invasão que custou a Richard Nixon seu lugar na Casa Branca. Foi a tentativa que se seguiu de encobrir as coisas. O povo americano não tolerou que seu presidente mentisse para ele.

Quando apareceu na televisão para confessar seu crime, o então presidente Nixon disse: “Eu cometi um erro”. Essas quatro palavras, mais do que quaisquer outras, destruíram as chances do presidente de voltar a cair nas graças do público.

Existe uma grande diferença entre dizer uma mentira e cometer um erro. Essa diferença é moral. Quando alguém conta uma mentira e chama isso de erro, está recorrendo à análise da melhor hipótese.

Podemos perdoar nosso presidente por cometer erros, talvez até por mentir para nós, mas não o faremos se ele agravar o crime mentindo sobre a mentira. Um

senador proeminente disse na época: “Se o sr. Nixon tivesse simplesmente entrado no ar e dito com franqueza ‘Eu menti. Sinto muito. Por favor, me perdoem’, ele teria sido abraçado por uma nação compassiva e teria recebido permissão para permanecer no cargo”.

O maior erro de Nixon foi amenizar sua confissão. Ele foi considerado o pior dos vilões por fazer em uma crise algo que todos fazemos no dia a dia. Esta é nossa tendência natural: ver os pecados dos outros com indignação, enquanto desculpamos nossos próprios pecados apresentando-os sob a melhor luz possível.

Às vezes, explicamos nossos erros com palavras tão positivas que chegam a soar a virtudes. É o conhecido padrão que nos faz ficar mais alertas para o cisco no olho de nosso irmão do que para a trave em nosso próprio olho. Normalmente, nos dolorosos conflitos humanos, a verdade encontra-se em algum ponto entre a pior e a melhor hipóteses.

O amor tende a errar na direção da melhor hipótese quando avalia os motivos de outras pessoas. Ele evita a calúnia resultante da análise da pior hipótese, que torna o mal ainda mais sombrio para os olhos de quem vê.

Pessoas que ministram aconselhamento de casais estão perfeitamente cientes da hostilidade alimentada pela análise da pior hipótese. Brigas de casais transformam-se em lutas amargas quando uma parte acusa a outra das piores motivações. É trágico pensar nos divórcios que poderiam ter sido evitados e nas dissoluções de outras relações que poderiam ser eliminadas se o julgamento caridoso fosse praticado no contexto de casamentos, amizades ou mesas de negociação.

Intimamente relacionado ao problema da falta de confiança está o espírito de retaliação, que busca vingança pelos males sofridos. Uma expressão comum usada em nossa cultura é: “Não fique com raiva, vingue-se”. Esse é o credo da retaliação, pelo qual atacamos em resposta à dor.

O desejo de justiça. Há uma linha tênue, às vezes um fio de navalha, que separa o desejo de justiça do desejo de vingança; no entanto, trata-se da diferença entre a virtude e o vício. Deus não profere nenhuma proibição contra o desejo de justiça; pelo contrário, ele encoraja seu povo a orar por isso.

Já a vingança é bem outra questão. Deus faz repreensões severas contra os vingativos.

Mas, afinal, qual é a diferença entre vingança e justiça?

Fazer justiça ocorre quando uma pessoa é inocentada de culpa. Se uma pessoa for caluniosamente acusada de um mal do qual não é culpada, e então se mostra inocente, ela é justificada. O caluniador, entretanto, é considerado culpado. Se a parte lesada tomar para si mesma a tarefa de punir o caluniador, ela passará da justiça para a vingança.

Isso significa que a vingança é maligna e os crimes devem ficar impunes? De jeito nenhum. A vingança em si não deve ser vista como um mal intrínseco, para que não lance uma sombra sobre a integridade de Deus. Longe de repudiar a vingança como um mal, Deus apropria-se dela, dizendo: “A vingança é minha. Eu é que retribuirei” (Rm 12.19).

O que é mais óbvio nesse ditado, com frequência é esquecido. Ele não trata de uma condenação indiscriminada de toda vingança; antes, carrega a promessa clara e certa de Deus de que a vingança será exigida. A promessa é inequívoca. “Eu é que retribuirei."

O que é vital sobre a Palavra de Deus é que ele reserva o papel de vingador para si mesmo e para aqueles a quem delegar essa responsabilidade. Deus limita a vingança, estabelecendo limites para sua implementação. Cabe a ele e não ao indivíduo vingar os crimes cometidos.

Deus delega e atribui aos tribunais humanos a responsabilidade da vingança nas demandas por justiça. Eles também são considerados responsáveis perante Deus pela maneira como cumprem sua responsabilidade. O princípio permanece intacto: o indivíduo não deve ser o agente de sua própria vingança.

A vendeta está excluída de nossas opções.

Com essa restrição, a perfeita sabedoria de Deus manifesta-se. Quem dentre nós tem a sabedoria ou o comedimento necessário para afirmar com exatidão qual a dose de justiça a ser aplicada pelos erros que sofremos que seja perfeitamente proporcional? Cruzamos com muita facilidade a linha da injustiça, impondo punições mais severas do que o crime.

O sentimento “Não fique com raiva, vingue-se” revela não tanto desejo por justiça, mas fome de retaliação. Tende ao exagero, e a Divindade sabe disso.

Poucos têm a graça de resistir ao impulso de vingança. Um exemplo notável dessa graça extraordinária é visto em um caso que envolveu o erudito da Nova Inglaterra, Jonathan Edwards. Edwards, junto com John Wesley e George Whitefield, foi uma das forças motrizes por trás do “Grande Despertamento” da América do século 18. Sua pregação cativava sua congregação, deixando todos perplexos, ainda que seus sermões fossem pregados em um tom de voz monótono.

Nem todos os presentes em sua paróquia de Northampton eram apaixonados por sua liderança espiritual. Um cavalheiro desenvolveu uma antipatia amarga por Edwards e empreendeu um plano para derrubar seu ministério. Em um caso claro de maldade premeditada, o homem furtivamente plantou boatos de natureza caluniosa, com o objetivo de minar a reputação de Edwards e questionar seu caráter. Esses boatos eram grãos bem-vindos no moinho dos fofoqueiros e, em pouco tempo, relatos maldosos circulavam pela cidade.

Com a congregação alvoraçada pelas fofocas difamatórias, alguns dos líderes da igreja foram até Edwards, instando-o a responder publicamente às acusações caluniosas. Edwards se recusou terminantemente a dizer uma palavra que fosse em defesa própria.

Quando o escândalo atingiu proporções incendiárias, um dos amigos de Edwards se aproximou dele e disse:

— Jonathan, o que há com você? Você não quer fazer justiça?

Edwards respondeu:

— Certamente que sim. Eu quero muito isso.

— Então, por que você não fala em defesa própria?, o homem lhe suplicou.

Edwards replicou:

— Deus não promete fazer justiça a seu povo? Eu prefiro a justiça dele do que a minha. Talvez, se eu me defender, Deus permita que essa seja a extensão da minha defesa; mas, se eu permanecer em silêncio, então Deus moverá céus e

terra para assegurar minha justiça. Estou confiante de que a justiça dele para mim excederá em muito qualquer tentativa de minha parte nesse sentido.

Deus moveu céus e terra para fazer justiça a seu servo Edwards. Passou um tempo antes que isso acontecesse, mas o homem culpado pelos boatos ficou tão perturbado com a enormidade de seu ato abusivo, e duplamente envergonhado pelo silêncio de Edwards, que veio a público e fez uma confissão completa de suas mentiras. Edwards experimentou neste mundo o poder justificador do amor leal de Deus.

O AMOR PERFEITO

O texto de 1Coríntios 13 diz que o amor não arde em ciúmes, não se vangloria nem se exibe em orgulho. Não é rude, não é egoísta nem se irrita com facilidade. Não mantém registro de erros e não se agrada do mal (veja v. 4,5).

O amor perfeito renuncia a si mesmo

Essas características são abstenções do amor perfeito. Elas contêm um fio comum de vício que é tecido pelo egocentrismo. Portanto, esses não são tabus externos que se mascaram, nos círculos moralistas, como pedra de toque da verdadeira religião. Pois o amor não é definido por abstinências simplistas, como deixar de dançar, de assistir a filmes, de jogar cartas e coisas do gênero.

A rudeza exigiu uma cruz, e não maquiagem; a cobiça exigiu expiação, e não um jogo de cartas; o orgulho clamou por propiciação, e não por cinema. Às vezes imitamos os fariseus mais do que Cristo, que repreendeu seus contemporâneos complacentes por omitirem “as questões mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fé” (Mt 23.23, ESV).

Alguns descrevem o amor verdadeiro como “amor incondicional”. O conceito

pode ser uma moeda de ouro ou uma pedra dourada no saco de truques da fraude. Esse amor pode soar com o tilintar do metal sólido ou ecoar o ruído surdo da falsificação mesclada com escória. Pois o amor incondicional é, a um só tempo, verdadeiro e grosseiramente falso, dependendo de como for compreendido.

O pregador que sorri com benignidade de seu púlpito, garantindo-nos que “Deus aceita você do jeito que é”, conta uma mentira monstruosa. Ele adoça o evangelho do amor com uma graça açucarada. Deus não aceita o arrogante; ele dá as costas ao impenitente. Deus mantém o amor por suas criaturas caídas, convidando-as a voltar à comunhão restaurada, mas todos os cordões estão firmemente presos, pois devemos vir de joelhos dobrados.

O amor perfeito vence o preconceito

Todos nós participamos dessa infecção universal pelo preconceito. As condições que vinculamos ao nosso amor nem sempre são tão sagradas quanto às de Deus. O nosso amor brota da intolerância e do medo daqueles que são diferentes de nós ou daqueles que se parecem muito conosco.

Tenho alergia a covardes. Acho difícil gostar deles. Aplaudi George C. Scott, no filme Patton [Patton, rebelde ou herói?], naquela cena em que ele representou um momento infame na carreira do general Patton, quando este deu um tapa em um soldado covarde.

Minha antipatia por covardes tem duas raízes:

A primeira raiz cresce de meus próprios medos, tão facilmente despertados dentro de mim. A covardia é contagiosa, e temo ser infectado por quem traz consigo uma dose letal dela.

Admiro a coragem e busco o fortalecimento que decorre do contato com pessoas corajosas. Elas também sentem medo, do contrário, não teriam coragem. O medo é o principal requisito da coragem, pois, sem ele, a coragem seria supérflua.

Qualquer um pode agir quando não está com medo. É quando o medo surge que começa a batalha entre a covardia e a coragem. Ao soar da corneta, o covarde desmonta e o homem corajoso faz exatamente aquilo que tem medo de fazer.

A segunda raiz da minha antipatia por covardes é o ressentimento voltado para aqueles que fugiram do campo de batalha e atuaram como colaboradores do inimigo. Era o contexto que tanto perturbava o general Patton, pois ele não encontrou o covarde tremendo na solidão, mas em um hospital de campanha que abrigava os corpos abatidos dos valentes.

O amor perfeito vence esses preconceitos, ajudando-nos a cortar os laços que prendemos ao amor. Amar significa resistir à imposição de condições a outras pessoas, antes de estarmos dispostos a respeitá-las.

Não precisamos admirar as pessoas nem mesmo gostar delas para tratá-las com respeito. Covardes têm dignidade e não devem ser descartados por um momento de paralisia sob fogo. Até o Mágico de Oz entendeu isso.

AMOR CEGO

No drama dos romances, muitas vezes ficamos desconcertados com a capacidade do amor de ver a beleza para além da feiura. Uma observação frequente que ouvimos nos boatos que circulam pela sociedade é: “Eu me pergunto o que ela vê nele”. A visão por si só não consegue explicar por que as pessoas se apaixonam.

A percepção da alma ultrapassa o coração das trevas a fim de explorar a grandiosidade da personalidade oculta. O que permitiu ao “Homem Elefante”[4], vítima de grotesca deformação, olhar para seu pobre rosto no espelho e dizer: “Eu sou um homem”?

Vendo a beleza que está além da feiura

O amor que olha além da feiura me foi ensinado de maneira pungente, não por uma pessoa, mas por um cachorro. Chamava-se Hosannah, nome dado pelo criador pela distinção de ter nascido no Domingo de Ramos. Ele era um filhote de pastor-alemão que tinha a vanglória de proceder das melhores linhagens — um filhote negro de campeões, descendente do Grand Victor canadense. Eu o apelidei de Hosie.

Nossa família o acolheu quando ele nos foi presenteado em nossa chegada ao Vale Ligonier, em 1971. Ele tinha quatro meses na época, e já exibia o porte orgulhoso de sua linhagem e a disposição excepcionalmente gentil de seu pai.

Fiquei horrorizado, apenas uma semana depois, quando encontrei o cachorro na entrada de nossa garagem, contorcendo-se em agonia, a cabeça inchada com o dobro do tamanho normal. Corri com ele para o veterinário, presumindo que a única causa possível para o inchaço tivesse sido um encontro com um ninho de vespas e o subsequente ataque de várias picadas. Mas eu estava errado.

O exame cuidadoso do veterinário revelou três marcas distintas na cabeça e no focinho do cão. Eram marcas de presas, deixadas por uma cobra mortal chamada copperhead [cabeça de cobre]. Hosie ficou entre a vida e a morte por duas semanas, utilizando antídotos que lutavam contra o veneno em seu corpo.

Fiquei feliz quando o veterinário ligou para dizer que o cachorro sobreviveria e que eu poderia ir ao hospital de animais para levá-lo para casa pelo restante da recuperação. Mas eu não estava preparado para o choque visual que me atingiu quando fui buscá-lo. Ele não tinha mais focinho — simplesmente se fora.

O veneno causava necrose, o apodrecimento do tecido epitelial que cobria seu focinho. Os tendões dos músculos estavam expostos a olho nu, as cavidades dos seios paranasais estavam expostas ao ar. A visão tornava-se ainda mais terrível quando combinada com o fedor de tecido apodrecido que agredia as narinas.

Meu primeiro pensamento foi: “Por que o veterinário não deixou que ele morresse?”.

O médico explicou que o focinho do cachorro acabaria por sarar. Ele me deu luvas de plástico e um grande tubo de pomada para aplicar no focinho três vezes ao dia, para acelerar o processo de cicatrização. O cachorro estava quieto e

imóvel, como que se encolhendo de vergonha. Ele parecia sentir a perda de sua beleza canina.

Em casa, preparamos uma sala de recuperação para ele em nossa garagem, onde o odor pútrido de suas feridas não penetraria na casa. Eu me encolhi quando entrei na garagem e coloquei as luvas de plástico nas mãos. A náusea tomava conta do meu estômago fraco quando eu peguei um punhado de pomada do tubo e me aproximei do animal.

Um fragmento de carne pendia de sua testa, como se fosse uma prega cobrindo-lhe o olho, dando a impressão de que o olho do cachorro havia caído da órbita. Sem pensar de forma racional, eu instintivamente olhei para o chão em busca do globo ocular que faltava. Meu cérebro registrou repulsa tão logo percebi meu engano.

Prendi a respiração enquanto tocava seu focinho, aplicando suavemente a pomada, louco para terminar a tarefa. Mas algo aconteceu quando o cachorro olhou para mim com olhos tristes, mantendo o focinho firme, enquanto eu aplicava o tratamento. Era como se ele entendesse o quanto era difícil para mim fazer aquilo, e como se estivesse tentando me dizer “obrigado” pelo carinho.

De alguma forma, a comunicação começou a ocorrer entre homem e animal, e eu não estava mais tão ciente da visão ou do cheiro ofensivos. Fiz a próxima aplicação da pomada sem colocar luvas, aplicando-a com ternura, sem o menor traço de repugnância.

Em dois meses, o focinho do cachorro sarou. As cavidades abertas foram recobertas por uma camada dura de uma espécie de couro formado por um tecido cicatricial preto. O tecido da cicatriz entortou seu focinho, o que para alguns se parecia com um rosnado fixo, mas que preferimos considerar um sorriso perpétuo.

Hosie e eu nos tornamos companheiros inseparáveis enquanto ele caminhava comigo por onde eu fosse, e dormia ao meu lado quando eu estava em algum lugar proferindo minhas palestras. A natureza deu-lhe genes para pastorear ovelhas, mas ele achava que era um cão de caça. Hosie saltava de alegria quando eu ia até o armário de armas selecionar meu equipamento para a emocionante caçada a tetrazes, aves encontradas nos matagais das montanhas atrás de nossa casa. Ele amava a floresta, e ficava ao mesmo tempo empolgado e admirado com

a súbita explosão causada pela revoada dos pássaros.

Minha espingarda e eu não passávamos de pequenos aborrecimentos para as tetrazes que sempre me escapavam. Juro que algumas deixaram de se preocupar em voar, optando por colocar protetores de ouvido quando me viam chegando. Mas era muito divertido andar pé ante pé silenciosamente pela floresta, com Hosie ao meu lado.

Aquele relacionamento de amor entre homem e cão durou dois anos. Os efeitos residuais das toxinas em seu corpo por fim se manifestaram. Hosie começou a sofrer convulsões, e ficava incapacitado por esses violentos ataques, que ocorriam de cinco a seis vezes por dia. Não foi encontrado nenhum medicamento que conseguisse controlar a doença debilitante, e o veterinário fez a sugestão sombria, expressa com eufemismo, de que colocássemos Hosie “para dormir”.

Minhas opções eram poucas. Eu poderia levar o cachorro para um passeio inocente na floresta e apontar minha arma para ele, quando não estivesse olhando, mas eu sabia que esse ato estava além de minhas forças. Eu também poderia colocá-lo no carro e dirigir até o hospital veterinário e pagar 35 dólares por uma injeção indolor que acabaria com sua vida. Não escolhi nenhuma dessas opções.

Em vez disso, disse à minha esposa: “Peça a um dos alunos que leve Hosie ao veterinário esta semana. Não me diga que dia. Não me diga até que isso esteja acabado”.

Não suportava a ideia de levar Hosie em meu carro, sabendo por dentro que o estava levando para a morte. Ele era feio, mas eu nem percebia mais. Eu o amava.

Explorando a grandiosidade da personalidade oculta

Tive um aluno na universidade que era vítima de paralisia cerebral. Ele conseguia andar, mas com grande dificuldade, pois suas pernas e braços se

deslocavam em todas as direções, sem o controle dos impulsos motores que tornam andar uma tarefa simples. Sua fala era arrastada, lenta e agonizante, exigindo grande concentração por parte do ouvinte para compreender. Não havia nada de errado com sua mente, no entanto, e sua personalidade brilhante, bem como seu sorriso espontâneo eram uma inspiração para seus colegas de classe e para todos que o conheciam.

Certo dia, ele veio até mim aborrecido com um problema e me pediu que orasse por ele. No decorrer da oração, disse algo corriqueiro, com palavras como: “Meu Deus, por favor, ajude este homem enquanto ele luta com seu problema”. Quando abri os olhos, ele chorava baixinho.

Eu perguntei o que havia de errado e ele gaguejou em resposta: “Você me chamou de homem — ninguém nunca me chamou de homem antes”.

AMOR MADURO

Maduro, não perfeito

Ninguém possui amor perfeito neste mundo, mas o apóstolo diz: “O amor jamais falha” (1Co 13.8, NKJV). Isso é algo difícil de ouvir. Meu amor falha, e já fui reprovado na escola do amor de outras pessoas.

Mas Paulo nesse versículo está se referindo ao Amor com A maiúsculo. O amor de Deus não tem um ponto final. Ele não nos abandona.

O amor de Deus tem o poder de persistir eternamente. Nenhum ato cometido por uma criatura pode levar o amor de Deus à ruína; seu amor simplesmente não pode perecer. Somente no céu seremos capazes de refletir completamente o amor de Deus.

Paulo enfatiza o caráter maduro do amor. Embora a perfeição esteja fora de alcance, a maturidade não está. É o amor maduro que caminha a segunda milha,

que se dispõe a absorver a dor do conflito. O amor maduro é paciente com a criança rebelde e com o empregado problemático.

Como crianças, mas não infantil

Há momentos em que Deus nos chama para sermos como crianças, mas ser semelhante a uma criança não deve ser confundido com infantilidade. O amor do Novo Testamento não é feito de plástico, mas, sim, do tipo que passa pelo fogo. Sofreu o aguilhão do trágico e prevaleceu.

A maturidade requer que deixemos para trás os hábitos infantis. O beicinho, as birras, as lamentações, tudo isso tem de acabar.

O amor maduro é algo de que nosso mundo caído precisa desesperadamente. Nossa busca por dignidade é uma piada cruel sem a presença desse ingrediente. Assim como toda pessoa deseja ser tratada com respeito, também toda pessoa deseja ser amada. Nós ansiamos por isso.

Não é de se admirar que o apóstolo conclua sua exortação dizendo: “Portanto, agora permanecem a fé, a esperança e o amor, esses três; mas o maior deles é o amor” (1Co 13.13, ESV).

A CURA DO AMOR QUE SE ACABA

Uma das primeiras canções que aprendemos quando crianças diz respeito à triste sina de Humpty Dumpty. Ele é retratado como um personagem em forma de ovo, um gnomo que sofre uma queda trágica de seu precário poleiro na parede. A casca quebradiça de seu corpo é estilhaçada com o impacto no chão. As partes delicadas estão tão fragmentadas, tão espalhadas, que mesmo a combinação de forças do reino carece do poder e da habilidade necessários para restaurá-lo à integridade.

Sentimo-nos como o mítico Dumpty quando uma amizade é destruída ou quando um amor se acaba. O rompimento do relacionamento parece definitivo, sem que haja algum poder capaz de refazê-lo.

Reconciliação significa mediar relacionamentos distanciados

Uma palavra que ouvimos e está espalhada profusamente pela Sagrada Escritura nos assusta um pouco, pois tem o poder de trazer esperança quando temos medo de senti-la. Ela nos acena como uma irresistível lanterna em meio a um nevoeiro, atraindo-nos, segundo tememos, para mais ruínas ou rochas ocultas. Ela se parece muito com um elixir mágico, um remédio potente que cura todos os males, como prometem vendedores ambulantes ou charlatões sem coração.

A palavra é reconciliação. E, embora possamos hesitar em tomar posse dela para nós mesmos, essa palavra é santa e dignificada por sua importância central para o ministério de Cristo, aquele em quem alguns não creram, mas ninguém ousou chamar de charlatão.

Reconciliação significa aproximar pessoas pela paz — pessoas que antes estavam distanciadas umas das outras. Esse distanciamento é o ingrediente indispensável para a reconciliação, uma vez que sem ele nenhuma reconciliação é necessária. Ele é o golpe de destruição que torna a reconciliação necessária para que a paz seja alcançada e o amor restaurado.

Cristo não era amador quando o assunto era mediação. Ele tinha formação na área e colocou a tarefa de mediação e pacificação no centro do palco da obra de sua igreja. A missão de Cristo aponta o caminho para nossa missão.

A missão de Cristo tornou-se necessária por causa do distanciamento entre os seres humanos. Dizem que esse distanciamento existe em três níveis:

Em primeiro lugar, o homem está distanciado de Deus;

Em segundo lugar, o homem está distanciado de seu semelhante;

Em terceiro lugar, o homem está distanciado de si mesmo.

Esses três níveis estão intimamente relacionados entre si. Para que a reconciliação completa ocorra, ela deve acontecer em todos os três níveis.

O distanciamento humano de Deus fragmenta todos os outros relacionamentos humanos. Essa fratura primária estilhaça todos os outros relacionamentos humanos, pois reflete uma distorção sobre toda a vida humana. Como Santo Agostinho declarou em Confissões: “Fizeste-nos, Senhor, para ti, e o nosso coração fica inquieto até encontrar descanso em ti”.[5]

Essa inquietação penetra no âmago da alma humana. Um dos temas dominantes dos filósofos existencialistas é o problema generalizado da ansiedade humana. Essa angústia de que falam os filósofos é atribuída à consciência que o homem tem da finitude ou do medo da morte.

O teólogo leva isso um passo adiante e a situa na esfera primordial da comunhão quebrada do homem com seu Criador. Essa ansiedade geralmente é sentida como uma espécie de inquietação vaga e amorfa. É diferente de um medo específico, associado a fobias determinadas, como medo do escuro, de altura ou de espaços lotados.

Essa inquietação aterrorizante é um tipo de pavor obsessivo que nos deixa com medo de algo que não sabemos. Pode se apresentar sob a forma de hostilidade para com Deus ou as coisas de Deus. Podemos vivenciar uma espécie de paranoia cósmica, em que sentimos na nuca o bafejar da ira de Deus quando ele não está caçando.

Martinho Lutero descreveu esse medo quando disse: “O pagão treme ante o farfalhar de uma folha”, e a Bíblia fala disso, quando diz: “Os ímpios fogem sem que ninguém os persiga” (Pv 28.1, ESV).

Quando nosso relacionamento sagrado com Deus é destruído, experimentamos consequentes efeitos adversos nos relacionamentos humanos. O relato bíblico da Queda é seguido de perto pelo primeiro exemplo de fratricídio da história. O assassinato de Abel, pelas mãos de Caim, foi o primeiro batismo de sangue

humano na terra. Aquele sangue clamou a Deus à medida que a reconciliação humana tornou-se instantaneamente uma grande crise.

Desde aquele distanciamento inicial, a terra tem sido encharcada com o sangue que flui do ódio e da hostilidade entre os seres humanos. Vivemos em uma cultura dilacerada por conflitos que ocorrem em todos os níveis do relacionamento humano. A taxa de divórcios, que mede os casamentos rompidos por separação, aproxima-se da marca dos 50%. Enfrentamos amarga hostilidade entre grupos raciais, dissidentes políticos, professores e alunos, empregadores e empregados, pais e filhos. A nossa era está mergulhada na ira, com o terrorismo crescendo em intensidade como resposta moderna ao distanciamento — uma era que clama por mediação.

O papel do mediador assemelha-se ao de um para-raios. Pois ele é frequentemente chamado para se colocar no meio, entre forças iradas e opostas, e absorve muito da hostilidade para si mesmo. A vida de um mediador pode ser tão perigosa quanto a vida de um árbitro da Liga Nacional de Hóquei. No entanto, servir de mediador é o preço que deve ser pago se alguém estiver genuinamente preocupado em alcançar a reconciliação.

Vemos o paradigma supremo da reconciliação na figura do Cristo na cruz. Em seu momento de agonia, Cristo expôs a si mesmo não apenas à hostilidade desenfreada de homens irados, mas, de modo mais significativo, à ira absoluta de Deus. Ele se tornou o alvo de ambos os lados do distanciamento ou alienação divina/humana e a absorveu em si mesmo.

Reconciliação significa compreender as raízes da raiva

Para ser eficaz, o mediador deve primeiro aprender a compreender a raiva. Ele deve ser capaz de distinguir entre os diferentes tipos e níveis de hostilidade quando é chamado a se colocar no meio deles. O distanciamento se manifesta externamente na raiva, que pode com facilidade ser elevada a um nível tão passional a ponto de se expressar sob a forma de violência.

As raízes da raiva são quase sempre encontradas em algum tipo de dor. Essa dor

pode ser proveniente de lesões físicas ou de transtornos emocionais de frustração e decepção:

Se alguém nos desse um tapa no rosto, a reação imediata mais provável a esse golpe violento seria a raiva.

Se buscarmos diligentemente atingir uma meta, mas não conseguirmos alcançá-la, sentiremos a dor da frustração.

Se nosso coração se propuser algo que não se concretizar, conheceremos a dor da decepção.

Frustração em excesso ou uma overdose de desapontamento podem gerar raiva que, por sua vez, gera uma amargura permanente que azeda a personalidade.

Pensamos na violência que às vezes irrompe em meio a jogos de futebol ou de hóquei profissionais, quando os ânimos se exaltam e jogadores começam a trocar socos. Parece estranho que homens adultos, atletas profissionais pagos para trabalhar nessa área, comportem-se dessa maneira. Esses atletas são não só bem condicionados fisicamente, mas devem aprender a ter autocontrole, a manter suas emoções sob domínio para executar suas jogadas adequadamente.

Eles são disciplinados diariamente a lidar com os golpes físicos que fazem parte do jogo. Por que, então, às vezes explodem de raiva durante um jogo e reagem de forma exagerada a um golpe físico? A pergunta poderia ser formulada assim: Quando os ânimos afloram e os atletas perdem o equilíbrio?

A maioria das brigas ocorre no quarto período do jogo, quando fica claro para um dos times que eles vão perder. A amargura da derrota e a frustração que vem em seu rastro rompem com a disciplina de um atleta. Quando tomam consciência da derrota, a dor de pancadas comuns se torna intensa e a raiva atinge o ponto de ebulição.

Considere também o comportamento emocional de uma criança que ganha de presente aquele brinquedo infernal, o “caixa-encaixa”, um bauzinho com buracos de vários formatos. Alguns dos buracos são redondos, outros,

retangulares, outros ainda são triangulares e alguns, quadrados. Tudo o que o pequenino precisa fazer é descobrir qual peça se encaixa em qual buraco.

Observe a criança enquanto ela pacientemente tenta enfiar o pino redondo no buraco quadrado. A brincadeira começa com um espírito de alegria, mas rapidamente ganha seriedade, pois a peça não coopera. Por fim, a criança começa a martelar furiosamente a peça à medida que suas emoções atingem o nível da raiva. Ela joga o martelo no chão, começa a sacudir os punhos e a bater os pés, enquanto solta um grito de protesto.

Intrinsecamente, não há nada de errado com a raiva. A raiva em si é uma emoção neutra. Não só podemos ficar com raiva, mas também ao menos uma determinação da Bíblia ordena isso. Paulo escreve: “Irai-vos…”. Observe que o verbo está no imperativo. O apóstolo se apressa, entretanto, a acrescentar palavras qualificadoras: “e não pequeis; não deixeis que o sol se ponha sobre a vossa ira” (Ef 4.26, ESV).

Se a raiva fosse concebida como um mal intrínseco, atribuí-la a Deus seria blasfêmia. No entanto, o Deus bíblico é capaz de ira sagrada, algo que o próprio Jesus demonstrou mais de uma vez. A raiva às vezes é justificada e apropriada.

A raiva, entretanto, é uma emoção perigosa, pois facilmente se torna uma ocasião para o pecado. A raiva que sai do controle pode se tornar violenta e destrutiva. A raiva que permanece depois de o sol se pôr pode se transformar em amargura.

Existem muitas pessoas com raiva no mundo. Incontáveis pores do sol já endureceram milhares de corações. Psicólogos infantis sabem que a principal causa da rebeldia em adolescentes é a raiva não resolvida. O jovem delinquente é quase sempre alguém que está zangado.

É necessário compreender as raízes dessa raiva antes que possa haver qualquer esperança real de reconciliação entre pais e filhos. Compreender a dor do(a) filho(a) também pode servir para aumentar nossa paciência em relação a seu comportamento desagradável.

Enquanto estava no seminário, trabalhei em um programa de recreação para jovens no centro da cidade. Minha responsabilidade era supervisionar as aulas de basquete em um ginásio local. Lá eu conheci um jovem de quem era tão difícil gostar que ele lançou sérias dúvidas sobre a credibilidade das palavras do padre

Edward J. Flanagan, o fundador da Boys Town, que dizia: “Não existe essa coisa de garoto mau”.

Esse garoto, em especial, era irritante a meu ver e uma fonte de problemas para as outras crianças. Ele fazia sua presença ser sentida como um valentão e intimidador incorrigível.

Certa tarde, minha atenção foi atraída por um grito horrível em um canto afastado do ginásio. Quando corri para investigar o que estava acontecendo, vi um menino tímido, encolhido no canto, ao lado de um aeromodelo em que estava trabalhando. O valentão gritava que seus olhos estavam queimando e que ele não conseguia enxergar nada. O valentão estava atormentando o menino mais novo que, frustrado, resolveu jogar uma garrafa de ácido no rosto de seu algoz.

Peguei o valentão em meus braços e corri para o banheiro, para lhe aplicar compressas molhadas nos olhos. Alertando para alguém ligar para o hospital, carreguei o menino até o carro e corri para o pronto-socorro. Quando uma criança ferida é levada ao pronto-socorro de um hospital da cidade, o ritmo da urgência é maior. O tratamento foi rápido e eficaz, pois foi feita uma rápida análise da substância ácida e as medidas para neutralizar seus efeitos foram tomadas.

Após duas horas de ansiedade, devolveram o menino aos meus cuidados para que eu o levasse para casa. Sua cabeça estava envolta em bandagens, e um dos olhos estava completamente coberto. Ele parecia um refugiado do filme Spirit of ’76 [De volta aos embalos de 76], mas, fora isso, foi considerado que estava em condições de voltar para casa.

No caminho para casa, o menino se mostrou relutante em falar e me pediu para deixá-lo a cerca de um quarteirão de sua residência. Expliquei que eu precisava entregá-lo aos pais dele. Ele contou que morava sozinho com a mãe, pois o pai havia partido há muito tempo. Uma longa fila de “tios”, disse ele, ia e vinha periodicamente, e às vezes passavam a noite.

Comecei a entender o quadro. O menino ficava cada vez mais apreensivo à medida que nos aproximávamos de sua rua. Para chegar até a casa dele, tivemos de subir três lances da escada externa, até a entrada de um cortiço caindo aos pedaços.

Quando a mãe dele atendeu a porta, ela não disse nada para mim quando seu

olhar pousou no filho envolto em bandagens. Eu esperava que ela chorasse de horror ou que o agarrasse e o sufocasse de beijos. Em vez disso, ela desencadeou uma enxurrada verbal de obscenidades dirigidas ao filho.

Ele se encolheu de vergonha por eu estar testemunhando essa bronca. A mãe bruscamente me dispensou, enquanto puxava o braço do menino e o arrastava para dentro para continuar sua agressão verbal.

A meu ver, compreender essa cena beirava o impossível. De repente, vi o menino por uma ótica bem diferente. Estava claro que ele era uma criança que sofria maus-tratos emocionais, cujo histórico não justificava seu comportamento beligerante, mas certamente o tornava mais fácil de entender. Isso fez com que ficasse mais fácil para mim ter paciência com ele. O veneno que ele despejava em outras crianças era uma expressão externa de suas feridas interiores.

Reconciliação significa procurar a dor que está por trás da raiva

As pessoas com quem lidamos diariamente carregam todo tipo de feridas ocultas. Ser psicólogo não é papel para todos, mas existem certos padrões básicos de comportamento humano dos quais todos podemos estar cientes. A regra principal para o mediador é: Quando a raiva estiver presente, procure a dor.

Lidar com a dor que se encontra sob a superfície da raiva é bem menos volátil do que lidar diretamente com a raiva. É normal reagir à raiva com raiva e aumentar a hostilidade para o nível de violência.

A literatura sapiencial do Antigo Testamento contém o provérbio: “A resposta branda desvia a ira” (Pv 15.1, ESV). Sua consequente antítese seria: “Uma resposta dura provoca a ira”. Reações iradas à raiva são como ferro batendo contra ferro, em que cada golpe corta mais fundo e a lacuna do distanciamento se torna cada vez mais ampla.

Quem aconselha casais está familiarizado com o caminho típico das discussões domésticas. Os cônjuges começam a falar para o outro, em vez de ambos falarem um com o outro, sem se dar conta da dor oculta. Uma coisa é um

cônjuge dizer: “Você me deixa bravo”. Outra bem diferente é dizer: “Você me machucou”.

O que faz da raiva mal-resolvida algo perigoso é para onde ela se volta e para quem. Se uma pessoa se sente frustrada o dia todo no trabalho, é natural que leve a raiva para casa e faça da família uma vítima dessa frustação. Em contrapartida, brigas domésticas também costumam ser trazidas de casa para o local de trabalho.

A raiva que ferve no ambiente de trabalho não é algo recente. A hostilidade entre trabalhador e gerência tem crescido ao longo de muitos anos de embates acirrados. A “Batalha das barcaças”[6] de Homestead, que abalou a nação, aconteceu décadas atrás e se tornou um ponto crucial na história do movimento trabalhista. Muitas pedras já foram atiradas, muitas disputas contratuais suportadas e muitas greves amargas ocorreram na expectativa de que fogo que atualmente ainda arde fosse resfriado do dia para a noite.

Reconciliação significa aprender que os adversários desejam paz

O mediador também deve se colocar entre os adversários. A reconciliação no ambiente de trabalho é dificultada pelo recolhimento de ambos os lados aos seus próprios cantos e pela adoção de um estilo hostil de encontro, considerando o outro como adversário. Os trabalhadores percebem a administração como alguém que detém os trunfos do poder e imagina que sua única esperança de sucesso é lutar com uma força própria consolidada.

A administração, por sua vez, está bem ciente de como os sindicatos se tornaram poderosos e acredita que qualquer demonstração de compaixão de sua parte será percebida pelos trabalhadores como uma demonstração de fraqueza. Eles alimentam a ilusão de que a única coisa que os trabalhadores respeitarão é mais poder. Essa posição resulta no endurecimento das linhas de batalha e em um nível crescente de amargura. O resultado é uma proliferação de greves e uma deterioração ainda maior dos negócios e da indústria.

Qualquer mediador, seja de uma disputa contratual, seja de uma disputa

doméstica, aprende rapidamente que as partes em uma disputa, em sua maioria, anseiam por uma solução harmoniosa. Poucas pessoas ficam satisfeitas com conflitos não resolvidos. Apenas os indivíduos mais desajustados gostam de colocar lenha na fogueira da controvérsia; apenas os mórbidos sentem prazer com a hostilidade prolongada. A maioria das pessoas tem fome de paz, ainda que poucas estejam dispostas a pagar o preço por ela.

Para que a reconciliação ocorra, alguém deve dar o primeiro passo para se afastar da conduta de hostilidade. Normalmente preferimos, senão insistimos, que seja o nosso oponente a dar esse primeiro passo. Nosso orgulho invade rapidamente nossos conflitos, o que torna mais fácil para o mediador sugerir esse passo do que para nós fazê-lo. Essa é uma das razões pelas quais os mediadores se tornam tão impopulares, uma vez que cada parte no conflito deseja que o mediador tome seu lado. Se o mediador se mantiver em terreno neutro, arrisca-se à fúria de ambos os lados.

PACIFICAÇÃO

O papel de mediador é também de pacificador. Envolver-se nessa atividade é compartilhar a bênção que Cristo proferiu sobre todos os que assumem de forma séria essa responsabilidade: “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5.9, ESV). A questão da pacificação deve ser uma tarefa comum aos membros da família de Deus.

A busca da paz era uma paixão dos judeus do Antigo Testamento. Tão profundo era esse anseio da nação pela paz, que a própria palavra “paz” se tornou uma expressão diária de saudação e despedida. Quando um judeu encontra outro, eles trocam a saudação shalom [paz]. Quando os dois se despedem, a palavra usada não é “adeus”, mas, sim, shalom, mais uma vez, a bênção da paz. A história da nação desse povo, que raramente desfrutou de uma Pax Israelia, incutiu nos judeus um anseio ardente pela paz.

Paz com Deus: paz divina

A paz foi o legado mais inestimável de Cristo. Ele não tinha bens materiais para deixar a seus discípulos como manifestação de sua última vontade em testamento. Poucas horas antes de sua morte, ele lhes disse: “Deixo-vos a paz, minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo” (Jo 14.27, KJV).

A paz que Cristo deixou foi transcendente, de um tipo que não se alcança por soluções terrestres. É uma paz que eclipsa a compreensão humana, uma qualidade que acaba com a inquietação de que falou Agostinho.

Em termos bíblicos, a paz é a primícia da nossa reconciliação com Deus. Paulo nos diz: “Portanto, visto que fomos justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo” (Rm 5.1, ESV).

Que tipo de paz é essa que flui da justificação?

A paz divina é uma paz sólida, que se mantém de forma permanente. Uma vez que Deus reconcilia alguém consigo mesmo, ele não mais adota uma posição de beligerância, pronta para atacar no instante em que sairmos da linha. Não ouvimos o bramir da espada a cada transgressão. Uma vez que nos reconciliamos com Deus, a separação acaba, as hostilidades terminam e a paz é selada por toda a eternidade.

Paz na terra: paz frágil

Aqui neste mundo, a paz de que desfrutamos é frágil. Uma lembrança remanescente da minha infância envolve um incidente que ocorreu nas ruas de Chicago. Todos os dias, meus companheiros e eu nos juntávamos para jogar stickball. As regras eram definidas pela distância que conseguíssemos rebater a bola, que era medida por tampas de esgoto.

A bola que passasse por uma tampa de esgoto valia um ponto; a que passasse por duas valia dois pontos, e assim por diante. Cada criança esperava ansiosamente por sua vez de rebater. O momento mágico chegou para mim, e eu estava a

postos, esperando o lançamento, quando um clamor espontâneo irrompeu ao nosso redor, interrompendo o jogo e me deixando à beira das lágrimas.

Os adultos corriam freneticamente, comportando-se como se todos tivessem enlouquecido. Pessoas gritavam e dançavam nas ruas e batiam colheres em panelas de metal. Fiquei perdido com a confusão e corri para minha mãe, implorando uma explicação.

Ela me abraçou e alternadamente ria e chorava, enquanto lágrimas de alegria lhe escorriam pelo rosto. “Acabou, acabou”, ela gritava.

Lentamente, fui entendendo o que aquilo significava. Era o dia V-J [dia da vitória sobre o Japão], em 1945. Significava que a guerra havia acabado e meu pai estava voltando para casa. Poderíamos tirar a faixa cravejada de estrelas da janela e nos tornar uma família novamente.

Essa foi minha primeira experiência de trégua em tempos de guerra, ocasião para uma alegria delirante. Mas, então, vieram em seguida as assustadoras simulações na escola, nas quais éramos instruídos sobre o que fazer no caso de um ataque atômico. A guerra nos campos de batalha havia terminado, mas seu caráter tênue foi sentido nos gélidos momentos da Guerra Fria.

Eu ainda era um menino quando outro membro da minha família foi enviado para a Coreia, onde foi gravemente ferido pela explosão de um morteiro. Quando o conflito terminou em trégua, fiquei menos otimista quanto ao poder de duração desse cessar-fogo.

Aprendi cedo na vida que a paz neste mundo é sempre tênue, na melhor das hipóteses. E faz um contraste marcante com o tratado de paz oferecido por Deus em seu ato de reconciliação.

Paz sem arrependimento: paz falsa

Para toda peça genuína de valor, existe uma falsificação inevitável. A Bíblia adverte da teia tecida e falsa paz. Pois as pessoas podem ser enganadas por uma

segurança fraudulenta, quando, na verdade, a paz ainda não chegou.

A calmaria antes da tempestade pode levar a pensar que a guerra já acabou, quando a batalha está prestes a começar. Esse tipo de paz era a promessa favorita dos falsos profetas de Israel. É o que Martinho Lutero chamava de “paz carnal”.

Enquanto mensageiros divinamente designados, como Jeremias, estavam proferindo seus oráculos de condenação, suplicando ao povo que se desviasse de seus caminhos de desobediência, os falsos profetas estavam prosperando. A mensagem destes últimos era mais popular, pois eles, com uma retórica de demagogos, prometiam segurança ao povo. Sua promessa vazia gerava uma sensação de paz sem nenhuma substância na realidade.

Jeremias lamentava o impacto desses homens. “Pois curam a ferida da filha de meu povo superficialmente, dizendo: Paz, paz; quando não há paz” (Jr 8.11, KJV).

Jeremias entendeu que não poderia haver paz sem arrependimento, nem cura sem a dor lancinante da cauterização da ferida. Os falsos profetas ofereciam um placebo, uma pílula de açúcar para disfarçar o gosto da bile na boca daqueles que se afastaram de seu Deus. É o que os teólogos chamam de “graça barata”, e o que os estadistas chamam de “paz sem honra”.

Paz autêntica: paz alcançável

Identifique os problemas a serem resolvidos. A falsa paz ocorre quando as raízes do distanciamento são contornadas em favor de um tratamento superficial do problema. Para que a paz autêntica aconteça, os verdadeiros pontos do distanciamento devem ser confrontados. Antes que os problemas possam ser resolvidos, eles devem primeiro ser identificados com precisão.

Concentre-se nos sentimentos expressos. Devemos ter o cuidado de observar os sentimentos que estão sendo expressos. No aconselhamento de casais, uma

tarefa comum é ouvir os casais discutindo sobre o que há de errado em seu casamento. O marido, por exemplo, pode reclamar amargamente dizendo que sua esposa não o ama. Esta, por sua vez, protesta que seu amor é profundo e reclama que ele não tem o direito de se sentir como se sente.

Chegar à verdade sobre o assunto requer a sabedoria de Salomão e a paciência de Jó. No entanto, existe um atalho para a reconciliação. Sem nunca penetrar na precisão definitiva das circunstâncias, pode-se desatar o nó górdio[7] e trabalhar no nível dos sentimentos.

O conselheiro pode fazer a seguinte observação: “Pode ser verdade que você ame seu marido. Também pode ser verdade que seu marido não tenha direito de sentir que não é amado. Mas um fato se destaca com clareza: os sentimentos dele são reais. Ele honestamente pensa que você não o ama, e esse é o fato relevante com o qual devemos lidar. Em contrapartida, você está convencida de que o ama. Está convicta desse assunto e acha que demonstrou esse amor de maneira adequada. Seu marido pode achar que sua demonstração de amor não é suficiente, mas ele deve levar em conta o fato óbvio de que você acredita que é”.

Afaste a discussão da questão de quem está certo. Ao isolar os sentimentos presentes, a discussão pode ser dirigida para longe da tarefa salomônica de discernir quem está certo, em última análise. A atenção está voltada para os sentimentos que estão realmente presentes, deixando a suprema vindicação para a mente onisciente de Deus.

Reconheça que algumas pessoas gostam de discutir. Já observamos que a maioria das pessoas anseia pela paz e pela resolução dos conflitos. Embora isso seja verdade em relação a seus próprios conflitos, nem sempre é verdade em relação aos conflitos de outras pessoas. Em certo sentido, apreciamos um embate.

Pagamos caro para assistir a lutadores profissionais espancarem-se em um ringue. Nós nos juntamos ao frenesi das brigas de compensação de banco nos jogos de hóquei e sentimos uma emoção indireta quando “a briga rola solta”. Sentimos um prazer secreto quando ouvimos sobre as dificuldades domésticas de outro casal e, sob o pretexto de “preocupação”, retransmitimos a informação

para o maior número possível de pessoas.

Uma luta é algo emocionante, que quebra a monotonia tediosa de nosso dia a dia. A briga doméstica é uma iguaria deliciosa para fofoqueiros inveterados que sentem uma emoção distorcida quando falam das dificuldades de outras pessoas. Talvez não passe de nossa insegurança humana; por isso gostamos de apontar para as verrugas no nariz de outras pessoas, de modo a fazer com que as nossas pareçam menos pronunciadas.

Antecipe a resistência. Em seu papel, o mediador encontrará resistência. Ele deve ter plena consciência de que seus esforços para a reconciliação podem encontrar resistência não apenas das partes em oposição, mas também daqueles que se deleitam com a continuação do conflito.

Aceite o mandato para trabalhar pela reconciliação. Como a reconciliação pode ser algo doloroso e as tentativas para alcançá-la muitas vezes encontram grande resistência, podemos ser tentados a nos desesperar com essa tarefa e a abandoná-la ao longo do caminho. Mas essa não é uma opção para o cristão. O cristão está submetido a um mandato para trabalhar em prol da reconciliação.

Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação. O velho já passou; eis que as novas chegaram. Tudo isso vem de Deus, que por meio de Cristo nos reconciliou consigo mesmo e nos deu o ministério da reconciliação; isto é, em Cristo, Deus estava reconciliando consigo o mundo, não imputando contra eles suas transgressões e confiando-nos a mensagem da reconciliação. Portanto, somos embaixadores de Cristo, e Deus faz seu apelo por nosso intermédio. Nós imploramos a vocês, em nome de Cristo, reconciliem-se com Deus (2Co 5.17-20, ESV).

Alguns extraíram desse texto a inferência de que a reconciliação entre Deus e a humanidade já é um fato consumado. Visto que Deus “estava reconciliando consigo o mundo”, isso não significa que essa tarefa foi cumprida e já existe

como uma realidade objetiva?

Seria a tarefa da igreja simplesmente informar o mundo sobre o fato de que a humanidade já foi reconciliada com Deus? Acaso o problema seria simplesmente já estarmos reconciliados, mas ainda não termos consciência disso? De jeito nenhum.

Certamente, o ato central de reconciliação já foi feito. A cruz se apresenta como um momento acabado na história. Deus agiu em seu mover, e a realidade da expiação se coloca como um fato objetivo.

Mas a obra objetiva de Cristo não efetua nossa reconciliação com Deus de forma automática. Resta a necessidade de nossa resposta subjetiva a ele. O imperativo é: “reconciliem-se com Deus” (2Co 5.20, ESV).

Assim, a reconciliação com Deus não é apenas um privilégio, mas um dever. Recebemos uma ordem de nos reconciliarmos com ele. Mas o mandato não para por aí.

Como nosso distanciamento se dá em três níveis, o mesmo deve acontecer com nossa reconciliação. É zombar de Deus alegar estar reconciliado com ele e, ao mesmo tempo, se recusar a se reconciliar com um irmão (veja 1Jo 4.20,21). Somos advertidos por Cristo a não nos aproximarmos de seu altar enquanto estivermos afastados de nosso irmão (veja Mt 5.23,24).

Paz consigo mesmo: reconciliação total

Quando essas outras feridas forem curadas, então poderemos prosseguir no sentido de nos reconciliarmos conosco mesmos, sem barreiras que nos inibam. Estar em paz consigo mesmo é o resultado da reconciliação total.

PARA REFLEXÃO ADICIONAL

Como Deus pode exigir amor como se fosse um dever?

O que significa “apaixonar-se”?

Cite algumas pessoas que têm por você um amor leal e constante. Diga o nome das pessoas por quem você tem esse amor leal.

Como usamos a “análise da pior hipótese” em nossos relacionamentos?

Qual é a diferença entre um amigo leal e alguém que só diz sim para tudo, que só quer agradar?

O que a Bíblia quer dizer com “o amor cobre multidão de pecados” (1Pe 4.8)?

Como você entende o amor incondicional?

Por que 1Coríntios 13 é um capítulo tão popular da Bíblia?

Qual é a diferença entre confiança e credulidade? Entre vindicação e vingança?

Você vê necessidade de reconciliação na sua vida e no mundo em geral? Explique.

[1] William Shakespeare, The merchant of Venice, IV.i.184 [publicado em português por L&PM sob o título O mercador de Veneza].

[2] London, Reino Unido: Oliphants, 1970.

[3] Jonathan Edwards, Charity and its fruits (1852; reimpr., Carlisle: Banner of Truth Trust,1978), p. 23.

[4] O “Homem Elefante” foi Joseph “John” Merrick, da Inglaterra, nascido em 1862. Por causa de uma doença terrivelmente desfigurante que fez crescer uma grande protuberância em seu rosto, ele passou a maior parte de sua curta vida sendo exibido como uma aberração. Resgatado pelo cirurgião de rainha Vitória e rei Edward VII, Sir Frederick Treves, de quem se tornou amigo, Merrick foi acolhido no hospital de Londres. Lá ele viveu seus últimos quatro anos de vida,

podendo por fim viver decentemente e alcançar certo grau de aceitação social. Ele morreu nesse hospital, enquanto dormia, em 1890, com a idade de 28 anos.

[5] Publicado em português por Ediouro.

[6] No início de 1892, em Homestead, Pensilvânia, a National Amalgamated Association of Iron and Steel Workers convocou uma greve trabalhista contra a Homestead Steel Works, uma divisão da Carnegie Steel Company. A greve durou 143 dias e terminou com vitória da siderúrgica.

Em 6 de julho, duzentos agentes Pinkerton, que atuavam como como guardas da empresa, abriram fogo contra os piquetes da greve, causando um motim no qual sete homens foram mortos e vinte ou mais, feridos. Para restaurar a ordem, o governador enviou milícias de todo o estado, dispersando os trabalhadores em greve, que foram substituídos por trabalhadores não sindicalizados.

A greve de Homestead é lembrada como uma das greves mais violentas e sangrentas do país, e acredita-se que tenha atrasado a sindicalização da indústria do aço até o fim da década de 1930.

[7] Na mitologia grega, Górdio era um camponês da Frígia que usava um nó amarrado com destreza de modo a prender a junta de seu boi à carroça. Mais tarde, Górdio se tornou o rei da Frígia e dedicou sua carroça e seu jugo a Zeus (Júpiter). Segundo a lenda, quem quer que conseguisse desfazer o nó amarrado por Górdio se tornaria o próximo governante da Ásia. Alexandre, o Grande, desatou o nó com sua espada e anunciou que havia cumprido a profecia. Com o passar do tempo, “desatar o nó górdio” passou a significar resolver por meios incomuns um problema insolúvel por si mesmo.

3

NOSSA BUSCA POR DIGNIDADE

Charles Dickens começou sua obra A tale of two cities[1] com as linhas imortais: “Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos”. Essas palavras soam como uma contradição, são palavras dissonantes para os ouvidos e chocantes para o cérebro.

Como esse tempo poderia ser o melhor e o pior, a um só tempo?

Dickens não estava se rendendo a uma linguagem incoerente, mas, sim, empregando uma técnica apropriada para chamar a atenção do leitor. Ele estava usando um paradoxo, uma aparente contradição que requer solução.

Ele estava chamando a atenção para a vida na Inglaterra industrializada e descrevendo duas cidades, Londres e Paris. Sua história fala dos tempos em que dois tipos de vida eram vividos: uma vida que era gloriosa para os ricos e que era miserável para pobres como Oliver Twist e seu amigo batedor de carteira, Artful Dodger.

Mas, antes mesmo de Charles Dickens sequer pegar em uma caneta, o matemático, filósofo e escritor francês Blaise Pascal já havia feito uso do paradoxo. Para Pascal, o supremo paradoxo de toda a criação não era a Inglaterra, mas, sim, o próprio ser humano. Ele dizia que somos, ao mesmo tempo, criaturas da maior grandeza e da mais vil miserabilidade.

O paradoxo está em podermos pensar, habilidade que é uma espada de dois gumes. O fato de podermos nos contemplar é a nossa grandeza. A miserabilidade surge quando contemplamos uma vida melhor do que a que temos agora e percebemos que não podemos fazê-la acontecer.

Temos conhecimento suficiente apenas para escapar da bem-aventurada ignorância. Traduzindo isso para realidades cotidianas, significa que uma pessoa com enorme riqueza pode conceber ainda mais riqueza, poder, prestígio, saúde, fama — todas essas coisas que podem ser aumentadas ou melhoradas. Mas

considere aquela pessoa que controla grande quantidade de dinheiro, e ainda assim sofre de problemas de saúde ou com a morte de um ente querido.

Podemos sonhar com uma vida melhor, mas não podemos realizar esse sonho de uma vida perfeita neste mundo. Homens ricos e poderosos também choram e gemem, especialmente ao lado de uma sepultura.

DIGNIDADE E MORTE

Aferindo o valor da vida

O valor da vida cresce em magnitude quando fitamos a morte nos olhos. A morte é obscena, uma contradição grotesca à vida. É revoltante o contraste entre a vibração de uma criança brincando e a aparência de um cadáver inerte e sem vigor como um boneco de pano. Nem mesmo a habilidade cosmética do agente funerário consegue disfarçar a odiosa face da morte. A morte de um amigo ou de um ente querido nos priva de uma companhia estimada e nos lembra de nossa própria mortalidade.

A morte não é uma estranha em minha família. Já recebi sua visita indesejável muitas vezes. As duas ocasiões de que me lembro com mais nitidez são as vezes em que o anjo negro veio buscar meus pais. Ambos morreram em casa — ambas as mortes me deixaram feridas n'alma.

Nós cunhamos em pedra as últimas palavras de heróis épicos: "Só lamento ter apenas uma vida a perder pelo meu país", disse Nathan Hale, em 1776, antes de ser enforcado pelos britânicos como espião. "Até tu, Brutus", exclamou César, ao cair mortalmente ferido ao pé do busto de Pompeu, no Fórum Romano.

Lembro-me das últimas palavras do meu pai — como poderia esquecê-las? Mas o que me assombra são minhas últimas palavras para ele.

A morte muitas vezes deixa um fardo de culpa para os que ficam e são

atormentados por memórias de coisas não ditas, não feitas ou por mágoas infligidas a quem faleceu. A minha culpa reside na insensibilidade, ou melhor, na estupidez das palavras que disse ao meu pai. Eu disse uma coisa errada e infantil, para a qual a morte não me deu oportunidade de dizer “Sinto muito”.

Anseio pela chance de repetir a cena, mas é tarde demais. Devo confiar no poder do céu para curar essa ferida. O que está feito pode ser perdoado — pode ser aumentado, diminuído e, em alguns casos, reparado. Mas não pode ser desfeito.

Certas coisas não podem ser detidas: a bala que sai veloz de uma arma, a flecha lançada, a palavra que sai dos lábios. Podemos orar para que a bala erre o alvo ou para que a flecha caia no solo sem causar danos, mas não podemos ordenar que deem meia-volta em pleno voo.

O que eu disse a meu pai e que me faz amaldiçoar minha própria língua? Não foram palavras de rebeldia nem gritos irados; foram palavras de negação — uma recusa em aceitar a declaração final de meu pai. Eu simplesmente disse: “Não diga isso, pai”.

Em seus momentos finais, meu pai tentou me deixar um legado para a vida. Ele procurou superar a própria agonia, encorajando-me. Ele foi heroico; e eu me encolhi diante de suas palavras, covardemente. Eu não pude enfrentar o que ele teve de enfrentar.

Eu jurei ignorância, pois só entendi de suas palavras o suficiente para fugir delas. Ele disse: “Filho, lutei o bom combate, terminei a carreira, guardei a fé”.

Ele estava citando as palavras finais do apóstolo Paulo a seu amado discípulo Timóteo (veja 2Tm 4.7). Mas não consegui reconhecer esse fato. Eu nunca tinha lido a Bíblia — eu não tinha fé para guardar nem carreira para terminar.

Meu pai falava com ar de vitória. Ele sabia quem era e para onde estava indo. Mas tudo o que pude ouvir naquelas palavras foi que ele iria morrer.

Que impertinência a minha por responder: “Não diga isso, pai!”. Repreendi meu pai no momento de maior valentia de sua vida. Tripudiei sobre sua alma com minha própria incredulidade.

Nada mais foi dito entre nós — nunca mais. Eu coloquei seus braços paralisados em volta do meu pescoço, içando seu corpo inerte parcialmente do chão,

apoiando-o em minhas costas e ombros, e o arrastei para a cama. Saí de seu quarto e mudei o pensamento para meus deveres de casa.

Uma hora depois, meus estudos foram interrompidos pelo som de um estrondo vindo de uma parte distante da casa. Apressei-me para investigar o que era aquele som. Encontrei meu pai esparramado no chão, com sangue escorrendo da orelha e do nariz.

Ele ficou um dia e meio em coma antes que o estrépito da morte sinalizasse seu fim. Quando sua respiração ruidosa parou, inclinei-me e beijei sua testa.

Eu não chorei. Fiz-me de homem, mostrando uma fachada aparentemente calma durante os dias seguintes do funeral e sepultamento. Mas por dentro fiquei arrasado.

Quanto meu pai valia para mim naquela época? Eu teria feito tudo o que pudesse, teria dado tudo o que tinha para trazê-lo de volta. Eu nunca tinha experimentado uma derrota tão definitiva nem perdido algo tão precioso.

A morte da minha mãe foi diferente. Sua morte foi tranquila, pois ela partiu deste mundo do modo que todos cobiçamos. Ela morreu dormindo, sem sofrer.

Suas últimas palavras para mim foram de alegria. Ela me disse, momentos antes de ir se deitar: “Este foi o dia mais feliz da minha vida!”.

Ela foi viúva por nove anos, depois de perder o marido. Sendo uma profissional de carreira, ela continuou a trabalhar, e investiu sua alegria futura nos filhos e netos. Nosso primeiro filho foi uma menina, que trouxe inúmeras horas de alegria para a vovó.

Minha mãe tinha dois objetivos para o futuro que ansiava por alcançar. Ela queria ver minha ordenação ao ministério e queria um neto que desse continuidade ao nome da família, pois eu era o último homem vivo do lado dos Sproul.

Minha mãe me envergonhou mais de uma vez com o orgulho que demonstrava por essas paixões. Ela me apresentava a seus amigos, dizendo: “Meu filho vai entrar para o ministério”. Nunca houve uma matriarca judia mais orgulhosa.

O nome da família era quase um fetiche. Eu havia sido batizado como R. C.

Sproul III. Eu quase gostaria que ela tivesse me chamado de “Sue”,[2] tanto por todas as provocações que suportei de meus colegas por causa daquele numeral romano quanto por todos os trocadilhos escatológicos que o apelido de “o terceiro” pode motivar.

Minha mãe me fez prometer que eu daria continuidade à tradição se meu casamento gerasse um filho. Era inegociável; ele tinha que ser chamado de R. C. IV. Eu não tinha certeza de que estava tentando gerar um filho ou continuar uma dinastia, mas quem pode recusar os apelos de uma mãe viúva?

O que fez o último dia da minha mãe na face da terra tão feliz foi a convergência de seus sonhos em um único dia de gloriosa realização. Enquanto ela se maquiava para ir para o trabalho, eu andava de um lado para o outro na sala de espera da ala da maternidade, em um hospital a 19 quilômetros de distância. Eu já tinha estado lá, mas ainda não me sentia um veterano confiante.

O mesmo médico que fez o parto de nossa filha finalmente apareceu na sala de espera, com uma máscara verde pendurada no pescoço, para anunciar o nascimento de nosso filho. Minha esposa estava bem e a dinastia estava intacta. Depois de compartilhar os mais ternos momentos com minha esposa na sala de recuperação, corri para o telefone para contar a notícia para minha mãe.

Nada que não fosse levar minha mãe ao hospital para ver seu novo neto a satisfaria. Eu a peguei em seu escritório e a levei ao berçário do hospital para ver o bebê recém-nascido de cabelo laranja e rosto em formato de ameixa, traços que ela de pronto definiu como sendo de uma beleza incomum. Depois de um jantar tranquilo em um restaurante, durante o qual ela expressou seu entusiasmo sem limites, fomos para seu apartamento, onde fui convidado a passar a noite.

Quando chegamos à entrada do prédio, encontramos dois pacotes empilhados contra a porta. Uma vez dentro do apartamento, ela abriu os pacotes como uma criança na manhã de Natal. O primeiro continha convites impressos para minha ordenação, marcada para apenas poucas semanas adiante.

O segundo pacote era da Maxine’s, uma loja de vestidos finos para mulheres, em Pittsburgh, que vendia as últimas novidades da moda. Continha um vestido elegante, sem dúvida a vestimenta mais cara que ela comprara desde a morte do marido. Ela dançou diante do espelho, segurando o vestido à sua frente, dando passos de valsa pela sala.

Ela o comprou para usar na ordenação, mas o usou em seu funeral. Era emoção demais para um dia só, pois um sonho fora totalmente realizado e a certeza de proximidade do outro fora confirmada pela chegada simbólica dos convites e do vestido. Dentro de uma hora, ela disse que estava cansada e que queria ir para a cama.

Demos boa-noite e ela se retirou para o quarto, mas não sem antes enfiar a cabeça pelo vão da porta para dizer: “Este foi o dia mais feliz da minha vida”.

Eu estava exausto com os acontecimentos do dia e adormeci rapidamente, no quarto ao lado. Quando a manhã chegou, bati na porta do quarto da minha mãe e fiquei um tanto intrigado com a falta de resposta. Abri a porta e imediatamente percebi que a mulher em repouso na cama estava morta.

Não parecia possível. Fui até ela e agarrei seu pulso. Ela estava morta há várias horas; o rigor mortis se instalara e seu corpo estava gelado ao toque. A sensação era estranha, desafiava a lógica.

O sono faz com que a passagem do tempo pareça instantânea. No que me pareceu um intervalo de poucos minutos, minha mãe passou de uma pessoa que respirava, quente e cheia de animação para uma estátua sem vida. Fiquei paralisado pela descrença, pego no absurdo de tudo aquilo. No espaço de 24 horas, passei pelas emoções de ver meu filho respirar pela primeira vez e de ver minha mãe na frieza da morte.

Questionando o sentido da vida

Momentos como esses ficam gravados no banco de memória da mente. A vida segue, pois o mundo continua girando. Empurramos essas memórias para os recessos mais profundos do cérebro, esperando que percam seu tormento pungente com o passar do tempo. Mas eles estão sempre lá, nos incomodando-nos com a questão do sentido da vida.

Quando a morte se intromete, é fácil sucumbir ao chamado sedutor do desespero. Os heróis trágicos de Shakespeare cortejaram-no, alguns até mesmo o aceitaram.

Baseando-se na intimidade de seu conhecimento como dramaturgo e poeta, Shakespeare usou em Macbeth a imagem do aspirante a ator, a fim de dramatizar esse ponto:

Fora, fora, breve vela!

A vida é mera sombra ambulante, um mísero ator

Que se pavoneia e se debate em sua hora no palco,

E, então, já não é mais ouvido; é uma história

Contada por um idiota, repleta de som e fúria,

Que nada significa.[3]

O jovem ator sonha com o dia em que passará dos pequenos papéis para o papel principal. A audição mágica acontece e ele começa a se preparar para sua grande oportunidade. Ele mergulha em seu papel, estuda o personagem e memoriza as falas. Ensaia até que cada palavra seja expressa com a inflexão correta e cada gesto seja feito com o toque oportuno.

A noite de estreia finalmente chega, e o estômago do ator se revolve no momento em que ele se agita em seu camarim, enquanto os assistentes lhe aplicam a maquiagem no rosto. Seu coração pulsa na garganta quando ouve a batida sinistra na porta, alertando-o de que a cortina está prestes a abrir. O ator segue para os bastidores, espiando o cenário no palco, arrumado e à espera da sua entrada.

Ao sinal, ele mergulha na luz e assume seu lugar no centro do palco. Ele sente o calor que emana das luzes da ribalta; o brilho cega seus olhos para a massa de pessoas que assiste na plateia a cada movimento seu. Ele apaga o público da mente, enquanto se concentra em fundir-se ao personagem que deve representar. E é pego no fluir do drama, até que o clímax chega à sua conclusão apaixonada.

Quando a cortina desce, o público se levanta, aplaude freneticamente, exigindo

mais um vislumbre do ator triunfante. Ele vai até o centro do palco para fazer seu agradecimento. É um momento de êxtase, enquanto ele é envolvido por ondas de aplausos.

Ele gostaria de congelar esse momento para sempre, mas o relógio não o permitirá. As palmas vão diminuindo e as pessoas deixam o teatro. Naquela noite, o sono do ator será doce, enquanto ele se deleita em sua glória.

Mas toda glória deve desvanecer. Vinte anos depois, resta ao ator uma nota de jornal amarelado com uma menção à sua noite de glória, em resposta a alguma pergunta trivial. Seu trabalho, sua paixão e seu empenho apagaram-se como uma vela.

Shakespeare diz que assim é a vida; ela também é como ouvir uma história contada aos balbucios por um imbecil, um idiota. Ruídos em excesso, mas nenhum significado.

Quem não se sente assim às vezes?

Quando a vela acesa chega ao fim, a história contada pelo idiota é aterrorizante. Som e fúria sem sentido são bem mais do que qualquer pessoa pode suportar. O fato de a vida redundar em um zero, em vazio, provoca um grito que brota da medula dos nossos ossos.

A poesia de Shakespeare ofusca nossos gemidos inarticulados, mas o clamor é o mesmo — esse é o gemido universal do ser humano, que anseia por dignidade.

DIGNIDADE E “PROGRESSO” HUMANO

A questão moral da dignidade humana tornou-se um problema que nos consome em nossos dias. A questão é tão crucial que às vezes nos perguntamos se o “progresso” do ser humano é um grande erro inescrupuloso. Como, em pouco mais de duzentos anos, passamos do otimismo da Declaração de Independência à beira da aniquilação?

Falsos pressupostos

O começo de nossa república veio na esteira de uma revolução política e científica que varreu a civilização ocidental. Aconteceu em meio a um período de tempo ao qual chamamos Século das Luzes. O Iluminismo foi complexo, mas uma de suas motivações centrais era que a hipótese de Deus não mais era necessária para explicar a origem do homem e de seu mundo.

Homens como o barão D'Holbach, francês que se descreveu como "inimigo pessoal de Deus", refugiavam-se na ideia da "geração espontânea" para explicar a origem do homem e do mundo. Essa visão, embora mais tarde repudiada como algo repugnante para a ciência, foi recebida com uma resposta entusiástica por parte de muitos, ao mesmo tempo em que alguns gritavam a plenos pulmões para Deus: "Boa viagem".

Falso otimismo

O benefício mais evidente desse exílio de Deus foi que o homem pôde "atingir a maioridade" e ser responsável por seu próprio futuro. Este foi seu "dia da libertação", quando os homens não precisariam mais viver sob o medo da terrível vingança da divindade, nem teriam de correr para a igreja em suplicante penitência, buscando a indulgência de seus sacerdotes. O homem estava livre de prestar contas a Deus.

A escola religiosa estava fora do jogo e os alunos cantavam alegremente: "Chega de lápis, chega de livros, chega dos olhares petulantes do professor". A figura de barba do Deus do monte Sinai, que trovejava mandamentos mesclados com ameaças de tormento eterno para os desobedientes, fora arrancada de seu trono. Não haveria mais a necessidade de fazer listas nem de checá-las por duas vezes para ver quem estava sendo bonzinho e quem estava sendo levado, a não ser pela parte dessa tarefa relegada ao Papai Noel.

Não é de se admirar o otimismo. Seria um admirável mundo novo, com infinitas

possibilidades para o progresso humano. O alvorecer do século 19 trouxe consigo um espírito de otimismo sem precedentes à medida que o homem moderno começou a construir sua utopia.

A Revolução Industrial gerou avanços rápidos. O antigo problema da produção de alimentos foi resolvido; o ensino superior passava a estar ao alcance das massas; monarquias ruíram à medida que o grande experimento da democracia trazia uma nova liberdade ao mundo.

Houve uma corrida de imigrantes para os Estados Unidos, cujo alvo era a estátua de tocha em punho que convida: “Deem a mim suas massas abarrotadas de exauridos e de miseráveis que desejam respirar livremente”.[4] Produziu-se uma riqueza material considerada impossível por todos os séculos anteriores.

Falsa segurança

A idade de ouro do otimismo do século 19 começou a perder seu brilho com o advento do século 20, e se enferrujou com a invenção moderna da guerra global. A Primeira Guerra Mundial lançou uma sombra sobre os heróis iluminados do progresso ilimitado. Muitos, no entanto, não se intimidaram com este breve retrocesso à selvageria primitiva, vendo-o como o último resquício de adolescência da humanidade, e chamando-o simplesmente de “a guerra para acabar com todas as guerras”.[5]

Versalhes[6] interrompeu tudo e renovou o espírito de esperança que viria a prevalecer até Munique e na pose clássica de Neville Chamberlain, quando ele se inclinou sobre uma varanda com um guarda-chuva bem posicionado em seu antebraço e anunciou que havia alcançado “paz para o nosso tempo”.[7]

A “paz” de Chamberlain durou apenas poucas horas, enquanto a blitzkrieg[8] nazista era mobilizada. A Segunda Guerra Mundial também provou que não era a guerra para acabar com todas as guerras, pois o planeta foi rudemente empurrado para a era nuclear e o ponto ômega começou a parecer um ponto de aniquilação. A questão do homem atual não é tanto utopia quanto sobrevivência.

A MORTE DA DIGNIDADE?

Quando eu era estudante universitário, no fim da década de 1950, fiquei assustado ao ler um ensaio da área de humanidades intitulado “Margem de erro do homem”. Não me lembro mais do nome do autor, nem conseguiria citar literalmente o texto do ensaio. A tese desse breve estudo, no entanto, permanece gravada em minha mente de forma indelével.

Sem margem de erro — sem segurança

A ideia central do ensaio era que o homem, ao longo da história, trabalhou com certa margem de segurança para seus erros. Ele poderia se permitir certos atos de violência e guerra e sobreviver à sua própria insensatez. Com o advento das armas nucleares, porém, essa margem de segurança quase desapareceu. Ela encolheu tanto e tão rapidamente que ninguém sabe mais onde está o ponto de segurança contra falhas. O homem constrói seu futuro como raça diariamente intimidado por uma espada de Dâmocles nuclear.

O ensaio prosseguia, detalhando o salto na capacidade humana de autodestruição. Fornecia um cálculo do poder destrutivo encontrado em várias armas de guerra. Por exemplo, se compararmos o grau do poder destrutivo do arco e flecha primitivos com o da bomba atômica lançada em Hiroshima, começamos a ver traços do “progresso” da engenhosidade humana.

Demorou éons de tempo para o homem passar do arco e flecha para a energia nuclear. É assustador o fato de que, no espaço de quatorze anos, de 1945 a 1959, a lacuna de tempo foi outra vez preenchida. Ou seja, as bombas desenvolvidas em 1959 eram mais poderosas que a de Hiroshima tantas vezes quanto essa bomba atômica que caiu em Hiroshima era mais poderosa do que o arco e a flecha.

Quem sabe em que ponto está hoje essa proporção, à medida que a margem de erro diminui até o ponto de nada. Avançamos como loucos desvairados para aquilo contra o qual o general Douglas MacArthur nos advertiu, do convés do encouraçado Missouri, em 2 de setembro de 1945, na cerimônia formal da rendição japonesa: o Armagedom.

Nós vemos o futuro através de um vidro embaçado. Talvez, amanhã ou depois uma nova descoberta torne as armas atômicas obsoletas e as neutralize de qualquer importância. Talvez, pela primeira vez na história da humanidade, o homem invente armas destrutivas, mas se abstenha de usá-las. Talvez, o equilíbrio de poder continue a ser tão delicado que as espadas atômicas serão usadas apenas para intimidar.

É bem possível.

Mas, se um único botão monstruoso for pressionado, o homem e sua margem de erro podem virar vapor.

Sem responsabilidade — sem dignidade

O preço de nosso esclarecimento foi alto. Talvez seja verdade que o homem não é, em última instância, responsável. Mas, se for assim, isso não deveria nos causar alegria, mas, sim, pesar pela morte da dignidade.

Se a dignidade morreu, então devemos acompanhar B. F. Skinner para além da liberdade e da dignidade, para aquela nova fronteira em que apenas a escravidão e a indignidade podem habitar. Entramos no mundo de Skinner pelos portões do inferno de Dante, fechando bem os olhos para não lermos a terrível placa de alerta: “Abandonem a esperança, todos vocês que entram aqui”.

Nós nos recusamos a abandonar a esperança ao nos encolhermos diante do Inferno de Dante. Somos humanos, e é parte do nosso caráter nutrir esperança no coração. Nossa esperança de dignidade é para nós, ao mesmo tempo, bênção e maldição.

Toda pessoa que já jogou golfe sabe como a esperança pode ser obstinada e o quanto ela é difícil de destruir. Nosso espírito pode se afundar no desespero e flertar com ele, mas basta um único tiro decente no décimo oitavo buraco para nos deixar prontos a tentar de novo.

Conta-se a história de um golfista que, frustrado, depois de suportar uma rodada humilhante, deixou o campo e, na mesma hora, jogou seus tacos, a bolsa cara e tudo o mais dentro de um lago. Ele irrompeu vestiário adentro em um misto de fúria e desânimo. Foi direto para a sala de banho e, na privacidade de lá, pegou uma navalha e cortou ambos os pulsos.

De pé em frente a pia, com o sangue escorrendo pelo ralo, ele ouviu seus companheiros de golfe entrarem no vestiário, gritando: “Ei, Dale, você quer jogar de novo amanhã?”.

Dale rapidamente pressionou com firmeza os pulsos, um contra o outro, colocou a cabeça no vão da porta, e disse: “A que horas?”.

A MORTE DE DEUS

Lembramos de Friedrich Nietzsche,[9] que declarou: “Deus está morto […] ele morreu de pena”. Sua declaração da morte de Deus não foi feita com uma postura de desafio, mas em lágrimas.

Se Deus está morto, não há dignidade na vida

O trabalho de Nietzsche foi distorcido e sofreu abusos por parte de alguns que por ele foram cativados. Entre estes últimos havia certo bávaro lunático chamado Adolf, que teria trabalhado com instalação de papéis de parede e enviou exemplares dos livros de Nietzsche para seus amigos camisas-pardas (ativistas nazistas) como presente de Natal. Em sua loucura, Adolf Hitler não só não fez

nada para avançar a causa da dignidade humana, como deixou a Europa em seu momento mais sombrio de indignidade.

Depois de ponderar sobre os campos de concentração de Buchenwald e Auschwitz, Albert Camus[10] observou que a única questão séria que fora deixada para os filósofos discutirem era a questão do suicídio.

Lembremos de um modismo religioso, conhecido como a teologia “morte de Deus”. Um jornalista sagaz respondeu a ele, publicando uma enquete satírica das reações de figuras públicas diante da notícia da morte da divindade:

Dwight D. Eisenhower disse: “Puxa, eu nem sabia que ele estava doente”.

Billy Graham falou: “Não pode ser, falei com ele ainda esta manhã”.

Harry S. Truman lamentou: “É uma maldita pena”.

Podemos culpar o pobre Nietzsche, que morreu em um asilo para lunáticos, por tudo isso? Na verdade, não. Os devotos de Nietzsche são rápidos em argumentar que aplicações das ideias do filósofo como essa feita por Adolf Hitler eram graves distorções.

Onde, então, estava o fogo que produziu a fumaça nazista?

Se Deus está morto, a vida não tem sentido

Nietzsche analisou o homem e seu mundo e chegou à conclusão deprimente de que a vida não tem sentido e que o homem não tem dignidade. O veredicto final encontra-se nas palavras “Das Nichtige” (o nada). Nietzsche é tido como o pai do niilismo, filosofia que declara que a vida não tem valores, sentido nem importância.

Nietzsche se recusava a sucumbir ao desespero, clamando pelo surgimento de um “super-homem” que nos mostraria como viver em um mundo absurdo. Esse super-homem é ousado e audacioso; ele vive pela coragem: “conduzindo seu navio por mares desconhecidos e construindo sua casa nas encostas do

Vesúvio”.[11]

A maldição do super-homem, a dose fatal de criptonita, encontra-se no tipo de coragem que ele deve ter. Nietzsche a chamou de “coragem dialética”, referindo-se a um tipo de coragem que opera em meio à tensão de certa falha. A triste sina do super-homem é que ele deve valorizar a coragem mesmo sabendo que é inútil; ele deve buscar sentido [para a vida] mesmo sabendo muito bem que ela não tem.

Se Deus está morto, a vida não tem vitória

É como Jimmy Cagney voando em seu avião danificado diretamente contra a parede íngreme e rochosa dos penhascos brancos de Dover,[12] arrebentando a janela quebrada da cabine na parede microssegundos antes de o avião cair e ser consumido pelas chamas de uma explosão. O público grita em aprovação a esse gesto heroico e desafiador à medida que a imagem na tela escurece ao pôr do sol e as luzes do cinema se acendem.

A imaginação recusa-se a conceber o dia seguinte, quando o sol nasce e brilha mais uma vez nos penhascos de calcário. Os penhascos continuam indiferentes aos acontecimentos do dia anterior, enquanto o corpo mutilado do piloto jaz preso nos destroços do avião, no fundo do mar, o sorriso desafiador rígido pela morte. Os penhascos venceram e Cagney perdeu, exceto por um breve momento de coragem dialética.

É como Ernest “Papa” Hemingway trazendo seus personagens de ficção à vida pelo planejamento de sua própria morte.[13] O herói de Hemingway ataca o mar, as devastações da guerra, a montanha de Kilimanjaro e o touro selvagem na arena. Ele “agarra o touro pelos chifres” e determina o próprio destino.

Hemingway disse que a única vantagem que podemos obter sobre a morte é determinar, por nós mesmos, a hora, o lugar e a forma de morrer. Ele escreveu esses pensamentos antes de orquestrar cuidadosamente a própria “vitória”, explodindo os miolos com seu rifle de caça favorito.

A vida angustiada de Nietzsche retratou a futilidade de tentar viver pela coragem dialética. Sua própria busca por dignidade terminou em tragédia, em insanidade. Ele firmou suas últimas cartas delirantes com a assinatura “O Crucificado”. Sua irmã explorou a situação, vendendo ingressos para um público curioso, que pagaria para ter um vislumbre de seu famoso irmão maluco.

Se Deus está morto, então o homem também está

Nossa antropologia está intimamente ligada à nossa teologia. Se Deus está exilado, o homem também está; se Deus está morto, o homem também está. Se não formos responsáveis por prestar contas, nós não contamos.

Se não há glória divina, não há dignidade humana. Podemos tentar ter uma coisa sem a outra, mas fazer isso é o mesmo que nos ajoelharmos diante da loucura da esquizofrenia intelectual.

DIGNIDADE E ORIGENS DO SER HUMANO

Tornamo-nos cínicos quando nos lembramos da atmosfera carnavalesca do célebre “julgamento do macaco” de Scopes, no Tennessee.[14] A religião sai com um olho roxo sempre que os jornais transformam em sensacionalismo as batalhas judiciais, no Arkansas e em outros lugares, em torno do tema criação versus evolução nas salas de aula.

Por que tanto barulho?

A questão da dignidade humana

Precisamos entender que as questões são mais profundas do que as relacionadas a igreja e Estado e argumentos sobre teologia e biologia. A questão central que alimenta a controvérsia é a da dignidade humana.

Às vezes, especialistas em marketing televisivo e demógrafos ficam surpresos com a reação do público. O caso clássico de choque na área do marketing vem da reação esmagadora do público à minissérie televisiva Roots [Raízes], baseada no livro de Alex Haley, de mesmo título, publicado em 1976. Os gráficos [de audiência] foram detonados e as avaliações da Nielsen foram bombardeadas pela reação dos telespectadores.

Como podemos explicar isso? A atuação foi excelente, uma vez que cativava nossa atenção e nos envolvia na luta heroica de Kunta Kinte, escravo africano, e na personalidade de Chicken George. No entanto, a reação do público à minissérie Roots [Raízes] é impossível de explicar simplesmente com base na qualidade da atuação e em um enredo comovente.

E isso era mais do que a América branca se punindo pelos pecados de seus antepassados. Ninguém precisa ficar grudado na televisão a cada episódio de Roots [Raízes] para se torturar pelos pecados de preconceito cometidos.

A minissérie Roots [Raízes] era muito mais do que um pronunciamento sobre a questão racial. Haley conquistou o coração de cada homem e mulher que se preocupa com a dignidade humana. Ele afirmou que os anos de pesquisa que dedicou a rastrear a própria ancestralidade foram motivados por sua busca pessoal por dignidade.

Alex Haley precisava saber de onde viera. Procurou suas origens. Ele estava à procura de suas raízes.

A questão da origem última

A busca, porém, vai além da terceira ou quarta gerações. Não basta para o homem branco saber que um de seus antepassados veio a bordo do Mayflower, assim como não basta para Haley saber que seus ancestrais chegaram à Virgínia

no navio negreiro chamado Lord Ligonier. Devemos empurrar a questão ainda mais para trás no tempo.

De onde vieram os ancestrais de nossos ancestrais? Para todos nós, a genealogia para em algum lugar, quando encontramos a ponta mais profunda da raiz. A questão da nossa raiz última, da nossa origem última é o que faz do julgamento do macaco algo tão disputado.

Quando pensamos em dignidade humana, não podemos ignorar as questões da origem e do destino, dado que nosso passado e nosso futuro definem nosso presente. Não existe uma teoria da evolução. Há uma profusão de muitas teorias, que vão desde simples questões de crescimento, mudança e adaptação de uma espécie criada à imagem de Deus até o tipo mais radical, que argumenta que a origem do homem se deu acidentalmente, quando emergiu do lodo por algum processo misterioso sem propósito duradouro.

A última sugestão é uma pílula difícil de engolir, e não é preciso ser filósofo para sentir o peso de suas implicações. Se eu venho do nada e termino no nada, como poderei ter valor real agora?

A grande ironia é que a questão das origens da humanidade não é, em última análise, uma questão biológica. A biologia pode lançar luz sobre as conjecturas relativas ao começo da humanidade, mas, em última análise, trata-se, desde o início, de uma questão de história. Certo filósofo descreveu nosso dilema desta forma: “O homem é um germe adulto, sentado sobre a engrenagem de uma roda de uma vasta máquina cósmica que prossegue lenta, mas inexoravelmente, caminhando para o nada”.

Se nos dizem que somos meros germes sofisticados, meras bolhas de protoplasma rudimentares, então, não é de se admirar que clamemos por religião, álcool, drogas ou qualquer outra coisa que possa acalmar a tempestade em nossas almas. Faremos qualquer coisa para fugir do veredicto de que não valemos nada.

Somos como aquele ateu que estava escalando uma montanha, quando tropeçou, escorregou por um precipício e começou a cair bruscamente ao longo de cerca de 4.200 metros. Ele conseguiu amortecer a queda, ao menos momentaneamente, agarrando-se a um galho fino que crescia debilmente na encosta da montanha.

Suspenso no ar, com uma das mãos segurando o galho que começava a se soltar

da raiz, ele olhou para o céu e gritou em desespero: “Tem alguém aí em cima que possa me ajudar?”.

Uma rica voz de barítono atravessou as nuvens: “Eu sou Deus. Vou ajudar você. Apenas me mostre que tem fé e largue o galho”.

O alpinista olhou para a ravina que se estendia abaixo dele, depois para o céu, e gritou mais uma vez: “Tem mais alguém aí que possa me ajudar?”.

Nossa convicção teológica

A dignidade humana baseia-se na convicção de que existe alguém lá em cima que pode nos ajudar. Por trás da dignidade humana, está uma teologia que não pode ser minimizada.

Certa vez, eu estava fazendo uma palestra para os principais executivos de uma empresa Fortune 500. Era um pequeno grupo composto por vice-presidentes regionais pelo diretor-presidente e pelo presidente do conselho. No local havia luxuosos painéis de teca que criavam um ambiente de poder e prestígio. O público aristocrático estava um pouco nervoso com a mescla de “religião” e negócios que eu fazia enquanto falava.

Quando o seminário estava quase concluído, o presidente do conselho ficou entusiasmado e seus olhos brilharam, cheios de compreensão. “Deixe-me ver se consigo entender o que você está dizendo. O que ouvi é que nossa vida empresarial é afetada pela maneira que tratamos as pessoas. A maneira que tratamos as pessoas é uma questão de ética. A ética é determinada pela nossa filosofia. E nossa filosofia reflete nossa teologia — portanto, respeitar as pessoas é, na realidade, uma questão teológica.”

Trocando em miúdos, o presidente estava expressando o que Dostoiévski[15] quis dizer, quando falou que “Se Deus não existe, todas as coisas são permitidas”, ou o que Sartre[16] queria dizer, quando falou que “O homem é uma paixão inútil”. São declarações sobre a dignidade humana que afetam o operário da indústria automobilística, o trabalhador nas minas de carvão, o repórter de jornal e o

vendedor de seguros. Se no céu não houver ninguém em casa, então, o trabalho de um executivo do mundo corporativo e o trabalho de um zelador são igualmente inúteis.

A contradição humanista

De um lado, temos alguns que procuram driblar o dilema contornando as questões de modo a se esquivar astutamente na transigência. O humanista rejeita Deus e, ao mesmo tempo, afirma em altos brados o valor das pessoas. Ele se une a cristãos e judeus para marchar por direitos humanos, para acabar com a escravidão, para impedir a opressão dos pobres, para construir hospitais que cuidem de homens e mulheres na miséria. Ele exalta virtudes como honestidade, justiça, compaixão, embora precise crucificar a própria mente para fazê-lo.

Pois o humanista fica preso na contradição viciosa de atribuir dignidade a criaturas que vivem suas vidas entre os polos da total falta de sentido. Ele vive à base de capital emprestado, derivando seus valores da fé judaico-cristã, ao mesmo tempo que repudia o próprio fundamento sobre o qual repousam esses valores. Ele ainda está à procura de alguém lá em cima que o ajude, mas nenhuma resposta vem. Sua atribuição de valor ao ser humano é inteiramente gratuita, baseada não na razão, mas única e exclusivamente na preferência.

Devemos fazer ao humanista algumas perguntas duras e difíceis: Por que deveríamos nos preocupar de qualquer modo que seja com a situação de insignificantes germes adultos? Que diferença faz se os germes brancos subjugam os germes negros e os fazem se sentar na parte de trás do ônibus? Quem se importa se bolhas de protoplasma sem sentido são exploradas em uma usina siderúrgica ou roubadas nos corredores da justiça?

Ó — você diz — os germes negros importam-se e as pequenas bolhas de protoplasma clamam.

Novamente digo: “E daí?”. Uma criatura que não tem um valor último, que é insignificante em última análise, não vale nenhum sacrifício. Diga isso ao idiota, pois só ele pode conviver com som e fúria vãos. Se o homem não tem valor,

então todos podemos ficar dormindo amanhã de manhã.

Com exceção dos céticos fervorosos, poucos de nós respondem ao humanismo dessa maneira. Seguimos o sentimentalismo e aceitamos a feliz inconsistência do humanista. Nós também somos humanos e frequentemente nos contentamos em deixar que o humanista fique com o bolo que já comeu.

Aplaudimos sua façanha mágica de ter um mundo que veio do nada, como se tira um coelho da cartola. Ficamos maravilhados com sua capacidade de obter o ser a partir do nada, a dignidade a partir da insignificância, a personalidade a partir da impessoalidade; e ficamos encantados com a capacidade do humanista de se manter firme, com os dois pés bem plantados em pleno ar.

Uma cosmovisão cristã

De outro lado, nossa paixão pelo valor humano não se baseia na magia, mas na base sóbria de uma cosmovisão cristã. A dignidade do homem está em Deus, que atribui um valor inestimável a cada pessoa. A origem do homem não é um acidente, mas um ato profundamente inteligente de alguém que tem valor eterno, de alguém que estampa a própria imagem em cada pessoa.

Deus cria pessoas e move céus e terra para redimi-las quando elas caem. Nossa origem está na Criação e nosso destino é a Redenção. Entre esses dois pontos, cada batimento cardíaco do ser humano tem valor.

O futuro da nossa raça não é sombrio, enquanto o Criador-Redentor governar o universo. Não somos um planeta perdido vagando sem rumo pelo espaço; somos um planeta habitado com um destino glorioso.

Às vezes é fácil nos sentirmos perdidos, separados de nossas raízes e cegos com relação a nosso futuro. Há momentos em que podemos nos identificar com Alice no país das maravilhas[17], de Lewis Carroll, quando ela chega a uma bifurcação e não sabe que lado tomar. Também ela olhou para cima em busca de ajuda e não encontrou Deus, mas, sim, o sorridente Gato de Cheshire.

— Você poderia me dizer, por favor, que caminho devo seguir daqui em diante?

— Isso depende muito de onde você quer chegar, disse o Gato.

— Eu não me importo muito com onde chegarei, afirmou Alice.

— Então, não importa por qual caminho você vai, observou o Gato.[18]

DIGNIDADE E PECADO

Há um caminho para a redenção no qual todo ser humano tem dignidade. Muitos rejeitam esse caminho por pensar que o cristianismo destrói a autoestima, depreciando o valor humano com lamentáveis denúncias do mal no homem. Os pregadores protestam contra essa corrupção, chamando o ser humano de pecador miserável.

Davi não clamou: “sou verme e não homem” (Sl 22.6, ESV) e Jó não rastejou no pó gemendo: “Abomino minha vida” (Jó 7.16, ESV)?

Deus leva o pecado a sério porque a humanidade tem valor

Essas declarações sombrias fazem parecer que o cristianismo tem uma visão que não preza a dignidade humana. Mas o ponto frequentemente esquecido é que o caráter pecaminoso de forma alguma diminui o valor de pessoas. É justamente porque a humanidade é tão valiosa que Deus leva o pecado a sério.

Podemos ficar incomodados com a notícia de que um rato foi comido por um gato, mas não ficamos moralmente indignados com isso. Não temos pena do pobre rato nem perguntamos o que ele fez para merecer ser comido pelo gato.

Mas, se um gato maior maltratar uma criança, ficaremos furiosos.

Quando uma mosca é morta ou uma baleia abatida, alguns podem protestar, mas ninguém chama isso de holocausto. No entanto, a baleia nada sabe acerca do pecado e a mosca ignora a moralidade.

A humanidade tem valor porque o ser humano reflete a imagem de Deus

Essas criaturas mencionadas não são, de forma alguma, destituídas de valor, mas nenhuma delas reflete a imagem de Deus. Quando um ser humano peca contra outro, a condição de pessoa é violada. A qualidade da vida humana é prejudicada por aquilo que chamamos de pecado.

Pessoas ficam feridas, despojadas, exploradas e miseráveis pela transgressão moral. Por isso choramos, pois somos tanto vítimas quanto perpetradores de males pessoais.

Ao levar o pecado a sério, levamos os seres humanos a sério. O mal pode manchar a imagem divina e obscurecer seu brilho, mas não pode destruí-la. Essa imagem pode ser desfigurada, mas jamais poderá ser apagada. O símbolo mais obsceno da história humana é a cruz; porém, em sua feiura continua sendo o testemunho mais eloquente da dignidade humana.

A EXPERIÊNCIA DA INDIGNIDADE

Enquanto fazia pesquisas para o livro Stronger than steel [Mais forte do que o aço],[19] fiquei intrigado com uma expressão que os metalúrgicos costumavam usar para descrever suas experiências no chão de fundição. Visivelmente, os trabalhadores negros recorriam a esta frase descritiva: “O supervisor entra e ele abaixa a cabeça”.

Eu não tinha certeza do que significava a expressão “abaixar a cabeça” até que participei de um seminário em um hospital. Caminhando pelos corredores do hospital para observar a dinâmica da cena local, prestei atenção especial às enfermeiras, enquanto realizavam tarefas na área. Como um observador silencioso, me sintonizei em sua comunicação não verbal.

A presença do médico foi notada

Um padrão tornou-se rapidamente evidente. Quando um médico entrava na área, havia uma mudança perceptível no comportamento das enfermeiras. O ritmo tornava-se mais rápido, a postura mais ereta e a atitude mais alerta. Conforme o médico se aproximava, até mesmo os clássicos gestos de exibição feminina tornavam-se manifestos. A presença do médico foi claramente notada, mesmo sem que palavras fossem trocadas.

Pouco depois da saída do médico, observei uma das enfermeiras, que havia claramente se pavoneado, caminhar pelo corredor. Vindo pelo corredor na direção contrária, havia um homem empurrando um carrinho cheio de roupa suja. O homem representava o pária, a casta mais inferior do departamento de limpeza.

O trabalhador foi ignorado

Ao ver a enfermeira, ele ergueu a cabeça em uma postura de reconhecimento, e seu rosto se iluminou na expectativa de uma saudação. Praticamente no mesmo instante, a enfermeira abaixou a cabeça e focou os olhos no chão, enquanto passava bruscamente pelo homem. O rosto do homem escureceu de decepção enquanto o brilho de seus olhos se apagava. Seu ritmo tornou-se visivelmente mais lento à medida que se arrastava pelo corredor.

O que se passou naqueles microssegundos provavelmente não foi uma questão

de realização consciente por nenhuma das partes envolvidas nessa transação não verbal, mas claramente aconteceu. Ao testemunhar o jogo por trás da cena, percebi exatamente o que os trabalhadores da siderúrgica estavam falando. A enfermeira “abaixou a cabeça” como sinal externo de que se recusava a reconhecer a presença de outro ser humano.

Ela fez o trabalhador da lavanderia sentir-se invisível, como se ele não existisse. Para ele, aquele incidente foi uma experiência de indignidade. Quando esse tipo de indignidade “menor” se repete inúmeras vezes ao dia, fortes sentimentos de hostilidade afloram entre grupos de diferentes status e níveis de prestígio, o que não é surpresa.

A NATUREZA DA DIGNIDADE

O que é dignidade, então?

A dignidade tem sido um grande problema em nossa cultura há anos. Os negros entendem o problema. O povo judeu é mestre no problema.

Desde a Antiguidade, a nação judaica tem lutado com a questão da dignidade. Como raça, eles foram submetidos a genocídio calculado. O grau extremo com que o Holocausto revelou o antissemitismo não pode ser entendido como um interlúdio espontâneo perpetuado por uns poucos insanos em um breve lapso de tempo da história.

O pogrom e o gueto são métodos históricos estabelecidos para lidar com os judeus. De Faraó a Nabucodonosor, de Massada[20] a Varsóvia,[21] os judeus errantes têm sido o principal alvo das atrocidades da indignidade. Adolf Eichmann[22] ainda era adolescente, quando Harold Abrahams castigou seus pulmões em uma corrida de 100 metros pela dignidade, nas Olimpíadas de Paris em 1924.[23]

A dignidade está enraizada na glória

A ideia de dignidade está enraizada no conceito de glória do Antigo Testamento. No reino criado, todas as coisas refletem essa glória em algum grau. As estrelas têm certa glória, assim como o sol e a lua. Há uma glória atribuída aos peixes, às aves e aos animais do campo, bem como ao homem e à mulher.

A glória é um atributo de Deus

Em última análise, a glória deriva de um atributo do próprio Deus. É a glória celestial de Deus que define a essência da glória. A tradução usual do conceito bíblico de glória para o latim é simplesmente gloria. Há casos em que outra palavra em latim é escolhida, o termo dignitas, que reflete a ligação entre nossa palavra dignidade e o conceito hebraico de glória.

Os antigos judeus gostavam de falar por meio de imagens concretas e tinham certa apreciação pela linguagem figurativa e metafórica. Assim, descobrimos uma pista para o significado original de glória quando observamos a raiz hebraica. A palavra “glória” vem do termo hebraico usado para “peso”.

Quando eles atribuíam glória a Deus, estavam dizendo que Deus era “denso” ou “pesado”. No entanto, eles não concebiam Deus como uma divindade extremamente obesa ou com excesso de peso no céu. Deus não era considerado alguém que era pesado em quilos, mas, sim, em significado.

Deus era concebido como alguém que tinha existência substancial ou “sólida”. Existe uma permanência associada a Deus que nenhuma criatura possui.

Em contraste, o homem é retratado em termos efêmeros, e a fragilidade de sua vida é comparada à erva. É dito: “Toda a carne é como a erva, […] a erva seca” (1Pe 1.24, ESV). O homem ímpio é descrito em termos ainda mais transitórios; ele é “como a palha que o vento dispersa” (Sl 1.4, ESV), não tem peso nem substância.

A ideia de que a dignidade está ligada ao peso não é estranha às pessoas que

falam inglês ou português, por exemplo. Expressamos a mesma noção em nossos padrões informais de linguagem. Considere a resposta de um estudante universitário, algumas gerações atrás, a uma aula profunda ministrada por um de seus professores. O aluno murmurou “Aula de peso”, enquanto pensava nos pontos discutidos.

Em outro contexto, o mesmo aluno pode ter reagido dizendo: “Ele nos deixou uma bagagem de peso”.

Em contrapartida, quando sentimos que estamos sendo indevidamente ignorados ou não somos levados a sério, reclamamos: “Essa pessoa me toma levianamente”. Ser tomado levianamente é ser tratado com indignidade, ser considerado insignificante. Nesse caso, o valor ou importância de alguém como pessoa é questionado.

A glória do homem é derivada de Deus

Já vimos a estreita ligação entre dignidade e valor. Porque Deus atribuiu valor ao homem e à mulher é que a dignidade humana foi estabelecida. A glória do homem é derivada; sua glória pessoal depende da glória de Deus.

O homem desfruta de uma posição tão elevada na natureza das coisas porque a humanidade carrega a imagem de Deus. Desde a criação até sua redenção, a dignidade humana é preservada. O ser humano foi criado por alguém que é eterno e feito para uma redenção que se estende por toda a eternidade.

Sua origem tem importância — seu destino tem importância — ele próprio tem importância.

PARA REFLEXÃO ADICIONAL

Escreva sua própria definição de dignidade.

Como você acha que seu senso de dignidade é prejudicado?

Como a dignidade humana se relaciona com a criação?

Como a responsabilidade por prestar contas se relaciona com o valor do ser humano?

Por que afro-americanos e judeus se importam tanto com a questão da dignidade?

Como você reage à “vitória” do suicídio de Hemingway?

Por que as pessoas pensam que o cristianismo tem uma visão inferiorizada do ser humano?

De onde vem o poder de ser do ser humano?

Como você reage à ideia de que “o homem é a medida de todas as coisas”?

Por que enfrentamos uma crise de dignidade humana em nossos dias?

[1] Publicado em português por Principis sob o título Um conto de duas cidades.

[2] Uma referência a “A boy named 'Sue’”, uma música country e western que ficou conhecida na voz do cantor Johnny Cash.

[3] Macbeth, V.v.17 [publicado em português por L&PM].

[4] Estas são as palavras de abertura do soneto “The new colossus”, escrito em 1883 por Emma Lazarus (1849-1887) e inscrito em uma placa que fica nos pés da Estátua da Liberdade.

[5] Variações dessa frase têm sido usadas como sinônimo de Primeira Guerra Mundial. “Uma guerra para acabar com a guerra” foi um dos slogans popularizados pelo Comitê Governamental de Informação Pública, criado durante a Primeira Guerra Mundial para apoiar e justificar o envolvimento dos Estados Unidos no confronto. H. G. Wells, em 1914, publicou um livro com o

título The war that will end war [A guerra que vai acabar com a guerra]. Bertrand Russell, em sua obra Portraits from memory [publicado em português por Editora Nacional sob o título Retratos da memória e outros ensaios], também atribui a Wells a frase “Uma guerra para acabar com a guerra”.

[6] Embora o combate na Primeira Guerra Mundial tenha terminado às 11 da manhã do dia 11 de novembro de 1918, quando a Alemanha aceitou o armistício, a guerra não terminou oficialmente senão até que o Tratado de Versalhes fosse assinado, em 28 de junho de 1919, no Salão dos Espelhos do Palácio de Versalhes, em Versalhes, França.

[7] Em setembro de 1938, Neville Chamberlain, então primeiro-ministro britânico — na esperança de apaziguar Adolf Hitler e evitar outra guerra mundial — encontrou-se com Hitler em Munique, Alemanha, e assinou o Pacto de Munique. Então, voltou para casa, em Londres, e anunciou do número 10 da Downing Street que havia alcançado “paz em nosso tempo”. A subsequente invasão da Polônia pela Alemanha nazista logo provou que Hitler havia conseguido enganar Chamberlain, que foi então forçado a renunciar ao cargo, em maio de 1940. Ele foi sucedido como primeiro-ministro por Sir Winston Churchill, que guiou a Grã-Bretanha durante os anos de guerra que se seguiram.

[8] Esta palavra alemã surgiu em 1939, e é traduzida literalmente como “guerra-relâmpago”.

[9] Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) foi um filósofo alemão cujo princípio orientador era a “vontade de potência”. Ele rejeitou as virtudes cristãs e os ideais democráticos por achá-los contrários à “vontade de potência”.

[10] Albert Camus (1913-1960) foi um existencialista francês que escreveu romances, dramas e ensaios. Grande parte de sua obra reflete uma visão da vida humana como algo basicamente fútil e sem sentido.

[11] Veja Friedrich Nietzsche, The gay science (1882), sec. 282 [publicado em português por Lafonte sob o título A gaia ciência].

[12] Uma cena do filme de guerra de 1942, Captains of the clouds [Corsários das nuvens.

[13] Ernest Hemingway suicidou-se em 2 de julho de 1961, em Ketchum, Idaho, onde vivia desde 1958.

[14] O julgamento de Scopes — apelidado de “julgamento do macaco” pela imprensa — ocorreu em Dayton, Tennessee, em 1925, e envolveu a acusação de John T. Scopes, professor de biologia do ensino médio. Scopes foi acusado de violar o Butler Act, uma lei do Tennessee que proibia o ensino da teoria da evolução em escolas públicas. Clarence Darrow, importante advogado criminal da época, defendeu Scopes, enquanto William Jennings Bryan, ex-secretário de Estado dos EUA, encarregou-se da acusação.

Scopes foi condenado e multado, mas a suprema corte estadual posteriormente reverteu a decisão por um detalhe técnico. O Butler Act permaneceu em vigor no Tennessee até 1967.

[15] O autor russo Fiodor Dostoiévski (1821-1881) foi considerado, junto com Tolstói, um mestre do romance psicológico. Entre suas muitas obras estão Crime e castigo e Os irmãos Karamazov [ambas publicadas em português por Martin Claret]. Seus livros evidenciam uma simpatia pelo sofrimento humano e uma capacidade de encontrar um toque de bondade até mesmo no mais incorrigível dos seres humanos.

[16] Jean-Paul Sartre (1905-1980), famoso filósofo, romancista e dramaturgo francês, ficou talvez mais famoso por ser adepto do existencialismo, uma visão de que o indivíduo “está sozinho, abandonado na terra, em meio a responsabilidades infinitas, sem ajuda, sem outra finalidade senão aquela a que ele se propõe, sem outro destino senão aquele que ele mesmo forja para si nesta terra” (O ser e o nada, 1943 [publicado em português por Vozes]).

[17] Publicado em português por Darkside.

[18] Lewis Carroll, Alice’s adventures in Wonderland (1865), cap. 6 [publicado em português por Darkside sob o título Alice no país das maravilhas].

[19] R. C. Sproul, Stronger than steel: the Wayne Alderson story (New York: Harper & Row, 1980). O livro conta a história de “um filho de um minerador de carvão que se torna um grande executivo, um soldado que se torna um pacificador, um idealista cristão que vive como um realista radical e do fundador do muito difundido movimento Value of the Person [Valor da Pessoa], que visa a reestabelecer as relações trabalho/gestão sobre um fundamento positivo”.

[20] Massada é uma fortaleza, agora em ruínas, que fica no topo de uma montanha a cerca de 50 quilômetros a sudeste de Jerusalém, na qual perto de mil zelotes

judeus fizeram sua última resistência contra o domínio romano após a destruição de Jerusalém e do Templo, em 70 d.C., pelas forças romanas sob o comando do general Tito. Quando Massada não pôde mais resistir aos romanos, os zelotes, sob o comando de Eleazar ben Jair, cometeram suicídio em massa para evitar a rendição.

[21] Varsóvia, a capital da Polônia, caiu nas mãos das forças invasoras de Hitler em 27 de setembro de 1939, e foi ocupada por eles até janeiro de 1945. Durante a ocupação nazista da cidade, quinhentos mil judeus residentes de Varsóvia foram forçados a viver em um gueto murado, dentro da cidade, que tinha menos de 1.600 metros quadrados. Em quatro meses, no ano de 1942, trezentos mil habitantes do gueto foram levados para campos de concentração e mortos. Então, em abril de 1943, as tropas alemãs atacaram o gueto e mataram os judeus restantes, que resistiram bravamente por três semanas, antes de sucumbirem à força esmagadora.

[22] Membro de longa data da polícia secreta nazista, (Karl) Adolf Eichmann (1906-1962) foi o oficial da Gestapo encarregado por Hitler da "solução final para o problema judaico". Nesse papel, ele presidiu o extermínio de milhões de judeus na Europa ocupada pelos alemães.

Eichmann desapareceu no fim da Segunda Guerra Mundial. Então, em 1960, agentes israelenses o localizaram na Argentina, sequestraram-no e o trouxeram para Israel. Submetido a julgamento público em Jerusalém por crimes contra a humanidade, ele foi posteriormente condenado e enforcado.

[23] "A obsessão de Harold Abrahams em vencer foi fortemente influenciada por seu status de filho de um judeu alemão, que era forçado a lutar contra o preconceito em uma sociedade inglesa que o tratava como um estrangeiro. Seus triunfos nas corridas pretendiam forçar sua aceitação como filho nativo, igual a qualquer pessoa…

"Harold viveu muitos anos. Na época em que morreu, em 1978, ele era um importante redator e locutor desportivo e o Elder Statesman [estadista mais experiente] do atletismo britânico, mais estabelecido na sociedade do que ele jamais imaginou que seria quando começou em Cambridge". W. J. Weatherby, Chariots of fire (Nova York: Dell/Quicksilver, 1981), p. 16, 174.

4

DIGNIDADE NO LAR

A dignidade humana começa em casa. A família é o terreno fértil para todas as relações interpessoais, a unidade sociológica básica onde, pela primeira vez, é moldado o caráter pessoal e formada a identidade do indivíduo.

Se a criança não é valorizada em casa, para ela é difícil adquirir um senso de autoestima em qualquer outro lugar. Se a criança se sentir alguém sem valor, será difícil para ela transmitir um senso de dignidade às pessoas que encontrar fora de casa, pois não pode dar aos outros aquilo que não tem para si mesma.

Portanto, podemos nos referir ao lar como o berço do valor humano, o local em que o amor e o respeito devem ser nutridos com cuidado e protegidos com zelo.

DIGNIDADE E CASAMENTO

Se a família é a célula da sociedade, seu núcleo encontra-se na relação marido/mulher. O clima do casamento cria a atmosfera em que os filhos são criados. A atmosfera pode vibrar com a promessa do frescor de um dia de primavera, o tipo de ar que nos deixa ansiosos pelo futuro. Ou a atmosfera pode ser pesada, carregada de tempestuosas nuvens de ira, ou opressiva, poluída por um vapor úmido que sufoca a respiração e deixa manchas na alma.

A criança gosta de ver o abraço lúdico, o beijo de despedida e a brincadeira espontânea entre os pais apaixonados. Ainda que sejam pequenas, elas estão perfeitamente cientes da ameaça que é o divórcio para a segurança de seu lar. Elas observam os filmes e as lágrimas de seus coleguinhas de escola que já foram vítimas desse mal.

Também estremecem quando o som das brigas dos pais lhes fere os ouvidos, e

sentem dor de estômago quando testemunham suas brigas. Para que a criança adquira uma compreensão elementar do amor, ela deve ver em seus pais um modelo maduro dele. Se a criança crescer em uma zona de combate, se presenciar muitas brigas, se ouvir muitos insultos, o florescer da própria capacidade de amar é atrofiado por uma camada de gelo mortal.

A expectativa de um casamento feliz

Poucos casais entram no casamento com a intenção de terminá-lo em divórcio um pouco mais adiante. Alguns se casam pela conveniência de benefícios fiscais, pela vantagem de subsídios da previdência social ou com uma visão desonesta de um lucrativo acordo de pensão alimentícia.

Mas a Cinderela ainda não morreu, e as jovens ainda se colocam diante de suas janelas, cantando: “Um sonho é um desejo que o coração faz…”. A expectativa do casamento continua sendo em si mesma uma alegria empolgante, um momento em que as pessoas saboreiam cada etapa da preparação para o casamento.

Achei que meu interesse por utensílios domésticos tinha acabado quando “o prato fugiu com a colher” e eu deixei para trás as cantigas de roda. Mas colheres e pratos se tornaram românticos outra vez quando fui com minha noiva escolher um jogo de porcelana e a prataria. O planejamento para o aluguel de smokings, a encomenda das flores e a escolha do um bolo foram coisas divertidas.

Minha noiva ficou em êxtase quando seus pais a acompanharam à loja de noivas para escolher o vestido de sua vida. Ela tinha um baú de esperança, cujo nome era bem apropriado, pois nele estavam guardadas aquelas coisas nas quais sua esperança futura estava simbolicamente investida. A maioria dos casais compartilha o sonho que resultará no fim “felizes para sempre”.

As lembranças do dia do casamento aderem às células cerebrais. Poucas coisas estimulam mais minha capacidade de sentir nostalgia ou minha inclinação para ficar sentimental do que as lembranças daquelas horas. Certos momentos se destacam como vinhetas vívidas da ocasião:

Lembro-me de ter me barbeado com muito cuidado — esquadrinhando o espelho em busca de algum fio de barba esquecido e evitando escrupulosamente me cortar, pois mancharia meu semblante.

Lembro-me de aplicar graxa de sapato preta nas solas dos meus sapatos para que não brilhassem quando nos ajoelhássemos na igreja para a bênção do pastor.

Lembro-me de estar no corredor adjacente ao santuário, andando de um lado para o outro como uma pantera enjaulada, enquanto meu padrinho tentava em vão me acalmar.

Lembro-me de sincronizar meu relógio com o do pastor para saber o segundo preciso em que eu deveria entrar pela porta e passar pelos degraus da capela.

Lembro-me de corar, quando meu sorriso se escancarou, enquanto eu observava as damas de honra andando pela nave da igreja.

Bem no fundo da igreja, pude ver a silhueta da minha noiva segurando o braço do pai, à espera das primeiras notas da marcha nupcial. Meus olhos se encheram de lágrimas quando a congregação se levantou para sinalizar a entrada triunfante da minha mulher. E ela veio caminhando, passo a passo, com uma delicadeza régia sobre a passadeira de linho imaculada, e finalmente chegou ao meu lado.

A cerimônia parecia avançar com uma velocidade estonteante. A promessa de fidelidade e a realização de nossos votos acabaram muito depressa. Mirei Vesta nos olhos, enquanto recitava meus votos com uma intensidade que encheu a igreja. Senti a pressão das mãos do pastor em minha cabeça, enquanto ele consagrava nossos votos com uma oração.

Em seguida, veio um momento dinâmico, quando o órgão irrompeu, em pleno diapasão, ao som triunfante da música “Trumpet Voluntary”, de Henry Purcell. Em nossa alegre saída, tropecei desajeitadamente e enrosquei os pés na organza da saia rodada do vestido da minha esposa. A congregação riu com prazer enquanto eu corava mais uma vez quando Vesta começou nosso casamento oferecendo-me sua mão firme, um prenúncio das coisas por vir.

Nós atravessamos o pórtico da igreja e nos encaminhamos para o local da recepção, onde ficamos por horas recebendo o cumprimento de amigos e parentes. Esses foram os momentos mais sombrios do dia; a fila parecia se estender por uma eternidade, meus sapatos desconfortáveis agonizantemente me

apertavam os dedos e uma samambaia colocada em um local infeliz me espetava as costas. Mas as nuvens escuras foram embora quando cortamos o bolo e nos divertimos colocando, desinibidos, pedaços do bolo na boca um do outro.

O dia do nosso casamento foi inesquecível, um dia que é vivido de modo muito semelhante por milhões de casais, cada um com o coração transbordante de expectativas futuras.

A dor de uma união rompida

Então, o que acontece para que acabe o encantamento e pedaços do sonho desfeito sejam lançados no monte de cinzas de uma audiência de divórcio? As lembranças felizes do dia do meu próprio casamento são maculadas por saber que, dos cinco amigos que estavam ao meu lado naquele dia, quatro já estão divorciados e o quinto está em vias de concretizar seu divórcio.

Por que esta epidemia de casamentos desfeitos? Por que a dor de tantas uniões rompidas?

O conflito invade a felicidade do casamento e força as expectativas a se ajustarem para baixo. Quando as alegrias tão esperadas do casamento não se materializam, desapontamento e frustração se intrometem, trazendo raiva em seu rastro. O romance se transforma em guerra à medida que a raiva aumenta.

Psicólogos e conselheiros profissionais isolaram as principais áreas de problemas que emergem no casamento. Os problemas mais frequentes incluem conflito em torno de ajustes relacionados à área sexual, questões financeiras, relações com os parentes e expectativas relativas aos respectivos papéis.

DIGNIDADE SEXUAL

O relacionamento sexual é a mais volátil de todas as relações humanas, afetando as pessoas em seu nível mais profundo de vulnerabilidade. No ato sexual, somos despojados até a mais completa nudez, algo que vai além do aspecto físico e se estende aos aspectos emocional e psicológico. No sexo, somos “descobertos” e expostos.

Ainda que um homem seja notoriamente bem-sucedido em sua carreira de negócios, ele se sentirá um fracasso miserável se for impotente ao se relacionar com a esposa. Ainda que uma mulher seja uma modelo de perfeição para sua comunidade, ela se sentirá sem valor se seu relacionamento sexual com o marido for um desastre. Se essa área do casamento falhar, o relacionamento fica tenso, e o frágil ego humano é assaltado pela dúvida.

Satisfação mútua

Muito tem sido escrito, particularmente por autores cristãos, sobre a necessidade do amor altruísta no casamento e no leito conjugal. Somos exortados a atender as necessidades de nosso cônjuge sem nos preocuparmos com nossa própria satisfação. Os votos do casamento, segundo dizem, nos vinculam a uma promessa de nos doarmos ao nosso parceiro de forma altruísta.

Isso é um completo absurdo. Amor e sexo altruístas são coisas tão distantes da visão bíblica do amor quanto são distantes entre si os filmes Guerra nas Estrelas e E o vento levou.

Variantes da religião oriental perseguem o objetivo de perder a identidade pessoal no “um” do cosmos ou de absorver o eu em alguma superalma etérea. O cristão, no entanto, não entra no quarto do casal entoando mantras.

Em nenhum lugar a Bíblia defende a aniquilação do eu, mas, sim, promove a redenção do eu. Ela repreende o amor egoísta, mas em nenhum lugar defende um amor destituído de sua dimensão pessoal.

Imagine o que seria praticar um tipo de amor que fosse totalmente altruísta. Não se permitiria ao eu nenhuma alegria pessoal, nenhum prazer pessoal no

relacionamento amoroso. No momento que o eu desfrutasse de qualquer senso de gratificação, isso desencadearia um sinal de alerta de que a norma do amor altruísta foi violada.

No entanto, não há nada errado com uma pessoa sentir prazer no ato de fazer amor. Não foi por mero capricho que o Criador projetou nossa anatomia com uma concentração de terminações nervosas que involuntariamente incitam sensações de prazer durante o sexo. Sublimar intencionalmente o deleite físico natural é insultar nosso Criador.

Quando decidi me casar, não pretendia encontrar uma mulher a quem eu pudesse me entregar inteiramente, sacrificando qualquer esperança de realização pessoal no processo. Procurei uma mulher que, segundo eu acreditava, me faria feliz e enriqueceria minha qualidade de vida. Casei-me com minha esposa não em um ato heroico de abnegação e sacrifício pessoal feito exclusivamente em benefício dela, mas porque gostava tanto de sua companhia que queria passar o resto da minha vida com ela, e juntos experimentaríamos as mais íntimas das afinidades humanas. E minha esposa decidiu se casar comigo basicamente pelas mesmas razões.

Consideramos o relacionamento amoroso como um assunto recíproco em que ocorre a realização mútua. Nenhum de nós precisa sofrer uma culpa sem sentido por causa de algum “amor altruísta”. O meu eu está totalmente envolvido no casamento, assim como o eu da minha esposa também está. A totalidade desse envolvimento é o que faz do relacionamento conjugal algo tão sensível.

Ninguém neste mundo tem maior capacidade de me machucar do que minha esposa, pois muito do meu ego, na verdade, da minha alma, está investido em nosso relacionamento. Ela me conhece mais intimamente do que qualquer outra pessoa e, em consequência disso, sua aceitação ou rejeição em relação a mim conta muito.

Não é de admirar que o divórcio cause tanto dano à psiquê humana. O quanto é doloroso para qualquer um chegar à triste conclusão de que foi rejeitado pela pessoa que melhor conhece você. Essa percepção lança uma nuvem de medo sobre os demais relacionamentos, pois a rejeição desponta como um perigo constante. Máscaras são colocadas e paredes levantadas, para que ninguém mais penetre em sua alma nua e tripudie sobre ela.

Respeito mútuo

Um elemento essencial da cerimônia tradicional de casamento é rastejar em direção ao cemitério de anacronismos. A promessa do noivado inclui um compromisso de “prezar” o parceiro. Prezar significa atribuir um alto valor a algo, valorizá-lo e protegê-lo do mal.

O amor egoísta não preza o parceiro, mas o considera um objeto trivial para a própria satisfação. O parceiro que não é prezado torna-se vítima de exploração. O antídoto é o respeito mútuo, não o amor abnegado.

Quando prezo minha esposa, orgulho-me dela e a honro. Alcançado pela doença incurável dos românticos, quero minha esposa no pedestal de Afrodite — não em uma plataforma plastificada de glória, mas sobre um estrado feito de amor e estima.

A prática desse carinho é uma defesa formidável contra casos extraconjugais, que tanto arruínam muitos casamentos. Poucos desses casos começam de forma premeditada. A maioria deles acontece “por acidente”, quando necessidades gritantes que foram negligenciadas dentro do casamento são satisfeitas fora dele.

Inúmeras vezes, oferece-se uma explicação fácil para esses casos: “Ela me fez sentir homem de novo” ou “Ele me fez sentir mulher”. A definição do que significa se sentir homem ou mulher pode ser enigmática, mas os sentimentos são bastante reais.

O homem que não se sente estimado por sua esposa fica vulnerável à admiração e ao respeito que recebe de sua secretária. A mulher que não é valorizada pelo marido fica vulnerável à atenção solícita que recebe de outro homem. Sem malícia premeditada, pessoas que se encontram nesse grau de vulnerabilidade podem se render quase que involuntariamente a casos extraconjugais.

Uma pessoa pode responder de maneiras diferentes às propostas carinhosas de um terceiro. Pode permitir que o ego seja provocado e encoraje um nível mais profundo de envolvimento, ou pode ver a proposta como um perigo claro e

presente para o casamento. A escolha será condicionada em parte pelo grau em que a pessoa estima e se sente estimada no casamento. Mas somente um tolo arrisca a perda de algo inestimável em troca de uma massagem momentânea do ego.

Como o carinho sai do abstrato e passa a ser concreto? Como posso mostrar à minha esposa que a prezo?

A resposta traz ecos das palavras de Elizabeth Barrett Browning: “Como amo a ti? Deixe-me contar as maneiras”.[1] Alguém já disse que uma mulher precisa ouvir que é amada 365 dias por ano e de 365 maneiras diferentes.

O mesmo se aplica aos homens. Embora a imagem do macho possa impedir manifestações externas de garantias de amor, por dentro o espírito anseia por essas garantias de que é amado. O carinho pode ser demonstrado sob a forma de simples atos de apreço e de sensibilidade em relação às necessidades da outra pessoa.

De conhecimento público

Uma demonstração vital e concreta de estima é a declaração de amor pública. Aprendi a importância disso com minha própria esposa, que tolera minhas demonstrações de afeto para com inúmeras amigas. Eu sou do tipo que dá grandes abraços nas mulheres na porta da igreja, após o culto, e que abraça com afeto as amigas.

Minha esposa me garante que não se importa com essas manifestações externas de afeto, o que me deixa um pouco irritado com sua serenidade. Ela explica que sua segurança se deve ao fato de eu deixar claro para o mundo inteiro que sou apaixonado por ela. Ela diz que não teria essa mesma certeza se minhas declarações de amor por ela se restringissem à privacidade de nossa casa.

É importante que os cônjuges tornem seu compromisso de um para com o outro uma questão de conhecimento público. Por isso as cerimônias de casamento não são realizadas no banco dos carros em driveins. Quando a estima pessoal é

mantida em segredo, o casamento fica exposto a ataques externos.

Intimidade criativa

A vida sexual de um casal é o ponto em que a estima pessoal pode florescer ou definhar. É o santuário interno da união, no qual os dois se tornam uma só carne. A vida sexual de um casal pode ser uma fulgurante primavera ou um pântano fétido em que o amor se afoga.

Deus fez do casamento um jardim sacrossanto, o único domínio em que o sexo é permitido. Dentro desse jardim, porém, a criatividade deve florescer para que seus frutos sejam permanentemente frescos e deliciosos ao paladar.

O cristão sofreu com o estrangulamento do asceta que condena o deleite da dádiva do Criador. Enquanto Deus permaneceu em silêncio, os fariseus uivaram, acorrentando pontos do leito conjugal em que Deus havia nos deixado livres. Os tabus contaminam o jardim e o condenam à estagnação.

Foram os antigos maniqueus,[2] e não os hebreus, que começaram a calúnia de que o sexo no casamento é, na melhor das hipóteses, um vício esplêndido ou um mal necessário. A forca para os maniqueus, que transformaram flores em ervas daninhas e tesouros em sucata! Que o leito conjugal seja imaculado, como declarou o apóstolo (veja Hb 13.4).

A contaminação pode surgir de duas direções: da corrupção decorrente de abuso físico e emocional ou de limites estreitos impostos por puritanismo. O jardim de Deus tem limites, mas quem se encontra dentro dele não está confinado ao espaço de uma cela. A paisagem do jardim é vasta e convida à exploração de seus mistérios.

A dimensão sexual do casamento é aquela em que os casais se encontram: aqui, em solene quietude; ali, em paixão sem fôlego; e acolá, em deliciosas brincadeiras. Sexo é algo ao mesmo tempo solene e divertido, reverente e brincalhão, terno e exótico, quando um corpo encontra o outro e uma alma se junta à outra.

Oração íntima

Podemos falar abertamente sobre o enriquecimento do amor conjugal gerado pela comunhão na oração. Mas não devemos ver o sexo e a oração como polos opostos que imponham uma barreira à harmonia da comunhão pessoal. A oração aproxima as pessoas umas das outras e também de Deus, incitando o casal a uma intimidade ainda mais profunda.

No paraíso, homem e mulher estavam nus e não se envergonhavam na presença de Deus. O leito conjugal nos oferece um gostinho do paraíso reconquistado.

CONFLITOS COM A DIGNIDADE

Conflitos financeiros

Brigas conjugais podem ser desencadeadas por conflitos em torno das finanças. Esse embate não se limita aos casais pobres; aflige também os abastados.

A raiz do problema encontra-se em uma série básica de fatos. Ninguém desfruta de recursos ilimitados de riqueza. Cada casal enfrenta a barreira de um limite finito de dinheiro disponível para gastos. Ao mesmo tempo, o desejo de gastar pode se aproximar do infinito.

O problema é agravado pelo fato de que não existem duas pessoas que tragam sistemas de valores exatamente iguais para o casamento. Quando o homem deseja novos tacos de golfe e a mulher, uma lava-louças, não há problemas se eles tiverem dinheiro suficiente para realizar os desejos dos dois. Se seus recursos, porém, forem insuficientes para cobrir ambas as despesas, alguém, então, tem de ceder quando chegar a um ponto de conflito.

Aqui é o ponto de sacrifício para um dos parceiros ou para ambos, uma vez que o valor do casamento deve ultrapassar o valor do talão de cheques. O voto de que estarão unidos “na riqueza e na pobreza” deve sair do banco e entrar no jogo. O orçamento familiar deve refletir um equilíbrio justo e equitativo dos desejos de ambas as partes.

Se uma quantia desproporcional de dinheiro for gasta nas necessidades de um parceiro, o outro parceiro se sentirá desvalorizado. O talão de cheques conta a história; é uma testemunha silenciosa da disparidade no lar.

O dinheiro é um meio de troca, mas também um meio de medir valor. Sozinho, ele jamais poderá determinar quanto vale o amor, mas certamente se intrometerá no domínio da estima. Uma esposa não é uma prostituta, nem um marido é um gigolô cuja estima possa ser comprada com ouro, mas não precisamos provar isso por penúria e mesquinharia.

A estima mútua vence o choque em torno dos valores materiais.

Conflitos com parentes

Estes podem ser conflitos enormes em que a interferência mostra sua face feia em vários pontos. O pai da noiva assume o domínio territorial na casa do genro. A mãe do noivo critica a forma que a nora cuida da casa.

Manipulação e interferência. O silencioso jogo da manipulação acontece onde são feitas as refeições nos dias de festa e os avós contrariam a disciplina dos pais. O irmão pede dinheiro emprestado e a irmã vem para uma visita muito prolongada, esperando que a anfitriã a sirva como uma empregada. De repente, os recém-casados, comprometidos com a intimidade, tornam-se estranhos no mundo um do outro, trancados e isolados um do outro pelos parentes intrometidos.

As piadas que falam das sogras fazem parte do contexto americano porque

refletem uma realidade nada engraçada. A interferência, no entanto, não é prerrogativa exclusiva da tão difamada sogra, já que qualquer dos relacionamentos que envolve os sogros pode ser problemático. Existem pais para os quais nenhuma mulher é digna de seu filho ou nenhum homem é digno de sua filha.

A dor surge quando os filhos são apanhados no aperto excruciante da pressão por lealdade. Ser forçado a escolher entre pai e cônjuge é uma coerção profana, que deixa uma nuvem de culpa sobre o casamento. A competição substitui o compromisso à medida que o afeto é afastado pela corrida por favoritismo.

Suponha, por exemplo, que uma esposa seja alvo das críticas dos pais de seu marido. Ela espera que o marido seja seu escudo e defensor. Para o marido, a situação é de risco duplo. Se ele defender a esposa, arrisca afastar-se de seus pais. Se ele ficar do lado dos pais, rebaixa a esposa. Sua posição não só é precária como dolorosa, fazendo com que o ressentimento cresça dentro dele ante os apelos da esposa.

Partindo e unindo-se. Por essas razões, parte da instituição bíblica do casamento exige que o marido deixe pai e mãe e una-se à esposa (veja Gn 2.24). Se o jovem casal deseja ter uma chance de um casamento bem-sucedido, a valorização prioritária deve ser colocada em seu relacionamento, e não em agradar os parentes por afinidade.

Devem ocorrer uma “partida” e uma “união” genuínas. Aqui está um exemplo em que a relação por afinidade tem preferência sobre a relação de consanguinidade, deixando a água mais espessa que o sangue.

Deixar os pais não equivale a abandoná-los ou rejeitá-los. Os filhos casados ainda devem honrar os pais, mas o domínio matrimonial deve carregar consigo a própria autoridade fora da esfera da autoridade parental. Espera-se que os pais — na verdade, algo que Deus exige deles — respeitem a nova unidade familiar constituída pelo casamento.

Conflito de papéis

A questão do conflito de papéis no casamento foi amplificada nos últimos anos, com a rápida mudança de posição das mulheres na sociedade. Cada parceiro traz para o casamento certa compreensão prévia de qual deve ser o papel do homem e da mulher. Essas expectativas de papel normalmente se derivam de observar o que acontece em casa.

O conflito surge quando o papel que a esposa espera desempenhar no casamento não é aquele que o marido deseja dela e vice-versa. Imagine a mãe de seu cônjuge casada com seu pai ou sua mãe casada com o pai de seu cônjuge. Em certo sentido, é isso que vocês têm.

O dilema da expectativa de papéis atrapalhou meu casamento muito cedo. Como minha esposa e eu namoramos por oito anos antes de nos casarmos, eu não esperava surpresas. Mas me surpreendi já na primeira vez que fiz uma viagem a trabalho. Com a maior naturalidade, pedi à minha esposa que fizesse minha mala.

Ela me olhou incrédula, dizendo: “Qual é o seu problema? Você por acaso é algum inútil? Eu não sou sua escrava. Faça sua própria mala”.

Fiquei profundamente ofendido com sua atitude e comecei a mostrar a devida expressão de desagrado. Expliquei que minha mãe sempre fazia a mala do meu pai. Ela não confiava que ele se lembraria de colocar tudo de que precisava, então assumia a tarefa de fazer a mala ela mesma. O lamento que não expressei em palavras era: “Se você me amasse como minha mãe ama meu pai, ficaria feliz em fazer minha mala”.

Minha esposa explicou que seu pai também fazia viagens de negócios frequentes e era meticuloso na hora de fazer as malas. Ele não queria que ninguém tocasse em sua mala. As palavras que minha esposa não disse em voz alta eram: “Se ele me amasse como meu pai ama minha mãe, ele nem sonharia em me pedir para fazer as malas dele”.

Todo esse negócio de fazer malas era uma questão doméstica vista a partir de perspectivas totalmente diferentes. Escolher qualquer um dos caminhos significava deixar a outra parte se sentindo humilhada e mal-amada. A única solução para esses problemas é a comunicação cuidadosa entre marido e mulher. A natureza e a fonte das expectativas de papéis devem ser resolvidas em uma

atmosfera de respeito.

DIGNIDADE E DISCIPLINA

No mundo antigo, ter filhos era visto como uma bênção divina. Quanto mais filhos, maior era a bênção. Essa cultura mudou para outra em que ter filhos às vezes é visto como uma maldição, e ter muitos filhos, uma verdadeira calamidade.

Passamos praticamente por uma lavagem cerebral de modo a acreditar que ter mais do que dois filhos é um desastre. O "filho indesejado" tem sido a principal justificativa para o aborto legal de quase um milhão e meio de bebês por ano. No entanto, apesar da proliferação de abortos, o fato é que milhares de casos de abuso infantil são relatados anualmente.

Extremos na disciplina

A criança espancada não é uma criança valorizada. Um dos ingredientes mais importantes para valorizar as crianças encontra-se na disciplina infantil. No entanto, esse ponto da disciplina é aquele em que os pais comumente mais erram. Disciplinar crianças é uma arte delicada que pode ser abusada tanto na direção do excesso de gravidade quanto na direção do excesso de indulgência.

A criança tratada com excessiva indulgência é uma criança não amada. Ouvimos protestos de pais em contrário. Quando seus filhos se envolvem em problemas, os pais torcem as mãos angustiados e se perguntam tristes: "Onde foi que eu errei? Dei ao meu filho tudo o que ele queria".

Alguém fica tentado a responder ao lamento desses pais dizendo: "Vocês

realmente querem saber onde erraram? Deixe-me fazer para vocês uma lista". Mas essa repreensão, a essa altura, iria apenas adicionar insulto à injúria.

Ciclos na disciplina

A síndrome cultural tende a se mover em ciclos. Uma geração indulgente é seguida por uma geração rígida, que, por sua vez, é seguida por uma nova geração indulgente. O padrão cíclico resulta da decisão dos filhos de não repetir os erros dos pais.

Por um lado, se uma criança cresce em um lar rígido e nutre ressentimento por isso, ela pode decidir ser mais tolerante com os próprios filhos. Por outro lado, uma criança que foi estragada pelo excesso de indulgência pode perceber que sua vida indisciplinada é em parte causada pela falta de padrões de disciplina estabelecidos para ela por seus pais. Ela também pode decidir mudar isso com os próprios filhos, reagindo de forma exagerada na direção oposta.

Qualquer que seja o caso, a autodisciplina normalmente vem, não por mágica, mas como uma extensão da disciplina imposta a nós por outros.

Disciplina como treinamento

A palavra disciplina pode ser desagradável e soar um tanto grosseira. No entanto, seu significado é parte integrante da vida cristã, pois o discipulado sem ela é vazio. Ser um discípulo sob a tutela de Jesus é um pouco como ser um recruta inexperiente no Corpo de Fuzileiros Navais. O treinamento disciplinado com altas expectativas e objetivos pode ser assustador, mas é uma afirmação da dignidade humana.

Os pais não são chamados a ser instrutores de treinamento da Marinha (DIs), embora lições valiosas possam ser aprendidas com os princípios usados no

treinamento militar. O Corpo de Fuzileiros Navais entende que enviar um recruta indisciplinado para a batalha é mandá-lo para a morte. O segredo da disciplina está em fornecer aos nossos filhos as ferramentas necessárias para lidar com os obstáculos que o futuro lhes reserva.

O slogan dos fuzileiros navais dos Estados Unidos, “Os poucos, os orgulhosos, os fuzileiros navais”, cheira a elitismo. No entanto, é exatamente isso que o slogan pretende comunicar. O que ele afirma é que não é fácil se tornar um fuzileiro naval. Requer trabalho e disciplina intensos, mas, uma vez que a pessoa conclui o treinamento, sai com autoestima e confiança.

Testemunhei uma notável transformação em um colega de classe que eu conhecia desde a infância. O menino estava sempre em último lugar na classe, era um aluno lento para aprender e desleixado em seus hábitos pessoais. Era desajeitado e se atrapalhava com os próprios pés, e por isso era sempre o último a ser escolhido quando estavam montando os times esportivos. Ele era obeso, e não me lembro de jamais tê-lo visto em um baile da escola nem ouvido falar de que ele saísse com garotas. Ele se encaixava bem na expressão “por fora”.

A formatura do ensino médio trouxe a separação inevitável dos alunos que estiveram juntos durante os anos escolares. A maioria dos que se formaram em nossa comunidade suburbana foi para a faculdade. Perdi o contato com o jovem obeso, pois ele não foi fazer faculdade.

Meu espanto foi ilimitado quando o encontrei durante um período de férias da faculdade em que fui para casa. Ele apareceu na drogaria local, o ponto de encontro favorito da nossa turma na infância. Olhei duas vezes para ter certeza de que era a mesma pessoa, pois o jovem desajeitado e desleixado havia se transformado em um anúncio ambulante de recrutamento para os fuzileiros navais dos Estados Unidos.

Ele estava elegantemente vestido com o uniforme azul do Corpo de Fuzileiros Navais, com o cinto bem justo em torno da cintura de 71 centímetros. Sua postura era altiva e ereta, todos os fios de cabelo estavam no lugar e suas feições morenas agora eram rudes e bonitas. O slogan “O Corpo de Fuzileiros Navais constrói homens” ganhou vida diante de meus olhos.

Contei essa história a um amigo que é general do Corpo de Fuzileiros Navais. Perguntei como era possível provocar mudanças como essas nos rapazes. E falei

das histórias de terror que ouvi sobre o campo de treinamento do Corpo de Fuzileiros Navais.

O general gastou um tempo explicando o processo e a filosofia por trás do treinamento de campo de um fuzileiro naval. Ele disse que os instrutores do treinamento devem ser mestres em encenação, para passar uma imagem brutal que aterroriza o coração dos jovens recrutas. E ele revelou a necessidade de ter de trocar os instrutores frequentemente porque é difícil para eles manter essa imagem de caras maus por um longo período de tempo.

Os instrutores geralmente se reúnem todas as noites, acrescentou ele, a fim de trocar ideias para melhorar sua representação e rir juntos sobre os acontecimentos do dia. O sádico não tem lugar entre os instrutores de treinamento do Corpo de Fuzileiros Navais.

O primeiro estágio para colocar os recrutas em forma é motivá-los pelo medo. Durante as primeiras semanas de treinamento, eles são tratados como puro esgoto. No entanto, o objetivo não é destruir sua dignidade, mas construí-la.

Depois de algumas semanas de treinamento duro, no momento em que o homem médio se aproxima do ponto de ruptura, os recrutas são levados a um auditório para assistir a um filme. O filme conta a história de um jovem que deseja se tornar um fuzileiro naval. A sequência de seu treinamento se desenrola na tela, conforme acompanham o garoto desde o momento da posse no cargo até a cena em que raspam sua cabeça e o passo a passo em sua experiência no campo de treinamento.

O ator é cuidadosamente escolhido de modo a não retratar um atleta musculoso que poderia suportar o treinamento com facilidade, mas que espelha o recruta mediano. Os homens que assistem ao filme gritam e berram, enquanto seu camarada na tela vive todas as coisas que eles acabaram de suportar. Eles torcem por ele como na luta do Rocky contra Apollo Creed, quando o recruta é confrontado por um instrutor zangado. Eles se identificam com cada pequena vitória que ele alcança.

O roteiro segue o recruta por todos os estágios pelos quais os jovens fuzileiros navais já passaram, e depois até o estágio final do acampamento — o momento mágico em que o jovem na tela é proclamado um fuzileiro naval. Os recrutas aplaudem seu equivalente cinematográfico, regozijando-se com seu sucesso

final. Eles, então, deixam o auditório com a convicção ardente de que também conseguem chegar lá.

Essa reação por parte dos recrutas é exatamente a que o filme foi cuidadosamente concebido para despertar: convencer os jovens de que eles podem chegar ao fim do treinamento se aguentarem mais algumas semanas. O ódio com relação a seus instrutores lentamente se transforma em amor, conforme se torna aparente que esses sargentos durões estão na verdade torcendo para que eles consigam.

Deve-se enfatizar repetidamente que a disciplina dos pais não deve ser equiparada à disciplina militar. Não precisamos raspar a cabeça de nossos filhos nem arrancá-los de suas camas com o toque de um clarim às 4h. O princípio é mais básico: a disciplina pode aumentar a autoestima.

Disciplina como ensino

A disciplina é uma forma de ensino, um conjunto de padrões que não pode ser delegado à responsabilidade exclusiva do professor da escola. Não usar essas ferramentas é roubar da criança padrões de que ela tanto necessita quanto anseia. Passamos horas incentivando nossos filhos a darem seus primeiros passos hesitantes, aplaudindo suas realizações enquanto caem em nossos braços. Mas há muito mais para ensiná-los e tantas ferramentas para prepará-los que os padrões da infância são meramente o começo de um treinamento disciplinado.

Disciplina como amor

A literatura sapiencial do Antigo Testamento fornece informações valiosas sobre o equilíbrio adequado da disciplina. O proverbial ditado “Poupe a vara e mime a criança” é uma corruptela do texto bíblico do qual foi extraído. O texto bíblico diz: “Quem poupa a vara odeia seu filho” (Pv 13.24, ESV).

A ideia desse provérbio está em desacordo com muitas coisas que passam por sabedoria contemporânea. Em alguns círculos, dar umas palmadas em crianças é encarado com tamanho desagrado que chega a ser considerado um tipo de punição cruel e incomum. Grupos de lobby em alguns estados lutaram por leis que considerem crime os pais baterem em seus filhos.

Nesses círculos, as palmadas dos pais são vistas como manifestação de falta de amor. No entanto, da Bíblia se extrai exatamente a conclusão oposta. Pois a Palavra de Deus diz que deixar de bater indica falta de amor.

Por que a discrepância?

Pelas categorias bíblicas, dar umas palmadas é visto como um meio para o fim da disciplina de correção. O padrão último para essa disciplina encontra-se no caráter do próprio Deus. Somos exortados a não menosprezar a correção que recebemos das mãos de Deus, pois “o Senhor repreende aquele a quem ele ama” (Pv 3.12, ESV).

Os pais que são indiferentes ao desenvolvimento de um filho e que negligenciam sua educação poupam a vara, não por um sentimento de caridade, mas porque procuram evitar o dever nada agradável de ter de aplicar a disciplina. Deixar de disciplinar pode indicar falta de disciplina pessoal dos próprios pais. Os pais que negligenciam a disciplina dos filhos amam mais a si mesmos do que aos filhos.

Disciplina como respeito

A diferença entre disciplina infantil e abuso infantil é grande. Os pais não têm desculpa para abusar de sua autoridade espancando os filhos ou submetendo-os à humilhação pública como parte da disciplina corretiva.

Uma criança não deve ser submetida ao domínio do terror por parte de um pai que está fora de controle. Nem os adolescentes devem ser submetidos a formas infantis de punição. A dignidade da criança está em jogo e deve ser protegida com zelo.

O Novo Testamento ordena que os pais não “provoquem os seus filhos à ira” (Ef 6.4, ESV). Essa injunção define o limite da disciplina infantil para o que é razoável e justo. Formas severas de punição e ataques brutais à criança, físicos ou verbais, são proibidos. Esse abuso provoca na criança, e com toda razão, uma reação de raiva, pois ela não foi tratada com respeito.

Disciplina como cuidado

A negligência, assim como o castigo severo, pode provocar ira na criança. Se deixarmos de disciplinar, passamos a mensagem de que realmente não nos importamos [com a criança]. Em certo sentido, a criança quer ser disciplinada e, às vezes, leva-nos ao limite da paciência para ter certeza de que reagiremos a ela.

Um garotinho, em uma história contada por Freud, ilustra como uma criança reage ao ser negligenciada. Ele foi expulso da escola por ser rebelde, e ficou do lado de fora da sala de aula, jogando pedrinhas contra as janelas. Quando confrontado por praticar mais esse delito, o menino explicou que só queria ter certeza de que a professora sabia que ele ainda estava lá fora.

Sabemos que crianças não são cães e cães não são crianças, mas há lições a serem aprendidas com os métodos de treinamento canino. Certa vez, enquanto eu administrava o treinamento de obediência aos nossos cães, minha filha me disse:

— Papai, por que os cães parecem gostar mais de você do que de mim, embora seja você quem os pune quando são maus?

Eu respondi:

— Talvez seja por isso mesmo que eles gostam de mim. Eles sabem exatamente o que esperar de mim e quais são seus limites. Eles também sabem o que é ouvir meus elogios por um trabalho bem feito.

Lembro-me da primeira vez que comecei o treinamento de obediência com meus dois filhotes de pastor-alemão. O macho, de peito largo, resistiu à coleira com

tanta força que a partiu em duas. A fêmea correu com medo e rastejou para debaixo da cama, recusando-se a sair. Esse foi o primeiro dia.

No terceiro dia, tudo que tive de fazer foi ir ao armário onde eu guardava a coleira, chacoalhar a corrente, e os dois cães lutaram entre si, correndo em minha direção para ver quem poderia passar primeiro pelo treino.

Não me recordo de competir com minha irmã para ver quem conseguiria o primeiro golpe de colher de pau da minha mãe. Não me deliciava com essas administrações de disciplina. Mas quase gosto das minhas lembranças daquela colher, pois posso rir das brincadeiras que fazíamos tentando escondê-la nos momentos de perigo, só para descobrir que minha mãe sempre parecia ter uma colher reserva quando necessário.

Nossas palmadas eram sempre seguidas de um abraço caloroso e do cuidado de garantir que ainda éramos amados. Tais ações não nos deixavam confusos, mas apenas confirmavam a noção de que estávamos sendo corrigidos exatamente porque éramos amados.

Disciplina mais tempo e espaço

As crianças precisam de mais do que disciplina. O presente mais valioso que podemos lhes dar é nosso tempo.

Elas não nos consideram seus amigos ou colegas. Elas têm a própria vida para tocar e raramente a aproveitam se nos recusamos a permitir que sejam crianças ou se insistimos em agir como elas. Os pais que se esforçam demais para ser “um membro da gangue” costumam envergonhar a criança, que fica ressentida por se intrometerem em seu domínio.

As crianças precisam tanto ter um espaço separado de nós quanto ter acesso a nós. Nós as violamos como pessoa se buscarmos viver nossa própria vida de novo por meio da deles. Elas percebem esse jogo e não sentem dignidade em serem usadas como alter egos.

Pais que valorizam seu filho o tratam como alguém que é importante por si mesmo.

DIGNIDADE E OS IDOSOS

O estigma cultural

Está na moda hoje em dia referir-se àqueles em idade avançada como “idosos”. A mudança de “velho” ou “pessoa de idade” para “idoso” ocorreu, em parte, como resposta ao protesto dos nossos idosos contra o estigma associado ao envelhecimento. É dito que o mundo pertence aos que são jovens e agressivos, e que os velhos são considerados exauridos e inúteis.

O respeito pelos mais velhos, encontrado em culturas antigas e em muitas culturas orientais de hoje, diminuiu rapidamente nos Estados Unidos. Na época em que as leis contra a discriminação por idade ainda não podiam ser invocadas como proteção, a aposentadoria forçada aos 65 anos transmitia a mensagem nada sutil de que as pessoas além dessa idade tinham pouco valor quando se trata de contribuir para com a sociedade. Mesmo agora, apesar dessas leis, e se levarmos em conta a suposta vantagem de sua experiência acumulada, os idosos que procuram emprego em nossa sociedade voltada para a juventude ainda acham que sua maturidade conta contra eles nas entrevistas com funcionários mais jovens da área de recursos humanos.

Perspectiva alterada

Quando adolescente, eu me ressentia dos conselhos paternalistas dos idosos que me menosprezavam com um sorriso de quem sabe tudo, que revelava uma tolerância condescendente ao meu zelo por certas questões. O que mais me

frustrava era a recusa em dar respostas com conteúdo às minhas perguntas e a opção pelo seguinte ditado irritante: “Você vai descobrir quando ficar mais velho”.

Eu rebatia o clichê “a experiência é o melhor professor” com um provérbio meu: “A sabedoria está na cabeça, não na barba”. O tempo, no entanto, exerceu sua vingança sobre mim e, à medida que meu cabelo vai ficando grisalho, tenho uma perspectiva diferente desse assunto. Eu vivi os momentos embaraçosos de responder aos “por quês” dos meus filhos com fracos “porquês”. Enfrentei o dilema de não encontrar um ponto de referência para explicar coisas que só vim a entender com a experiência.

Certas coisas se tornam mais sérias com a idade, enquanto outras perdem sua importância. A dor de estômago já não é considerada uma simples gripe pela pessoa idosa, nem a dor de cabeça apenas como um sinal de cansaço. Cada dor deve ser considerada como um possível sinal de uma doença fatal.

O resultado dos jogos esportivos já não é mais motivo de lágrimas. Mudanças de humor não são medidas em termos de dias ou horas, mas, sim, pelo acréscimo de décadas.

Anonimato total

Voltei para minha alma mater para fazer uma palestra em uma assembleia. Terminado o evento, saí do centro cultural ao longo da passarela do quadrilátero, em direção à imensa torre “Old Main”. Lá, vi um homem de cabelos brancos arrastando-se ao longo da passarela, em uma trajetória oscilante com sua bengala, enquanto os alunos passavam por ele com velocidade assustadora, deixando sua jornada perigosa.

Ele era um octogenário com quase noventa anos. Um casaco fora de moda cobria seus ombros curvados. Reconheci-o imediatamente como um antigo professor da instituição, um homem que conquistou fama internacional na década de 1930 por seu aguçado trabalho na área da filosofia. Ele já fora famoso por seu intelecto e perspicácia brilhantes.

Eu o observei, então, enquanto ele se movia em total anonimato, vendo os alunos passarem por ele como se não fosse digno de que alguém lhe carregasse a pasta. Pensei comigo mesmo: “Esses jovens não conhecem esse homem, mas Deus sabe quem ele é”.

Honra merecida

Quando vejo alguém curvado pela idade, vejo uma pessoa cujos olhos testemunharam coisas sobre as quais apenas vi nos livros. Os olhos são devidamente chamados de “janelas da alma”, pois revelam a emoção e o sofrimento que a alma suportou.

Deus nos chama a honrar e respeitar os mais velhos em medida especial (veja Lv 19.32; Pv 23.22; 1Tm 5.1). Acho difícil passar por uma cabeça grisalha ou ver um rosto com rugas sem que um senso de admiração cresça dentro de mim. Essa pessoa mais velha merece meu respeito, nem que seja pelo fato de ter conseguido chegar até aqui. Ele ou ela sobreviveu.

Os idosos são os valentes que já foram muitas vezes à casa do luto, que leram muitos obituários e sobreviveram à rebeldia dos filhos e à impertinência dos netos. Eles sabem coisas que nós apenas imaginamos e demonstram uma paciência bondosa para com nossa arrogância. São pessoas consagradas: sagazes, prudentes e longânimes.

Nem todos são santos, pois alguns se tornam irascíveis e outros rabugentos. Mas mesmo os ataques violentos da senilidade ou o constrangimento da incontinência não conseguem diminuir a dignidade majestosa de sua pessoa.

Aos idosos pertence a honra. É seu direito sagrado recebê-la e nosso dever solene concedê-la. Eles são a força e a continuidade da família, a raiz patriarcal e matriarcal da nossa própria dignidade.

PARA REFLEXÃO ADICIONAL

O que faz você se sentir estimado(a)?

Quais são as principais razões pelas quais as pessoas são atraídas para casos extraconjugais?

Quais são os princípios que determinam os limites das práticas sexuais entre os cônjuges?

Como os sogros interferem na vida dos casais?

Discuta maneiras pelas quais os casais podem esclarecer as expectativas em torno de seus papéis.

Você acha que bater na criança é uma forma saudável de disciplina?

Como a autodisciplina ou a falta dela afeta sua vida?

Quais são as principais causas da ira do adolescente?

Como os idosos que você conhece se sentem a respeito de si mesmos?

Como alguns pais e mães tentam viver sua vida por meio dos filhos?

[1] Elizabeth Barrett Browning (1806-1861), Sonnets from the Portuguese, n. 43 [publicado em português por Rocco sob o título Sonetos da portuguesa].

[2] Os maniqueus eram discípulos de Mani, líder religioso persa (c. 216-276 d.C.) que acreditava ser o último de uma linhagem de profetas que incluía Zoroastro, Buda e Jesus. Ele afirmava que as revelações de seus predecessores foram apenas parciais e se consumaram em seus próprios ensinamentos.

Mani ensinava que o universo se dividia em dois reinos, um do bem e outro do mal, sempre em conflito. O do bem era o reino da Luz (espírito), governado por Deus, e o do mal era o reino das Trevas (matéria), governado por Satanás — e esses dois reinos estavam envolvidos em uma luta sem fim. O corpo humano é material e, portanto, também é mau. O corpo aprisiona a alma, que é espiritual e

só pode ser redimida por meio do conhecimento do reino da Luz, revelado por aquela sucessão de profetas que culminou em Mani.

Os maniqueus mais aperfeiçoados espiritualmente, chamados de eleitos, eram ascetas ao extremo, e praticavam o celibato estrito, o vegetarianismo e a abstinência de vinho. Curiosamente, também se abstinham do trabalho, limitando-se à pregação.

Os maniqueus menos aperfeiçoados espiritualmente, chamados de auditores, faziam jejuns semanais e serviam aos eleitos. Eles tinham permissão para se casar, mas eram desencorajados de procriar. Sua esperança era renascer como eleitos.

Por fim, os líderes zoroastrianos convenceram o imperador persa Bahram I a prender Mani como herege. Então, ele morreu em confinamento ou foi executado.

Por nove anos antes de sua conversão, Santo Agostinho foi um maniqueu.

5

DIGNIDADE NA ESCOLA

A cena se passa em Los Angeles, Califórnia. O estilo arquitetônico do edifício reflete o requinte moderno dos padrões nouveau da cultura da Costa Oeste, com paredes extensas elevando-se como asas de pássaros em direção ao céu. À primeira vista, o estilo sugere uma enorme peça de escultura contemporânea, mas o olhar experimentado detecta as linhas de uma fortaleza.

Dentro das paredes sem janelas, o quadro é caótico. No fim de cada corredor, uma pessoa cochicha em um walkie-talkie enquanto guardas armados patrulham pontos estratégicos de interseção. Os alunos se movem em um ritmo frenético entre os monitores, correndo entre uma aula e outra.

É uma escola, mas os não iniciados a confundem com uma prisão. É questionável quem são os presos — se são os alunos ou os professores.

As escolas, principalmente as do ensino médio público, tornaram-se uma zona de combate. Passamos da tranquilidade da escola rural com uma única sala, presidida pela professora vinda do Leste, para um completo acampamento armado, com pelotões de combate e agentes de narcóticos infiltrados. O contexto moderno faz com que Blackboard jungle [Sementes de violência], filme da década de 1950 com Glenn Ford, lembre um proverbial piquenique de escola dominical.

Nossas escolas passaram por uma crise de respeito, que afetou as relações entre aluno e professor, professor e professor, e professor e administrador. A organização dos professores em uma unidade coesa de negociação coletiva é algo recente. Apesar dos contratos melhores, estamos testemunhando um êxodo em massa de professores veteranos que estão optando pela aposentadoria precoce. Ouve-se deles uma declaração comum: “Ensinar não é mais divertido”.

A DIGNIDADE DO PROFESSOR

As atitudes da sociedade

Estados Unidos. Atribuem-se diferentes níveis de valor a um professor nas diferentes sociedades. Nos Estados Unidos, tendemos a permitir que o valor de um professor seja ditado estritamente por fatores de mercado. O professor parece estar fadado à condenação pela lei de ferro que rege os salários, uma vez que a profissão tem passado por uma superabundância, com o excedente de professores superando os cargos docentes disponíveis. O clichê é um clássico exemplo: "Professores custam dez centavos a dúzia".

Mas é preciso mais do que um diploma para ser um bom professor. O antigo clichê pode ser respondido com outro: "Um bom professor vale seu peso em ouro". Da perspectiva de um sistema de valor monetário, é astronômica a diferença entre um ser humano que vale seu peso em ouro e uma moeda de dez centavos. Mas somos uma sociedade que tende a medir o valor de um profissional por seu nível salarial. E, dessa perspectiva, é difícil atribuir muito valor aos professores.

O valor de um professor também reflete a atitude da sociedade em relação à educação. A nossa é orientada de forma pragmática, pois vê a educação como um meio para um fim econômico, e atribui um baixo nível de valor à educação por si mesma ou para o enriquecimento do caráter.

Um dos grandes objetivos da minha vida era ser professor universitário. A profissão me acenava como algo nobre e emocionante. Após 23 anos trabalhando com educação, e entre eles onze anos com ensino superior, tive a sorte de conseguir uma nomeação para o corpo docente de uma faculdade no Nordeste dos Estados Unidos.

Eu valorizava muito minha posição, mas fiquei um tanto decepcionado ao ler um artigo no Boston Globe que revelava que o salário inicial de um zelador, nas escolas da cidade de Boston, era mais alto do que o meu — o que dava um exemplo concreto da lei da oferta e demanda. Essa revelação fez pouco para melhorar minha autoestima profissional.

Europa. Nem todas as nações são como os Estados Unidos, quando se trata de colocar os professores nos degraus mais baixos da escalada profissional. Eu tive um choque cultural quando comecei meus estudos de graduação em uma universidade europeia. Recebi orientação suficiente para saber que deveria usar paletó e gravata nas aulas, mas ainda não estava preparado para minha primeira exposição ao sistema europeu.

Entrei na sala de aula e não vi sinal de professor. Os alunos ocupavam seus lugares de forma ordeira, sem conversas, em silêncio. Depois de alguns minutos, a porta se abriu e o professor entrou. Instantaneamente, os alunos se levantaram e ficaram em pé, aguardando, até que o professor alcançou o pódio.

Com um aceno de cabeça do professor, os alunos tomaram seus assentos e deram total atenção à aula. A aula não devia ser interrompida por perguntas dos alunos, pois era considerado presunçoso um aluno interromper o discurso erudito do professor, visto que estávamos lá para ouvir. Mas, para meu horror eterno, essa aula foi interrompida não por um aluno, mas pelo próprio professor.

Era uma tarde quente e sufocante, sem uma brisa sequer. Procurando alívio para o calor, tirei casualmente meu paletó. De repente, o professor interrompeu sua preleção no meio da frase e olhou na minha direção.

Ele disse friamente: “Poderia o aluno americano, por favor, colocar o casaco de volta?”.

Fiquei mortificado com todos os olhares de reprovação sobre mim e, em meio a meu constrangimento, eu me perguntei como o professor sabia que eu era americano. Rapidamente aprendi que um aluno em sala de aula tinha o status de plebeu.

Quando chegou a hora do meu primeiro exame oral, passei pelos trâmites necessários para conseguir uma entrevista com o professor para passar por esse calvário. Fiquei surpreso ao descobrir que o exame seria realizado na casa do professor, um ambiente que tornava a ocasião ainda mais intimidante.

Desde o momento em que cheguei, tremendo de terror, comecei a experimentar a metamorfose de ser transformado de plebeu em príncipe. Fui graciosamente conduzido ao escritório do professor por sua adorável esposa, que me ofereceu

cookies e a possibilidade de escolher entre chá, café ou Jenever — substância semelhante à goma-laca que os holandeses tomam como se fosse gim. Uma variedade de cigarros e charutos era colocada diante de mim para serem usados como calmante durante o interrogatório.

O comportamento do professor era igualmente surpreendente. Ele começava o "exame" perguntando com sinceridade se eu estava satisfeito com o local em que eu estava vivendo e com o bem-estar de minha esposa e filha. Mal percebi o momento em que a conversa se voltou para assuntos acadêmicos.

Conversação é a palavra certa para quando ele começou a me "testar", travando uma conversa contínua sobre o material que eu estava estudando, como se estivesse discutindo o conteúdo com um colega. Ele me fez sentir a pessoa mais importante do mundo e que minha contribuição para a discussão era valiosa. Naquele momento, entendi que o protocolo da sala de aula não era um costume vazio de mero decoro tradicional.

Israel. A Bíblia não silencia sobre o papel do professor. Por mandato divino, somos chamados a prestar honra aos nossos professores. O papel do professor em Israel tinha um status elevado.

Há muitas piadas judaicas sobre o orgulho da mãe iídiche que fala "meu filho, o médico" ou "meu filho, o advogado". Em Israel, as materfamilias falavam com o maior orgulho, quando podiam dizer: "Meu filho, o rabino".

O status do professor era tão elevado que tinha o poder de reverter questões tradicionais de etiqueta familiar. No lar judeu, o pai era tratado com solenes sinais de respeito. Sua autoridade era reconhecida por sinais visíveis de aquiescência.

O costume era que todas as crianças ficassem de pé quando o pai entrasse na sala. Esse costume era quebrado apenas uma vez. Se o filho fosse um rabino, então era o pai que deveria se levantar quando o filho entrasse na sala.

O Novo Testamento ressalta o incrível papel do professor ao declarar: "Não muitos se tornem mestres, pois com o ensino vem maior juízo" (Tg 3.1). Cristo advertiu sobre as terríveis consequências do juízo que viria sobre o mestre que fosse responsável por corromper seu aluno. Ele avisou que seria melhor para

essa pessoa ter uma pedra de moinho amarrada ao redor do pescoço e ser lançada no abismo do que fazer um dos pequeninos tropeçar (veja Mt 18.6).

O papel de Jesus

O próprio Cristo foi um mestre, tendo ganhado direito ao título de “rabino”. A escola dele era a peripatética, no sentido literal do termo, refletindo o estilo que ficou famoso por meio do Liceu de Aristóteles. Jesus caminhava enquanto ensinava, e seus alunos o seguiam alguns passos atrás, guardando na memória os ensinamentos do Mestre.

A palavra discípulo significa “aluno” ou “pupilo”. Quando Jesus recrutou seus alunos, ele usou a fórmula rabínica padrão: “Siga-me”. Sentimos falta da força disso em nossa cultura, e interpretamos de outras maneiras a tarefa de seguir um líder. O significado dessa fórmula no primeiro século tinha uma conotação mais literal. O discípulo deveria seguir seu rabino a pé, caminhando atrás dele para ouvir suas preleções.

A Bíblia revela que havia uma relação íntima entre Jesus e seus discípulos, o que mostra o grau de envolvimento pessoal do rabino com seus alunos. Cristo exigia altos padrões de excelência de seus discípulos e promoveu uma espécie de processo de notas e progressão.

As palavras discípulo e apóstolo são com frequência confundidas uma com a outra e tidas equivocadamente como sinônimas. Fazemos isso porque o Novo Testamento fala de doze discípulos e de doze apóstolos, e os dois grupos são quase idênticos, exceto pela exclusão de Judas e a inclusão de seu substituto, Matias. Também vemos Paulo, que não era um dos doze discípulos originais, ser incluído nas fileiras dos apóstolos.

As palavras discípulo e apóstolo definem dois papéis claramente passíveis de distinção. Apóstolo é “aquele que é enviado”. Ele é uma pessoa comissionada para falar em nome e com a autoridade daquele que o envia. Atua um pouco como um embaixador ou legado dos nossos dias.

Nem todos os discípulos de Jesus foram promovidos do status de aluno ou discípulo para o posto de apóstolo. Sabemos de pelo menos setenta discípulos matriculados na escola de Cristo. Apenas doze “graduaram-se” na categoria de apóstolo.

O respeito demonstrado a Jesus por seus alunos nesta terra é o modelo mais elevado que podemos encontrar para o relacionamento professor/aluno. Foi a quinta-essência da honra e o auge do respeito.

Ausência de honra

Aconteceu um incidente vergonhoso e lamentável em minha vida quando eu estava na nona série. Nossa classe esteve junta, como turma, pelos oito anos do ensino fundamental e desenvolveu um relacionamento afetuoso com nossos professores; mas a nona série trouxe uma nova dimensão. O distrito escolar, que incluía três outras escolas primárias de cidades próximas, juntou forças e construiu uma nova escola secundária. Estávamos entusiasmados com a ideia de ir para lá, em vez de enfrentar a possibilidade tenebrosa de sermos levados de ônibus para uma decadente cidade metalúrgica e ter de cursar nossas aulas de ensino médio em um ambiente antiquado.

O primeiro dia foi um verdadeiro desastre. Fomos recebidos por uma nova professora na sala de aula que se apresentou como se fosse uma instrutora de exercícios para a Corporação do Exército Feminino. Com voz severa, ela apresentou um conjunto rígido de regras, avisando que pretendia governar a turma com disciplina e mão de ferro.

Nosso medo inicial se transformou em indignação à medida que reagíamos ao desafio. Alguns de nós colocamos as mentes para funcionar juntas, no ônibus escolar, e juramos derrubar aquela senhora. “Ela tem de sair” era consenso entre os conspiradores.

Então, elaboramos um plano de assédio sistemático por meio de perturbação na sala de aula, do lançamento de bombinhas no corredor quando a professora estivesse de costas, até atos visíveis de insulto verbal e desafio grosseiro — os

quais todos nos renderam várias visitas à sala do diretor. Em menos de um ano, ela pediu demissão e comemoramos a “vitória” sobre o inimigo vencido.

Não vi mais essa senhora nem ouvi falar dela por dez anos, até que a encontrei um dia em um supermercado. Nessa época, eu já era casado e estava cursando minha pós-graduação. Fiquei com vergonha ao vê-la, pois me pareceu abatida e não tão intimidante quanto parecia aos olhos de um garoto de quatorze anos.

O que se seguiu foi uma conversa longa e inquietante em que ela revelou o quanto aquele ano tinha sido dolorosamente agonizante para ela. Ela explicou que o ensino fundamental foi sua primeira designação como professora, uma vez que ela tinha acabado de se formar na faculdade alguns meses antes. Confessou que estava apreensiva por ter de enfrentar uma turma de alunos do nono ano e por isso assumiu uma fachada de adepta de severa disciplina para mascarar o próprio medo.

Nunca percebemos o medo dela, pois estávamos muito ocupados nos preocupando com nosso próprio medo. Quando vi o lado humano dessa mulher, senti um nó no estômago pela dor que havíamos causado a ela. Ela tentou amenizar minha culpa, dizendo: “Está tudo bem. Acho que não fui talhada mesmo para ser professora”.

Talvez essa explicação fosse verdadeira, mas no fundo eu sabia que nunca havíamos dado a ela uma oportunidade justa de descobrir isso.

A DIGNIDADE DO ALUNO

O valor do aluno

A dignidade na escola deve incluir o valor do aluno. A instrução de uma mente humana tem o poder de transformar vidas. A formação do sistema de valores do aluno é muito impactada pelo professor, especialmente naqueles que chamamos cursos de “formação de opinião”.

Todo adulto pode mencionar pelo menos um professor que deixou uma impressão duradoura em sua vida. É fácil dizer isso tempos depois, mas a maioria de nós admite que nossos melhores professores foram os mais exigentes.

Mesmo quando crianças, sabíamos a diferença entre rigor e tirania. Respondíamos ao primeiro e nos rebelávamos contra o último. Rigor e justiça são compatíveis e encontram-se unidos no bom professor, aquele cujo objetivo é informar a mente de seus alunos, não violá-las.

A recompensa da indolência

Um professor indulgente pode ser popular por certo tempo, mas prejudica o aluno ao recompensar a indolência. Os cristãos parecem ser particularmente suscetíveis ao erro de achar que a graça é uma licença para a negligência ou a piedade, um substituto do desempenho.

Recebi a prova de um aluno da minha aula de teologia que me escreveu uma nota no fim de sua abominável prova. Ele escreveu: “Caro professor Sproul, sinto muito por ter me saído tão mal neste teste, mas quero que saiba que aceitei Jesus como meu Salvador e fui abençoado por sua aula”.

Escrevi embaixo das observações do aluno: “Estou muito feliz por você ter entregado sua vida a Cristo. No reino de Deus, você será justificado por sua fé, mas nesta aula você será avaliado por suas obras. Você tirou um A por sua fé, mas um F por este exame”.

A fé deve ser demonstrada em ação diligente, e não usada como desculpa para a preguiça.

O chamado à excelência

O chamado à excelência que o cristianismo exige ficou gravado em mim, quando eu ainda estava do outro lado da mesa do professor, como aluno do seminário matriculado em uma matéria eletiva, cuja turma tinha 22 alunos. Fiquei surpreso ao descobrir que apenas mais um aluno além de mim estava fazendo o curso para obter créditos. Os vinte restantes estavam presentes como ouvintes da matéria.

Ao conversar sobre esse estranho fenômeno com meus colegas de classe, fiquei sabendo que o motivo de haver tantos ouvintes cursando essa matéria era o fato de que eles queriam se beneficiar das maravilhosas aulas ministradas pelo professor, mas, ao mesmo tempo, evitar de ter de passar pelo terror de seus exames rigorosos. Esse professor era conhecido por reprovar alunos do segundo semestre em cursos exigidos para a graduação.

Meus colegas uniram-se e determinaram que algo deveria ser feito em relação aos padrões exorbitantes exigidos pelo professor. Fui eleito para a tarefa nada invejável de ser o porta-voz da turma, a fim de confrontar o professor sobre seu sistema de notas.

Bati timidamente na porta de seu escritório e fui cordialmente convidado para minha “audiência”. Expliquei o dilema dos alunos que queriam o material do curso, mas temiam os exames, e educadamente sugeri que ele mudasse seus padrões de atribuição de notas.

Ele foi gentil em suas respostas, mas me submeteu à sua forma favorita de diálogo socrático. O interrogatório prosseguiu com uma série de perguntas que ele fez.

— Você acha que meus exames são injustos?

— Não, senhor, respondi.

— Você acha que pastores são chamados a um alto padrão de excelência?

— Sim, senhor, foi a minha resposta.

— Você acha que cuidar das almas requer o melhor treinamento possível?

— É claro, respondi, sentindo uma crescente sensação de vergonha. Fui eu que apressei o encerramento da discussão, pois suas perguntas me deixaram

constrangido para sugerir que os padrões fossem amenizados.

A dinâmica da disciplina

A mesma dinâmica da disciplina necessária em casa é trazida para a escola. O professor deve andar no fio da navalha entre ser excessivamente indulgente e excessivamente severo. A disciplina deve ser mantida para que a educação aconteça.

O professor de hoje costuma ser atrapalhado por uma espécie de duplo risco. Por um lado, ele deve trabalhar com alunos que trazem consigo sua falta de disciplina para a escola. Alguns pais esperam que o professor faça milagres em termos de disciplina e salve aquilo que os pais negligenciaram.

Por outro lado, o professor enfrenta restrições impostas por leis estatais ou municipais. O professor também enfrenta a atual crise nas escolas e a tarefa hercúlea de lutar contra os problemas com as duas mãos atadas às costas.

A postura de adversário

O professor deve evitar adotar a atitude antagônica de um adversário em relação a seus alunos. Quando existe um clima combativo, a atividade educacional fica em ruínas. A atmosfera de aprendizado é violada quando o aluno se sente como um inimigo.

Fiquei angustiado com a mudança marcante de atitude da minha filha, quando ela fazia a transição do ensino fundamental para o ensino médio. Estávamos acostumados não apenas com boletins excelentes, mas também com elogios entusiasmados de seus professores sobre seu temperamento agradável. Isso mudou no ensino médio conforme um período de apatia adolescente se tornava evidente, com sinais frequentes de queda nas notas e a cessação dos comentários

elogiosos.

A mudança não foi radical, uma vez que ela não se tornou uma delinquente juvenil. Também não era costume recebermos ligações de professores irados, nem havia evidências de abuso de drogas por adolescentes. Mas sua mudança de atitude era claramente perceptível à medida que ela se tornava apática em relação à escola em vez de entusiasmada, e se mostrava indiferente às atividades extracurriculares em vez de ávida por elas.

Não conseguimos obter uma explicação para essa mudança, até ela se formar e se casar. Da perspectiva de uma jovem adulta, ela pensava naquele período de sua vida como um período de decepção. Enquanto antes amava a escola, ela confessou que passara a odiá-la.

Quando eu a pressionei por uma explicação, ela respondeu: “Não sei exatamente por que, pai, eu apenas sentia que no ensino fundamental os professores estavam a nosso favor, e no ensino médio eles estavam contra nós”.

Nenhuma explicação adicional foi necessária, pois ficou evidente que seus sentimentos sobre o assunto eram reais. Se eram ou não justificados é algo aberto ao debate; mas persiste o fato de que ela sentia como se os professores estivessem contra os alunos. Claro, havia exceções notáveis de professores que se esforçaram além do esperado para demonstrar a preocupação com os alunos.

A palavra contra sugere uma postura de adversário em que aluno e professor são colocados em oposição um ao outro, como antagonistas. Esse clima hostil se deteriorou a ponto de se tornar violento, conforme mostram fatos do noticiário noturno, mostrando professores que foram espancados, esfaqueados e mortos a tiros por alunos. Essa é uma via de dois sentidos, uma vez que incidentes de abuso infantil e brutalidade de professores também têm sido relatados.

Esses incidentes de violência não podem ser tolerados nem por parte dos alunos nem dos professores. A expulsão é uma opção viável contra alunos violentos e persistentemente perturbadores, pois a educação não é um direito inalienável para o aluno destrutivo.

A política da estabilidade

Se quisermos elevar o moral do aluno, então devemos ver a política da estabilidade do professor com a filosofia de um segundo olhar. Não devemos permitir que nenhum professor violento, incompetente ou indiferente se esconda por trás dos muros da estabilidade. A estabilidade é uma prática que contribui pouco para agregar qualidade à educação e muito para destruí-la.

Um excedente de professores qualificados deve trabalhar em favor de uma maior excelência nesse campo. Onde a competição é sufocada pela estabilidade, a escola se torna um negócio fechado, e o nível de desempenho dos titulares entrincheirados assume uma espiral descendente. Isso proporciona ao professor incompetente um nível de segurança no emprego nunca antes visto na maioria dos segmentos do mundo profissional.

Se o aluno é valorizado e sua educação é prioridade, então devemos começar a avaliar os professores com base em sua tarefa principal, que é ensinar. Estamos cientes da multidão de professores que possuem credenciais educacionais impressionantes, mas habilidades de ensino fracas. Eles são contratados por suas impressionantes credenciais acadêmicas, que agregam prestígio à instituição que os contrata. Mas esse prestígio é conquistado às custas dos alunos, que precisam suportar suas tentativas ineptas de pedagogia.

A capacidade de comunicação

Ensinar é uma arte que exige mais do que conhecimento. Requer a habilidade de comunicar esse conhecimento ao aluno. O professor que é ignorante, mas um comunicador habilidoso, entretém o aluno sem educá-lo.

Se precisamos escolher entre essas duas coisas, ficamos com uma escolha diabólica. E não devíamos ter de escolher entre essas alternativas inflexíveis, estanques. Se recompensarmos o professor que conhece sua matéria e sabe como ensiná-la, seremos capazes superar o mal gerado pelo sistema atual.

A LEALDADE DO GRUPO DE PROFESSORES

Relações entre professores

As relações entre professores também são importantes. As atitudes interpessoais dos professores alcançam a sala de aula. Se um professor usa seu espaço como um palanque para criticar os pontos de vista de outros professores, quem sofre é o aluno. Embora esse jogo seja em geral feito com sutileza, os alunos o percebem e frequentemente se ofendem com sua mesquinhez.

Às vezes, os alunos encorajam a guerra destrutiva entre membros do corpo docente e os incitam em sala de aula. Meu professor de história do sétimo ano, que também era nosso treinador de basquete, deixou-me uma impressão duradoura sobre essa questão da lealdade entre professores. Ele era amado pelos alunos, especialmente pelos atletas que de algum modo receberam permissão para se dirigir a ele pela forma abreviada de seu sobrenome — "Mac" —, ao menos fora da sala de aula. Em sala de aula, ele era o "sr. MacIntyre".

Uma coisa provocava seu temperamento, trazendo-lhe fogo aos olhos e uma aparência férrea às mandíbulas, e era por ele recebida com fria repulsa: qualquer situação em que algum aluno tentava falar de outros professores pelas costas.

Se um aluno levantasse a mão e dissesse: "sr. MacIntyre, esta manhã, na aula de ciências, o professor Gregg disse…", esse ponto era o mais longe que o aluno conseguiria chegar.

Mac o cortava no meio da frase toda a vez com a mesma resposta: "Isso não me interessa".

Às vezes, algum aluno protestava e tentava continuar: "Mas, sr. MacIntyre, eu só…".

E, novamente, as mesmas palavras vinham como um martelo: "Isso não me interessa".

Essa atitude nos dizia algo sobre lealdade. Por mais que apreciássemos ter Mac ao nosso lado, só lhe cabia respeito por se recusar a ser usado como arma contra um de seus colegas professores.

Professores e outros

Alguém, enganado pelos deuses da perspicácia, disse recentemente: “A América está sofrendo com tantas greves[1] que está começando a se parecer mais com uma pista de boliche do que com uma república”. Estamos acostumados com a greve que fecha as minas de carvão ou as docas do porto, mas recuamos quando nossas escolas são fechadas e os professores “saem às ruas”.

A visão de professores participando de piquetes destrói a bolha de idealismo tradicionalmente associada à profissão. A tradição oscila tão precariamente quanto um violinista em telhado inclinado. E, à medida que aumenta o ressentimento da comunidade contra os professores, os pais se ofendem por seus filhos serem “roubados” em seu precioso tempo de aprendizado.

Os professores marcham em protesto para mostrar o sentimento de terem sido “enganados” pelos guardiões e manipuladores do tesouro público. Eles se organizam para fazer ouvir seu clamor, pois estão amargurados por não receberem a devida importância e serem considerados algo de pouco valor. O local da reunião do conselho escolar tornou-se uma nova arena de gerenciamento de conflito de mão de obra, e nossos filhos são pegos no meio de tudo isso. Greves de professores prolongadas são uma força nociva na comunidade local, ameaçando as esperanças de união entre pais e professores. Em discussão estão não apenas questões econômicas, mas questões ligadas à dignidade.

Tanto professores quanto alunos trazem em si um vazio que causa dor. Esse vazio deve ser preenchido se quisermos transformar a escola de zona de combate em lugar de aprendizagem. Estamos participando de um jogo muito sério aqui, no qual o que está em jogo é nada menos do que a mente de nossos filhos.

Quando ignoramos os professores, punimos os alunos. Quando respeitamos os professores, honramos os alunos.

PARA REFLEXÃO ADICIONAL

Você é a favor de a educação ser obrigatória?

Como os professores são avaliados pelo sistema escolar local? Em que ponto se encontram na escala salarial?

O que você acha do sistema europeu de decoro formal nas salas de aula?

O que você acha de atribuir uma nota aos alunos?

O que faz os alunos sentirem que seus professores estão contra eles?

Como as escolas em seu bairro estão lidando com os problemas relacionados a drogas?

Liste os requisitos mais importantes para um professor.

Como os professores das escolas de sua região se relacionam com a vida da comunidade em geral?

O modo que os professores vivem deve ser considerado em suas contratações e demissões? Explique sua resposta.

Como sua comunidade lidou com greves de professores?

[1] Aqui o autor fez um trocadilho com a palavra strike, que tanto significa greve quanto o ato de derrubar todos os pinos no jogo de boliche. (N. da T.)

6

DIGNIDADE NO HOSPITAL

Quando Wayne Alderson[1] conduziu seu primeiro seminário intitulado O Valor da Pessoa em um hospital, a preocupação de administradores e dos corpos médicos e de enfermaria convergiu rapidamente para o tema central do valor do paciente. O hospital existe principalmente não como um mercado para médicos ou como um laboratório para pesquisa, mas como um local de cura para aqueles que sofrem por causa de doenças ou lesões. Embora o juramento de Hipócrates seja agora uma questão de história, ele incorporou em seu credo a importância central do bem-estar do paciente.

Nos últimos anos, cada vez mais atenção tem sido dispensada às necessidades emocionais e psicológicas do paciente conforme a profissão médica percebe a notória verdade de que é tão importante preparar o paciente para a cirurgia quanto preparar a cirurgia para o paciente. O advento da medicina holística ressaltou esse fator.

Com extrema facilidade ignoramos os avanços notáveis da medicina no último século e meio. A prática de procedimentos antissépticos para evitar a transmissão de bactérias mortais de um paciente para outro era desconhecida de nossos ancestrais. A taxa de mortalidade no parto, tanto de bebês quanto de mães, era desordenadamente alta no século 19, quando era procedimento-padrão entre médicos, após ter feito uma autópsia em um cadáver, ir diretamente para a sala de parto e presidir um procedimento de parto sem antes dedicar um momento para lavar as mãos sem luvas.

Soldados feridos nos campos de batalha da Guerra Civil enfrentaram a remoção de balas e a amputação de membros sem o benefício de sofisticados analgésicos. Os medicamentos milagrosos chamados antibióticos, que desarmaram o poder de várias doenças virulentas, e as novas vacinas que eliminaram a ameaça de muitas doenças temidas, surgiram apenas na última metade do século 20 ou mais.

É quase impossível acompanhar a progressão geométrica do avanço da medicina moderna. Novos procedimentos de transplante, operações de bypass cardíaco e o

uso de métodos de diagnóstico computadorizados aumentaram significativamente a expectativa de vida humana. O paciente de hoje desfruta de enormes benefícios de cuidados médicos que seus antepassados jamais sonharam ser possíveis.

Mesmo com todos esses avanços, ainda há espaço para melhorias, principalmente na questão da manutenção da dignidade do paciente. Os benefícios da medicina mecanizada têm seu preço. Os dias das visitas médicas domiciliares acabaram; as atenções pessoais de um cirurgião ao lado do leito geralmente se limitam a visitas abruptas de um ou dois minutos, uma vez que o cuidado emocional do paciente foi delegado a enfermeiras, terapeutas, ajudantes e auxiliares de enfermagem e, às vezes, até mesmo à pessoa encarregada da limpeza.

DIGNIDADE NO MEDO E NA HUMILHAÇÃO

Dois problemas persistentes ainda precisam ser resolvidos nas relações entre hospital e paciente. As duplas ameaças ao paciente são o medo e a humilhação.

O fator medo

Falar por generalizações é perigoso, mas podemos fazer uma afirmação universal que está acima de contestação: todo paciente que entra em um hospital sente algum nível de medo.

Pouco importa a máscara exterior de bravata que o paciente use; aqueles que atendem o paciente podem presumir que a ansiedade está presente. E o fator medo pode ser sério o suficiente a ponto de inibir o processo de cura e causar traumas inesperados durante e após uma cirurgia.

O medo da dor e o medo da morte são duas das forças mais potentes em nossa

vida. Esse elemento medo é o que nos faz definir qualquer cirurgia realizada em nós como uma cirurgia de grande porte; pequenas cirurgias só acontecem com outras pessoas.

O fator humilhação

O fator humilhação também é crítico. O paciente confinado a um quarto de hospital em geral se sente impotente e vulnerável.

As roupas que um homem usa para aumentar sua autoestima lhe são retiradas em favor da camisola de hospital sem cobertura nas costas; seu terno risca de giz ou seu moletom favorito são escondidos no armário. As mulheres não podem usar suas roupas e estilos de cabelo atraentes, pois pacientes internadas não têm acesso a salões de beleza.

A falta de privacidade. Os idosos são obrigados a deixar a dentadura na mesinha de cabeceira, perdendo assim sua dignidade e privacidade, expostos na enfermaria como em um aquário. Mesmo no quarto semiprivado, exames íntimos são realizados e as funções corporais são feitas por trás da tela irremediavelmente inadequada de uma cortina leve.

Por fim, acrescente a isso a degradação da comadre — o último dos antigos equipamentos de hospital a ser melhorado — e o resquício final de dignidade humana desaparece.

O elemento constrangimento. Infelizmente, não existe maneira previsível de eliminar por completo os elementos humilhantes e constrangedores do atendimento hospitalar. Manter a dignidade quando se está doente é simplesmente dificílimo.

Falei com uma respeitável mulher que, em seu estado normal de saúde, é um

exemplo de dignidade. Durante uma série de tratamentos quimioterápicos para um câncer, ela sofreu os efeitos colaterais da náusea. Ela aceitou o desconforto com estoicismo e disse que era um preço pequeno a pagar pelo valor terapêutico do medicamento. Acrescentou, no entanto, a observação de que “é difícil se manter digno com a cabeça enfiada na patente”.

Eu mesmo enfrentei momentos embaraçosos quando fui internado para uma cirurgia, quando jovem. Eu sofria de hemorroidas que se recusaram a se render ao poder supostamente mágico da Preparação H. Minha doença não envolvia risco de morte, mas eu sofri ataques de ansiedade mesmo assim.

A pior parte da experiência não foi a dor do pós-operatório, que foi minimizada pelo grande alívio de saber que a cirurgia havia ficado para trás (sem trocadilhos), mas, sim, o procedimento que suportei na véspera da cirurgia. Além do exame manual do reto pelo cirurgião-chefe, suportei o acompanhamento às vezes canhestro de não menos do que mais cinco pessoas. Eram exames realizados por médicos-residentes, que me usaram para fins pedagógicos como seu “Caso A”.

Continuava dizendo a mim mesmo que toda aquela prática tinha por objetivo aprofundar a formação dos médicos-residentes, e que alguma pobre alma um dia se beneficiaria desse meu desconforto atual. No entanto, cheguei a um ponto em que me senti como um pedaço de carne pendurado em um açougue e exposto à inspeção de todos.

Minha raiva crescente era superada apenas pelo medo de que o residente número seis logo entrasse pela porta e me fizesse passar mais uma vez por toda aquela rotina humilhante de me expor e contar tudo. Não sou especialista em formação médica, mas não consigo deixar de pensar que deve haver uma maneira melhor de fazer isso.

O fator compaixão

A indignidade que experimentei nas mãos dos médicos-residentes foi remediada (não, não posso usar a palavra retificada) no dia seguinte quando comecei o

cuidado pós-operatório. Quando acordei da anestesia e fui levado de volta ao meu quarto, a enfermeira responsável explicou os intervalos definidos para meus analgésicos e me instruiu sobre o uso do botão para chamá-la quando eu precisasse de ajuda. As injeções deveriam ser aplicadas a cada quatro horas, conforme o efeito da droga passasse e a dor se intensificasse.

Após minhas primeiras quatro horas, ninguém apareceu em um passe de mágica para administrar outra dose. Eu estava relutante em usar a campainha por medo de ser considerado um medroso. Suportei a dor o máximo que pude, intervalo de tempo que durou cerca de trinta segundos, até que me humilhei e apertei o botão.

A enfermeira apareceu instantaneamente com outra injeção pronta. Cumprimentei-a me desculpando profusamente e dizendo: “Desculpe incomodá-la. Eu sei que há diversas pessoas internadas aqui que estão em muito pior estado do que eu”.

Ela sorriu gentilmente e respondeu: “Pode haver pessoas aqui que estão mais gravemente doentes do que você, mas não há ninguém neste hospital que esteja sentindo mais dor”.

Não acreditei nela nem por um segundo, mas suas palavras restauraram minha honra, pois ela fez com que eu me sentisse um herói.

As enfermeiras têm um jeito de ministrar compaixão que toca tanto a alma quanto o corpo. Minha segunda visita ao hospital foi para uma operação na cartilagem do joelho. Passei por algumas complicações pós-operatórias que me fizeram suar em agonia.

Uma enfermeira com jeito de matrona entrou no quarto à meia-noite e sentou-se comigo por horas, enxugando minha testa e segurando minha mão. Seu remédio foi tão importante para mim quanto os antibióticos que estavam fluindo em minha corrente sanguínea. Aquela mulher me valorizou e preservou minha dignidade em um momento difícil.

A DIGNIDADE DA ENFERMEIRA

Não é só o paciente que deve ser prezado em uma situação hospitalar. As pessoas que trabalham no hospital também estão sujeitas a indignidades e desrespeito. Os pacientes difíceis descarregam sua dor e frustração em quem quer que cruze seu caminho.

As indignidades

O enfermeiro é um profissional qualificado, cujos cuidados são vitais para o bem-estar do paciente. No entanto, o pessoal da enfermagem é frequentemente maltratado por pacientes rabugentos que, como bêbados mal comportados, transformam-se em verdadeiros selvagens quando atacados por uma enfermidade. Eu testemunhei uma paciente jogando a bandeja de café da manhã no rosto de uma enfermeira e despejando fileiras de obscenidades contra o pessoal da limpeza.

O desrespeito

Como o pessoal da enfermagem atua no papel de alguém que serve, ela ou ele, conforme o caso, muitas vezes é visto como um servo. A simples presença da campainha leva alguns pacientes a agirem como se tivessem um mordomo ou uma empregada à sua disposição. Esses pacientes adotam uma atitude autoritária em relação à enfermagem, como se estes não tivessem outra vocação na vida a não ser atender aos caprichos de cada paciente.

A batalha

O profissional de enfermagem tem muitos papéis a cumprir. Deve ser mestre, secretário(a), “mãe”, técnico(a) em medicina e “sacerdote”. Um dos papéis mais difíceis que assume é o de mediador(a). Esse profissional fica entre o médico e o paciente. Se for tratado com brusquidão pelo médico e com rudeza pelo paciente, deve lutar por sua dignidade em duas frentes.

A DIGNIDADE DO MÉDICO

O status profissional

Nas últimas décadas, especialmente desde o surgimento dos especialistas, o status do médico ascendeu às alturas da escada profissional. Os honorários mais altos que acompanham a especialização impulsionaram o aumento constante na riqueza dos médicos. Com o aumento da riqueza e do prestígio também cresceram o ressentimento e a inveja por parte do público em geral.

A imagem pública

À medida que o médico se torna mais inacessível, ele adquire a imagem de um sumo sacerdote indiferente ou de uma elite do Olimpo que só se preocupa em multiplicar a própria riqueza. A imagem daquele médico do interior, amigável, que percorria a cidade com sua pasta preta fazendo partos, tratando de sarampo e dedicando tempo ao aconselhamento para problemas familiares é coisa do passado.

A imagem moderna do médico é frequentemente a de um playboy rico que está mais interessado nas últimas notícias do mercado de ações do que em revistas médicas. Ele é escalado para o papel de frequentador de coquetéis que seduz todas as enfermeiras à vista. Na TV, Marcus Welby foi substituído, primeiro por

Trapper John e agora por outros tipos de médicos adeptos dos relacionamentos livres. A imagem não fica completa sem a visão do médico que passa a maior parte do tempo no clube jogando golfe.

A dura realidade

Existem médicos abastados e, sem dúvida, alguns que são galanteadores, mas essa imagem é uma caricatura. Amo jogar golfe, mas detesto jogar com médicos. Uma das grandes atrações do jogo é a ausência de telefones no campo de golfe — exceto quando você está jogando com médicos.

Quem gosta de alinhar cuidadosamente uma tacada de quase dois metros apenas para ter sua concentração rudemente perturbada pelo som do bipe de algum médico? Quem gosta de jogar sete buracos de golfe apenas para olhar para trás e ver o assistente de campo vindo em um carrinho de golfe para levar seu parceiro de jogo, em razão de uma chamada de emergência? Raramente fui capaz de completar dezoito buracos de golfe quando joguei com um médico.

Os médicos estão sempre de plantão, a apenas um bipe da emergência. A vida deles não é assim tão glamorosa quanto parece. Caminhe com eles por uma semana de seu cotidiano e veja se você inveja o dinheiro que ganham.

Sua riqueza com frequência é superestimada e poucas pessoas estão cientes dos custos indiretos de sua profissão. O custo do seguro para cobertura de negligência médica é hoje tão alto que os médicos pagam mais por seus prêmios por negligência médica do que a maioria das pessoas ganha em um ano. O médico se tornou o principal alvo do caçador de acidentes profissionais.

Círculo fechado

A vida do médico é repleta de estresse, o que faz dele um dos profissionais que

ocupam a posição mais alta na lista de potenciais suicidas e vítimas de burnout. E, ironicamente, parte da explicação para a vida atribulada do médico está no fato de que há poucos médicos para muitas pessoas. Pois em nenhum lugar há um excedente de médicos para atender às necessidades da população.

Por quê? Porque a profissão médica está rapidamente se tornando um círculo fechado às custas do público. A prática da medicina ainda é uma profissão nobre e digna de honra. Nem tudo na profissão, no entanto, é envolto por altruísmo.

Competição restringida. Não há dúvida que, levando em conta a lei da oferta e demanda e o nível de renda dos médicos, alguém poderia pensar que estudantes jovens e competentes iriam se aglomerar nas escolas de medicina para se preparar para a profissão. Na verdade, muitos desses estudantes — vindos dos níveis mais elevados da graduação universitária — são candidatos à admissão. No entanto, a figura do orador da turma do campus que não consegue entrar no curso de medicina não é rara.

Como é bom pensar que a razão para padrões tão elevados de admissão se encontra na preocupação em proteger o público de danos causados por médicos incompetentes. Essa conclusão, entretanto, seria ingênua, pois as agências responsáveis pela seleção têm mais em vista do que padrões de excelência médica. O que também está em jogo é o desejo dos médicos já licenciados de manter a categoria pequena e livre de muita concorrência.

Excelência reduzida. Ao se manterem em número pequeno, os médicos garantem que o valor de mercado de seu tempo e de seus serviços mantenha-se em alta. Nada reduz os preços como a competição. A trágica ironia desse padrão é que o modelo do círculo fechado que é impingido ao público, em nome da preocupação com os altos padrões de excelência, restringe a competição, que, por sua vez, é uma das maiores forças propulsoras da excelência.

Inconveniente para o público. A escassez de médicos também sujeita o público a outro fenômeno irritante — horas intermináveis na sala de espera dos médicos. Certa porcentagem desse inconveniente não pode ser evitada, pois é difícil

prever com precisão a agenda do médico. Seu horário de atendimento é interrompido por emergências e o tempo necessário para tratar as enfermidades que lhe são apresentadas varia caso a caso.

No entanto, todos nós sabemos o que é ter uma consulta marcada com um médico e ficar esperando de duas a três horas antes de chegar a vê-lo. A mensagem que chega até nós é que o tempo do paciente não é valioso. Aqueles de nós que ocupam posições em outras áreas profissionais que também envolvem compromissos agendados sabem bem que a ira das pessoas é provocada quando as deixamos esperando.

A preocupação com as pessoas

Cuidados médicos significam preocupar-se com as pessoas. O médico, a enfermeira, a equipe do hospital, na verdade, todos os que trabalham para aliviar o sofrimento humano estão nas linhas de frente da batalha pela dignidade humana. E, onde os enfermos são valorizados, a dignidade humana como um todo é elevada.

PARA REFLEXÃO ADICIONAL

Por que o juramento de Hipócrates foi descartado?

O que pode ser feito para minimizar o medo do paciente?

Os pacientes devem ser obrigados a conceder permissão para que estudantes examinem seus problemas de saúde? Por que devem? Ou por que não devem?

Como o pessoal da enfermagem pode ser protegido de pacientes indisciplinados?

Você é a favor de um maior envolvimento do governo na medicina? Por que é a

favor? Ou por que não é?

Você é a favor do aumento do número de escolas de medicina para aumentar a oferta de profissionais na área médica? Por que é a favor? Ou por que não é?

Liste as doenças graves que foram eliminadas ou bastante reduzidas durante sua vida.

Você é a favor de mais subsídios do governo para pesquisas médicas? Por que é? Ou por que não é?

Qual é a imagem do médico na sua comunidade local?

Como a medicina poderia se tornar mais personalizada?

[1] Wayne Alderson foi um executivo da Pittron Steel, em Glassport, Pensilvânia. Em 1972, ele acabara de ser promovido a vice-presidente de Operações quando a fábrica ficou tumultuada por uma greve contenciosa provocada por profunda animosidade entre trabalhadores e a administração. Alderson evitou o estilo da gestão anterior baseado no confronto e procurou reconhecer a dignidade dos trabalhadores. Sua filosofia é abordada no capítulo 9.

7

DIGNIDADE NA PRISÃO

Falar do valor do encarcerado soa como uma anomalia. O presidiário é uma das pessoas menos valorizadas em nossa sociedade. Termos como amor, dignidade e respeito não fazem parte da nomenclatura diária de uma penitenciária.

Presidiários vistos como fardo econômico

O “valor” de um presidiário pode ser medido em termos econômicos, pois o custo por preso ao contribuinte, em média, é de mais de 30 mil dólares por ano para manter uma pessoa encarcerada em uma instituição prisional. Por essa, entre outras razões, o presidiário é visto mais como um fardo do que como um material valioso para a sociedade.

Poucas pessoas já visitaram as câmaras internas de uma prisão de segurança máxima. Temos imagens fornecidas por Hollywood e pela televisão, mas o impacto da vida real nos escapa. Para os seres humanos é normal isolar os criminosos da sociedade e é igualmente normal nos isolarmos da situação do criminoso, uma vez que ele esteja atrás das grades.

Presidiários vistos como seres humanos

A situação dos presidiários como cativos é algo em que temos pouco interesse, pois preferimos nos isolar na ignorância. Já temos problemas suficientes para enfrentar a dor e o infortúnio dos não criminosos que clamam por nossa

compaixão para sermos incomodados por aqueles que cometeram atos criminosos hediondos contra a sociedade. No entanto, os criminosos ainda são seres humanos, e sua reivindicação à dignidade humana não é invalidada por seus crimes.

Charles Colson, ex-assessor da Casa Branca na era Nixon, condenado e preso por seu papel no episódio Daniel Ellsberg/Pentagon Papers, despertou meu interesse pelo sistema de justiça penal contemporâneo. Colson, autor de Born again e Life sentence[1], chefiou a organização nacional conhecida como Prison Fellowship, dedicada a tornar os princípios cristãos operantes em prisões de todos os lugares. Seu livro Life sentence é um documentário envolvente sobre a vida nas instituições penais dos Estados Unidos.

O AVILTAMENTO DA DIGNIDADE

Colson me acompanhou em minha primeira visita a uma prisão de segurança máxima. As impressões dessa visita ficaram indelevelmente gravadas em minha mente enquanto eu experimentava a sombria realidade do “interior” daquela prisão. Quando dirigi até a entrada de visitantes da grande penitenciária estadual do Meio-Oeste, tive a sensação de me aproximar de um dócil campus universitário.

Visão da imagem externa

Os terrenos externos eram imaculados e exibiam hectares verdejantes de uma paisagem meticulosamente cuidada. Nenhum sinal externo de arame farpado ou de torres com atiradores traía o real propósito do edifício. A atmosfera era serena, e mais uma vez evocava a imagem dos arredores pacíficos de uma instituição educacional.

Conhecendo a realidade interna

Fria austeridade. Quando entrei no prédio e passei para a área dos visitantes, percebi uma mudança no ambiente. O fato de que eu não estava na secretaria de uma universidade ficou imediatamente aparente. A atmosfera estava gelada pela fria austeridade do lugar.

Linguagem áspera. Bancos de madeira dura sobre o piso de concreto estavam espaçados entre paredes monotonamente pintadas, cuja branquidão era quebrada apenas por cartazes com advertências severas aos visitantes. Expressões como por favor ou solicitamos estavam visivelmente ausentes do texto dos cartazes. A linguagem áspera usada nas instruções ali publicadas fazia com que os visitantes se sentissem como se eles próprios fossem presidiários.

Um canto dessa área era decorado com obras de arte feitas por presidiários. As seleções da galeria pareciam ter sido feitas por alguém com um senso cruel de depreciação da arte, uma vez que as amostras exibidas eram de um tipo extravagante, que variava do primitivo ao terrivelmente grotesco. As cenas retratadas em algumas das pinturas eram de uma violência sórdida que beirava o surreal. Fiquei imaginando como os parentes de um preso se sentiriam nessa atmosfera deprimente.

Portas gradeadas de aço. Da área dos visitantes, fomos escoltados para a câmara interna que continha o próprio complexo prisional. Tivemos de atravessar uma camada dupla de portas gradeadas de aço, controladas eletronicamente, para passar pela segurança. Quando saímos da segunda área, ouvimos o som das portas de aço sendo fechadas com estrondo. Ouvir aquele som me lembrou da origem da gíria usada para designar a prisão como o "abatedouro".

Homens embrutecidos. Minha próxima impressão foi dos rostos dos próprios presidiários. Recebemos olhares furtivos de alguns que faziam o possível para

parecerem duros e hostis. Os olhares que recebemos cumpriram seu papel, pois um sentimento de medo foi despertado dentro de nós, e todas as noções de estar em uma missão de misericórdia para com miseráveis infelizes foram dissipadas. Estávamos na companhia de homens embrutecidos, alguns deles implacáveis em sua capacidade de serem brutos. Fiquei feliz porque outro conjunto de grades me separava de alguns dos tipos de aparência mais violenta.

Arredores miseráveis. O auditório era igualmente deprimente. O chão era de concreto e as cadeiras desconfortáveis precisavam de uma pintura. O palco miserável lembrou-me de minha visita furtiva ao The Casino, famoso marco de vaudeville e burlesco em Pittsburgh, local ao qual fui, quando adolescente, para assistir à apresentação de Georgia Southern.

As cortinas do palco da prisão estavam puídas e rasgadas em alguns pontos. As teclas de marfim quebradas do piano antiquado há muito haviam se tornado amarelas. Tentar fazer o sistema de microfone funcionar foi um esforço inútil, pois o único som que ele emitia era o de um zumbido de sessenta ciclos.

Orçamentos limitados. Perguntei ao capelão como ele conseguia realizar os cultos religiosos com aquele equipamento tão ultrapassado. Ele revelou que o orçamento anual do programa para atender às necessidades espirituais daquela sua congregação de dois mil membros fora fixado em 5 mil dólares. Fiquei imaginando o que aconteceria com uma igreja de dois mil membros que tentasse operar com um orçamento semelhante.

Rotina monótona. Os palestrantes do dia foram Colson e Lem Barney, o distinto cornerback profissional veterano do Detroit Lions. O status de celebridade dos palestrantes ajudou a atrair cerca de trezentos presidiários para este evento voluntário. A esse apelo atrativo se somava a quebra da monotonia da rotina diária.

Audiência hostil. No início, a atitude dos ouvintes foi hostil. Quando Colson

começou a falar, foi recebido com vaias e outros insultos verbais, e tive a sensação crescente de que nossa presença ali era uma imprudência.

Apresentando o Salvador Sofredor

Uma mensagem relevante. Os guardas também estavam ficando inquietos, até que Colson se aprofundou em sua pregação. Ele falou da provação de Cristo na prisão de Jerusalém, do tratamento que ele recebeu no Pretório e de seu julgamento perante Pilatos. As vaias iam sendo abandonadas conforme a audiência se entusiasmava com o orador.

Uma apresentação empática. A identificação de Colson com a miséria dos que o ouviam se sobressaiu com força ao passo que a compaixão exalava de seu ser. Até o mais insensível entre a audiência de presidiários ficou comovido com a mensagem de Colson. De alguma forma, ele despertou neles uma centelha de esperança e lhes restaurou, mesmo que por alguns momentos, um senso de dignidade.

Desfrutando do impacto do evangelho

Apreciação espontânea. No fim do encontro, uma explosão espontânea de calor e apreço foi concedida a todos nós que dedicamos tempo para estender a mão para esses homens. Os guardas ficaram assustados, mas impotentes para deter a onda de prisioneiros que correram para nos agradecer e abraçar Colson e Barney com gratidão.

Um guarda usou os alto-falantes para orientar a saída em ordem do auditório. Primeiro, os prisioneiros foram levados e, em seguida, fomos agrupados e escoltados por guardas armados, para sairmos juntos. Ao passarmos pelo bloco

de celas, separado do corredor por grades cheias de janelas de vidro reforçadas por grades de arame, uma multidão de prisioneiros pressionou as portas, acenando e gritando saudações para nós.

Companheirismo genuíno. Várias janelas estavam sem esquadrias, e os presidiários estenderam os braços por elas em um esforço para nos tocar e apertar nossas mãos. Colson rompeu a formação em que estávamos e começou a se mover na direção do bloco de celas. Dois guardas moveram-se para lhe bloquear o caminho, então ele se virou para mim e disse: "Vamos, R. C.".

À medida que avançávamos juntos em direção a eles, levantou-se entre os detentos uma ovação empolgante, e os guardas se moveram para o lado para nos deixar passar. Pegamos as mãos que estavam estendidas e olhamos nos rostos daqueles homens de olhos marejados de lágrimas. As expressões raivosas se foram à medida que seus rostos endurecidos se enterneciam em apreciação.

Chuck olhou para mim e disse: "A empolgação com a Convenção Nacional do Partido Republicano jamais poderia se igualar a isso".

Satisfação profunda. Ao deixar o confinamento da prisão, levei comigo uma profunda sensação de satisfação, pois ao menos em uma ocasião cumpri um mandato direto de Cristo para visitar aqueles que estão na prisão (veja Mt 25.36; também Hb 13.3; 1Pe 3.19). Desde essa primeira visita, tive muitas outras experiências em prisões e uma exposição considerável a presidiários, visto que por muitos anos fizemos seminários regulares para eles.

Entendendo o sistema prisional

Propósitos indefinidos. O sistema prisional torna-se complexo pelo fato de as prisões não servirem a um único propósito claramente definido. Elas são consideradas úteis por uma pluralidade de razões e têm sido projetadas para

cumprir uma ampla variedade de propósitos, alguns deles contraditórios entre si. O nome penitenciária vem da origem quacre do termo, que se destinava a descrever um lugar onde a penitência poderia ser exigida de criminosos.

Alguns veem a prisão como um lugar em que a punição retributiva é administrada em prol da justiça. Outros enfatizam a proteção da população contra aqueles que representam uma ameaça à segurança. Outros, ainda, consideram o papel da prisão principalmente como o de uma instituição de reabilitação.

Condições diferentes. Há prisões de diferentes níveis, que vão desde centros de detenção em regime semiaberto ou casas de recuperação até instalações de segurança máxima. As condições variam de prisão para prisão e de estado para estado, bem como de prisões estaduais para federais e municipais. Instalações antiquadas, custos cada vez mais altos e o problema de superlotação aumentam a dificuldade de manutenção de um sistema de justiça penal que seja humano.

Números crescentes. No fim de 2016, o número de detentos em prisões estaduais e federais dos EUA era de quase 1,6 milhão de homens e mulheres. Embora a população carcerária tenha diminuído anualmente desde o pico em 2007, esse número continua assustadoramente alto.[2]

Soluções concorrentes. Esse boom acelerado de um número maior de novos presos que estão sendo acrescentados à população carcerária a cada ano motiva gritos conflitantes por uma ação governamental para resolver a crise. Uma facção defende mais prisões, e também maiores, "para que possamos tirar todos esses vigaristas da rua, trancafiá-los e jogar a chave fora". Outros, reconhecendo os custos terríveis de manter enormes populações atrás das grades, defendem programas de libertação antecipada para aliviar o fardo sobre o contribuinte, que em algum momento deverá pagar essa conta.

INDIGNIDADES OCULTAS

O estabelecimento de um sistema equitativo de justiça penal não é tarefa fácil. Até mesmo a questão dos parâmetros justos de condenação torna-se nebulosa pela imposição de circunstâncias atenuantes à decisão do juiz e pelas complexidades decorrentes da negociação com base na confissão de culpa.

Sentenças díspares

As disparidades das sentenças que existem entre condenados por crimes semelhantes são evidentemente óbvias para qualquer pessoa que se preocupe em examinar de perto a situação. Além dessas desigualdades, temos o problema sério das punições ocultas aplicadas ao prisioneiro e que não são parte formal da pena imposta pelos tribunais.

Estupro homossexual

O exemplo mais claro dessas punições ocultas é o estupro homossexual. De acordo com um estudo, mais de um quinto dos presos do sexo masculino nos Estados Unidos relatou ter sido vítima de prática sexual indesejada ou sob coação em algum momento durante seu encarceramento.[3]

A dor física e os possíveis danos causados pelo estupro homossexual foram bem documentados, mas quem pode medir o dano à dignidade humana que isso impõe? A humilhação que acompanha essa provação pode deixar para sempre uma cicatriz na alma.

No entanto, o estupro homossexual não é a única forma de indignidade sofrida pelos presidiários. Toda a experiência prisional, em muitos casos, expõe a pessoa a uma destruição sistemática da dignidade humana. A destruição do respeito próprio é um fator importante que contribui para o índice alarmante de

reincidência que assola nosso sistema de justiça penal.

Revista

O processo de destruição da dignidade do presidiário começa no momento em que ele chega ao estabelecimento prisional. Depois de ser escoltado através das portas de aço que se fecham com estrondo e de ser devidamente registrado, ele é submetido a uma revista de rotina para evitar a possibilidade de contrabando de coisas para dentro da prisão. Exposto à nudez, ele passa por uma revista minuciosa em que cada orifício corporal é cuidadosamente examinado.

O fato de ser reduzido à nudez tem um profundo impacto psicológico no novo presidiário. Embora a necessidade dessa prática possa ser defendida com base na necessidade de conter a entrada de substâncias controladas e de outros contrabandos, ela pode ser realizada de maneiras menos ofensivas. Os guerreiros antigos entendiam o impacto psicologicamente destrutivo que a nudez tinha sobre um indivíduo, um poder que eles exerciam ao forçarem seus inimigos conquistados a marcharem publicamente, acorrentados e despidos, em estado humilhante de nudez.

Mesmo nas circunstâncias formais de um exame médico, é difícil ficar despido enquanto está sob o olhar e a inspeção de outra pessoa. A rotina da fiscalização penitenciária, para ser humanizada, deve aplicar as salvaguardas sensíveis do médico, para que o detento não seja intencionalmente humilhado pela revista em estado de nudez.

Alguns administradores penitenciários, no entanto, defendem uma forma mais rude de procedimento, deliberadamente adotada para “quebrar o espírito” do novo presidiário, para que ele não se torne rapidamente um encrenqueiro. Quando este procedimento ocorre, a agressão à dignidade torna-se parte integrante da punição do criminoso.

No entanto, proteger a humanidade de um infrator não é mimá-lo. Tomar tais precauções serve apenas para enfatizar a importância da dignidade humana e, em última análise, beneficia a todos que são humanos.

Cuecas usadas

Depois de passar pela revista nu, o condenado é transferido para o departamento em que lhe são entregues suas roupas de preso. Imagine a sensação desse homem quando recebe uma cueca que já foi usada por quatro ou cinco prisioneiros antes dele.

A “artimanha das cuecas usadas” não é empregada como medida para cortar gastos ou para economizar. A economia obtida por essa medida é irrelevante. Temos nesse caso um exemplo claro de guerra psicológica intencional.

O jogo envolve um insulto proposital ao prisioneiro que está chegando, para “colocá-lo em seu devido lugar”. Nenhuma instituição prisional que inclua a reabilitação como um de seus objetivos poderia tolerar esse tipo de abuso da psiquê de um prisioneiro. A pessoa que é sistematicamente submetida a agressões, explícitas ou sutis, ao seu valor próprio tem pouca esperança de ser reabilitada.

RESPOSTAS À INDIGNIDADE

A nação foi abalada por uma série de revoltas violentas em prisões de segurança máxima, de Attica, em Nova York (1971), até Santa Fé, no Novo México (1980), ou Moundsville, em West Virginia (1986). Nesses e em outros incidentes semelhantes, a violência desenfreada estourou, resultando em reféns mortos e colegas de prisão assassinados. Acrescente a essa carnificina os atos autodestrutivos que ocorrem quando os presos se rebelam e destroem as próprias instalações — como fizeram em Lorton, Virgínia, complexo prisional perto de Washington, D.C. (1986) — evidenciando a ação autodestrutiva de alguém que corta o nariz apesar de ser seu próprio rosto.

O que faz as pessoas se comportarem assim?

A resposta do criminoso

A psiquê do criminoso é tão complexa quanto um mapa das ruas da cidade de Nova York. O psiquiatra pode conseguir penetrar em Manhattan e no Bronx, mas não chega ao Brooklyn. Seria tolice adivinhar a infinidade de razões que explicariam totalmente seus padrões de comportamento.

Retaliação. Um fator, entretanto, deve ser incluído na lista. Quando as pessoas são submetidas a uma destruição sistemática de sua dignidade, elas atacam tudo ao seu redor em uma tentativa de revidar. A mensagem delas pode ser: “Se você não gosta de mim, pelo menos talvez possa me respeitar; e, se você não pode me respeitar, pelo menos vai me temer. Sou uma força a ser reconhecida, mesmo que eu seja apenas uma força de destruição e hostilidade”.

Mesmo no caso de criminosos recalcitrantes, vale a pena tentar lidar com a dor que está oculta sob a superfície de sua ira violenta.

Reincidência. Chegou a hora de admitir que nosso atual sistema de justiça penal é mais um fracasso do que um sucesso. A taxa de reincidência gira em torno de 50% após cinco anos[4] (embora a incidência de crimes violentos, mesmo sendo alta quando comparada ao resto do mundo desenvolvido, tenha caído desde 1993).[5] O que existe não está conseguindo nem a dissuasão do criminoso nem sua reabilitação.

Está próximo o tempo para que nossas melhores mentes sejam envolvidas na tarefa de pensar de forma criativa sobre esse assunto.

A resposta cristã

Reforma. A Prison Fellowship é uma agência que teve sucesso com alguns de seus programas resultantes de suas experiências criativas na área de reforma prisional. Um episódio em Atlanta foi anunciado pela imprensa como um passo corajoso e de esperança.

Restituição. O projeto experimental se concentrou na produção de um modelo de restituição para implementar o princípio bíblico de justiça. Contou com a ajuda de organizações civis e igrejas locais.

Parte do experimento incluiu a visita à casa de uma viúva cega e idosa que havia sido vítima de furto por duas vezes no ano anterior. Ela vivia na pobreza, suportando os meses de inverno em uma casa sem isolamento térmico. Como vítima de crime por duas vezes, ela foi selecionada para ser beneficiada pelo experimento.

Reconciliação. Os comerciantes locais doaram cerca de 5 mil dólares para fazer o isolamento e comprar outros materiais de construção. Vários presidiários de uma prisão da Flórida foram, então, selecionados para receber duas semanas em liberdade com o intuito de trabalhar em equipe e preparar a casa dessa viúva para o inverno. Um espírito de grupo se desenvolveu entre os homens enquanto trabalhavam, deslocando-se de bruços no espaço estreito sob a casa e fixando o material de calafetagem e a proteção contra intempéries nas janelas.

Respeito. Em duas semanas, a casa foi totalmente preparada para o inverno e a viúva ficou maravilhada com a gentileza dos homens. Ela falava deles como se fossem “família”, pois houve troca de amor, assim como a devida restituição. Os prisioneiros partiram com um sentimento de orgulho pelo trabalho bem executado em vez de sentirem o seu costumeiro senso de vergonha.

A DIGNIDADE DA VÍTIMA

O valor da vítima

A questão da restituição mostra o outro lado da moeda da justiça penal: a questão do valor da vítima. Tanta legislação foi aprovada para proteger os direitos dos criminosos que as vítimas se sentem perdidas na confusão.

A questão da humilhação da vítima de estupro em um julgamento público é assunto bem documentado. O que dizer da vítima de roubo, de assalto, de vandalismo ou de calúnia? Dá-se pouca atenção a essas pessoas e às cicatrizes que carregam.

O ciclo é comum. Quando ocorre um crime grave, ele recebe cobertura de primeira página. O nome da vítima e, talvez, uma foto são exibidos com destaque no jornal ou no noticiário noturno. As pessoas têm sentimentos de compaixão pela vítima quando a situação se torna pública.

Mas o velho ditado que diz que “Não há nada mais tedioso do que o jornal de ontem” logo faz com que seu impacto seja sentido. O que continua a ser digno do noticiário são os eventos ligados ao julgamento do criminoso. Assim que o julgamento começa, o criminoso passa a ser o centro das atenções e seu destino se torna a principal preocupação do público.

A situação da vítima

A cada dia de julgamento, a situação do criminoso se torna mais proeminente, enquanto a situação da vítima vai passando para segundo plano até ser esquecida. Mesmo quando ocorre uma condenação, a questão da restituição é frequentemente esquecida. Essas questões éticas que surgem na investigação criminal e no julgamento foram tratadas de forma brilhante no filme comovente Ausência de malícia.

A DIGNIDADE DA POLÍCIA

Às vezes, a situação do policial se perde em meio à preocupação com o criminoso e com a vítima. Desde a época turbulenta da década de 1960, a imagem do policial vem sofrendo.

Colocado pelo público no papel de adversário

Suporta ridicularização e hostilidade. O respeitado e sorridente servidor público que para o trânsito com o aceno da mão enluvada, enquanto usa a outra mão para fazer um aluno em idade escolar atravessar a rua foi em grande parte circunscrita ao museu de capas de revista, Norman Rockwell. Hoje em dia, em algumas comunidades, o policial é conhecido pejorativamente como "encrespado" ou "porco".

Lembro-me de me identificar com o autor de um livro famoso na Holanda, intitulado As dificuldades de um irlandês com a língua holandesa. O livro cataloga os erros engraçados que uma pessoa de língua inglesa comete quando tenta aprender a exótica língua holandesa.

O episódio mais engraçado do livro relata os problemas com que o irlandês se deparou quando se dirigiu a um policial holandês por um "título" que aprendera ao ouvir seus amigos holandeses falarem da polícia. O irlandês sorriu educadamente para um policial e disse: "Dag, smeris!" que seria algo como você ou eu encontrarmos um policial e lhe dizer: "Oi, seu porco!".

Comparar o policial a um porco rude em um chiqueiro lamacento é um insulto à sua dignidade como ser humano. Proliferar insultos apenas endurece a postura adversária que se desenvolve entre segmentos da população e da polícia.

Experimenta frustração e ingratidão. Embora frequentemente percebido como um oficial que faz uso da força, o papel do policial ainda é o de servidor público. Sua tarefa com frequência é frustrante e perigosa. Pois seu trabalho é mal remunerado e de alto risco, e se torna ainda mais difícil quando ele é alvo de ridicularização pública e hostilidade.

Portanto, os homens de farda estão ficando amargos e seus brados estão sendo ouvidos em romances e em marchas de protesto. Por trás de sua amargura está uma frustração decorrente do fracasso dos tribunais em apoiar as prisões que eles fazem e uma raiva crescente devido a algo que a polícia percebe como um sentimento de ingratidão da população à qual eles servem.

Envergonhado por incidentes ligados à má conduta policial

Evidentemente, incidentes reais de brutalidade policial acontecem. O “uso excessivo da força” ocorre quando se usa força desnecessária para fazer prisões. E conotações raciais ainda não resolvidas estão claramente presentes em alguns desses incidentes.

Eu mesmo vivi um momento assustador ao testemunhar a cena de uma prisão no Mississippi. Minha esposa e eu estávamos dormindo em nosso quarto de hotel, quando fui bruscamente acordado por um barulho do lado de fora de nossa janela. Eu ouvi alguém gritar e um som de metal se chocando contra a calçada.

Quando olhei para fora, vi um homem negro, apavorado, de braços abertos sobre o porta-malas do meu carro e um policial pressionando a cabeça do homem contra o carro com o cano de seu revólver. O rosto do policial estava desfigurado de raiva, enquanto ele gritava: “Se você fizer o menor movimento, vou estourar sua cabeça”.

Contrariando os protestos de minha esposa, corri para fora para alertar o policial de que eu estava testemunhando a cena, pois temia que ele “desse cabo” do ladrão ali mesmo. Com a minha saída do quarto, o policial diminuiu a pressão sobre a arma e começou a algemar o homem. Minutos depois, carros da patrulha chegaram para levar o criminoso sob custódia. Fiquei feliz por aquele homem ter

sido preso enquanto tentava furtar minhas calotas, mas fiquei ainda mais aliviado por ter sido poupado da visão de um assassinato a sangue frio.

Tive a oportunidade de conversar com o policial que fez essa prisão no dia seguinte, e ele me explicou que seu tom de voz e seus gestos ameaçadores faziam parte do procedimento normal de apreensão e eram cuidadosamente planejados para intimidar o suspeito e levá-lo a uma acovardada aquiescência. Ele explicou ainda que estava completamente sob controle e não tinha a menor intenção de atirar no homem.

Eu me pergunto se ele ainda conseguiria ter me explicado suas ações da mesma maneira se tivesse visto o próprio rosto no espelho no momento do incidente da prisão. Se já houve alguém que parecia querer uma desculpa para puxar o gatilho, ele era esse alguém. Sua técnica de prisão pode muito bem ter sido mera atuação, mas, se foi, posso dizer que foi uma atuação digna de um Oscar.

Pego na dificuldade de prender e proteger

A tarefa de aplicar a lei é difícil, na melhor das circunstâncias. Houve progresso no estabelecimento de políticas que restringem o uso de contenção forçada. Mas fazer prisões não é uma brincadeira de criança e o processo está repleto de perigos. A linha entre proteger o policial e proteger o suspeito é tênue. Dois seres humanos estão envolvidos nessa ação, ambos merecedores de respeito e dignidade. Podemos nos alegrar ao menos nisto: que não vivemos em uma sociedade totalitária na qual a mera presença de um policial já é suficiente para inspirar terror.

JUSTIÇA COM DIGNIDADE

A prisão é um símbolo da horrenda presença do mal em nosso mundo. Crime é a palavra que usamos para designar atos de violência cometidos contra a pessoa e

a propriedade. À medida que é uma abstração, é um eufemismo.

O que está em questão na justiça penal é a dignidade básica de uma pessoa e de sua propriedade. Não existe crime sem vítima, pois em qualquer crime alguém ou a propriedade de alguém é violado.

Há certos crimes que apenas quem os pratica é ferido — mas ainda há uma vítima: o próprio criminoso. Afinal, ele também é uma pessoa.

O impacto da agressão contra pessoas e propriedades afeta uma ampla ala ao longo de toda sociedade. Considere a seguinte lista parcial de pessoas que são envolvidas no jogo quando um crime é cometido:

Policiais

Funcionários do tribunal

Profissionais médicos

Contadores

Funcionários do hospital

Escreventes

Paramédicos

Funcionários da prisão

Agentes de seguros e avaliadores de sinistros

Guardas da prisão

Detetives particulares

Trabalhadores sociais

Técnicos de laboratório

Oficiais de liberdade condicional

Criminologistas

Fiadores

Pessoal de instituições eclesiásticas

Advogados de defesa

Juízes

Promotores

Quando as pessoas são valorizadas e têm sua propriedade respeitada, a criminalidade diminui. Quando as pessoas são tidas em baixa estima e não têm sua propriedade honrada, a criminalidade aumenta e a força vital de toda a comunidade é infectada pelo mal virulento da indignidade.

PARA REFLEXÃO ADICIONAL

Como a questão da pena de morte se relaciona com a questão da dignidade humana?

Como os criminosos eram tratados segundo a lei do Antigo Testamento?

Que sugestões você pode dar para controlar o problema do estupro homossexual nas prisões?

Qual é o objetivo principal de uma prisão?

Como você define uma punição injusta para um crime?

A tortura de um prisioneiro é algo que se justifica? Por quê? Ou por que não?

Liste maneiras pelas quais as vítimas de crime podem ser ajudadas.

Qual é a imagem do policial em sua comunidade?

Qual é a diferença entre retribuição e restituição?

Você acha que o atual sistema de justiça penal é justo? Por quê? Ou por que não?

[1] Publicados por Chosen e Spite, respectivamente.

[2] Danielle Kaeble e Mary Cowhig, “Correctional populations in the United States, 2016,” US Bureau of Justice Statistics, Abril 2018, acessado em 09/07/2019, disponível em https://www.bjs.gov/content/pub/pdf/cpus16.pdf.

[3] Cindy Struckman-Johnson; David Struckman-Johnson, “Sexual coercion rates in seven midwestern prison facilities for men”, The Prison Journal 8, n. 4 (2016): 379-90.

[4] Adam Gelb; Tracy Velázquez, “The changing face of recidivism: fewer people going back to prison", Pew Charitable Trusts, abril 1, (2018), disponível em: https://www.pewtrusts.org/en/research-and-analysis/articles/2018/08/01/the-changing-state-of-recidivism-fewer-people-going-back-to-prison, acesso em: 9 jul. 2019.

[5] Jennifer Truman; Lynn Langton; Michael Planty, “Criminal victimization, 2012", Bureau of Justice Statistics, outubro (2013), disponível em: https://www.bjs.gov/content/pub/pdf/cv12.pdf, acesso em: 9 jul. 2019.

8

DIGNIDADE NA IGREJA

O setor da sociedade em que mais esperamos encontrar a estima pelas pessoas sendo praticada é na igreja. A igreja existe como uma instituição destinada a valorizar as pessoas. No entanto, nem sempre funciona assim.

O fato é que as pessoas são com frequência esquecidas e negligenciadas nessa instituição divinamente ordenada. O problema é agravado pelo fato de que as pessoas vão à igreja com grandes expectativas. Quando essas expectativas não são atendidas, a decepção pode ser severa.

Tenho sido frequentemente atraído para discussões sobre religião em ambientes que envolvem reuniões e seminários seculares. Certos padrões emergem nessas discussões informais. Muitas das pessoas sem igreja me disseram que já foram membros de alguma igreja.

Quando lhes pergunto por que deixaram a igreja, as respostas tendem a ser semelhantes. Elas não se preocupavam com questões teológicas nem com os programas da igreja; ao contrário, a ênfase sempre está nos relacionamentos rompidos. Elas dizem que ficaram magoadas com algum comentário do pastor ou sacerdote, ou que foram de alguma forma menosprezadas por uma panelinha na igreja. As questões apontadas são mais sociológicas do que teológicas.

Um pastor metodista idoso me perguntou: “Qual você acha que é o propósito principal da igreja? Você vê a igreja como um exército ou como um hospital?”.

Achei a pergunta estranha, mas mordi a isca. Na época, sendo eu um estudante de seminário zeloso, respondi: “Suponho que ambas as dimensões devam estar presentes, mas vejo a igreja principalmente como um exército mobilizado por Deus com a missão de mudar o mundo”.

Esse conceito é o que me entusiasma na igreja. A igreja é chamada em última instância para ser a “igreja triunfante”, e eu sabia que isso não poderia acontecer a menos que ela fosse primeiro a “igreja militante”.

O sábio pastor olhou para mim com tristeza e disse: “Filho, a menos que a igreja seja primeiro um hospital, ela jamais poderá se tornar um exército”.

Levei alguns anos para perceber a importância do que ele estava dizendo.

Madalyn Murray O’Hair fez o seguinte comentário cínico: “a igreja é o único exército que atira em seus próprios feridos”. Acho que o comentário é matizado pela hostilidade ao cristianismo que a sra. O’Hair tornou célebre por meio de suas cruzadas em prol do ateísmo.

Embora eu não ache que a afirmação seja verdadeira, como a maioria das distorções, ela toma emprestada sua eficácia da semente de verdade nela contida. Também me pergunto se a sra. O’Hair já foi vítima de uma ferida imposta pela igreja.

DISCIPLINA E MISERICÓRDIA

Disciplina como parte da educação

Analisando as feridas que as pessoas sentem que a igreja lhes infligiu, sei que há dois lados nessas histórias de desgraça. A igreja é chamada não apenas para o ministério de reconciliar aqueles que estão dentro de seus portões (veja 2Co 5.18,19), mas também para o ministério de nutri-los (veja Ef 4.11-32). Parte desse nutrir inclui a disciplina na igreja (veja 1Co 5—6), algo que nem sempre é aceito de bom grado.

Quando as pessoas se filiam a uma igreja, elas o fazem por meio de votos específicos sobre diligência na participação e apoio ao resto do corpo. Nem todo mundo, porém, leva esses votos a sério.

Certa vez, conversei com um homem que era um membro ativo da igreja, mas ficou furioso ao saber que seu filho havia sido retirado do rol de membros da igreja. Ele reclamou amargamente para mim, dizendo: “Meu filho não é bom o

suficiente para ser um membro aqui? Quem vocês acham que são para julgá-lo? Se meu filho não é bom o suficiente para ser um membro aqui, então eu também não sou, e retirarei todo o meu apoio a essa igreja".

Tentei aplacar sua raiva e explicar por que aquela sessão[1] da igreja havia tomado medidas disciplinares. O fato é que o filho dele não comparecia à igreja um único domingo sequer há mais de três anos. Ele havia negligenciado completamente os sacramentos e não havia apoiado a igreja com seu tempo, talentos nem dinheiro — tudo o que ele havia se comprometido solenemente a fazer.

Os registros mostram que o rapaz fora visitado seis vezes e incentivado a se tornar mais ativo na comunhão da igreja. Ele havia indicado claramente que não estava mais interessado na igreja e não desejava ser mantido na lista como membro ativo. No entanto, quando foi retirado do rol de membros, ele e seu pai ficaram indignados. O pai deixou a comunhão da igreja ainda convencido de que seu filho fora vítima inocente de um julgamento precipitado e injusto.

Sensibilidade como parte da disciplina

O fato de os requisitos de membresia da maioria das igrejas serem menores em número do que os do clube de campo ou da Associação Cristã de Moços parece não importar para alguns. A carga psicológica da censura da igreja é pesada e as pessoas são sensíveis a seu status lá. Ser excluído da igreja, por mais justificáveis que sejam as razões para isso e por mais indiferente que esteja a pessoa excluída, pode ser um golpe avassalador para ela.

Deus requer que essa disciplina seja aplicada na igreja, mas uma sensibilidade especial deve ser exercida quando isso for feito. Mesmo o mais obstinado impenitente por algum pecado hediondo não deve ser tratado com rejeição brusca ou antecipada. A disciplina na igreja faz parte de seu dever sacerdotal e deve ser aplicada de maneira sacerdotal, para que as pessoas sejam altamente valorizadas.

O próprio Deus, como pai do filho pródigo (veja Lc 15.11-32), permite que as

pessoas se afastem dele quando estão determinadas a ir, ainda que as deixe ir com lágrimas.

OS PROFETAS E SACERDOTES DO ANTIGO TESTAMENTO

Distinções e qualificações

Na igreja do Antigo Testamento, existia uma distinção clara entre os papéis do profeta e do sacerdote. Os sacerdotes tinham uma ordem claramente definida, com deveres e funções regularmente designados. Era preciso ser levita de nascimento para se qualificar para o sacerdócio.

O profeta não se qualificava para o cargo biologicamente, mas por específica indicação divina. Era individualmente chamado e dotado por Deus para uma tarefa específica. O profeta vivia uma vida solitária, pois seu papel de crítico comissionado por Deus não era nada popular.

Deveres e funções

A principal diferença entre os papéis de sacerdote e de profeta tinha a ver com aquilo que tinham de falar. Ambos atuavam como porta-vozes e mediadores. Era função do sacerdote falar com Deus em nome do povo. Era função do profeta falar ao povo em nome de Deus.

O sacerdote ministrava no tabernáculo ou templo, dando voz às orações da nação e oferecendo sacrifícios a Deus em nome do povo. Sua tarefa era fazer coisas que aplacassem a ira de Deus e ostentassem sinais da reconciliação.

O profeta, entretanto, era como um promotor de justiça. A estrutura da igreja do

Antigo Testamento era construída em torno de uma aliança com estipulações legais vinculadas a ela. Quando a aliança-tratado era quebrada, movia-se uma ação judicial.

Quando Israel quebrava sua aliança com Deus, este perseguia seu povo com uma intimação nas mãos dos profetas. O profeta anunciava o julgamento de Deus e transmitia o oráculo que chamava a nação ao arrependimento. Um teólogo católico romano descreveu a função do profeta do Antigo Testamento como a de ser a “consciência de Israel”.

OS PROFETAS PASTORES E SACERDOTES DO NOVO TESTAMENTO

Que importância esse padrão do Antigo Testamento tem para a igreja de hoje?

A maioria das denominações não mantém um sacerdócio formal, e aquelas que o fazem não o modelam segundo as estruturas da ordem levítica do Antigo Testamento. Nem temos profetas divinamente designados perambulando pelo deserto (veja Lc 1.80), entregando oráculos de revelação inspirada ou fazendo ferros de machado flutuarem no rio (veja 2Re 6.1-7). Os dias de Jeremias, Eliseu e Isaías se acabaram, embora nosso interesse neles permaneça.

Dando continuidade às tarefas

Apesar do fato de a igreja moderna refletir uma nova aliança, sem sacerdócio levítico nem profetas canônicos, certos elementos das tarefas sacerdotais e proféticas continuam. A igreja ainda é chamada a orar e a oferecer sacrifícios de louvor e honra a Deus. A igreja ainda é chamada a falar a palavra de Deus à nação, exercendo uma crítica profética à cultura. A ordem pode mudar, bem como a estrutura, mas algumas das tarefas mais básicas da igreja antiga permanecem em vigor.

Combinando os ofícios

Na igreja atual, os papéis de sacerdote e de profeta não são mantidos como dois ofícios separados e distintos. As funções são combinadas no ofício de pastor. O ministro deve exercer ambas as funções enquanto pastoreia seu rebanho.

Quando ele lidera a congregação em oração, quando visita os enfermos e aconselha os aflitos, está manifestando o papel sacerdotal. Quando ensina as Escrituras e prega o sermão, está manifestando o papel profético.

Equilibrando as funções

Os problemas surgem quando essas duas funções ficam em desequilíbrio. Alguns pastores são mais atraídos para o aspecto profético e outros, para o aspecto sacerdotal.

Quando um pastor exibe uma ênfase unilateral no sacerdócio, o povo sofre com a falta de ensino e exortação profética. Quando o pastor se desequilibra em direção ao aspecto profético, o povo recebe um excesso de admoestação e muito pouco encorajamento. O mandato bíblico é para ambas as funções e, mesmo que houvesse uma prioridade temporal para uma delas, ela recairia no sacerdócio.

Antes de poder ser um profeta eficaz para sua congregação, o pastor deve primeiro ser seu sacerdote. Temos a tendência de nos fechar às críticas de pessoas que apenas nos admoestam e nunca ministram à nossa dor. Esse princípio se aplica não apenas dentro da congregação, mas especialmente ao papel da igreja em ministrar à comunidade local.

MINISTRANDO À COMUNIDADE LOCAL

O método convencional de plantação de igreja tem algumas falhas. Reunimos uma congregação, construímos um santuário e, em seguida, penduramos na entrada uma placa que diz: “Bem-vindo”. O nome da igreja e de seu pastor geralmente são exibidos em uma placa do lado de fora do prédio da igreja.

Sentar e esperar pelos feridos

É quase como se pendurássemos uma tabuleta com um letreiro, depois nos sentássemos e esperássemos que os necessitados viessem até nós. Que contraste notável com o ministério de Jesus, que abraçou a tarefa de fazer o que fosse preciso para ir em busca dos feridos e marginalizados da sociedade. Onde o sofrimento das feridas de uma comunidade se manifesta, aí uma igreja deve se estabelecer.

A maioria dos turistas em Amsterdã se lembra da primeira visão do infame distrito da luz vermelha da cidade, que possui mais de dez mil prostitutas registradas que exercem seu comércio sob a total proteção da lei. O distrito se estende por vários quarteirões ao longo de um canal que vai da estação central até a famosa “barragem” que dá nome à cidade.

Surpreendentemente, nessa mesma área encontram-se respeitáveis igrejas que ostentam um rico legado eclesiástico. Em alguns casos, não mais que um metro e meio separa as portas da igreja das vitrines dessas “lojas” que exibem as profissionais enfeitadas com suas roupas coloridas. Prostitutas perambulam pela rua e se encostam na porta do escritório do pastor.

Quando vi o distrito da luz vermelha pela primeira vez, perguntei a um nativo qual era a relação entre a igreja e essas mulheres. Ele respondeu que não havia relacionamento, uma vez que as duas instituições se ignoravam educadamente.

Ou sair e socorrer os aflitos

Eu perguntei incrédulo:

— Mas ninguém tenta ministrar a essas mulheres?

— Oh, sim, respondeu ele, o Exército de Salvação tem um ministério pujante em andamento aqui.

Eu então observei um encontro incongruente acontecer. Uma jovem, vestida de roupas largas de um azul desbotado e usando um chapéu amarrado na cabeça, entrou no prédio onde garotas vestidas de forma provocante anunciavam seus produtos para atrair os marinheiros que passavam. A ocasião parecia um encontro entre os séculos 18 e 20, à medida que os obreiros do Exército de Salvação iam em busca daquelas jovens presas nas garras da escravidão branca.

A diferença que havia entre o Exército de Salvação e a igreja estabelecida no local é a diferença entre esperar que os aflitos venham até nós e fazer o esforço necessário para ir até eles.

O Exército de Salvação é uma das poucas organizações cristãs na Europa que desfruta do respeito da cultura secular. Embora a cultura possa rejeitar as convicções religiosas do Exército, as pessoas estão cientes de que, quando houver uma crise e pessoas sofrendo, o Exército de Salvação estará lá. Esse é o tipo de reputação que a igreja deve ter, e terá quando levar a sério sua tarefa sacerdotal em uma comunidade.

Planejar programas eclesiásticos para atrair pessoas

Certa vez, conversei com um jovem sacerdote da igreja episcopal que fora designado para pastorear uma igreja missionária em uma cidade decadente no oeste da Pensilvânia. Ele veio até mim perguntando como poderia desenvolver um programa para trazer crescimento para sua pequena paróquia de 27 membros.

Quando ele identificou sua igreja como uma igreja missionária, concluí que ela

havia sido fundada recentemente. Enquanto discutíamos a estratégia de plantação de novas igrejas, perguntei a ele há quanto tempo a igreja missionária estava ali.

Quase caí para trás quando ele respondeu: “Há cerca de setenta anos”.

Ele continuou relatando em termos pessimistas que seu supervisor lhe havia dito ser improvável que sua igreja algum dia experimentasse algum crescimento significativo, já que esse é o padrão em áreas decadentes.

O jovem pastor olhou para mim e disse: “Existe alguma maneira de fazer com que essas pessoas se interessem pela igreja?”.

Ou voltar o ministério da igreja para as necessidades da população

Eu disse a ele: “Da perspectiva do potencial de crescimento da igreja, você está sentado em uma mina de ouro. Deve ser fácil ver sua igreja explodir em um curto período de tempo.

“Pense nisso. Existem mais de sessenta mil pessoas morando nesta cidade. Sessenta por cento dessas pessoas não pertencem a nenhuma igreja e ninguém está ministrando às suas necessidades espirituais. Isso significa que você tem mais de 35 mil novos membros em potencial nessa faixa inexplorada da população.

“Você também está vivendo em uma comunidade onde há uma dor imensa, onde as pessoas procuram alguém que se importe com elas. A taxa de desemprego é impressionante e o nível de pobreza é profundo.

“São pessoas de brio, pessoas que trabalharam nas siderúrgicas e nas minas de carvão desde que eles ou seus pais chegaram da velha pátria. Eles não virão aqui reclamar da sua dor. Se quer construir uma igreja, você deve ir até eles.

“Onde você vai encontrá-los? Você encontrará congregações prontas a responder a você em três locais, se levar essas pessoas a sério. Vá aos bares, aos sindicatos

e às associações que reúnem determinadas etnias e você encontrará os desempregados reunidos ali.

“Evidentemente eles vão olhar para você com suspeita, mas vá aonde Jesus foi e faça o que Jesus fez e você terá sua igreja. Pode não ser uma igreja rica, mas certamente será uma igreja cheia de vitalidade”.

Ao contrário do jovem governante rico da Antiguidade (veja Lc 18.18-30), aquele jovem pastor não saiu balançando a cabeça. Ele estava genuinamente entusiasmado em cruzar barreiras para ministrar aos pobres e necessitados de sua cidade.

A DIGNIDADE DO PASTOR

Não apenas as pessoas precisam de respeito e cuidado amoroso. Os pastores cada vez mais estão sendo desmoralizados no que se refere à diminuição do respeito concedido ao seu papel. Observe as imagens dos clérigos nas histórias em quadrinhos ou o tipo de personagem dos pastores nos dramas da televisão.

Estereótipos cômicos

O pastor é retratado como um personagem que fica entre o palhaço e o bufão. Em geral, é retratado nos desenhos animados e histórias em quadrinhos como um caipira careca, obeso e inepto. Na imagem da TV, ele é o hipócrita fariseu e santarrão.

Raramente você verá um pastor retratado como um homem enérgico, piedoso, inteligente e articulado. Entre os profissionais que possuem instrução superior, o clérigo está entre os mais mal pagos e os menos respeitados.

Respeito restrito

Essa caricatura do pastor pode parecer estranha à luz do fato de que ainda resta, como herança do passado, um mínimo de respeito pela exaltada vocação do ministério. Os pastores ainda são honrados como líderes na comunidade. No entanto, a honra e o respeito que recebem, em grande parte, não vêm de seus pares socioeconômicos.

O pastor é tratado com carinho e frequentemente levado para almoçar fora pelos homens que são membros da igreja. E é apresentado com orgulho aos colegas do banqueiro como “meu pastor”. Recebe cortesias dos profissionais da classe médica, descontos dos comerciantes e visitas gratuitas ao clube de campo para uma partida de golfe.

Atitudes paternalistas

No entanto, ele ainda é menosprezado pelo empresário de sucesso, pelo médico e pelo advogado. A diferença está na questão da atitude. O que o pastor em regra experimenta por parte de seus pares é paternalismo.

Ninguém, inclusive os pastores, gosta de ser tratado com condescendência; isso é um insulto à dignidade de alguém. O proprietário de escravos benevolente cobria seu escravo de gentilezas e benesses — como muitos missionários contemporâneos tratavam sua cozinheira ou seu empregado doméstico —, mas o tempo todo ele o chamava de “menino”.

Falsas suposições

O pastor é devidamente respeitado por seus pares quando está no contexto da

igreja, desempenhando suas funções pastorais. Quando ele sai para o “mundo”, porém, a atitude muda. Aqui, a suposição é que o pastor é uma pessoa impotente e ingênua, protegida das duras e desagradáveis realidades da vida, como se o pastor não tivesse de se preocupar com os resultados dessas realidades cruéis todos os dias.

Certamente, parte do problema entre o pastor e sua igreja é de ordem econômica. Os homens que entram para o ministério pastoral não são atraídos para ele pela recompensa financeira que oferece. O pastor está preparado para levar uma vida de sacrifícios financeiros para cumprir seu chamado.

No entanto, uma coisa é a própria pessoa optar por ter um nível de renda mais baixo, outra bem diferente é que isso lhe seja imposto por terceiros que a consideram indigna de uma remuneração mais alta. Neste último caso, o problema de atitude afeta a autoestima do pastor. Quando lhe comunicam que ele não vale muito economicamente falando, o pastor é humano o suficiente para sentir a dor desse julgamento.

Distinções dadas aos clérigos

É certo que alguns pastoreiam igrejas grandes e ricas e são poupados das indignidades suportadas por seus colegas menos afortunados. E o pastor que é “bispo”, por exemplo, goza do respeito de seus colegas, visto que se encontra à frente de uma grande “corporação”. As benesses nessas circunstâncias geralmente são repassadas aos membros da equipe pastoral.

Nas igrejas grandes, onde vários membros servem na equipe ministerial, muitas vezes existe uma grande lacuna entre o respeito concedido ao pastor sênior e o que é dispensado aos pastores associados. Em algumas igrejas, é feita uma distinção entre pastor associado e pastor-assistente. Essa distinção geralmente se perde para as pessoas que se referem ao pastor associado como “pastor-assistente”. Essa distinção não se perderia, no entanto, para o advogado júnior de um escritório de advocacia que recebeu o status de advogado-assistente.

Em contrapartida, o pastor associado geralmente não é contratado pelo pastor

sênior, mas pela congregação. O associado geralmente é um veterano com altas qualificações ministeriais que possui habilidades especiais. O assistente, por sua vez, é geralmente um aluno recém-formado no seminário. É difícil para o associado ver seus anos de serviço competente serem descartados tão levianamente por um deslize no título.

Percepções da congregação

No entanto, aos olhos das pessoas, quem não é chefe deve ser um assistente. É claro que qualquer pastor que fique profundamente incomodado com tudo isso está na profissão errada. Menciono essas questões simplesmente para aumentar a consciência das pessoas, para que não continuem com o insulto inconsciente.

É provável que o pastor que sofre com essa forma popular de rebaixamento tenha a graça de nunca sequer mencionar isso.

A DIGNIDADE DO LÍDER LEIGO

Na maioria das igrejas, além do pastor e da equipe pastoral remunerada, existe algum conselho ou agentes selecionados dentre a congregação para ser o corpo que governa a igreja. Às vezes, essas pessoas são chamadas de diáconos, presbíteros, bispos ou membros do consistório. Em muitos casos, eles assumem suas posições por meio da ordenação.

Ordenados, mas leigos

Aqueles que são ordenados às vezes ficam ofendidos por serem chamados de

“leigos”. O termo “leigo” refere-se ao não ordenado, mas passou a significar “aquele que não é um profissional pago que estudou em seminário”.

Oficiais, mas não reconhecidos

É importante para a vida espiritual da congregação que seus oficiais recebam o respeito e a dignidade devidos a seu cargo. A Bíblia nos chama a ter um grau especial de respeito e honra por aqueles dentre a congregação que são chamados para servir em funções especiais de liderança.

Em geral, porém, a dignidade devida a essas funções é eclipsada pelo enfoque central dado ao pastor. Este desfruta de alta visibilidade na vida da congregação, enquanto o trabalho do presbítero ou do diácono é mais reservado. Via de regra, os presbíteros são visíveis apenas em ocasiões especiais, como na celebração da ceia do Senhor.

Nomeados, mas desconhecidos

Ainda assim, é importante que as pessoas saibam quem são seus presbíteros, diáconos e membros do conselho. Todos sabem o nome do pastor, mas poucos sabem dizer os nomes de outros membros do conselho.

Uma pequena melhoria nesse sentido poderia ser feita simplesmente elaborando-se uma lista dos nomes dessas pessoas no boletim de domingo ou arranjando um lugar especial para elas se sentarem durante o culto, como algumas denominações têm feito com grande sucesso. O objetivo não é exibir essas pessoas, mas simplesmente aumentar o respeito que recebem, para que seu cargo receba a honra que merece — conforme Deus planejou, para o benefício de todas as pessoas.

A DIGNIDADE DO MINISTÉRIO

Os ocupantes do púlpito

O trabalho pastoral é uma profissão curiosa. Atrai todos os tipos de personalidade para suas fileiras, e vemos de tudo, desde o zelote fervoroso ao cínico empedernido, do verdadeiro crente ao advogado do Diabo. Alguns buscam o púlpito pela paixão por ganhar almas; outros, como plataforma para o ensino. Alguns são atores frustrados em busca de um palco para atuar. Outros são neuróticos movidos por culpa em busca de um altar para expiação.

Em alguns púlpitos, temos homens enraivecidos pregando a própria ira como se fosse a de Deus; em outros púlpitos, temos homens de “compaixão” que dão voz às próprias fraquezas. Entre esses clérigos podemos encontrar conservadores e liberais, pietistas e moralistas, homens de grande eloquência e homens enfadonhos, fervor e banalidade, exposição e opinião, acusação e confissão.

Temos pastores que são crentes e pastores que são incrédulos. Alguns conhecem a Deus e outros não. Alguns entram no ministério pelo desejo de provar aos outros que Deus não existe ou para justificar a própria iniquidade.

Há mais de dois séculos, Gilbert Tennent[2] alertou sobre “Os perigos do ministério não convertido”. Seu sermão provocou um furor na época, mas não disse nada de novo. Afinal, membros do clero da antiga aliança assassinaram Jesus Cristo, e muitos de seus pastores apedrejaram os profetas.

O poder do púlpito

Há um poder que reside no púlpito. Onde mais um homem, que se muda para uma cidade, pode assumir uma posição de liderança e autoridade do dia para a noite? Onde mais podemos ganhar a atenção de um grupo de pessoas, semana

após semana, para que ouçam nossos pontos de vista ininterruptamente?

O púlpito é uma instituição estranha, às vezes cheia de hipocrisia e descrença, mas Deus escolheu a loucura em tudo isso para salvar o mundo. Nenhum charlatão, nenhum demagogo, ninguém, piedoso ou profano, pode destruir a dignidade que Deus atribuiu ao púlpito.

BISPO: O MODELO BÍBLICO DE PASTOR

O pastor serve como uma imagem espelhada do bispo do Novo Testamento. Ele pode não fazer uso do título de "bispo", encontrado em denominações que seguem uma política episcopal[3], mas compartilha dessa vocação. A palavra bispo vem do grego episkopos, de onde deriva a palavra episcopal.

Executivo-chefe

A raiz do termo vem da palavra skopos, que entrou para o português como "escopo". Em sua acepção comum, a palavra não se refere a uma marca de enxaguante bucal,[4] mas sim a um instrumento usado para possibilitar a visão. Pensamos no telescópio, no microscópio e, para aqueles que já sofreram de hemorroidas, no proctoscópio.

Seu equivalente em latim é supravidere, de onde obtivemos a palavra supervisor. Tanto o sufixo visor quanto o termo escopo chamam a atenção para que olhemos para algo, sendo que o prefixo acrescenta certo grau de intensidade.

No mundo grego, o bispo era um oficial responsável por inspecionar as tropas militares com o intuito de verificar sua prontidão para o combate. Ele era como um general visitante, que aparece sem prévio aviso no posto militar a fim de passar as tropas em revista. Ele era como um inspetor de saúde ou um inspetor de segurança ou um inspetor de controle de qualidade, profissional que aparece

inesperadamente para avaliar nosso desempenho. O título também era aplicado a coristas que tinham a tarefa de mesclar as vozes individuais dos coristas em uma harmonia melodiosa.

O Bom Pastor

No Novo Testamento, a palavra bispo é usada não apenas para designar um oficial da igreja, mas também como título para Cristo e Deus Pai. Quando usada para designar Jesus, aparece associada ao título de pastor, pois Cristo é tanto bispo quanto pastor de nossas almas (veja 1Pe 2.25, KJV). O que vale para as características do Bom Pastor — o próprio Jesus (Jo 10.11, 14) — pode ser aplicado às características do bom bispo.

Conhece as ovelhas individualmente. A principal dessas características é que o Bom Pastor conhece suas ovelhas (veja Jo 10.14). Muitas vezes fiquei me perguntando o que significa isso, pois nunca fui pastor nem jamais observei atentamente o comportamento das ovelhas. Para mim, as ovelhas são muito parecidas; se você viu uma ovelha, viu todas.

Mas já estive envolvido com a criação de cães e estou ciente de que, à primeira vista, uma ninhada de filhotes parece ser uma produção em massa de cópias de carbono. Logo, porém, cada membro da ninhada começa a exibir idiossincrasias e traços de caráter que lhe são próprios. Cada um tem o próprio temperamento e cada um responde ao treinador de maneiras ligeiramente diferentes e com características próprias.

O treinador deve notar essas diferenças sutis para ser eficaz em seu trabalho. Isso pode ou não ser verdade em relação a ovelhas, mas sem sombra de dúvida é verdade em relação a pessoas.

O funeral de meu pai não era um evento que eu esperava ansiosamente. Nesses momentos de luto, nossos sentidos ficam embotados para o que está acontecendo ao nosso redor e as lembranças tendem a ser confusas. Mas um aspecto do culto

fúnebre do meu pai se destaca vividamente em minha memória.

Durante a eulogia, o ministro de nossa igreja fez uma breve menção ao modo de andar do meu pai. Ele observou que, quando meu pai vinha à igreja, o pastor sabia que era meu pai se aproximando “por seus passos”.

Após o funeral, perguntei para minha mãe sobre esse comentário que me deixou intrigado. Eu não estava ciente de que houvesse qualquer característica distintiva no andar do meu pai, uma vez que ele não mancava nem arrastava a perna.

Os olhos de minha mãe, exauridos de tantas lágrimas de tristeza, começaram a brilhar à medida que seu semblante se iluminava em um sorriso de quem sabia do que o pastor estava falando. “Sim, seu pai tinha um certo modo de andar que fazia parte dele. Eu soube exatamente a que o pastor estava se referindo, e fiquei surpresa que ele soubesse disso”.

Minha mãe ficou profundamente comovida com essa menção a um traço sutil, que fazia parte de seu repertório de conhecimento mais íntimo do marido. Eu fiquei impressionado, porque aquele pastor tinha uma congregação de mais de 2 mil membros, e o fato de que ele conhecia suas idiossincrasias era mais do que eu poderia imaginar. Nesse momento de tristeza da família, ele tocou em um ponto sensível, pois dedicou tempo para conhecer seu povo.

Serve as ovelhas de forma abnegada. Outra característica que Cristo atribuiu ao Bom Pastor é a sua disposição de dar “a sua vida pelas ovelhas” (Jo 10.11, ESV), um ponto de contraste gritante com o pastor mercenário (v. 12,13). Se as ovelhas cuidadas pelo mercenário forem atacadas por animais selvagens, ele não arriscará a própria segurança nem estará disposto a correr riscos em benefício do seu rebanho. Mas, se as ovelhas do Bom Pastor são atacadas, este se coloca entre o agressor e as ovelhas.

Se uma ovelha se perde em terreno perigoso, o pastor mercenário não tenta recuperá-la. Mas, se as ovelhas do Bom Pastor se perdem, ele procura até encontrá-las (veja Mt 18.12,13; Lc 15.3-7). Sua música-tema não é “deixe-as em paz e elas voltarão para casa com o rabo entre as pernas”.

O líder digno

Como bispo de homens, Cristo estava familiarizado com as dores da liderança. Ele compartilhou da solidão do CEO e das dores de cabeça de uma força de trabalho insatisfeita. Ele suportou disputas internas e rivalidades ciumentas de companheiros que competiam para se aproximar dele.

Suas decisões difíceis foram tomadas na solidão e ele era constantemente mal compreendido pelos subordinados. Seu jugo era suave, mas ainda assim seus aprendizes reclamavam. Suas diretrizes foram desafiadas e sua equipe o criticou.

Seus amigos mais próximos o traíram e, em sua hora mais sombria, adormeceram em serviço. Seus motivos foram contestados e sua dignidade atacada pelas próprias pessoas por quem ele se sacrificou. Jesus fez todas essas coisas e as fez com perfeição.

Você, então, de fato se admira diante das provas de fogo que pastores menos dotados e líderes menos nobres enfrentam?

Se algum homem neste mundo já conquistou o direito de adotar um estilo de liderança antagonista, que reprime duramente subordinados ingratos, esse homem foi Jesus de Nazaré. Mas seu legado não foi modelo de líder autoritário nem exemplo de tirano imperioso. Ele foi um bispo que estabeleceu o padrão de uma liderança digna.

O visitante que ministra

A Bíblia também usa o termo bispo para designar a obra de Deus Pai. O uso é normalmente encontrado em sua forma verbal, e não na forma substantiva. O Antigo Testamento fala de um motivo comum entre os judeus, a expectativa do vindouro “dia da visitação do Senhor”.

Esse “dia da visitação” assumiu conotações positivas e negativas para Israel. A

visitação de Deus era tempo de julgamento e tempo de redenção. Tem as características de uma espada de dois gumes, trazendo tristeza e miséria para alguns e felicidade para outros. A diferença está em se preparar diligentemente para isso.

Assim como o episkopos grego, Deus vem para passar as tropas em revista e avaliar o estado de sua dignidade. Para o impenitente, esse é o aspecto assustador dessa imagem. Os profetas falam do dia em que Deus aparecerá e encontrará o povo desobediente. Amós, por exemplo, avisa o povo de Israel que o dia do Senhor é um dia de trevas, nele não há luz (5.18,20). A mesma noção é encontrada no Novo Testamento em referência à volta futura de Cristo (veja 1Ts 5.1-3). Será um momento de crise para aqueles que o ignoraram. Para aqueles que têm sido fiéis a Deus, no entanto, suportando o desdém deste mundo, enquanto permanecem firmes em sua lealdade a ele, o dia da visitação será um tempo glorioso de vindicação (veja 1Ts 5.4-11).

O dia da visitação tem as características de uma espada de dois gumes, pois traz tristeza e miséria para alguns e felicidade para outros. A diferença está na preparação diligente para ele.

A palavra traduzida por “visita” é a forma verbal do substantivo bispo. Quando Deus visita seu povo, o texto pode ser traduzido literalmente por Deus “bispa” seu povo. Essa forma verbal aparece no cântico neotestamentário de celebração de Zacarias, pai de João Batista: “Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque ele visitou e redimiu seu povo e levantou um chifre de salvação para nós na casa de seu servo Davi” (Lc 1.68,69, ESV).

A encarnação de Cristo é o ápice da visitação de Deus. Sua obra terrena incorpora o papel do Pai como bispo divino. Nos elementos de seu ministério o bispo eclesiástico se inspira.

O bispo deve praticar uma espécie de imitação de Cristo na terra — não no sentido de que o bispo terreno possa efetuar a redenção do ser humano, mas no sentido de que ele pode aplicá-la e testificá-la. Era isso que Martinho Lutero tinha em mente, quando disse que é dever de todo cristão “ser o Cristo para o seu próximo”.

Em última análise, nenhum de nós poderia se qualificar para ser o Cristo, mas devemos exibir uma forma de comportamento e de atitude para com as outras

pessoas que refletirá para elas a compaixão de Jesus. De modo justo ou não, as pessoas já leem esse reflexo e baseiam seu veredicto de Cristo no que veem lá. Para alguns, o cristão exala o doce aroma da redenção; mas há outros que desprezam Cristo por nossa causa.

Um dever ministerial primário na igreja é a prática do “chamado pastoral”. A visitação domiciliar e hospitalar é parte rotineira do trabalho pastoral. Esse ministério tem como ponto de partida o padrão divino de visitação.

Infelizmente, algumas visitas são superficiais, pois o tempo é gasto discutindo o clima e os eventos locais. A função que se pretende para o chamado pastoral é atender às necessidades das pessoas. É assim que o pastor tem a oportunidade de conhecer o seu rebanho, de tomar consciência de suas forças e fraquezas, de trazer admoestação e consolo de Deus onde for necessário.

Cristo estabeleceu como prioridade o cuidado de órfãos e viúvas. A visitação de enfermos e presos é declarada a essência da verdadeira religião. Quando uma pessoa é visitada, tem a certeza de que alguém se preocupa com ela. Quando não é visitada, sentimentos contraditórios são despertados e a pessoa pensa que ninguém se importa com ela. Uma reclamação frequente de membros idosos das igrejas, especialmente entre os muitos grupos de viúvos, é que ninguém nunca os visita.

A CRISE ENTRE IGREJA E ESTADO

O ministério da igreja para a cultura secular

A igreja tem um ministério tanto sacerdotal quanto profético para a cultura secular em que se encontra. Quando a igreja é sacerdotal em sua missão, seu toque de misericórdia é frequentemente bem-vindo. Mas quando a igreja busca ser profética na cultura secular, ouve-se um lamento por parte daqueles que clamam pela separação entre igreja e Estado, protestando que a igreja não tem voz fora do próprio domínio.

M. Stanton Evans, editor da Consumer’s Research Magazine e um escritor e colunista conhecido nacionalmente, falou sobre esta questão:

Para aqueles que estudam a história de nosso país e os perigos atuais que o assaltam, esse é um tema incontestavelmente correto. Para os iniciantes, há o fato de que a América foi fundada sobre princípios religiosos, muitos deles entrelaçados com as instituições civis dos estados.

O objetivo da proibição da Primeira Emenda contra uma igreja nacional estabelecida foi o de proteger tais práticas estatais e religiosas locais, não as destruir. A doutrina liberal secular sobre esse assunto virou a Constituição de ponta-cabeça.

Essa leitura confusa da lei fundamental é parte de uma longa guerra contra os princípios religiosos na América.[5]

A revisão secular da Primeira Emenda

A Primeira Emenda realmente foi virada de cabeça para baixo em um jogo bem confuso. Uma reviravolta sutil, mas devastadora em sua lógica, transformou o conceito de separação entre igreja e Estado em separação entre Deus e Estado.

A separação entre Deus e Estado. O conceito original da emenda, embora garantisse a liberdade de expressão religiosa em todas as esferas da vida, também fazia distinção entre as esferas de autoridade da igreja e do Estado enquanto instituições funcionais. Por exemplo, o papel da igreja não é arrecadar impostos nem sustentar um exército permanente, assim como não é papel do Estado batizar ou ordenar o clero.

A negação por completo de Deus. Considera-se que tanto a igreja quanto o Estado estão sob o domínio de Deus, assim reconhecendo a autoridade soberana do Criador sobre toda a sua criação. A separação entre Deus e o Estado, portanto, consiste em negar Deus por completo. Pois um Deus que tenha autoridade apenas sobre a esfera da igreja é finito e limitado por espaço e tempo — ou seja, não é Deus em absoluto, mas apenas um ídolo inventado pelas criaturas.

O mandato para que a igreja fale profeticamente

A igreja deve falar com voz profética, abordando as questões éticas do local. Esse é seu direito constitucional e seu mandato divino. Destituir a igreja desse sagrado direito e dever é colocá-la em um gueto, divinizando o Estado como voz autônoma de autoridade. Foi precisamente para impedir esse papel totalitário do Estado que a Constituição foi escrita.

A necessidade sagrada da desobediência civil

Se a revisão secular da Primeira Emenda prevalecer, os cristãos enfrentarão a sagrada necessidade da desobediência civil. Cristo não permitirá que seu povo permaneça escondido de medo no cenáculo, a salvo de um império hostil. Se nos recusarmos a abrir as portas, ele as derrubará e nos empurrará através delas para que sejamos sacerdotes e profetas em uma terra ferida.

PARA REFLEXÃO ADICIONAL

Você tem amigos que abandonaram a igreja por causa de mágoas? O que pode fazer para ajudá-los?

Como descreveria as principais tarefas da igreja?

A igreja tem o direito de disciplinar seus membros? Por que tem? Ou por que não tem?

O que você pensa sobre a excomunhão?

A sua igreja é mais orientada para os aspectos sacerdotais ou para os aspectos proféticos do ministério?

Como a sua igreja pode ser mais sacerdotal? E mais profética?

Onde estão os bolsões de dor em sua comunidade?

Qual é a imagem do clero em sua comunidade?

Cite maneiras pelas quais você pode aumentar a estima de seu pastor.

Cite maneiras pelas quais você pode aumentar a estima dos líderes da sua igreja.

[1] Em uma igreja presbiteriana, a sessão é o corpo que governa a congregação, que é constituída dos presbíteros — presbíteros docentes e presbíteros regentes — em serviço ativo.

[2] Nascido na Irlanda, Gilbert Tennent (1703-1764), assim como seu pai antes dele, foi um pastor presbiteriano. Sua família imigrou para a América do Norte em 1718, e ele se tornou uma figura importante no movimento de reavivamento do Grande Despertamento que varreu as colônias americanas durante a década de 1740.

Tennent proferiu seu sermão, “Os perigos do ministério não convertido” em 1740, durante o tempo em que foi pastor em New Brunswick, na colônia de New Jersey. Nesse sermão, ele criticou outros ministros conservadores que resistiam ao fervor reavivalista do Grande Despertar porque temiam que fosse prejudicial às igrejas estabelecidas. O resultado foi um cisma dentro da Igreja Presbiteriana,

que se dividiu em duas facções, “Facção antiga” e “Facção nova”. Tennent liderou esta última facção. Mas, em 1758, ele foi capaz de unir e reconciliar as duas facções outra vez.

De 1743 até sua morte, em 1764, Tennent ministrou na Filadélfia.

[3] A política episcopal é um sistema de governo eclesiástico no qual as igrejas locais de determinada área geográfica são supervisionadas por um bispo. Católicos romanos, anglicanos, luteranos e várias outras denominações seguem uma política episcopal.

[4] Aqui o autor se refere ao enxaguante bucal Crest Scope, popular nos Estados Unidos. (N. do. E.)

[5] Usado com permissão do sr. M. Stanton Evans.

9

A OPÇÃO MARXISTA

A história do mundo foi dramaticamente alterada por um movimento trabalhista que ocorreu há mais de três mil anos. A maior greve da história aconteceu no Egito, quando a mão de obra escrava abandonou o trabalho e deixou o país. Essa greve é conhecida como Êxodo.

UM CASO CLÁSSICO DE OPRESSÃO ECONÔMICA

A controvérsia

A controvérsia que Moisés e a nação de Israel nos deram centrava-se na opressão econômica. Foi uma crise econômica da mais alta magnitude. As raízes sinistras do problema são delineadas na história narrativa:

Agora surgiu um novo rei sobre o Egito, alguém que não conheceu José. E ele disse a seu povo: “Eis que o povo de Israel é muito grande e poderoso para nós. Venham, vamos tratá-los com astúcia, para que não se multipliquem e, se a guerra estourar, não se juntem aos nossos inimigos, lutem contra nós e escapem da terra”. Portanto, eles colocaram capatazes sobre eles para afligi-los com pesados fardos (Êx 1.8-11, ESV).

A opressão

Supervisores opressores foram a ferramenta usada por um faraó implacável para escravizar a nação. Foi um ato de tirania a sangue-frio, calculado para impedir que a mão de obra tivesse liberdade para deixar a terra em busca de novas oportunidades de trabalho. Era uma versão do Muro de Berlim e da lei marcial da Polônia para o mundo antigo.[1]

Nós lemos mais adiante.

Assim, eles impiedosamente fizeram o povo de Israel trabalhar como escravo e tornaram suas vidas amargas com o serviço árduo em argamassa e tijolos, e em todos os tipos de trabalho no campo. Em todo o seu trabalho, eles implacavelmente os fizeram trabalhar como escravos (Êx 1.13,14, ESV).

O faraó estabeleceu cotas rigorosas para a fabricação de tijolos. Os capatazes reforçavam o sistema de cotas com chicotes. Para agravar a miséria dos escravos e reduzir o custo das despesas gerais, o faraó decretou que a administração não forneceria a palha necessária para produzir os tijolos. “Eu não vou lhes dar palha. Vão e peguem sua palha onde quer que puderem encontrá-la, mas seu trabalho não será reduzido em nada” (Êx 5.10,11, ESV).

Certo israelita ficou furioso com os maus-tratos impostos aos trabalhadores e, em um acesso de ira, assassinou um capataz. Não foi um homicídio doloso. Não houve premeditação, não houve nenhuma maldade calculada. Foi um homicídio cometido no calor da emoção, mas, ainda assim, um homicídio, tornando necessário que esse israelita fugisse para o deserto e levasse a vida como um fugitivo.

Décadas depois, esse fugitivo, já encurvado pela idade e com o rosto feito couro pelo sol do deserto, encontrou Deus no meio de uma sarça que queimava mas não se consumia. Do meio do fogo, veio uma voz: “Certamente vi a aflição do meu povo que está no Egito e ouvi o seu clamor por causa dos seus feitores. Eu conheço seus sofrimentos” (Êx 3.7, ESV). O fugitivo foi enviado por Deus para entregar uma mensagem ao faraó. A mensagem era concisa e inequívoca: “Deixe o meu povo ir” (5.1).

A saída

Quando faraó deixou o povo de Deus ir, estes foram e se tornaram uma grande nação, chegando ao nível de potência mundial sob a liderança de Davi, seu maior rei. Mas sua era de ouro foi breve, pois o reino logo se dividiu e mergulhou em uma guerra civil sangrenta. Depois, teve uma sucessão de reis corruptos cujas administrações foram prejudicadas por intrigas da corte e políticas opressoras. A nação foi ficando tão fraca que finalmente caiu, e o povo foi levado outra vez para um cativeiro pesado.

A moral

As sementes da destruição de Israel foram plantadas da mesma maneira que os israelitas haviam visto no Egito. Salomão, famoso filho de Davi, conhecido por sua sabedoria e celebrado por sua riqueza e suas habilidades administrativas foi quem lançou as sementes amargas. Ele se deixou levar por seus projetos de construção, escravizando o próprio povo como mão de obra privada. O homem mais sábio do mundo se tornou um governante estúpido.

Em nosso mundo de hoje, faraós e Salomões ainda podem ser encontrados. Eles são os governantes que pensam que a economia pode ser melhorada por meio de medidas opressoras; são os tiranos que governam pelo chicote e por sistemas de cotas irracionais. São também os tolos que, ecoando as palavras do faraó, dizem: “Deus não tem lugar nas questões econômicas”.

Esses homens devem ter o cuidado de evitar sarças ardentes.

O IMPACTO DO MARXISMO

Há outra questão de sequência temporal quase tão antiga quanto o dilema de quem nasceu primeiro, se o ovo ou a galinha. Essa questão é a seguinte: as ideias moldam os eventos ou os eventos moldam as ideias?

Podemos amenizar um pouco o dilema respondendo: “Ambas as coisas”. Uma vez que nenhum filósofo jamais opera em um vácuo histórico, temos que os eventos, em algum sentido, moldam as ideias.

As realidades do presente são um terreno fértil para as ideias. Ao mesmo tempo, as ideias seminais do presente são capazes de fazer germinar novas formas e novas estruturas para o futuro. Percebemos que uma tensão recíproca oscila entre ideia e evento, bem como entre evento e ideia.

O impacto da filosofia sobre uma cultura é algo geralmente lento e gradual. Começa com um acadêmico entediante como Platão, Aristóteles ou Kant escrevendo um tomo técnico que apenas uns poucos professores eruditos entendem em sua apresentação inicial.

Posteriormente, as ideias complexas são apreendidas e empregadas na mídia do mundo da arte, sendo comunicadas a um público mais amplo por meio de romances, pinturas, filmes ou esculturas. A partir desse nível, passa para a mídia popular até impactar as massas. Quando a “nova” filosofia atinge o nível popular, ela geralmente já está desatualizada para o mundo acadêmico.

Pensar que uma teoria filosófica poderia alterar radicalmente a vida cotidiana de dois bilhões de pessoas, em um intervalo de tempo de menos de um século, é levar ao limite os poderes de antecipação da mente. No entanto, foi exatamente isso o que aconteceu nos últimos dois séculos, com o impacto da filosofia de Karl Marx no mundo (1818-1883).

A preocupação com a “ameaça vermelha”

Era fácil ficar enfastiado com a histeria da década de 1950 pela preocupação de

nossa nação com a questão da “ameaça vermelha”. A era McCarthy[2] deixou um gosto amargo na boca de uma população talhada para engolir as pílulas amargas da época. De audiências no Senado até a popular série de televisão I led three lives, baseada nas atividades de contraespionagem de Herbert Philbrick, viam-se por todos os lados lembretes vívidos da disseminação do comunismo. Avisos diários eram emitidos para a população americana do escritório sombrio do então homem número um do governo dos Estados Unidos, J. Edgar Hoover.[3] Uma atmosfera de alarmismo só pode ser mantida por determinado tempo. Deve chegar um momento em que tudo se aquieta, quando as sirenes cessam seu barulho e ressoa no ar que está “tudo limpo”. Uma vez que McCarthy foi desacreditado, o bloqueio de Berlim terminou,[4] o conflito coreano foi interrompido,[5] uma nova chegada de dias felizes teve início e a nação foi capaz de voltar à vida normal.

O contraponto do ceticismo

Estabeleceu-se um contraponto de ceticismo por meio do qual ninguém queria ser pego no vórtice de uma nova onda de histeria vermelha. Eu, por exemplo, estava saturado de alarmismo e negativamente impressionado com aqueles que ainda insistiam em procurar comunistas atrás de cada arbusto.

Fui acordado de meu sono dogmático por um despertador acadêmico. Como estudante de filosofia e teologia, fui obrigado a analisar o pensamento de Karl Marx para aperfeiçoar minha compreensão da história do pensamento ocidental. Meus estudos de pós-graduação foram feitos na Europa, onde descobri um terreno fértil diferente para o nascimento de ideias radicais.

O debate sobre sistemas econômicos/políticos

A Europa, na década de 1960, ainda vivia uma depressão econômica decorrente das devastações sofridas na Segunda Guerra Mundial, e o debate sobre os

sistemas econômicos e políticos preferidos estava muito vivo. Em particular, a geração mais jovem de estudantes demonstrava grande interesse pelo pensamento de Karl Marx. Um forte sentimento antiamericano se dirigia sobretudo contra o “primo rico”, que foi acusado de reduzir a Europa a um estado de escravidão econômica. O ressentimento era muitas vezes feroz, e alguns jovens pensadores juravam lealdade a vertentes europeias do marxismo como alternativa viável ao imperialismo ianque.

Nos espaços teológicos da Europa, a onda predominante da moda intelectual era criar uma síntese entre dimensões da teoria marxista e do cristianismo clássico. Levaria anos até que essa nova síntese fosse transportada através do Atlântico e se infiltrasse nos seminários das Américas do Norte e do Sul com o nome de Teologia da libertação.

O novo despertar para as realidades do marxismo

Um novo despertar da população para as realidades do marxismo atingiu os Estados Unidos no final da década de 1970 e início dos anos 1980. O espectro do Afeganistão em 1979,[6] seguido de perto pela crise do Solidariedade, em 1980, na Polônia,[7] alertaram a nação para um novo rolo compressor da expansão marxista. A influência de Karl Marx não havia diminuído; pelo contrário, crescia com força e se espalhava como um câncer pelo planeta.

O advento da Glasnost e da Perestroika

De Joseph Stalin até a administração de Leonid Brezhnev, a URSS impôs o marxismo e dominou governos do Leste Europeu, Ásia, América Latina e África de forma mais plena do que qualquer outro poder colonial ou império anterior. Então, em março de 1985, Mikhail Gorbachev, o membro mais jovem do Politburo, foi eleito secretário-geral do Partido Comunista. Seu estilo de liderança e atitude rapidamente indicaram que seu país e o mundo estavam

prestes a sofrer grandes mudanças, cujos escopo e direção ainda estavam para ser vistos.

As mudanças não tardaram a chegar. Gorbachev logo deu início a um programa de reformas nacionais que permitiu a ampliação de liberdades e a democratização do processo político. Ele falava em Glasnost (abertura) e Perestroika (reestruturação).

Um mundo livre, aturdido, embora cauteloso, aplaudiu e deu boas-vindas a esses desdobramentos, mas o entusiasmo não foi universal. Muitos comunistas da velha guarda dentro da URSS e governos marxistas entrincheirados nos países do bloco oriental resistiam a qualquer afrouxamento do sistema que os havia fortalecido e escravizado o povo. Mas a promessa de novas liberdades era inebriante e contagiosa, e pessoas em todos os lugares foram contaminadas por essa febre.

Logo, governos comunistas caíram por todo o Leste Europeu — na Polônia, Hungria, Alemanha, Tchecoslováquia e Romênia — derrubados por protestos pacíficos, ativismo político e eleições livres. Até mesmo a poderosa União Soviética foi dissolvida em 1991 — ironicamente, na sequência de uma tentativa de golpe por parte da linha dura comunista, que se opunha às reformas de Gorbachev. Foi substituída por uma federação mais fluida que se chamava Comunidade de Estados Independentes.

Esses vários movimentos populares por autonomia e independência eram alimentados tanto por queixas genuínas quanto pelo primeiro gostinho de liberdade. O planejamento central soviético já havia se mostrado um fracasso total. A nação não podia mais alimentar sua população, a produção industrial estava praticamente paralisada e os estoques vazios confirmavam que os bens e serviços básicos, as necessidades da vida cotidiana, simplesmente não existiam.

A partir dos eventos inebriantes do início da década de 1990, as nações do antigo bloco oriental implementaram reformas capitalistas com vários graus de sucesso. Muitas delas — Bulgária, República Tcheca, Estônia, Alemanha, Hungria, Letônia, Lituânia, Polônia, Romênia e Eslováquia — aderiram à União Europeia, junto com as ex-repúblicas iugoslavas da Eslovênia e da Croácia.

A VISÃO DO HOMEM NO PENSAMENTO DE MARX

Como entendemos o marxismo? Quais são as ideias centrais que geraram um impacto de tão longo alcance na vida das nações?

Seria simplista presumir que aquilo que conhecemos como comunismo moderno seja uma aplicação automática do marxismo ortodoxo clássico, pois o marxismo tem tantas variantes quantos são os participantes do bloco comunista. Os teóricos marxistas debatem entre si quais são os ingredientes essenciais dessa filosofia. Não resta dúvida de que, sem certas noções básicas que estão na obra original de Marx, o comunismo seria ininteligível.

É importante notar já de início o fato de que Karl Marx foi um estudioso, antes de passar por seu batismo como revolucionário. Alguns o imaginam correndo pela Praça Vermelha com uma espada em punho ou lançando um coquetel molotov. Um retrato mais preciso seria imaginar um aluno indeterminado, aconchegando-se em algum canto do Museu Britânico, em Londres, para se aquecer do frio. Foi nessa vasta biblioteca que nasceu o verdadeiro gênio da revolução.

Como a maioria dos estudantes de filosofia do século 19, o jovem Marx estava preocupado em trabalhar com uma filosofia da história. O principal interesse nas escolas se afastara das questões costumeiras da metafísica para se concentrar no movimento dinâmico da história. Esse novo panorama foi estimulado pelo trabalho prodigioso do principal filósofo do século, G. W. F. Hegel (1770-1831).

Hegel havia construído um sistema complexo de pensamento, no qual a história era entendida como um movimento de ideias opostas que se desenvolviam na arena concreta do tempo e do espaço. As ideias encontram-se, chocam-se e depois se fundem em novas ideias conforme o padrão da história avança. O sistema de Hegel foi chamado de idealismo dialético, uma espécie de síntese abreviada para capturar a essência de seu pensamento.

Uma nova visão da história

Embora Marx tenha sido fortemente influenciado pela obra de Hegel, ele não estava satisfeito com algumas de suas características básicas. Marx concordava que a história é impulsionada por uma série de conflitos — por choques e contrachoques. Mas ele acreditava que não é o conflito de ideias que impulsiona a história, mas, sim, o conflito de forças econômicas que provoca mudanças. O lado material da vida faz a história, não o lado espiritual ou intelectual. Daí o sistema do materialismo dialético de Marx colocar o conflito ou a "dialética" no reino material, em vez de no reino das ideias.

Uma nova visão do homem

Marx afastou-se da definição tradicional do homem como Homo sapiens quando situou a singularidade humana em seu trabalho. Ele definiu o homem como Homo faber ou "homem criador, aquele que trabalha ou fabrica".

Essa nova designação para o homem caiu como uma bomba no playground dos filósofos. Marx estava trazendo a filosofia das planícies etéreas de Hegel para o suor e a sujeira das fábricas. A história dinâmica da humanidade deve ser explicada segundo a visão do homem como um animal que trabalha.

Críticos posteriores de Marx reclamavam que ele era culpado pelo pecado capital do filósofo, o pecado do reducionismo. Entre pensadores criativos é uma tentação comum, depois de ter descoberto uma nova nuance de significado, usar esse aspecto de forma isolada para explicar o todo. Reduzir todo o significado da história humana a confrontos do trabalho humano envolveria uma simplificação excessiva da complexidade do homem.

Uma nova visão do trabalho

Se Marx foi culpado por essa redução não é importante. A despeito de suas falhas, desde Marx os filósofos descobriram que é praticamente impossível definir o significado do homem sem levar em consideração a importância vital do trabalho humano. Seja lá o que o homem seja, ele é uma criatura intimamente ligada a seu trabalho.

Segundo Marx, a Revolução Industrial trouxe uma crise para o Homo faber. O surgimento da fábrica (a Fabrik) trouxe uma disrupção nos padrões naturais do trabalho humano. Agora, em vez de desfrutar da liberdade de produção autossuficiente, pela qual o agricultor conseguia suprir as próprias necessidades com o suor do seu trabalho árduo, o trabalhador tornou-se uma espécie de escravo econômico que depende do capitalista para sobreviver.

O operário da fábrica era visto por Marx como nada mais do que um escravo assalariado. Neste esquema, o trabalho do homem era divorciado dele mesmo, e outra pessoa tinha a posse de seu trabalho. Como resultado, o trabalhador sofreu a crise de alienação de sua natureza.

A DINÂMICA DAS FERRAMENTAS

Com o advento do capitalismo, a propriedade concentrou-se nas mãos de poucos. O segredo para a expansão da produção e o enorme aumento da riqueza material gerada pela Revolução Industrial foi atribuído à sofisticação das ferramentas do homem.

Para Marx, as alavancas de trabalho arquimedianas são os “meios de produção”. Estes se traduzem simplesmente por “ferramentas”. Quem controla as ferramentas controla o jogo.

Os antropólogos modernos frequentemente fixam o advento do homem no cenário da história pelo surgimento de ferramentas primitivas. Algo muitas vezes debatido nos corredores da paleontologia é em que ponto os humanoides cruzam a linha para se tornarem seres humanos. Alguns fixam essa linha de demarcação com a aparição das ferramentas de trabalho. Isso é essencialmente o que as ferramentas são: instrumentos para facilitar o trabalho humano. As ferramentas

tornam possível para o ser humano aumentar sua produtividade.

Em posse das ferramentas

Considere, por exemplo, a grande diferença que existe entre o trabalho de um camponês colombiano e o trabalho de um produtor de algodão no Arizona. Os dois homens podem ter a mesma força física e capacidade mental; no entanto, ao mesmo tempo em que um deles carrega um único fardo de algodão, o outro produz cem fardos de algodão. A diferença está na posse de ferramentas.

Podemos acrescentar a seguinte questão: o que acontece com o preço por unidade de uma camisa de algodão, em um ambiente em que tais camisas são produzidas em massa, se comparado com o preço de uma camisa que deve ser feita à mão, uma a uma?

A resposta é simples e revela a qualidade atrativa de uma sociedade industrializada em que as necessidades básicas da vida humana — como roupas, abrigo e alimentos — podem ser produzidas em massa a um custo mais barato.

O problema com as ferramentas é que nem todos podem comprá-las. Justamente por isso o pequeno agricultor está desaparecendo do cenário rural dos Estados Unidos. Ele não consegue competir no mercado com um agricultor em posse de um equipamento de produção mecanizado.

As ferramentas requerem um capital inicial para tornar seu uso possível. Quem não tiver capital não poderá ter ferramentas. Se a pessoa não tiver as ferramentas, não poderá competir.

Quem não puder competir deve se submeter à condição de trabalhar para outra pessoa que possua capital para adquirir as ferramentas. Assim, diz Marx, o trabalhador agrícola autônomo é pego nas garras econômicas do capitalismo e forçado a um estado de escravidão econômica.

Uma versão simplificada dessas garras capitalistas é experimentada por todo garoto que participa de um jogo de beisebol em sua vizinhança. Jogadas sem o

benefício de árbitros formalmente sancionados, essas competições esportivas ad hoc frequentemente terminam em discussões caóticas a respeito de alguma alegação disputada de “dentro” ou “fora”. Como resolver esses impasses em sua vizinhança?

Eu sei como isso era feito nos meus tempos de menino. O voto decisivo sempre foi do garoto que era dono do taco e da bola. Se você alienasse o dono das “ferramentas”, acabaria o jogo.

O fator das ferramentas

A dinâmica das ferramentas e sua respectiva propriedade levou Marx à convicção de que a riqueza estava sendo dividida de forma desigual, reduzindo as massas à condição de escravos, alienando-as de sua própria humanidade. As pessoas são forçadas a vender seu trabalho e a abandonar a esperança de reter a propriedade do fruto de seu trabalho. No capitalismo, a riqueza é acumulada pelo proprietário; todos os demais são escravos, embora em diferentes níveis de escravidão.

Marx não previu o surgimento da categoria gerencial no capitalismo ou a força que surgiria na classe média. Meu palpite é que a categoria gerencial se encaixaria na categoria do proletariado de Marx.

Os gerentes são meramente escravos de um escalão superior, com uma base salarial mais elevada do que a do trabalhador. O que falta ao gerente é a propriedade. O trabalho que ele vende pode ser mais altamente qualificado do que aquele do assalariado por hora, mas ele ainda está jogando com o taco e a bola de outra pessoa.

MARX E A RELIGIÃO

Como podemos explicar o fato de tanta riqueza estar concentrada nas mãos de tão poucos proprietários? Por que as massas não se revoltam e expropriam esses proprietários de suas ferramentas? Por que não vemos mais levantes espontâneos para impedir essa exploração dos pobres pelos ricos? Como os ricos mantêm o status quo e o proletariado na linha?

A analogia estendida de um edifício

Ao fornecer respostas às perguntas acima, Marx embarca em seu ataque hostil à religião em geral e ao cristianismo em particular. Ele explica esse fenômeno da estrutura de poder com o auxílio de uma analogia estendida, extraída da indústria da construção.

Marx considera as estruturas econômicas de uma sociedade segundo uma imagem extraída do universo de construção. Toda casa tem uma subestrutura ou fundação e uma superestrutura. A superestrutura é construída sobre a subestrutura que lhe fornece sustentação.

Subestrutura. Para Marx, a subestrutura de uma sociedade é a base econômica sobre a qual a sociedade é estabelecida. A subestrutura reflete o sistema pelo qual os meios de produção são controlados. Portanto, a base econômica de uma nação é a fundação para toda a sua vida. Mude a natureza da fundação e o edifício construído sobre ela ruirá.

Nos Estados Unidos, a subestrutura é o capitalismo. Destrua o capitalismo e a cultura americana se desintegrará. Sem a fundação, a casa não pode subsistir.

Superestrutura. Quando olhamos para um edifício, o que nos chama a atenção não é o alicerce, mas o próprio edifício. As formas externas de uma cultura, que são imediatamente visíveis, são o que Marx chama de superestrutura. A superestrutura inclui o sistema legal, os códigos morais, as crenças religiosas e o

sistema de valores de uma sociedade. Mas esses aspectos da vida cultural apenas refletem a subestrutura econômica oculta sob eles.

Uma compreensão invertida da cultura

O que há de revolucionário na visão de Marx? O fato de o método normal de compreender a forma de uma cultura ser radicalmente invertido. No mundo ocidental, estamos acostumados a pensar que nossos sistemas de valores e ideais determinam que forma nossas estruturas econômicas assumirão. A lei determinará a natureza de nosso comércio; o comércio não ditará a natureza de nossa lei.

No entanto, é precisamente este o ponto da crítica marxista. Os fatos da história, declarou Marx, provam que os sistemas de valores da lei, da religião e da política são ditados pela base econômica de uma nação. As leis e os ideais religiosos são feitos de modo a se conformar às duras realidades de sua base econômica, e então são usados como uma defesa racional para aquele sistema econômico.

Religião. O axioma popular atribuído a Marx, mas não original dele, é a avaliação: "A religião […] é o ópio do povo".[8] Isto quer dizer que o homem, frustrado em seu estado de alienação, volta-se para a religião em busca de consolo. Se ele não pode experimentar a liberdade econômica nesta vida, talvez haja um glorioso "Êxodo" na próxima vida.

Nesse esquema de coisas, o capitalista se torna o traficante de drogas que deve manter o sonho das massas voltado para o outro mundo. A religião se presta a manter o gigante adormecido do proletariado em seu sono ou entorpecido, de modo a permanecer dócil e controlável.

A classe proprietária tem interesse em preservar a religião. E alimenta seu trabalhador religioso com esperança para o futuro, enquanto ri durante todo o caminho até o banco.

O escravo é apaziguado por promessas de uma vida melhor ao atravessar o Jordão, desde que pratique as virtudes religiosas da obediência pacífica ao seu senhor terreno.

As leis. A religião não é a única parede da superestrutura. De igual importância para a manutenção da subestrutura econômica é o sistema jurídico. De acordo com Marx, o sistema jurídico de uma determinada sociedade sempre refletirá os interesses ocultos da classe dominante. A senhora Justiça removerá recatadamente a venda dos olhos na presença de um litigante rico. O proprietário buscará, inexoravelmente, consolidar sua riqueza, apoiando-a com o poder dos tribunais.

A crítica de Marx à religião e às leis é pensada de modo a expor seu papel como arma nas mãos da classe dominante. Ele quer arrancar a fachada da superestrutura para que a realidade da subestrutura seja revelada. Para que ocorra uma libertação econômica autêntica, não só o edifício deve ser demolido, mas também o alicerce deve ser arrancado e jogado fora.

A revolução libertadora do proletariado

As forças naturais do movimento da história trarão a queda do capitalismo, mas esse processo pode ser acelerado pelas ações intencionais dos homens, culminando com a revolução do proletariado. Consequentemente, a agenda do marxista é a derrubada violenta das subestruturas existentes nas sociedades capitalistas. A história tem dado testemunho de que o sonho de tal atividade revolucionária não foi inútil.

Quando a Cortina de Ferro caiu, em 1989, de uma população mundial de 5,2 bilhões, quase 2 bilhões de pessoas em todo o mundo viviam sob regimes comunistas. Pelos padrões marxistas, essas multidões de pessoas experimentaram a tônica abençoada da “libertação”. A qualidade de vida de que gozavam esses bilhões de libertos, porém, dificilmente seria motivo de inveja, pois o preço do novo igualitarismo era exorbitante tanto em termos monetários

quanto de vidas humanas. Conquanto a Cortina de Ferro tenha caído, o marxismo não foi embora. A China, nação mais populosa do mundo, com 1,4 bilhão de pessoas em 2016, está sob o governo ditatorial do Partido Comunista da China.

A ESTRATÉGIA DO MARXISTA

Revolução vs. reforma

Se alguém está preocupado com a paz nas relações de trabalho, deve ficar alerta para a estratégia do marxista. O principal grupo-alvo para incitar as massas à revolução é a classe trabalhadora. Eles são os não proprietários que Marx descreve como as vítimas brutalizadas do capitalista. Incite o gigante adormecido e ele se livrará das correntes da escravidão econômica. Não é por acaso que o principal veículo de propaganda do Partido Comunista Americano é um jornal diário, originalmente chamado The Daily Worker. Embora o nome tenha sido alterado para People's World e o jornal agora seja publicado exclusivamente online, o grupo-alvo permanece o mesmo.

Alguns anos atrás, a cidade de Pittsburgh foi presenteada com uma série de pôsteres coloridos que apareceram do dia para a noite em postes telefônicos, muros e prédios antigos. Os pôsteres exibiam imagens brilhantes em vermelho e amarelo de Mao Tsé-Tung, e anunciavam uma celebração em homenagem ao presidente. Na parte inferior de cada pôster, em letras pequenas, estava a legenda: Doado pelo trabalhador.

Indagando sobre a origem da campanha de pôsteres, descobri que havia um segmento bem organizado dentro das estruturas sindicais existentes que proclamava abertamente sua lealdade ao Maoísmo. Os líderes dos sindicatos têm lutado para conter as plataformas radicais dessa minoria descontente que perdeu a esperança na via da negociação coletiva e das negociações contratuais. Esses poucos militantes defendem a derrubada violenta das estruturas econômicas e políticas existentes.

A agenda cristã em prol da dignidade humana não é uma revolução. Tremendamente conscientes das injustiças e males que contaminam as estruturas atuais, queremos mudança, mas escolhemos o modelo de reforma em vez de revolução.

A reforma busca trabalhar pacificamente dentro das estruturas existentes, a fim de implementar mudanças que irão melhorar a qualidade da dignidade humana. O cristão se choca com o marxista, pois abomina o estatismo como uma solução perigosa para o problema do trabalho humano.

Igualdade econômica vs. integridade econômica

Muito das análises de Marx sobre as forças da história é digno de nossa atenção, e a crise da propriedade é fundamental. O sistema de valores da Bíblia preza a propriedade pessoal. O judeu do Velho Testamento recebeu a promessa de possuir uma terra como parte integrante de sua redenção.

Para suavizar a implicação dessa verdade, não será suficiente definir a propriedade em termos de uma propriedade estatal que assegurava uma participação igual de cada cidadão no pleno benefício da terra. Essas noções igualitárias simplesmente não existem no Antigo Testamento. A ênfase veterotestamentária não está na igualdade econômica, mas, sim, na integridade econômica. A propriedade privada é a ordem do dia nas sanções bíblicas, mas se trata de uma propriedade que é protegida e mantida por justiça e retidão.

Políticas nos negócios ou leis que exploram, enganam ou oprimem os pobres recebem o juízo de Deus. Os profetas vociferavam contra os abusos da classe rica, que fazia mal uso de seu poder para afligir os pobres; mas os profetas eram reformadores, não revolucionários.

A propriedade privada não deveria ser descartada em prol de uma redistribuição igualitária da riqueza. Quando o estado igualitário possui tudo, ninguém possui nada.

As algemas do Estado vs. as algemas do capitalista

A ironia do marxismo é que ele, em vez de aliviar, intensifica a alienação do homem de seu trabalho. No sistema comunista, o homem troca as algemas presumidas do capitalista pelas correntes reais do Estado. A diferença mais importante é que o capitalista inevitavelmente lhe paga salários mais altos e lhe oferece um padrão de vida mais elevado.

Como observamos anteriormente, Marx não previu o surgimento de uma grande classe média, como aconteceu nos Estados Unidos. A classe média foi possibilitada por uma ampla participação na propriedade privada. O sonho americano de que o indivíduo fosse dono da própria casa se realizou.

A participação na propriedade da fábrica foi viabilizada ao pequeno investidor pela bolsa de valores. Os salários ganhos pelo trabalhador podiam ser transformados em propriedade por meio de poupança e investimentos. Continuou a existir uma classe de pessoas pobres, mas seu padrão de vida era consideravelmente mais alto do que o dos grupos correspondentes na Europa.

A primeira geração de imigrantes não era suscetível às promessas vazias dos marxistas. Sua suposta “escravidão”, nos Estados Unidos, era uma forma de liberdade econômica e política pela qual estavam dispostos a morrer. Essas pessoas compreenderam o axioma elementar de que não há liberdade política sem liberdade econômica — um axioma que sua descendência frequentemente negligencia.

Um prato de lentilhas vs. os abusos do capitalismo

A palavra capitalismo já evocou a visão de oportunidades de ouro para homens livres que queriam melhorar sua sorte miserável no estado natural. Hordas de pessoas abandonaram sua terra natal, venderam tudo o que possuíam para reservar passagem para um porto agraciado pela estátua de uma mulher adornada com uma coroa pontuda. Fugindo do capricho dos reis, da fome saciada com

batatas ou da tortura do inquisidor, essas pessoas migraram para um lugar enriquecido por um grande experimento.

Hoje, no entanto, várias pessoas, dentro ou fora da igreja, consideram o capitalismo uma palavra feia, e para eles a mulher do porto — apesar do facelift em 1986 — caiu em descrédito. Os males da ganância, do consumo perdulário, do preconceito racial, da corrupção política e da exploração corporativa os amarguraram tanto que eles preferem trocar os males que têm por outros que não conhecem. O Esaú dos nossos dias está prestes a trocar seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas.

Mas uma acusação assim tão generalizada ignora o fato de que qualquer sistema político, qualquer estrutura econômica, é vulnerável a ser infectado pelo mal. Enquanto o capitalismo for confiado a pessoas, abusos serão encontrados. Mas, em si mesmo, ele se baseia em uma única premissa — o direito de cada homem de possuir o fruto de seu trabalho.

Repressão totalitária vs. direitos individuais

Se alguém ganha salário, não é um escravo, pois os salários nada mais são do que certificados de troca de serviços e bens concretos. Em uma sociedade industrial, quer se trabalhe na indústria, quer em uma empresa do setor de serviços, a mente, tanto quanto um trator ou uma fotocopiadora, é uma ferramenta e pode ser livremente usada para o aumento da riqueza.

Em nações totalitárias, a livre expressão da mente não leva à riqueza, mas à prisão, como visto nas vidas de Aleksandr Solzhenitsyn, da URSS, e de Lech Walesa, da Polônia — ou até mesmo à morte, como visto na Praça Tiananmen, em Pequim.[9]

A DIGNIDADE DO LUCRO

O capitalismo prospera com o lucro.

Sem lucro não há como aumentar a produtividade necessária para atender às necessidades materiais da humanidade. Se alguém se importa com os pobres, não pode ao mesmo tempo desprezar o lucro.

Sem lucro a produção ficará estagnada à medida que as ferramentas se desgastarem, a fábrica fechar e as fileiras de desempregados aumentarem de tamanho.

Sem lucro o comércio é impossível.

Por quê?

A base do lucro

O comércio, a troca de bens e serviços, baseia-se no lucro. Sem o desejo de lucrar, nenhuma troca será feita, exceto pela força, o que chamamos de roubo.

Vamos analisar o assunto em termos mais simples.

Suponha que você seja talentoso na fabricação de sapatos e seu vizinho seja um fazendeiro com a habilidade de cultivar alimentos. Você precisa de alimentos para comer, e seu vizinho precisa de sapatos para aquecer os pés. Você produz mais sapatos do que pode usar, criando assim um excedente.

O excedente de sapatos é, em si mesmo, algo de pouco valor para você. Você precisa é de comida, e não pode ter uma dieta bem balanceada consumindo couro e laços de sapato.

O fazendeiro da casa ao lado cultiva mais alimentos do que consegue consumir sozinho. Ele também tem um excedente de seu produto, o qual apodrecerá e será desperdiçado se ele não puder trocá-lo por algo que deseja.

Nesse ínterim, o fazendeiro detesta ter de arar seus campos descalço. Suas terras estão repletas de pedras pontudas, sarças cheias de espinhos, formigas e abelhas

que picam. Ele começa a olhar para sua pilha extra de sapatos com certo brilho nos olhos.

Ele nota sua cintura cada vez mais fina e seu rosto carrancudo, enquanto você dá outra mordida em uma bota de trabalho. O fazendeiro vai até seu estoque de comida, escolhe um alqueire de milho premium e pega uns bifes de carne de primeira do freezer. Ele liga para você e propõe um acordo.

“Eu vou lhe dar esta comida em troca de um par de sapatos para trabalhar”, ele oferece.

Você aceita ansiosamente os termos da transação.

Quem ganha?

O objetivo dos negócios e do comércio é que os dois lados devem ganhar. Ambos devem lucrar com a troca.

O impacto da escassez e do excedente

O valor dos bens é determinado pela escassez e pelo excedente. Cada indivíduo quer aquilo que não tem, mas que outro possui. O que acontece não é uma questão pecaminosa de cobiça, mas uma questão humana de comunidade.

Não existe pessoa autossuficiente. Todos nós dependemos da habilidade e do trabalho de outros para produzir aquelas coisas que nós mesmos não conseguimos produzir. Aquilo que nós mesmos produzimos torna-se valioso como meio de troca com outras pessoas.

Quando a troca ocorre livremente, sem uma arma apontada para a cabeça de ninguém, ambos os lados lucram. Cada lado abre mão de algo que valoriza menos a fim de obter aquilo que valoriza mais. É disso que se trata o lucro.

Os benefícios da concorrência

Quem decide o valor de um produto? Somente uma pessoa pode determinar o valor real de um produto para você: você mesmo. O cliente determina a etiqueta do preço.

Mas pode ser que você discorde dizendo que não escolheu definir o preço atual da gasolina; e que também não optou por aumentar o custo de construção de uma casa. As gigantes petrolíferas obtêm lucros obscenos estabelecendo os preços da gasolina, e os empreiteiros e vendedores de imóveis aumentam o preço das casas para satisfazer a própria ganância. São eles que fixam os preços — você pode argumentar, zangado com o aumento dos custos.

Sim, talvez eles "fixem os preços" — se forem estúpidos e estiverem com pressa de fechar as portas. Nos lugares em que o comércio é aberto à concorrência, quem se beneficia é o cliente.

Se alguém cobrar muito por seus bens, a população se recusará a comprá-los. O proprietário desses bens, então, ficará com um excedente estragado para jogar fora e um processo de falência para enfrentar, ou decidirá baixar seus preços para um valor que o cliente esteja disposto a pagar. As pessoas, por livre e espontânea vontade, não pagarão por algo mais do que aquilo vale para elas.

Certa vez, em 1978, um homem me disse com dentes cerrados: "Jamais pagarei um dólar pelo litro da gasolina". Até agora ele não trocou seu carro por uma bicicleta. Se ele manteve seu voto, eu me pergunto onde ou como ele está conseguindo sua gasolina.

A lei da oferta e demanda

Em certo sentido, a economia mais "livre" que existe é o mercado negro. Nele, bens escassos são trocados por preços aparentemente exorbitantes. Por quê? Porque há pessoas que querem comprá-los e estão dispostas a pagar o preço.

A venda de ingressos no mercado negro é ilegal. A lei proíbe a venda de ingressos para eventos esportivos acima do preço indicado no ingresso. Mesmo assim, esse tipo de venda continua a existir, pois algumas pessoas estão dispostas a pagar até 2 mil dólares por uma entrada para o Super Bowl. É a lei da oferta e procura em plena ação.

A importância da produtividade

Ficamos extremamente indignados com os preços em tempos de fome e escassez. Certas coisas são necessárias para a sobrevivência. A água não tem preço para um homem que está morrendo de sede no deserto. Assim, sentimos a maldade intolerável do explorador que chega com um cantil de água fria, exigindo que você assine um documento em que reconhece que lhe deve 100 mil dólares por gole. E também desprezamos o opressor que se aproveita da situação difícil de um homem faminto, exigindo deste 1 milhão de dólares por um pão.

Em circunstâncias normais, a água é abundante e fornecida gratuitamente pelos céus. Poucos enriquecem explorando sua escassez. O custo dos alimentos varia conforme o fluxo entre fome e safra abundante. Esse fato é o motivo pelo qual a produtividade é tão vital para o bem-estar da humanidade: quanto mais produção, menos escassez; quanto menor a escassez, menor o custo; quanto menor o custo, mais pessoas podem desfrutar dos bens e serviços disponíveis.

A inevitabilidade da mudança

Os preços mudam porque o valor dos produtos muda para nós. Estou mais disposto a pagar 40 reais por um hambúrguer quando estou com fome do que quando estou de barriga cheia. Não pagarei por algo que não quero, a menos que seja forçado a fazê-lo.

A indústria mudou dramaticamente ao longo da minha vida. Considere as

mudanças que ocorreram além desse período, e que se estenderam até o último quarto do século 19. Em 1860, a indústria líder no nordeste dos Estados Unidos era a indústria baleeira.

Por quê? O óleo da baleia era uma mercadoria importante, pois era usado para iluminar os lares à noite. A lamparina a óleo era um grande avanço em relação à luz de velas, e tornava a vida à noite muito mais agradável.

Onde anda a indústria baleeira agora? O que aconteceu? Um homem chamado Drake cavou um poço de petróleo, em Titusville, Pensilvânia,[10] e expulsou os baleeiros do mercado.

Por cerca de dez anos, a indústria do petróleo esteve em alta, uma vez que o principal uso do petróleo era fazer querosene para iluminação residencial. Então, a indústria do petróleo foi ameaçada por Thomas Edison,[11] que de repente tornou o preço do querosene bastante barato. Mas o petróleo voltou tempos depois, com a invenção do motor a combustão e o surgimento do automóvel.

O lucro está vinculado ao valor relativo dos bens e serviços e é essencial para a sobrevivência da humanidade. A atividade empresarial pode dar ocasião para o mal — por trapaça, uso de pesos e medidas adulterados, táticas opressoras — mas não é um mal em si mesma, intrínseco, nem mesmo um “mal necessário”. Em si mesma, a atividade empresarial é um bem concebido em benefício da humanidade, cuja dignidade e cujo valor incluem corpo e também alma.

Orgulho da propriedade

O desejo do trabalhador não é acabar com o lucro, mas sim participar dele. Experimentos recentes com planos de participação de empregados nos lucros encorajaram a força de trabalho americana. Ser coproprietário de uma empresa aumenta o orgulho que o indivíduo sente por seu trabalho.

A diferença entre trabalhar como servo e trabalhar como proprietário é ilustrada pela imagem do bom pastor, ensinada por Jesus. Nota-se o contraste entre o pastor que cuida das próprias ovelhas e o pastor que é um “mercenário”. O

proprietário se esforça para proteger o bem-estar de sua propriedade.

A experiência de compartilhar a propriedade dá aos trabalhadores um interesse especial no produto que estão fabricando. Em certo sentido, seus próprios nomes estão associados a ele. E, quando um produto leva nosso nome, nosso orgulho pessoal e nossa autoestima o acompanham para onde quer que ele vá.

Certa vez, conheci um homem que é proprietário de uma grande indústria manufatureira no Meio-Oeste. Seus produtos são transportados por todo o país em caminhões com o nome de sua empresa gravado nos painéis laterais. Ele ficou chateado quando recebeu um telefonema de uma mulher irada, que ligou para reclamar que ela fora alvo de um gesto obsceno feito por um dos motoristas de caminhão da empresa. Ela havia anotado o número da placa do caminhão e estava relatando o incidente pessoalmente ao dono da empresa. O homem pediu milhões de desculpas e prometeu que seriam tomadas as medidas disciplinares.

Verificando seus registros, o empresário conseguiu identificar o motorista e chamou-o ao seu escritório. Ele disse ao motorista: “Você percebeu que meu nome está impresso na lateral do seu caminhão?”.

O motorista estava devidamente arrependido de sua ação e aguardava que o patrão dissesse que estava demitido. O empresário, porém, não despediu o caminhoneiro, mas exigiu uma punição mais adequada. Ele ordenou que seu motorista voltasse ao estado onde ocorrera o incidente e fosse pessoalmente à casa da mulher ofendida para apresentar seu pedido de desculpas cara a cara.

Imagine o choque da mulher quando atendeu a campainha e encontrou o motorista de caminhão arrependido, que acabara de dirigir centenas de quilômetros para lhe pedir desculpas. Alguém pode suspeitar que o caminhoneiro estava furioso com a missão que lhe fora exigida; em vez disso, porém, ele disse que ganhou um novo respeito por aquela empresa e suas políticas. Ao agir para reparar o insulto feito à mulher, ele experimentou um aumento em sua própria autoestima.

Ele também teve uma amostra do sabor do orgulho que acompanha a propriedade.

REFORMA OU REVOLUÇÃO?

Um benefício das crises econômicas que afetaram muitas empresas é que, em vários casos, trabalhadores e administração foram forçados a dar novos passos no sentido de cooperar mutuamente. Os trabalhadores, por exemplo, às vezes abrem mão voluntariamente de benefícios conquistados a duras penas, a fim reduzir o preço de mercado do que a empresa produz e para restaurar uma base competitiva para a empresa. Os interesses velados, tanto dos trabalhadores quanto da administração, encontram um ponto de interseção em um terreno comum. Afinal, ninguém lucra quando uma empresa fecha.

Ainda existe antagonismo

O fato é, no entanto, que ainda existe antagonismo entre trabalhador e gestor. As raízes da hostilidade são profundas e não se pode esperar que sejam curadas por medidas superficiais. Um fator estranho persiste no local de trabalho: enquanto as disputas contratuais continuam a se concentrar fortemente em questões econômicas, as reclamações individuais do trabalhador tendem a ser de natureza não econômica.

A dignidade humana deve ser reconhecida

Em entrevistas francas feitas com diversos trabalhadores, descobri que a ênfase não está tanto na compensação; ela está mais no reconhecimento de sua dignidade como ser humano. Claro que essa ênfase fica diferente à medida que mudamos de sindicato para sindicato ou de uma situação de trabalho para outra. Em campos recém-organizados, nos quais poucos ganhos financeiros foram alcançados, a ênfase econômica é maior. Mas em um ambiente de trabalho em que o sindicato já é bem estabelecido e anos foram gastos na negociação de

sólidos contratos, ouvem-se poucas reclamações sobre compensação financeira. O foco nesses locais está nas condições de trabalho e nos problemas relacionados ao moral do trabalhador.

Dessas discussões resultou uma consciência maior da importância do moral do trabalhador. Já ouvi trabalhadores afirmarem que sua preocupação na mesa de negociação não é a justiça econômica, mas a vingança por questões de insulto pessoal sofrido nas mãos de supervisores inescrupulosos. A mesa de negociação é o lugar em que os prejudicados podem fazer seu acerto de contas.

Uma vez que a dignidade é tão difícil de medir em termos quantitativos, a vingança costuma ser traduzida em reais e centavos. O insulto à dignidade é, então, compensado por um aumento de salário. E a escala de pagamento se torna a medida de seu valor.

Reforma não é algo que se alcança facilmente

O cristão que se preocupa com a reforma no mundo das relações de trabalho sente o peso das queixas de Marx. Ele está ciente de que há alguma verdade na acusação de que a religião pode ser usada como ferramenta para explorar o trabalhador. O trabalhador americano zelosamente resguarda sua liberdade religiosa. Poucas coisas lhe são mais repugnantes do que ter a religião forçada goela abaixo.

Reforma não é algo que se alcança facilmente, e é muito mais difícil de colocar em prática do que uma revolução sangrenta. A revolução promete mudanças rápidas e dramáticas, mas muitas vezes resulta em bebês sendo jogados fora junto com a água do banho.

A mudança econômica deve vir

Quando as pessoas estão insatisfeitas com o status quo, algo tem de ceder. A mudança deve ocorrer, seja de maneira ordenada, seja de forma violenta. Pessoas iradas tendem a ser impacientes com o status quo e a agarrar a mudança quando a oportunidade se apresenta. É urgente que mudanças significativas ocorram no mundo das relações de trabalho; elas podem ocorrer pacificamente, por meio de negociações e compromissos, se houver boa vontade e intenções justas de todas as partes envolvidas. Agora é a hora de todos nós “praticarmos a justiça e amarmos a misericórdia” (Mq 6.8, KJV).

O marxismo ainda tem apelo

O marxismo está atualmente retrocedendo em muitos lugares do mundo, e várias formas de governo democrático estão surgindo em seu lugar. Embora ele esteja ferido e abatido, ainda não está morto. Ainda tem um apelo maltrapilho para alguns, e um remanescente linha-dura ainda carrega sua bandeira.

Portanto, devemos lembrar que o capitalismo ainda precisa conquistar tantos convertidos quanto a democracia. Como seria trágico ver o modelo supremo de liberdade econômica se tornar outra estatística, substituído por algum ismo, de caráter marxista ou não, mas igualmente revolucionário e doutrinário, completo com seus falsos ideólogos econômicos, camuflando seus objetivos repressores com promessas fulgurantes de utopias econômicas ilusórias.

As transições são difíceis e perigosas

Em muitos lugares, liberdades políticas recém-conquistadas correm o risco de ser minadas pelo caos econômico deixado em consequência do desmoronamento do regime totalitário. Os líderes dos novos governos pós-comunistas descobriram que o progresso econômico tende a acontecer em um ritmo mais lento do que a mudança política. Crescente agitação e distúrbios civis somados a expectativas não cumpridas possibilitam que as nações retrocedam a regimes

ditatoriais, em um esforço para restabelecer a lei e a ordem — embora pareça não haver possibilidade de um retorno ao marxismo à moda antiga.

Revolução ainda é possível

Certamente, o futuro dos antigos países comunistas é, na melhor das hipóteses, incerto. Durante a instabilidade da mudança e da transição, vozes começam a apregoar que o regime antigo era melhor do que o novo, algo não muito diferente do que aconteceu com os israelitas no Êxodo, que murmuraram contra Moisés e Arão, dizendo: “Oxalá tivéssemos morrido pelas mãos do Senhor na terra do Egito, quando nos sentávamos perto das panelas de carne e comíamos pão a fartar, pois nos trouxeste a este deserto para matar de fome toda esta assembleia” (Êx 16.3, ESV).

Portanto, as palavras finais do Manifesto Comunista ainda soam ameaçadoras: “Que tremam as classes dominantes com uma revolução comunista. Os proletários nada têm a perder senão suas correntes. Eles têm um mundo a vencer. PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNI-VOS!”.

PARA REFLEXÃO ADICIONAL

Quais são seus sentimentos a respeito do comunismo?

O que você acha de criar uma síntese entre marxismo e cristianismo?

Qual a importância dos choques econômicos para o desenvolvimento da história?

Você acha que um assalariado é um escravo econômico? Por que acha que sim? Ou por que não?

Qual é a diferença entre igualdade econômica e equidade econômica?

Liste as maneiras como as ferramentas afetam a produção onde você trabalha.

O lucro é um mal?

Nosso sistema jurídico reflete uma legislação que favorece grupos de interesses específicos? Em caso afirmativo, que problemas isso gera?

O que significa a frase “Você não pode legislar a moralidade”? Liste leis que não tocam em questões morais.

Como a liberdade econômica e a liberdade política estão relacionadas?

[1] Após a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha foi dividida em uma parte oriental, que era alinhada com a União Soviética, e uma parte ocidental, alinhada com a Otan. A capital, Berlim, foi igualmente dividida. Berlim foi cercada pela Alemanha Oriental, que construiu um muro ao redor de Berlim Ocidental, em 1961. O Muro de Berlim passou a simbolizar não apenas a divisão entre o bloco soviético e o bloco ocidental, mas também a opressão nas nações do bloco soviético. O muro foi derrubado em 1989 e a Alemanha foi reunificada em 1990.

O governo comunista na Polônia instituiu a lei marcial em 1981, em resposta à agitação política. Milhares de ativistas da oposição foram presos, incluindo Lech Walesa, líder do sindicato independente Solidariedade e futuro presidente da Polônia. A lei marcial foi suspensa em 1983, mas muitos presos políticos não foram libertados até 1986.

[2] Joseph McCarthy (1908—1957) foi um senador republicano do Wisconsin. Ele ganhou destaque no início da década de 1950 por alegar que espiões comunistas e soviéticos haviam se infiltrado no governo e na sociedade americana, principalmente na indústria cinematográfica. Suas acusações levaram a uma série de audiências, em 1954, durante as quais ele foi desacreditado, e o Senado o censurou por suas táticas difamatórias. O termo macarthismo hoje em dia se refere ao uso de acusações imprudentes, difamatórias ou infundadas.

[3] J. Edgar Hoover (1895-1972) foi um policial americano conhecido por ser o diretor-fundador do Federal Bureau of Investigation (FBI) dos EUA. Hoover

expandiu o escopo do FBI para além daquele de seu antecessor, instituindo um programa de modernização que fazia uso dos novos avanços em tecnologia e técnicas investigativas. Seu legado é controverso, pois, após sua morte, surgiram evidências de que ele ultrapassou a jurisdição do FBI e usou seu posto para perseguir dissidentes e coletar informações sobre figuras da política.

[4] O Bloqueio de Berlim (24 de junho de 1948 a 12 de maio de 1949) foi a primeira grande crise da Guerra Fria. Provocado pela introdução de uma nova moeda na Alemanha Ocidental (destinada a estabilizar a economia por lá), as forças soviéticas ocuparam a parte oriental da Alemanha e cortaram as conexões por terra e água entre Berlim Ocidental e o restante dos territórios ocupados pelos aliados no Ocidente. O bloqueio levou as potências aliadas a iniciarem o transporte por via aérea para Berlim, por meio do qual aeronaves lançavam suprimentos cruciais para o povo de Berlim Ocidental.

[5] O Conflito Coreano ou Guerra da Coreia (1950-1953) ocorreu na Península Coreana, entre forças apoiadas pelos soviéticos e chineses ao norte e forças apoiadas pelas Nações Unidas ao sul. A Coreia foi dividida na altura do 38º paralelo, em 1948, quando então um estado socialista foi estabelecido no norte, e um estado capitalista no sul. A guerra começou quando as tropas norte-coreanas invadiram o sul e, após várias alterações territoriais no primeiro ano, mais tarde se tornou uma batalha desgastante. A guerra era um impasse; o Acordo de Armistício da Coreia restaurou o status quo com a fronteira no 38º paralelo. Nenhum tratado foi assinado, de modo que as duas nações permanecem tecnicamente em guerra.

[6] A União Soviética invadiu o Afeganistão em dezembro de 1979, em resposta a uma insurreição contra o governo comunista, que havia tomado o poder em um golpe de Estado em 1978. As forças soviéticas assassinaram o presidente (que havia assassinado o presidente anterior) e encenaram outro golpe, dando posse a um fantoche soviético. Isso desencadeou uma longa guerra por procuração, na qual as forças ocidentais apoiaram insurgentes conhecidos como mujahideen, que ofereciam forte resistência às tropas soviéticas. A invasão foi amplamente condenada em todo o mundo e desencadeou um boicote liderado pelos EUA aos Jogos Olímpicos de 1980, em Moscou (em retaliação, o bloco soviético boicotou as Olimpíadas de 1984, em Los Angeles), bem como uma série de sanções punitivas e embargos.

[7] O Solidariedade era um sindicato independente de trabalhadores da Polônia,

fundado em 1980 pelo ativista e futuro presidente Lech Walesa. O governo comunista impôs a lei marcial de 1981 a 1983 em uma tentativa malsucedida de esmagar o sindicato.

[8] Karl Marx, “Introduction”, Critique of the Hegelian Philosophy of Right (1844) [publicado em português por Boitempo sob o título Crítica da filosofia do direito de Hegel].

[9] Aleksandr Solzhenitsyn (1918-2008) foi um romancista russo, autor de One day in the life Ivan Denisovich e The Gulag archipelago [ambas publicadas em português por Sextante sob os títulos Um dia na vida de Ivan Denisovich e Arquipélago Gulag, respectivamente]. Ele foi preso de 1945 a 1953 e exilado internamente de 1953 a 1956 por escrever comentários depreciativos sobre o líder soviético Joseph Stalin; mais tarde, foi expulso da União Soviética, em 1974. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1970.

Lech Walesa (nascido em 1943) é um político polonês aposentado e ativista trabalhista. Ele fundou o Solidariedade, o primeiro sindicato independente em um país signatário do Pacto de Varsóvia que ajudou a fomentar a oposição ao governo comunista, levando a eleições semilivres em 1989. Walesa serviu como presidente da Polônia de 1990 a 1995 e recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1983.

A Praça Tiananmen, uma grande praça situada em Pequim, foi o local de uma série de protestos de estudantes e ativistas pró-democracia, que começaram em abril de 1989. Os protestos foram desencadeados por mudanças nas condições econômicas e ansiedade provocada pelas reformas de mercado na década de 1980. O governo central alternou-se entre concessões e táticas duras à medida que os protestos se espalharam e cresceram e, finalmente, o governo reprimiu, decretando a lei marcial em 20 de maio. Os militares fizeram uma intervenção em Pequim, em junho, resultando na morte de cerca de dois a três mil manifestantes.

[10] Credita-se a “coronel” Edwin L. Drake (1819-1880) a concepção da ideia de perfurar poços para extração de petróleo. Usando uma plataforma primitiva que ele mesmo construiu, Drake começou a fazer perfurações para extrair petróleo em Titusville, perto de Oil Creek, no condado de Venango, na Pensilvânia, cerca de 120 quilômetros ao norte de Pittsburgh. Em 27 de agosto de 1859, tendo atingido uma profundidade de menos de 22 metros, Drake encontrou uma reserva de petróleo, o que fez de seu esforço pioneiro o primeiro poço comercial

de petróleo do mundo. Oil City, situada na foz de Oil Creek, no rio Allegheny, foi fundada no ano seguinte. Na primeira década depois que Drake encontrou petróleo, 17 milhões de barris extraídos de seu poço foram enviados de Oil City para Pittsburgh. O sucesso de Drake foi o início da moderna indústria do petróleo.

[11] A primeira lâmpada incandescente bem-sucedida de Thomas Alva Edison foi testada em seu laboratório em Menlo Park, Nova Jersey, em 21 de outubro de 1879. Ao contrário de suas lâmpadas anteriores, que haviam queimado rapidamente, esta queimava por mais de quarenta horas.

10

DIGNIDADE NO LOCAL DE TRABALHO

O toque estridente do telefone despertou a atenção de Wayne Alderson, uma intromissão irritante em uma agenda frenética que estava fazendo dele um viciado em adrenalina. O devaneio interrompido era de autopiedade, do tipo que os homens têm quando estão à beira do esgotamento. Alderson estava cansado e com o cansaço veio um espírito abatido, que alfinetava seu cérebro com pensamentos de desistir da cruzada.

A cruzada

A cruzada de Alderson por um novo estilo de relação entre trabalhadores e gestores, que fosse regida pela bandeira do Valor da Pessoa, alçou-o a um papel de liderança nacional. Suas ideias estavam penetrando no trabalho organizado e na Casa Branca, e foram transportadas por mar até a Polônia.

Poucas horas antes de ser levado sob custódia e colocado em prisão domiciliar, em dezembro de 1981, Lech Walesa foi visto gesticulando entusiasticamente, brandindo no ar um exemplar da obra Stronger than steel [Mais forte do que o aço], que conta a história da vida de Wayne Alderson e sua luta por dignidade humana. O livro foi um legado do pai de Lech, cujo corpo fora levado dos Estados Unidos para ser enterrado em solo polonês. O caixão que transportava o corpo do pai de Walesa trazia alguns artefatos de sua vida nos Estados Unidos, entre eles um exemplar do livro que lhe renovou a esperança em seus últimos meses de vida.

Uma cruzada pode ser algo repleto de aventuras, e até mesmo glamoroso por um tempo. Muita adulação atravessou o caminho de Wayne junto com todos os sinais externos de sucesso. Programas de entrevistas na televisão, conferências

de prestígio e até mesmo um movimento promovido por alguns líderes empresariais proeminentes para nomear Alderson para o gabinete do presidente, como secretário do trabalho, contribuíram muito na época para animá-lo.

A depressão

Mas, quando o inimigo não se rende facilmente e o Graal permanece cativo, a missão se transforma em um esforço enfadonho de zombaria. Alderson agora estava enfrentando um estilo próprio de prisão domiciliar, uma escravidão da alma atolada em acessos de depressão. Ele não sonhou com uma reforma do mundo do trabalho; o sonho há muito tempo tinha se transformado em um objetivo prático. Quando o sonho se transformou em objetivo, o pensamento se transformou em ação e a ação, em reação.

A maioria das reações fora positiva e entusiástica, mas não todas. A resistência à mudança pode ser poderosa, especialmente quando alguém está se intrometendo nas estruturas de poder dos negócios e da indústria, e interferindo em políticas estabelecidas há muito tempo.

Portanto, realidades concretas de mudança no local de trabalho vinham a passos de lesma. E Alderson queria desesperadamente ir além da agitação para uma reforma real.

O telefonema

O telefone se recusava a parar de tocar; então, Wayne se mexeu para atendê-lo.

A voz do outro lado estava fraca, evidenciando sinais claros de angústia.

— É Shelby, sr. Wayne […] Ele está muito doente.

— Onde ele está?, Wayne sussurrou ao telefone, enquanto sentia o próprio espírito afundar mais profundamente.

Seu estômago embrulhou quando o peso da chamada o apunhalou. Ele anotou o nome do hospital e prometeu à mulher assustada que iria imediatamente.

Nancy Alderson leu a expressão no rosto do marido, enquanto ele desligava o telefone, e soube que as notícias eram sombrias. “É Shelby, querida, ele está morrendo. Eu tenho que ir.”

Reclamar pelo jantar arruinado era algo que não cabia, e a compaixão de Nancy por Shelby uniu seu espírito ao de Wayne, tornando todas as rotinas domésticas irrelevantes naquele momento. A perda da normalidade na casa dos Alderson ainda era uma dor incômoda, mas Nancy havia feito as pazes com isso anos antes. Ela era agora uma veterana em crises de urgência e lidava com elas com serenidade.

A visita

Wayne entrou na enfermaria em que os doentes em estado mais crítico estavam internados, e viu Shelby antes que Shelby o visse. O corpo magro e macilento do homem diante dele estava obviamente além de qualquer esperança na medicina. Enquanto Wayne se aproximava da cama, um brilho de reconhecimento cintilou nos olhos de Shelby, e um sorriso nascido de muito esforço se espalhou por seu rosto negro.

Shelby sussurrou: “Eu sabia que você viria, sr. Wayne, eu simplesmente sabia”.

Wayne pegou a mão do amigo idoso e pensou no modo que Shelby sempre o chamara, de “sr. Wayne”. Ele achava essa deferência constrangedora, pois comunicava uma antiga era de paternalismo — uma época passada em que os escravos chamavam seu mestre da plantation pelo primeiro nome, mas precedido com um termo de cortesia social, “senhor”.

Wayne entendia que tais expressões eram um anátema para os afro-americanos

do pós-movimento pelos direitos civis. E alguns integrantes dessas gerações diriam que Shelby Rowe — genuinamente cortês com todos, fossem negros ou brancos — era um “tio Tom”[1] que nunca fez a transição. A raiva queimava no estômago de Wayne ao pensar que qualquer um pudesse considerar Shelby um tio Tom, simplesmente por ele ainda falar de uma maneira que há muito se tornara uma segunda natureza para ele.

Wayne olhou para o velho amigo e disse a si mesmo: “Ninguém pode trabalhar por 35 anos na extenuante função de picador em uma fundição de aço e ser considerado um ‘menino’. Portanto, não importa o estilo de falar antiquado de Shelby”, ele meditou. “Aqui está um homem.”

Wayne ainda podia visualizar a imagem de Shelby com sua pistola de picador atacando um molde gigante. Sua constituição robusta parecia um fluxo fluido de músculos, enquanto o suor brilhava em seus braços de ébano. Mas isso fora ontem, e os anos de labuta e as devastações da doença trocaram os músculos por carne flácida em um corpo encolhido.

Shelby sabia como trabalhar — entrara nas fábricas quando era ainda jovem, transplantando as raízes de sua casa da infância na Geórgia. Seus pais fugiram do Sul seguindo a “cabaça”[2] que conduziu seus ancestrais à liberdade.

O avô paterno de Shelby tinha sido escravo, e seu pai foi o primeiro na família a fazer a transição para a liberdade. Shelby, por sua vez, foi um dos primeiros a “se alistar” no movimento Valor da Pessoa que, sob a liderança de Alderson, trouxe uma reviravolta dramática na fundição em que ele trabalhava.

Para Shelby, a guerra contra o preconceito e o antagonismo entre trabalhadores e gestores estava chegando ao fim. Ele não viveria para ver a vitória da dignidade humana no local de trabalho.

Ao longo da vida, Shelby testemunhou algumas grandes conquistas para os afro-americanos: a dessegregação das forças armadas pelo presidente Harry S. Truman; a proibição pela Suprema Corte dos Estados Unidos, em 1954, de toda forma de educação pública segregada; a vitória do rev. Martin Luther King Jr., quando seu boicote aos ônibus em Montgomery, Alabama, em 1955-1956, terminou com a Suprema Corte proibindo todos os transportes públicos segregados na cidade; e o advento de práticas justas de habitação e contratação de trabalhadores.

A promessa

Mas o sonho de Shelby fora além de preocupações puramente raciais ou étnicas. Ele também queria ver um ambiente de trabalho em que todas as pessoas fossem tratadas com dignidade.

Falar era algo difícil para Shelby, mas ele se esforçou para encontrar palavras de consolo e encorajamento para Wayne, que viera a este lugar para trazer consolo, mas, em vez disso, acabou sendo consolado.

De alguma forma, parecia que Shelby podia ver através de Wayne e ler seus pensamentos secretos. Pois ver Shelby naquele estado estava deixando Wayne à beira do desespero, e o fazendo pensar: “Se a vida é isso, por que se importar com alguma coisa?”

Mas Shelby não aceitava a derrota e também se recusava a permitir que Alderson a aceitasse.

— Aconteça o que acontecer, sr. Wayne, não desista. Você apenas tem de continuar em frente.

Wayne apertou a mão de Shelby e disse:

— Eu não vou desistir, Shelby. Prometo.

Shelby acenou com a cabeça e relaxou seu aperto na mão de Wayne. O juramento foi proferido, e era suficiente.

— Certo, sr. Wayne, certo. Está tudo bem.

Os que se dizem sofisticados recuam diante do melodrama e descartam tais pactos feitos no leito de morte como algo piegas demais para ser levado a sério. A humanidade de Wayne Alderson, no entanto, ofuscava qualquer pseudossofisticação. Shelby percebeu esse fato e sabia que não estava ouvindo “baboseiras de branco”.

A resolução

Ele havia aprendido a confiar na palavra de Alderson. Alderson era capaz de extensa profanação, mas nunca quebrou uma promessa a seus homens. Ele havia provado isso em uma trincheira de aranha, na Linha de Siegfried,[3] e o vinha demonstrando, desde então, nas siderúrgicas e minas de carvão de outro campo de batalha.

Wayne sussurrou: “Eu te amo, Shelby”, enquanto se inclinava e se despedia de seu amigo com um beijo.

Em apenas uma questão de horas, Shelby Rowe entrou no descanso final de um trabalhador. Ele morreu em paz transcendente. Para Alderson, tudo também estava resolvido; ele não se distrairia mais com pensamentos de desistir.

A pergunta

Ainda assim, a paixão moribunda de Shelby Rowe atrai nossa atenção para a pergunta: Por que significava tanto para aquele trabalhador afro-americano mortalmente enfermo que Wayne Alderson não desistisse?

Trocando em miúdos, para Shelby Rowe, Wayne Alderson significava que os longos anos de trabalho árduo de Rowe não tinham sido em vão. O simples pensamento de que esse esforço não tivera sentido lhe repugnava a alma.

Nesse aspecto, Shelby Rowe não está sozinho; todo ser humano — desde o trabalhador menos qualificado e mais mal pago até o executivo do mais alto escalão do mundo corporativo — quer saber que seu trabalho tem valor real.

Saber que seu trabalho conta é ter certeza de que você conta.

O MOVIMENTO VALOR DA PESSOA

O movimento

Alderson não desistiu. Ele foi em frente, buscando incansavelmente uma reforma do mundo do trabalho baseada em um conceito de gestão chamado O Valor da Pessoa, que se espalhou por indústrias e negócios em todo o país.

O movimento às vezes assume uma aparência diferente, mas o conceito é sempre o mesmo. Elementos dele são encontrados em vários métodos experimentais de gestão, como os contidos no círculo de qualidade, gestão participativa e gestão de desempenho. Foi o pai de Lech Walesa quem declarou: “O movimento Solidariedade na Polônia é o movimento Valor da Pessoa”.

O momento

Alderson levou seu conceito a todos os estados dos Estados Unidos, até sua morte, em 2013. Seu momento mais comovente em todos esses anos não aconteceu na Casa Branca nem no prédio do Parlamento do Canadá, mas em um local a mais de 300 metros abaixo da superfície da terra.

Wayne viajou para Benton, Illinois, para visitar os trabalhadores da Inland Coal Company. Foi marcada uma reunião com os mineiros, no interior da própria mina. Ao pisar na entrada da mina para ser transportado para a profundidade milenar, Wayne notou um equipamento modernizado que dava uma cara nova à operação.

Ele se juntou aos 65 mineiros apertados em um elevador para descer até o andar de baixo. As máquinas presentes no corredor de três quilômetros abaixo do solo

contrastavam com as ferramentas primitivas de que Wayne se lembrava dos dias de sua juventude.

Quarenta anos se passaram desde que Alderson havia pisado em uma mina de carvão. Para o cristão, o período de quatro décadas tem quase um toque místico. Moisés passou quarenta anos em solidão no deserto midianita (At 7.29,30). Os israelitas vagaram quarenta anos pelo deserto (Nm 14.33).

Quarenta dias e noites de chuva trouxeram o Dilúvio (Gn 7.4), do qual foram poupados apenas Noé e sua família. Por quarenta dias, Cristo suportou o ataque de Satanás (Lc 4.2). O número quarenta não tem nenhum cabalismo mágico, mas o fato fez Alderson se sentir estranho.

As minas

O interior de uma mina de carvão havia mudado desde os primeiros dias de John L. Lewis (1880-1969) e os ataques da “polícia de ferro e carvão”. A loja da companhia de carvão deixou de existir e o lampião iluminado a querosene desapareceu pelo mesmo caminho do cavalo e da charrete. Também não havia mais carroças puxadas por mulas levando suas cargas pelo labirinto de túneis.

Algumas coisas, entretanto, continuavam iguais. As paredes úmidas da mina ainda causavam uma sensação nauseante de claustrofobia, e nenhuma máquina moderna fora inventada para limpar o chão da mina das camadas de pó de carvão. O espectro da morte paira sempre no ar, uma vez que o desmoronamento não foi eliminado da perigosa tarefa do mineiro.

Acima de tudo, eram as pessoas que continuavam as mesmas, exceto pela novidade da presença de mulheres nas minas. A mesma expressão de que Wayne se lembrava dos rostos dos mineiros com os quais cresceu estava registrada nos olhos dos mineiros de Benton. As mesmas linhas de cansaço gravadas em seus rostos enquanto eles se amontoavam no poço cheio de fuligem para falar com Wayne.

Este olhou para baixo e, na penumbra, seus olhos se fixaram nas pegadas que a

bota de um mineiro deixara na poeira de carvão. A imagem de cada traço da sola levantava-se delicadamente no pó, como o entrelaçar simétrico de uma teia de aranha. A visão da pegada lançou Wayne de volta a memórias da infância, quando o pai e o avô o levavam para as minas de Canonsburg, na Pensilvânia, para brincar de “mineiro”.

Quando menino, ele tinha permissão para ajudar o pai catando pedaços de carvão soltos e colocando-os na carroça puxada pelas mulas. Ele sempre caminhava atrás do pai, protegido por ele para o caso de uma temível queda de algum bloco de carvão da carroça. Ele se lembrava vividamente do seu ritual de colocar os pequenos pés precisamente no centro das pegadas que as botas de seu pai deixavam na poeira à sua frente.

A mensagem

Agora, enquanto olhava para a pegada do mineiro dos nossos dias, Wayne pensou nos passos que ele havia dado nos últimos quarenta anos. E sorriu para si mesmo, enquanto pensava na notícia que acabara de chegar de Canonsburg, sua terra da infância. A mensagem dizia que B. C. Coleman, presidente do sindicato local dos Trabalhadores do Aço Unidos (USW), tinha acabado de conseguir que o Valor da Pessoa fosse expressamente incluído em um contrato celebrado com a McGraw-Edison.

A notícia era particularmente significativa, pois a McGraw-Edison, com uma força de trabalho de quatro mil funcionários, era a maior indústria de Canonsburg. E, entre essa multidão de funcionários, estavam o irmão de Wayne, seu primo e uma série de amigos de infância. Enquanto Wayne desfrutava desse momento de devaneio, ele se lembrou de um preceito simples que seu pai e sua mãe nunca se cansavam de repetir para ele: “Filho, nunca se esqueça de onde você veio”.

As memórias

Wayne se lembrava. Ele se lembrava bem de suas raízes na pobreza e na humilhação. Ele se lembrava de seus dias como soldado, quando se lançara “na ponta” para sua unidade de infantaria, na Segunda Guerra Mundial. Ele se lembrava da granada jogada dentro de uma trincheira de aranha da Linha Siegfried, e que explodiu em seu rosto.

Ele se lembrava do sacrifício heroico de Charles “Red” Preston, que foi morto enquanto protegia Wayne de mais ferimentos. Ele se lembrava dos anos de cirurgia e recuperação, de seu casamento com Nancy Holt e de sua jornada pelos estudos à noite para conseguir um diploma universitário. Ele se lembrava de sua ascensão na estrutura do mundo corporativo, até chegar ao posto de vice-presidente de operações de uma grande fundição de aço.

O dissidente

E ele se lembrava de ser um gerente dissidente, que quebrou as regras não escritas de gestão.

CRUZANDO A LINHA

Embora alguns uivem em protesto alegando o contrário, o mundo do trabalho dá fortes evidências da existência de uma regra firme, ainda que tácita: o administrador não pode andar com o trabalhador. Essas regras não se encontram escritas nos manuais impressos de políticas da empresa, mas existem e são frequentemente aplicadas com punho de ferro. Antigamente, regras não escritas sobre a contratação de católicos irlandeses ou de judeus também eram impostas, embora em geral estejam desaparecendo do preconceito da administração. Já a regra da não associação com trabalhadores ainda se mantém firme e é difícil para um gerente quebrá-la impunemente. No entanto, essa regra deve ser jogada na

lata do lixo se pretendemos que haja qualquer esperança de reconciliação entre trabalho e gestão. Segregação gera discriminação assim como pântanos alimentam mosquitos.

Quebrando a regra

Quebrar essa regra requer uma grande dose de coragem moral. Exige alguém que seja seguro o suficiente para fazer o que é certo, independentemente da desaprovação de seus colegas.

É como Jesus comendo com os cobradores de impostos (Mc 2.15) e bebendo do mesmo poço que uma prostituta samaritana (Jo 4.4-30). É como Stonewall Jackson compartilhando o cantil com um soldado raso. É como a Madre Teresa tocando os párias de Calcutá. É como "Doc" vivendo em Cannery Row, de John Steinbeck. É como Wayne Alderson caminhando por uma fundição e usando um capacete de segurança pintado de preto.

Quando a regra é violada, as pessoas percebem. Os oprimidos são encorajados e os poderosos ficam enfurecidos.

Caminhando com trabalhadores

Associação, não imitação. Para que o Valor da Pessoa tenha sucesso, não é necessário eliminar os privilégios dos executivos, que concedem honra seu alto a cargo. Os trabalhadores não desprezam as prerrogativas da administração, mas apenas detestam ser ignorados. Estudos da sociologia revelam que os trabalhadores não querem que seus gerentes se vistam como eles ou que abandonem os aparatos típicos de sua posição. Na verdade, os trabalhadores muitas vezes sentem orgulho do status de seus líderes.

Um súdito inglês fica honrado quando a rainha para e fala com ele, mas não quer

que sua majestade adote o estilo de vestir de uma garçonete cockney. A mesmice igualitária, como se vê no estilo de vestir da China comunista, oprime o espírito humano. A classificação por categorias e suas respectivas formas podem nos distinguir, mas não devem nos dividir nas categorias dos valiosos e dos sem valor.

Reconhecimento, não renúncia. O grande medo da administração é que andar com trabalhadores de alguma forma rebaixe o status que eles tanto trabalharam para alcançar. Os gerentes também desejam reconhecimento e se apegam com tenacidade aos privilégios de sua posição.

A ironia é que, quando os gerentes saem de seus pedestais de poder para se misturar aos funcionários na base, sua dignidade não é diminuída, mas sim aumentada. Wayne Alderson caminhava com trabalhadores, mas ainda usava sua camisa branca e gravata Christian Dior. Na verdade, por ele continuar sendo gerente em todos os aspectos, sua preocupação com os trabalhadores era muito apreciada.

Equidade, não igualdade. Embora os trabalhadores exijam pagamento igual para tarefas iguais, eles nem sempre esperam receber salários iguais aos da gerência. Novamente, a diferença é entre igualdade e equidade. Equidade pede por justiça, e não por um plano comunitário de salários iguais. Um trabalho que exige mais habilidades é mais valioso para uma empresa e merece uma remuneração maior.

Estima, não abraços. Caminhar com os trabalhadores não significa fraternização em todos os aspectos. Um trabalhador não espera nem deseja que o presidente da empresa passe seu tempo de sociabilização com ele. Isso só causaria desconforto no aspecto social. Um trabalhador quer é ser notado, ser considerado valioso, e não ser abraçado como se fosse o amigo do peito do chefe.

RECONHECIMENTO DO TRABALHADOR

Todo trabalhador tem um nome. Seu nome é o bem que ele preserva com mais zelo, pois identifica a essência de sua pessoa.

Quando pessoas que admiro me cumprimentam pelo nome, meu espírito se eleva; quando elas olham para mim sem me reconhecer, meu espírito afunda. Quando meu nome é pronunciado incorretamente — em especial quando o fazem soar como um "rosnado" — meus ouvidos se retraem, assim como o fazem quando alguém raspa as unhas em um quadro-negro. Minha medula espinhal registra o incômodo, enquanto as fibras do meu sistema nervoso registram a irritação.

Conheça nomes e rostos

Um trabalhador fica magoado quando seu gerente se dirige a ele desta forma: "Ei, você aí". Toda pessoa quer ser conhecida pelo nome, não por um número impessoal nem por um insulto racial ou étnico degradante. Os apelidos são aceitáveis, desde que enfatizem um traço de caráter positivo. Se permitirmos que um apelido chame a atenção para alguma fraqueza ou um defeito físico, como "boca mole" para quem gagueja ou "dentuço" para quem tem dentes salientes, o nome se tornará um golpe de martelo de indignidade.

Todo gerente, em algum ponto de sua vida, já foi obrigado a praticar a disciplina da memorização mecânica. Talvez já tenha decorado tabelas de multiplicação, símbolos químicos ou as terminações dos tempos verbais do latim. É bem mais fácil gastar o curto tempo necessário para memorizar os nomes e os rostos das pessoas que trabalham ao seu redor todos os dias. Isso pode ser feito mesmo que o quadro de trabalhadores esteja na casa das centenas.

Valorize a pessoa

Ser gerente guarda alguns paralelos com a descrição do trabalho de um mecânico. O trabalho do mecânico é garantir que os equipamentos e as máquinas de determinada operação estejam com boa manutenção e sejam reparados em caso de avaria. Da mesma forma, e ainda mais importante, o trabalho de um gerente é se preocupar com o bem-estar de seus trabalhadores.

Uma pessoa que sofre por alguma doença ou por luto não é um trabalhador muito produtivo. Ministrar ao bem-estar do trabalhador é muito mais importante do que manter a engrenagem funcionando. Consequentemente, um dos aforismos favoritos de Wayne Alderson era: “O valor das pessoas tem de vir antes do valor das máquinas”.

Mantenha contato

Manter contato com as pessoas em momentos de dificuldade dá aos líderes gestores uma nova compreensão de sua força de trabalho. Certa vez, ouvi o CEO e presidente do conselho de uma empresa Fortune 500 contar sobre sua conversão ao programa Valor da Pessoa.

Como CEO de uma empresa intimamente ligada à indústria siderúrgica de base, ele tinha um interesse prévio e moderado no movimento Valor da Pessoa. Seu envolvimento nisso, no entanto, era esparso e um tanto simbólico. Sua conversão a “verdadeiro convicto” do movimento ocorreu quase que fortuitamente.

Durante os meses em que as siderúrgicas em Pittsburgh e arredores estavam fechando como janelas em uma tempestade, o executivo estava aproveitando uma manhã de sábado para trabalhar em seu jardim. Abandonado pela esposa, que fora às compras, o homem teve de se defender sozinho na hora do almoço. Ainda vestido com um macacão sujo, ele entrou no carro e foi almoçar em uma taverna local.

A taverna era o refúgio favorito dos operários de uma fábrica que, poucos dias antes, fechara as portas. Eles estavam reunidos ao redor do bar, afogando as

mágoas na mistura local de uísque e cerveja conhecida por vários nomes, como, por exemplo, “um shot e uma cerveja”, “um caldeireiro” ou, a forma mais expressiva, “um tiete e um trompete”.

O executivo deslizou incógnito para um espaço no canto, e ouvia atentamente os relatos sombrios dos homens recentemente desempregados. Sem nenhuma maneira de se isolar de suas conversas, ele ouvia as narrativas desinibidas. Sua presença não foi notada, pois ele era um desconhecido para eles.

A conversa que o executivo ouviu por acaso o afetou profundamente e o deixou “radicalizado” por dentro. Ele comandava o destino de pessoas como aquelas, todos os dias, e percebeu que estava fora de contato com suas necessidades humanas. Sua “visita” à taverna foi acidental, mas forneceu uma amostra do que pode ser aprendido quando a administração reserva um tempo para se esforçar em ouvir os lamentos de seu povo.

Comunique atitudes positivas

O que cria o clima de um ambiente de trabalho são as atitudes. E as atitudes, tanto positivas quanto negativas, são comunicadas por palavras e por ações.

Mantenha a comunicação verbal respeitosa. É importante que as palavras e o tom da linguagem usados na comunicação de escritórios e indústrias sejam respeitosos. Linguagem estridente, grosseira ou contundente hostiliza as pessoas.

Lembro-me de um executivo que ficou entusiasmado após um seminário e determinado a implementar o Valor da Pessoa em sua fábrica. Sua primeira ação foi redigir um memorando para sua equipe administrativa anunciando o início do programa.

O memorando era conciso: “Você está intimado a comparecer a uma reunião para discutir os planos de implementação do programa Valor da Pessoa”. Eu ri

com a presença da palavra intimado no memorando. Em vez de chamar a atenção para essa violação direta do espírito do programa, escolhi o caminho indireto de bancar o Natã para esse Davi (veja 2Sm 12.1-15).

Eu contei uma experiência que tive quando era um jovem professor universitário e encontrei um memorando na caixa de correio do corpo docente com as palavras: “Professor Sproul, você está intimado a comparecer ao escritório do reitor imediatamente”. Meu sangue fervia enquanto eu cruzava o quadrilátero até o prédio da administração.

Quando me aproximei da mesa no escritório, sorri de forma cortês e perguntei: “Quem me enviou este memorando?”.

Uma das secretárias seniores respondeu, dizendo que havia redigido o memorando.

Calma e educadamente, eu disse: “Senhorita _____, quero contar a você a história de algo que aconteceu comigo, quando eu ainda era um garotinho. Eu costumava brincar no quintal com meu amigo Donny. Donny e eu adorávamos brincar de carros na minha caixa de areia, pois vivíamos o período do pós-guerra e os carros de metal eram uma novidade que nos encantava”.

Enquanto contava minha história, a mulher olhava para mim como se eu fosse louco, perguntando-se por que diabos estava lhe contando essas coisas. Mas continuei a minha narrativa.

“Certo dia, perto da hora do jantar, Donny e eu estávamos absortos em nossa brincadeira na caixa de areia, quando minha mãe colocou a cabeça para fora da janela e disse: ‘Filho, é hora de entrar para o jantar’.

“Eu respondi como Henry Aldrich, o eterno adolescente do rádio dos velhos tempos: ‘Tô indo, mãe’”.

“Só que não entrei na casa. Eu estava me divertindo tanto na areia que queria aproveitar cada momento para brincar nela. E rapidamente esqueci o chamado da minha mãe, até que ela apareceu na minha frente carrancuda, com as mãos nos quadris.

“Ela disse em um tom autoritário: ‘Meu jovem, entre em casa imediatamente!’”.

Neste ponto da narrativa, meu semblante mudou abruptamente e minha voz assumiu um tom sério, quando disse à secretária: “Senhorita _____, isso aconteceu quando eu tinha seis anos. Desde então, ninguém me disse para fazer nada ‘imediatamente’ e não acho que você possa começar a me dizer agora”.

Dito isso, devolvi o memorando e saí. Ela entendeu a mensagem.

Eu nem precisei recitar o fecho de Natã: “Tu és esse homem!” (2Sm 12.7, KJV) para o gerente de fábrica que me olhava entretido. Ele também entendeu a mensagem e mudou o texto de seu memorando. Ele percebeu que a linguagem e as palavras usadas comunicam atitudes.

Compreenda a comunicação não verbal. A comunicação no trabalho vai muito além da comunicação verbal. As sutilezas da comunicação não verbal são lidas com atenção, especialmente por aqueles que têm vivência das ruas.

A análise da linguagem corporal e de outras formas de comunicação não verbal é uma ciência recente em desenvolvimento. São feitos estudos sobre a inclinação do queixo, a postura dos homens na mesa de negociações, os movimentos rápidos dos olhos nos padrões de sono e o grau de dilatação da pupila que ocorre no flerte. Policiais que fazem interrogatórios e psiquiatras devem se tornar mestres na arte de interpretar essa linguagem corporal.

Também encontramos uma linguagem oculta em nossas roupas, na decoração de casa e nos móveis de escritório. Restaram poucos esconderijos secretos onde podemos escapar da análise de outros.

Se a mesa de alguém é muito grande, isso revela sua insegurança; se estiver elevada por um estrado, revela sua megalomania. Se ele ficar atrás da mesa enquanto fala com seus subordinados, ele envia um tipo de sinal; se ele sai detrás da mesa para cumprimentá-los, transmite outro conjunto de sinais.

Se a casa de um homem é seu castelo, então, seu escritório é sua fortaleza. A consciência dessa verdade nos diz que também precisamos estar cientes de outra faceta importante da comunicação não verbal: o significado do local de encontro.

O local no qual escolhemos encontrar nossos colegas de trabalho é importante para o moral do trabalhador. Ser convocado para o escritório do gerente lembra,

para muitos, o aperto que surgia instantaneamente na boca do estômago com as palavras da professora: “Vá para a sala do diretor”.

Em vez disso, decidir visitar uma pessoa em seu próprio território é reconhecer seu status como indivíduo. Como disse um executivo: “Cada homem é um rei na própria casa. Por que devemos tratá-lo como um indigente aqui?”.

Crie o clima certo

Tentar acompanhar todas essas formas não verbais de comunicação pode, sem dúvida, causar ao gerente uma dor de cabeça imensa ou desencadear os demônios da paranoia. No entanto, vale a pena repetir o que dissemos antes: são as atitudes que criam o clima de um ambiente de trabalho. E as atitudes, tanto positivas quanto negativas, são comunicadas por palavras e por ações.

PODER E AUTORIDADE

Compreendendo a diferença

Os gerentes precisam entender a diferença entre poder e autoridade. Pessoas com autoridade têm poder, ao passo que nem todas as pessoas com poder têm autoridade. O presidente do conselho tem ambos.

Autoridade tem a ver com o direito de comandar ou impor obrigações. O poder tem a ver com a capacidade de fazer cumprir o comando. O distintivo do policial representa sua autoridade, enquanto seu cassetete representa seu poder, um poder que pode facilmente degenerar em intimidação.

O pastor de uma igreja local sabe a diferença entre poder e autoridade. O ancião

ou sacristão tem autoridade. Ele participa do conselho administrativo da igreja e lança o peso de seu voto no processo de tomada de decisão. O maior doador da igreja pode não deter nenhum cargo de autoridade, mas exerce um enorme poder pela ameaça de retirar seu apoio financeiro. Muitas decisões de uma sessão já foram influenciadas ou mesmo anuladas por um membro poderoso não oficial da igreja.

Responsabilidade sem autoridade

Estruturas de gestão devem ser estabelecidas para assegurar a equidade entre autoridade e responsabilidade. Uma pessoa que tenha responsabilidade por determinada tarefa também deve ter autoridade compatível com essa responsabilidade.

Atribuir responsabilidade sem a autoridade correspondente é condenar o empregado a um fracassar sem que tenha culpa própria nisso. Se não tiver a autoridade necessária, ele pode procurar substituí-la por táticas de poder não autorizadas para cumprir suas responsabilidades. Nesse ponto, o gráfico organizacional impreciso da descrição confusa do cargo pode ser terreno fértil para a tirania.

O exemplo supremo

O exemplo supremo da conjunção entre poder e autoridade encontra-se no próprio Deus. Seu poder é onipotente e sua autoridade é soberana.

A máxima “O poder tende a corromper e o poder absoluto corrompe absolutamente”[4] pode se aplicar aos homens, mas não à Divindade, pois, aos atributos de Deus somam-se a santidade e a graça. Nenhum mortal jamais condenará Deus por mau uso de poder ou por abuso de autoridade, pois seu governo é justo e nele não há sombra de mudança.

O poder de Deus é temperado pela graça, e sua autoridade. pela compaixão. Ele é tardio em irar-se e é paciente com servos rebeldes e indolentes. Seus juízos são justos e suas dádivas aos homens, generosas. Seus caminhos não são os de um tirano celestial nem os de um valentão cósmico.

O mesmo pode ser dito de Cristo, a quem foi dada “toda autoridade no céu e na terra” (Mt 28.18, ESV). Tanto Pai quanto Filho revelam um delicado equilíbrio entre poder e graça. Nesse exemplo está uma lição digna da atenção para todas as pessoas em posição de autoridade.

Temperando com graça

Quanto mais autoridade alguém tem, mais fácil é agir com graça. Quanto mais poder se tem, mais fácil é agir com bondade. Deus está seguro em seu poder, pois é absoluto e imutável.

Nós, seres humanos, carecemos dessas garantias de segurança futura, e fazemos uso das táticas inseguras da tirania para não perder o poder que temos. O líder seguro caminha suavemente enquanto carrega o grande bastão. O líder tirânico anda ruidosamente, para esconder o pequeno bastão que carrega.

O ponto principal é que, quanto mais poder você tiver, mais precisa temperá-lo com graça, e mais fácil é fazer isso.

Opressão por meio de políticas

A opressão chega à força de trabalho não apenas por meio das táticas intimidantes do abuso de poder individual, mas também por meio de manuais de políticas corporativas mal concebidos. Por duas vezes já testemunhei revoltas espontâneas de funcionários em reação à apresentação de manuais de políticas corporativas — uma vez em uma reunião de professores do seminário, e a

segunda em uma reunião de funcionários da minha organização. Em ambos os casos, houve ameaça de greve súbita e ilegal enquanto as pessoas reagiam furiosamente por serem tratadas como crianças.

Por que essas reações ocorrem? Por que a agitação toma conta em razão das políticas rígidas de uma empresa?

Um fator crucial no debate sobre políticas é a formulação de uma política geral para conter uma pequena porcentagem de trabalhadores irresponsáveis. Examine as políticas adotadas por sua empresa.

Para quem as políticas foram escritas? Elas são humilhantes e insultantes para pessoas adultas e maduras? As políticas estipuladas são realmente necessárias? As regras são dirigidas aos 5% de encrenqueiros da força de trabalho ou aos 95% que não o são?

O moral de toda a força de trabalho seria mais bem atendido se eliminássemos os 5% que são irresponsáveis e escrevêssemos um manual de políticas para o restante. Ou, ainda, se a rescisão for impossibilitada por regras de proteção do sindicato, trate esses 5% separadamente.

A maioria dos empreendimentos é excessivamente policiado. Uma abordagem mais eficaz é reduzir ao mínimo as políticas, mas aplicar as que você tem.

Um código de políticas justo não precisa comprometer os padrões de excelência da empresa. Rigor no controle de qualidade não é tirania.

A relação trabalhador/casa

Devemos estar bem cientes da relação íntima que existe entre um trabalhador e sua casa. Ninguém deixa o trabalho no escritório. Ao incluir membros das famílias na vida da fundição, por meio de eventuais “dias de piqueniques com as

famílias”, os empregados ficaram mais cientes da dimensão pessoal da vida dos colegas de trabalho; além disso, suas famílias passaram a ter uma apreciação maior por aquilo que o chefe de família fazia durante suas horas de trabalho.

Já testemunhei o dono de uma fábrica do Meio-Oeste dispensar um funcionário de seu posto de trabalho certo dia por um motivo incomum. O empresário sabia que o filho daquele homem estava jogando em um campeonato de beisebol naquela tarde e insistiu para que o pai trabalhador deixasse seu posto para assistir ao jogo. O proprietário disse: “Hoje seu filho precisa mais de você do que eu”.

Descobri que era uma prática normal desse empresário conceder folga remunerada aos trabalhadores cujos filhos estivessem envolvidos em eventos que fossem especiais para eles. Ele queria que seus funcionários fossem bons pais, além de funcionários produtivos. Sua política pautada na preocupação com a família não pode ser medida no balanço da empresa, nem mesmo pelo mais astuto dos contadores, mas se a taxa de rotatividade de trabalhadores tem algo a ver com esses custos indiretos, a política desse empresário é tão lucrativa quanto humana.

Cultivando a dignidade humana

Quando a dignidade humana é cultivada no ambiente de trabalho, as consequências inevitáveis são um aumento na produção e maior qualidade. Os trabalhadores dos Estados Unidos ainda são seu recurso natural mais importante. Ainda não foi inventada nenhuma máquina que possa dispensar a necessidade de pessoas.

O mais pobre dos trabalhadores tem mais dignidade em uma unha do que um computador em todo o seu circuito complexo. A máquina tem seus mecanismos intrincados e suas peças delicadas, mas, assim como o espantalho na terra de Oz, ela não tem coração.

Máquinas não fazem piquete em seus locais de trabalho. Computadores e interfones nunca exigem aumento. Prensas mecânicas nunca se envolvem em

negociações coletivas. Fotocopiadoras não se deixam levar pela política do escritório. A máquina não tem nenhum vazio de dor porque não pode senti-la.

Mas os trabalhadores têm um coração que fica partido quando não são tratados com dignidade. Quando sua dignidade é honrada e o vazio é preenchido, então a santidade do trabalho — do seu trabalho — é reafirmada.

PARA REFLEXÃO ADICIONAL

Qual é o papel de Deus no local de trabalho?

Seu local de trabalho tem regras não escritas? Quais são elas?

Quais são as principais questões não econômicas que provocam greves?

Como você descreveria a diferença entre poder e autoridade?

Existe um estilo de trabalho e gestão antagônico em sua comunidade? Onde?

Liste as maneiras pelas quais o moral e a dignidade dos trabalhadores podem ser melhorados.

Como a atmosfera do local de trabalho afeta sua casa?

O que seria necessário para haver uma reforma no mundo do trabalho?

Qual é a importância da dignidade humana para a produtividade?

Quais são as vantagens de atribuir autoridade acompanhada de responsabilidade? Quais são as desvantagens?

[1] Um termo depreciativo usado para alguém, especialmente um afro-americano, que demonstra uma atitude excessivamente subserviente ou que trai o próprio grupo para ganhar aceitação. O termo deriva do personagem de mesmo nome da

obra Uncle Tom's cabain, de Harriet Beecher Stowe (1852) [publicado em português por Juruá sob o título A cabana do pai Tomás].

[2] Termo extraído da canção folclórica afro-americana Follow the driking gourd, lançada pela primeira vez em 1928. A “cabaça” é um nome usado para a Ursa Maior; diz a lenda que escravos fugitivos eram ensinados a seguir essa constelação rumo ao norte para não se perderem.

[3] Na época da Primeira Guerra Mundial, a Linha Siegfried era parte da velha Linha Hindenburg, que corria ao longo da fronteira da Alemanha com a França e foi capturada pelas forças aliadas, em 5 de outubro de 1918. Embora posteriormente destruída, a Linha Siegfried — uma cadeia de fortes de aço, barreiras de tanques de concreto, casamatas, trincheiras e emaranhados de arame farpado — foi reconstruída por Adolph Hitler, em 1938. Corria diretamente em frente à Linha Maginot, um sistema de defesa semelhante erguido pela França contra qualquer possível invasão pela Alemanha nazista. Ambos os países alegaram que suas respectivas linhas de defesa fortificadas eram impenetráveis contra ataques blindados.

Em 1940, as tropas alemãs romperam e cruzaram a Linha Maginot, entrando na França. As Forças Aliadas, por sua vez, conseguiram romper a Linha Siegfried por muitas vezes, durante a Segunda Guerra Mundial e, por fim, destruíram-na. Em uma dessas operações, o Sétimo Regimento de Wayne Alderson atacou e rompeu a Linha Siegfried, em março de 1945, ao sul da cidade alemã de Zweibrücken. A Companhia B de Wayne liderou o caminho, fazendo dele, como soldado que ia à frente da companhia, o primeiro homem da Terceira Divisão a cruzar para a Alemanha. Mas, nessa ação, Wayne foi gravemente ferido por uma granada, e seu melhor amigo, Charles “Red” Preston, foi morto, enquanto tentava resgatar Alderson.

[4] John Emerich Edward Dalberg-Acton, conhecido como Lord Acton (1832-1902), escreveu essas palavras em uma carta endereçada ao bispo Mandell Creighton, datada de 5 de abril de 1887.